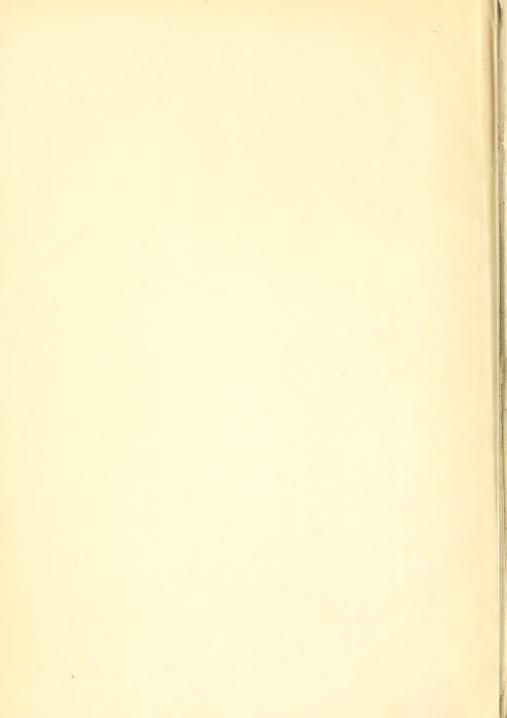
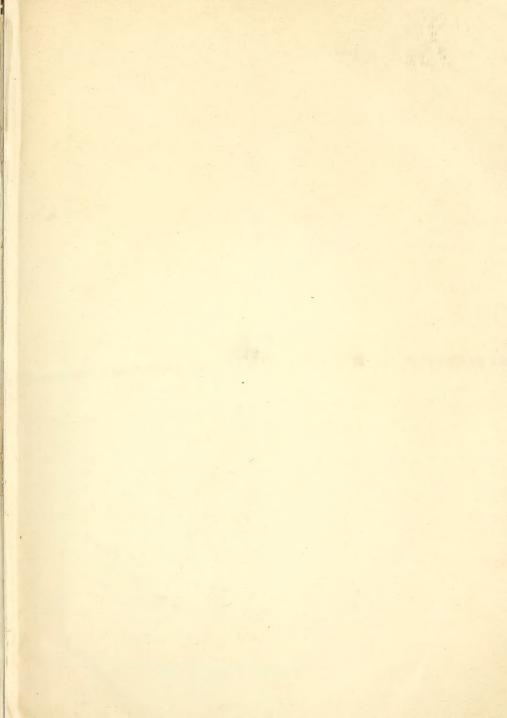
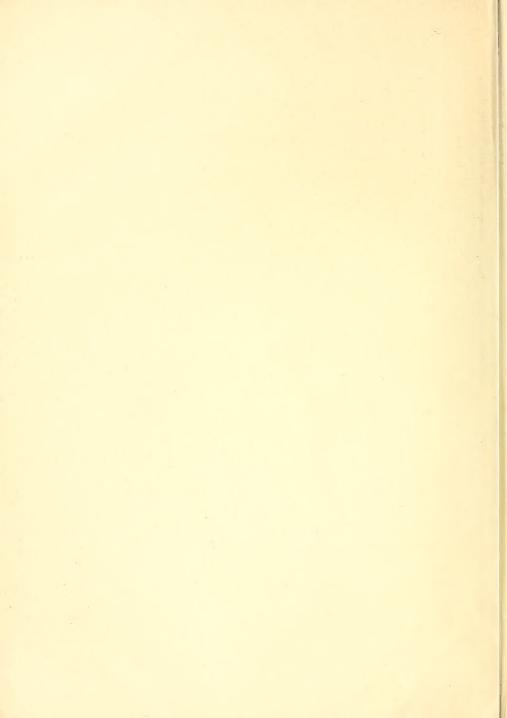
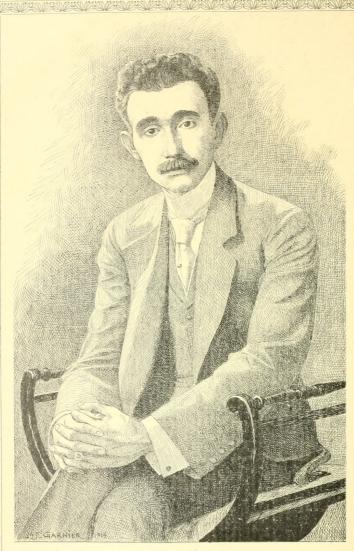
Laudelino FREIRE

COLLECTANEA
SECULO XVII-XX

SONETOS BRASILEIROS

500 SONETOS

481 RETRATOS

F. BRIGUIET & C.ia
RIO DE JANEIRO

Sonetos Brasileiros

Laudelino FREIRE

NASCIDO NA CIDADE DE LAGARTO, SERGIPE, A 26 DE JANEIRO DE 1873.

Advogado e professor. Cursou até o 2.º anno da Escola Militar, dedicando-se ao magisterio. — E' cathedratico de arithmetica e geometria do Collegio Militar, bacharel em direito e advogado na cidade do Rio de Janeiro. — Foi redactor chefe da « Revista Didactica ». E' autor de diversas obras de critica, historia e moral.

SONETOS BRASILEIROS

SECULO XVII-XX

COLLECTANEA

ORGANISADA POR

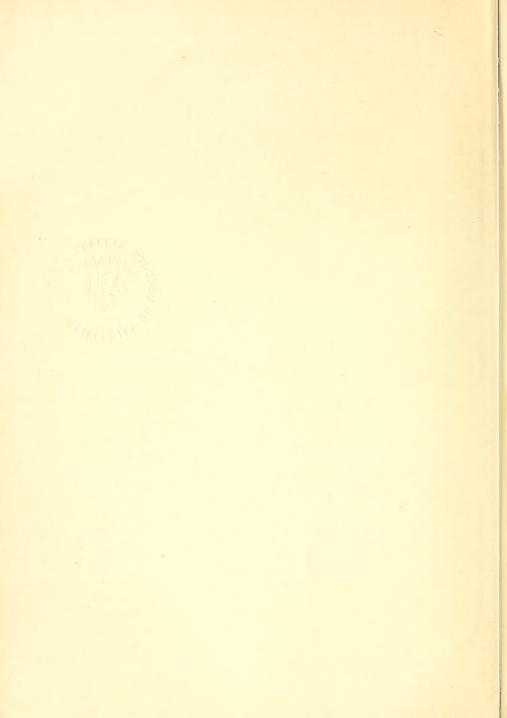
LAUDELINO FREIRE

F. BRIGUIET & Cie

EDITORES

23, Rua Sachet. — Caixa-458

RIO-DE-JANEIRO

1913

A' MINHA MULHER

IRACEMA OROSCO FREIRE

LAUDELINO FREIRE

PREFACIO

No prefacio da primeira edição, publicada em 1904, escrevi :

Quando me propuz fazer esta collectanea era meu desejo organizal-a em moldes amplos, inteiramente outros dos que têm sido adoptados pelos autores de publicações congeneres. Pensei em abranger todos os nossos sonetistas, publicando de cada um a melhor producção no genero, seguida do respectivo retrato e de ligeiras notas biographicas. Este desejo, porem, não o pude realizar por completo, precisamente nos pontos que mais viriam encarecer o livro. Por um lado me não foi possivel, como o não seria a qualquer que a essa tarefa se impuzesse, ler de cada cultor do soneto, que entre nòs já tem um desenvolvimento tres vezes secular, toda a producção, e d'ella extrahir o que melhor me parecesse ; por outro lado, se me deparou a difficuldade irremediavel de obter o retrato de todos : de uns, porque não o possuem, de outros, porque não m'o quizeram fornecer. Tive, pois, de contentar-me com ter feito uma collectanea, como a que apresento ao publico. Classifiquei os poetas em ordem chronologica. Esta mesma distribuição sae imperfeita pela escassez de dados relativos á data do nascimento de alguns. Uma classificação critica, isto é, de accordo com a escola a

que cada um pertencesse, pareceu-me inexequivel. Como dividil-os em grupos de classicos, romanticos, realistas, naturalistas e parnasianos, symbolistas e decadistas, quando estas formas de esthetica se não separam de modo a instituirem formulas conducentes a um processo classificador ? Fôra possivel uma separação entre os representantes do classicismo e do romantismo pelos conhecidos espaços de tempo destas escolas ; dahi para o deante, porém, se confundem os ideaes das tendencias artisticas, tocam-se, assemelham-se, de sorte que um mesmo poeta se revela no pensamento e na forma imbuido de principios que se não podem destacar como pertencentes a esta ou áquella escola...................................

Para alguns este trabalho se afigurará sem proveito ; outros, porém, o saberão acolher senão como o repositorio de todos os fructos peregrinos do talento e da imaginação dos vates brasileiros, ao menos como obra capaz de palear o brilho e a excellencia, o vigor e a exuberancia da poesia nacional. E tanto basta para satisfação do colleccionador. »

A presente edição contem quinhentos poetas e quatrocentos e oitenta e uma photographias. Apparece, portanto, accrescida de duzentos autores e de duzentos e sessenta e tres retratos. Tanto quanto me foi possivel corrigi e ampliei a noticia biographica de cada autor, additando-lhe uma parte referente á sua bibliographia poetica

Rio, [illegible] de fevereiro de 1913

LAUDELINO FREIRE.

GREGORIO DE MATTOS Guerra

Nascido na Bahia a 7 de abril de 1623 e fallecido em Pernambuco em 1696. *Doutorado em direito pela Universidade de Coimbra, dedicou-se á advocacia em Lisbôa e em sua terra natal.*

BIBLIOG. — *Obras poeticas* de Gregorio de Mattos Guerra, Rio, 1882, precedidas da biographia do poeta pelo licenceado Manuel Pereira Rabello.

A UMA TORMENTA

Na confusão do mais horrendo dia,
Painel da noite, em tempestade brava,
Do fogo e ar o ser se embaraçava,
Da terra e ar o ser se confundia,

Bramava o mar ; o vento embravecia :
A noite em dia, em fim, se equivocava ;
E com estrondo horrivel se assombrava
A terra, e se abalava, e estremecia.

Desde os altos aos concavos rochedos,
Desde o centro aos mais altos obeliscos
Houve temor nas nuvens e penedos ;

Pois dava o céo, ameaçando riscos,
Com assombros, com pasmos e com mêdos,
Relampagos, trovões, raios, coriscos.

Manuel **BOTELHO DE OLIVEIRA**

Nascido em 1636 *na Bahia e fallecido a* 5 *de janeiro de* 1711. *Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, exerceu por muitos annos a advocacia em sua patria.*

Bibliog. — *Musica do Parnaso*. Lisboa, 1705.

A MORTE DO PADRE VIEIRA

Fostes, Vieira, engenho tão subido,
Tão singular, e tão avantajado,
Que nunca sereis mais de outro imitado
Bem que sejais de todos applaudido.

Nas sacras Escripturas embebido,
Qual Agostinho, fostes celebrado ;
Elle de Africa assombro venerado,
Vós de Europa portento esclarecido.

Morrestes ; porém não ; que ao mundo atrôa
Vossa penna, que applausos multiplica,
Com que de eterna vida vos corôa ;

E quando immortalmente se publica,
Em cada rasgo seu a fama voa,
Em cada escripto seu uma alma fica.

Antonio Gomes FERREIRA DE CASTILHO

Natural de Bahia, onde viveu nos ultimos annos do seculo XVII. Muito cultivou as lettras.

BIBLIOG. — *Satyras, elegias*

DESPEDIDA A UM FILHO

Filho, vem cá, escuta um pae amante
Que este ultimo adeus vem dar-te triste ;
Que sempre te amei muito, — tu o viste,
Que honrado te criei, isso é constante.

Hoje, tomando a região distante,
Que te mando estudar, tu já me ouviste :
Se tens empenho egual ao que me assiste,
Filho, vem cá, escuta um pae amante.

Vai, filho, estuda ; e faze cuidadoso
Com que pagues a um pae, que antes ausente
Te quer ver do que ver-te em seu repouso.

Permitta, emfim, o Céo Omnipotente,
Que os olhos que hoje arraso de saudoso,
Algum dia os arrase de contente.

Sebastião da ROCHA PITTA

Nascido na cidade da Bahia a 3 de maio de 1660 e fallecido a 2 de novembro de 1738.

Bacharel em canones por Coimbra. Fidalgo, cavalheiro da Ordem de Christo. Poeta e historiador, é o autor da celebre Historia da America Portugueza.

DANDO AS DAMAS DE CARTHAGO
OS SEUS CABELLOS
PARA ENXARCIA DA ARMADA CARTAGINEZA

A pompa mais gentil da natureza,
Das damas preclarissimo thesouro,
Que augmenta a galhardia em porções d'ouro,
Solto em ondas nos mares da belleza,

Para enxarcia á naval carthagineza
Dão as damas com gloria e sem desdouro,
Em logar do cabello pondo o louro,
Que lhes deu o valor pela fineza.

Sahe a armada n'aquella conjunctura
Estrellas competindo em parallelos,
E levando nas prendas a ventura.

Segura vai na enxarcia dos cabellos,
Que os cabos com que prende a formosura
Tanto mais fortes são, tanto mais bellos.

CLAUDIO MANUEL DA COSTA

Diz-se ter nascido a 6 de junho de 1729 na cidade de Marianna, Minas. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, foi uma das victimas da inconfidencia Mineira, suicidando-se no carcere a 3 de julho de 1789.

BIBLIOG. — *Obras poeticas* de Claudio Manuel da Costa, nova ed., em 1903, com um estudo sobre a sua vida e obras por João Ribeiro, publicadas pela Livraria Garnier; *Labyrintho de amor*, poema, Coimbra, 1753; *Obras poeticas* Coimbra, 17[illegible]; *Villa-Rica*, poema, Ouro Preto, 1841.

SONETO

Estes os olhos são da minha amada,
Que bellos, que gentis e que formosos !
Não são para os mortaes tão preciosos
Os doces fructos da estação dourada.

Por elles a alegria derramada
Tornam-se os campos de prazer gostosos.
Em zephiros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada.

Vinde olhos bellos, vinde, e emfim trazendo
Do rosto do meu bem as prendas bellas,
Dae allivios ao mal que estou gemendo :

Mas ah ! delirio meu que me atropellas !
Os olhos que eu cuidei que estava vendo
Eram (quem crêra tal !) duas estrellas.

Domingos CALDAS BARBOZA

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1740 e fallecido em Portugal a 9 de novembro de 1800. Foi presbytero secular. Poeta, prosador e dramaturgo.

BIBLIOG. — *Collecção de poesias*. Lisboa, 1[illegible]. *A doença*, poema. Lisboa, 17[illegible]

SONETO

Negras, nocturnas aves agoiraram
Este funesto, malfadado dia !
Dia em que a triste edade principia
De um triste, que as desgraças bafejaram :

Quanto ha de mau, em duros nós ataram
Atropos, Cloto e Láchesis impia,
Que esta nodosa vida extende e fia
Para males que ainda não chegaram.

Tocou-me o berço a mão cruel e dura
Da céga e inconstante Potestade,
Que enche meus pobres dias de amargura :

Magoas, desgostos, marcam minha edade,
Mas esqueceu á minha má ventura,
Tirar-me o refrigerio da amizade.

José BASILIO DA GAMA

Nasceu em 1740, na villa de S. José d'El-Rei, Minas. Falleceu em Lisboa a 1 de julho de 1795. Viveu em Portugal e no Brasil. Poeta e prosador.

BIBLIOG. — *Uruguay*, poema. Lisboa, 1769; *Declamação tragica*, poema. Lisboa, 1791.

A UMA SENHORA

QUE O AUCTOR CONHECEU NO RIO DE JANEIRO E VIU DEPOIS NA EUROPA

Na edade em que eu brincando entre os pastores
Andava pela mão e mal andava,
Uma nympha commigo então brincava
Da mesma edade e bella como as flôres.

Eu com vê-la sentia mil ardores.
Ella punha-se a olhar e não falava;
Qualquer de nós podia ver que amava,
Mas quem sabia então que eram amores?

Mudar de sitio á nympha já convinha,
Foi-se a outra ribeira; e eu naquella
Fiquei sentindo a dôr que n'alma tinha.

Eu cada vez mais firme, ella mais bella;
Não se lembra ella já de que foi minha,
Eu ainda me lembro que sou d'ella!...

Ignacio José de **ALVARENGA PEIXOTO**

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1744. Foi magistrado. Envolvendo-se na conjuração mineira, foi degredado para Angola, onde falleceu em 1793.

BIBLIOG. — *Obras poeticas*, colligidas par J. Norberto de Souza S.

ESTELLA E NIZE

Eu vi a linda Estella e, namorado,
Fiz logo eterno voto de querel-a ;
Mas vi depois a Nize, e é tão bella,
Que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se n'este estado
Não posso distinguir Nize d'Estella ?
Se Nize vir aqui, morro por ella ;
Se Estella agora vir, fico abrasado.

Mas, ah ! que aquella me despreza amante,
Pois sabe que estou preso em outros braços,
E esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me d'estes laços,
Ou faz de dous semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dous pedaços !

Thomaz Antonio GONZAGA

Filho de paes brasileiros, nasceu no Porto em 1747. Na Bahia passou sua infancia, e grande parte do resto de sua vida em Minas, onde occupou o cargo de ouvidor de Villa Rica, cargo que exercia quando, envolvido na inconfidencia mineira, foi preso e degredado para a Africa. ahi fallecendo em 1807. Bacharel em direito.

BIBLIOG. — *Marilia de Dirceu*, publicação dirigida por Norberto de Souza S. Rio, 1862.

SONETO

Obrei quanto o discurso me guiava,
Ouvi aos sabios quando errar temia ;
Aos bons no gabinete o peito abria,
Na rua a todos como eguaes tratava.

Julgando os crimes nunca os votos dava,
Mais duro, ou pio do que a lei pedia :
Mas devendo salvar ao justo ria,
E devendo punir ao réo chorava.

Não foram, Villa Rica, os meus projectos,
Metter em ferreo cofre copia de ouro,
Que farte aos filhos, e que chegue aos netos :

Outras são as fortunas, que me agouro,
Ganhei saudades, adquiri affectos,
Vou fazer d'estes bens melhor thesouro.

Manuel Ignacio da SILVA ALVARENGA

Nascido em Ouro Preto, Minas, em 1749, e fallecido a 1 de novembro de 1814. Era formado em canones por Coimbra, onde foi companheiro de Basilio da Gama. Abraçou a advocacia ; foi professor de rethorica, e um dos conjurados mineiros, tendo sido preso por tres annos. Autor de varios poemas.

BIBLIOG. *Obras poeticas* colligidas por J. Norberto de Souza e Silva.

SONETO

Que saudoso logar !... Em roda as flores
Nascem por entre a relva ; estes pinheiros,
Parecem suspirar tambem de amores...

O zephyro respira ; o sol formoso
Vae dos troncos as sombras apartando,
Que já se inclina o carro luminoso...

O rouxinol te está desafiando ;
Querem-te ouvir os verdes arvoredos,
Que o vento faz mover de quando em quando,
E a musa que de amor sabe os segredos...

Risonhas flores, que um estreito laço
Formaes de vossos ramos na floresta,
Sei que *Glaura* vos ama... pela sesta
Deixae-vos desfolhar no seu regaço.

Antonio Pereira de SOUZA CALDAS

Nascido a 24 de novembro de 1762, na cidade do Rio de Janeiro, e nesta mesma cidade fallecido a 2 de Março de 1814. *Aos* 16 *annos formou-se em direito por Coimbra.*

Prosador, poeta, orador.

BIBLIOG. — *Obras poeticas*, 2 volumes, Paris, 1820-1821, publicação posthuma.

SONETO

Oito annos apenas eu contava,
Quando á furia do mar, abandonando
A vida, em fragil lenho e demandando
Novo clima, da patria me ausentava.

Desde então á tristeza começava
O tenro peito a ir acostumando ;
E mais tyranna sorte adivinhando
Em lagrimas o pae e a mãe deixava.

Entre ferros, pobreza, enfermidade,
Eu vejo, ó céos ! que dor ! que iniqua sorte !
O começo da mais risonha edade.

A' velhice cruel (ó dura morte !)
Que faz temer tão triste mocidade,
Para poupar-me descarrega o córte.

JOSÉ BONIFACIO de Andrada e Silva, *o patriarcha*

Bacharel em direito e em philosophia. Proclamada a independencia do Brasil, foi deputado ás Côrtes do novo Imperio e nomeado ministro. Foi tutor de Pedro II. Nasceu em Santos, S. Paulo, a 13 de julho de 1763, e falleceu a 6 de abril de 1838. Poeta, prosador e orador.

BIBLIOG. — *Poesias avulsas de Americo Elysio*. Bordeaux, 1825.

SER E NÃO SER

Se te procuro, fujo de avistar-te,
E se te quero, evito mais querer-te,
Desejo quasi... quasi aborrecer-te,
E se te fujo, estás em toda parte.

Distante, corro logo a procurar-te,
E perco a voz e fico mudo ao ver-te,
Se me lembro de ti, tento esquecer-te,
E se te esqueço, cuido mais amar-te.

O pensamento assim partido ao meio,
E o coração assim tambem partido,
Chamo-te e fujo, quero-te e receio !

Morto por ti, eu vivo dividido,
Entre o meu e o teu ser sinto-me alheio,
E sem saber de mim, vivo perdido !

José ELOY OTTONI

Natural da Villa do Principe, depois cidade do Serro, Minas, nascido a 1 de dezembro de 1764 e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 3 de outubro de 1851. Professor de latim na cidade de Minas Novas, então Villa do Bom Successo, passando depois a official da secretaria de marinha na cidade do Rio de Janeiro. Deixou poesias avulsas, que figuram em varias selectas e collecções de poetas nacionaes e portuguezes.

MARILIA

Sonhei, Marilia, que comtigo estava,
Que o tenro Honorio alegre me dizia :
Meu pae ! apenas este nome ouvia,
Suspenso nos meus braços o apertava.

Que a pequena Eduviges reparava
No meu semblante ; como que sorria :
Que os braços amorosa me estendia
E que eu chorando as faces lhe beijava.

Antes, Marilia, o sonho eu não tivera !
Nos braços da saudade despertara
Porem dor tão pungente não soffrera :

Sonhei, Marilia, o que antes não sonhara,
Pois passando de um goso ao que não era,
Sem filhos, sem Marilia, não me achara.

Bento de Figueiredo TENREIRO ARANHA

Nascido na villa de Barcellos, na então capitania de S. José do Rio Negro, Amazonas, a 4 de setembro de 1769 e fallecido a 25 de novembro de 1811.

Foi Alferes de milicias e director da villa de Indios de Oeiras.

BIBLIOG. — Obras *poeticas*. Pará, 1850, publicação posthuma.

SONETO

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso, com sentido aspeito,
Esta nova ao esposo afflicto, errante...

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste, por fiel, cravado o peito,
Lacerado, insepulto e já sujeito
O tronco feio ao corvo altivolante ;

Que dum monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte ;
Porém que allivio busque á dor amara,

Lembrando-se que teve uma consorte
Que, por honra da fé que lhe jurára,
A' mancha conjugal prefere a morte.

ANTONIO CARLOS Ribeiro de Andrada
Machado e Silva

Natural de Santos, S. Paulo, nascido a 1º de novembro de 1773, e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 5 de dezembro de 1845. Bacharel em direito, foi deputado á Constituinte brasileira, cabendo-lhe ser relator do projecto da Constituição, e ministro do Imperio.

SONETO A' LIBERDADE

Sagrada emanação da Divindade,
Aqui do cadafalso eu te saúdo ;
Nem com tormentos, com revezes mudo,
Fui teu votario e sou, ó Liberdade !

Póde a vida brutal ferocidade
Arrancar-me em tormento mais agudo ;
Mas das furias do despota sanhudo
Zomba d'alma a nativa dignidade.

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Onde imperio não tem mando severo,

Nem da morte a medonha catadura
Incutir póde horror a um peito fero,
Que aos fracos tão somente a morte é dura

João Guilherme RACTCLIFF

Era portuguez : aqui, porém, tem o direito de figurar. Morreu como revolucionario pernambucano, deixando escripto :

« Morro innocente e pela causa do Brasil e da humanidade : possa o meu sangue ser util a ambos. »

SONETO

Eu não lamento o proximo perigo,
Nem a escura prisão, estreita e forte,
Lamento as caras filhas, a consorte,
A perda irreparavel de um amigo.

A prisão não lamento, outra vez digo,
Nem o ver imminente o duro córte ;
É ventura tambem achar a morte,
Quando a vida só serve de castigo.

Ah ! quão depressa então acabar vira
Esse sonho, esse enredo, essa chimera,
Que passa por verdade e é mentira !

Se eu filhas e consorte não tivera,
E do amigo a virtude eu possuira,
De vida um só instante eu não quizera.

JANUARIO da Cunha BARBOZA

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 10 *de julho de* 1780 *e ahi fallecido a* 22 *de fevereiro de* 1846. *Ordenado em* 1803, *foi professor publico de philosophia. Jornalista. deputado geral pelas provincias de Minas e Rio de Janeiro. Fundou em* 1838 *com o marechal Cunha Mattos, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que era secretario perpetuo.*

BIBLIOG. — *Parnaso Brasileiro*, collecção das melhores poesias de poetas do Brasil.

A D. PEDRO I
NO DIA DE SEUS ANNOS

Alçou fóra do mar a fronte e os braços
Monstro horrendo de serpes guarnecido,
Bramiu da terra á vista e a um tal bramido
Frouxos ficaram do governo os braços.

Na densa treva dos tartareos paços
Quer ver o mundo occulto e submergido.
E ao Brasil inda imberbe, enfurecido
Assalta, empolga, assusta, embarga os passos.

Mas prompto surge um genio desvelado,
Que o mancebo escorando atalha os damnos
Do monstro, que então fica sepultado.

Sois vós o genio, ó Pedro, e agora ufanos
Confessamos, que em prol do novo estado,
Os annos que contaes são nossos annos.

DOMINGOS José MARTINS

Nasceu em Itapemerim, Espirito Santo e foi fuzilado na Bahia a 12 de junho de 1817, com 36 annos de edade.

Chefe do movimento republicano de Pernambuco, em 1817.

SONETO

Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes quase a par da liberdade !
Em vós não tem puder a iniquidade ;
A' esposa voae, narrae meus fados !

Dizei-lhe que nos transes apertados
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella n'alma reinava na metade ;
E com a patria partia-lhe os cuidados.

A patria foi o meu Numen primeiro,
A esposa depois o mais querido
Objecto de desvelo verdadeiro ;

E na morte entre ambas repartido,
Será de uma o suspiro derradeiro,
Será da outra o ultimo gemido.

SANTA RITA BASTOS

Poeta bahiano, nascido em 1785 e fallecido em 1846. Religioso franciscano, era por antonomasia chamado o Bossuet brasileiro. Orador.

SONETO

Soccorrei-me, Senhor ! Quebrae piedoso
Minhas algemas, cheias de dureza !
Se meu crime provém da natureza
Quem de ser deixará réo, criminoso ?

David, que foi tão rico e venturoso,
Por Bezabeth caiu na vil fraqueza ;
Sansão, perdendo o brio e fortaleza
Ao orbe deu exemplo lastimoso.

Vêde Jacob, retido em captiveiro
Pela gentil Rachel ; vêde Suzana,
Vêde afinal, Senhor, o mundo inteiro !

Desculpa tenho na paixão insana :
Que ou mandasse-me o céo o ser primeiro,
Ou fizesse de ferro a carne humana.

FRANCISCO FERREIRA BARRETO

Poeta pernambucano nascido a 5 de abril de 1790 e fallecido a 25 de fevereiro de 1851. Deputado á Constituinte de 1823. Presbytero secular. Orador.

SONETO

Ancias, frio, suor, a vista errante,
Convulso o coração em sede ardendo,
Gottas, de sangue tepido correndo
Pelo divino, pallido semblante ;

Espinhos na cabeça agonizante,
Cravo nas mãos, nos pés... supplicio horrendo !
Terno pae, que espectaculo tremendo !
Quem póde resistir, meu doce encanto ?

Tudo quer contra o mundo me revolte ;
Vossos olhos estão a procurar-me,
A lança, a cruz me diz que os vicios solte.

As mãos erguidas buscam abraçar-me,
A cabeça inclinada diz que eu volte,
A bocca meio aberta quer chamar-me.

DELFINA BENIGNA da Cunha

Poetisa rio-grandense do sul, nascida a 17 de junho de 1791 e fallecida na cidade do Rio de Janeiro a 13 de abril de 1857. Cega desde a edade de 20 mezes.

BIBLIOG — *Poesias*, Porto-Alegre, 1834. *Poesias*, Rio, 183[illegible].

SONETO

Vinte vezes a lua prateada
Inteira o rosto seu mostrado havia,
Quando um terrivel mal, que então soffria,
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céo e o sol sendo privada,
Cresceu a par commigo a magua impia ;
Desde a infancia a mortal melancholia
Se viu em meu semblante debuxada.

Sensivel coração deu-me a natura,
E a fortuna, cruel sempre commigo,
Me negou toda a sorte de ventura ;

Nem se quer um prazer breve consigo :
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste, sepulchral jazigo.

CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA

Marquez de Sapucahy. Nascido em Sabará, Minas, a 15 de setembro de 1793 e fallecido a 23 de janeiro de 1875. Bacharel em direito, foi deputado á Constituinte de 1823, senador do Imperio, conselheiro de Estado, ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

SONETO

Com fausto agouro perpassando o Atlante,
Buscas, ditoso par, da Aurora a rota
Sob auspicios do Deus que em Lusa frota
Póde affrontar Adamastor possante.

Talvez tente, lembrado... o audaz gigante
Estorvos pôr á placida derrota ;
Tente... que Vasco na estação remota
Ha de outra vez conter monstro insultante :

E se elle não bastar, o rosto lindo
Volva Carlota aos carrancudos ares
A paz nas nuvens se verá sorrindo ;

Seus olhos desfarão tristes azares,
Raivosos furacões irão bramindo,
Tranquillos dormirão travessos mares.

José da NATIVIDADE SALDANHA

Pernambucano, nascido a 8 de setembro de 1796, e fallecido na Bolivia, afogado numa valla da rua, onde caira em noite de chuva torrencial, em 1830. Bacharel em direito por Coimbra, abraçou a advocacia e foi professor de humanidades em Bogotá.

Bibliog. — *Poesias*, Coimbra 1822. *Poesias diversas* 2 vols.

SONETO

Se no seio da patria carinhosa,
Onde sempre é fagueira a sorte dura,
Inda lembras, e lembras com ternura,
Os meigos dias da união ditosa ;

Se entre os doces encantos de que gosa
Teu peito divinal, tua alma pura
Suspiras por um triste e sem ventura,
Que vive em solidão cruel, penosa ;

Se lamentas com magua a minha sorte,
Recebe estes meus ais, oh minha amante,
Talvez nuncios fieis da minha morte.

E se mais nos não virmos, e eu distante
Soffrer da parca dura o ferreo corte :
Amou-me, dize então, morreu constante.

Manuel ODORICO MENDES

Politico, jornalista e poeta. Nasceu em S. Luiz do Maranhão a 24 de janeiro de 1799; foi deputado á Constituinte do Imperio em varias legislaturas. Falleceu em Londres, em viagem de estrada de ferro, no anno de 1864.

LUIZ NAPOLEÃO

Medroso ante a miserrima Veneza,
Depois que em Solferino triumphante,
A Italia, que accendeste, abandonaste ;
Infamia eterna, perfida baixeza !

A teu carro a Sardenha atada e presa,
Com todo o continente a malquistaste,
Austria illudiste, Roma atraiçoaste,
E tens a Europa toda na incerteza.

Mentes ao Papa, mentes á Inglaterra
Que já nos paroxismos da amizade,
As queixas guarda e se apparelha á guerra.

Desprezas, Bonaparte, a humanidade,
Volves do Inferno, Luiz Onze, á terra...
Oh ! poço de fallacia e de maldade !

EVARISTO Ferreira DA VEIGA

Nascido a 8 de outubro de 1799 na cidade do Rio de Janeiro, e fallecido a 12 de maio de 1837. Politico militante no Imperio, tendo sido varias vezes deputado. Tomou parte activa na revolução que deu occasião á abdicação de Pedro I. Jornalista.

A REMESSA DAS TROPAS PARA O BRASIL

Surgindo de entre o pó da sepultura
Do famoso Cabral a sombra irada,
De Luso ao povo fortemente brada,
Formidavel no aspecto, e na figura.

Que é isto ? Que delirio ou que loucura
Vos tem do entendimento a luz roubada ?
A terra Santa Cruz contaes em nada,
Ou julgaes que com ferros se segura ?

Portuguezes vós sois ? E Portuguezes
Vossos irmãos não são ? Já não provaram
Sua bravura Gallos e Hollandezes ?

Ah ! que elles quando a Patria libertaram
De extranho, ou proprio jugo tantas vezes,
Para novos grilhões a não guardaram !

Francisco SOTERO DOS REIS

Nascido em S. Luiz do Maranhão a 22 de abril de 1800 e fallecido na mesma cidade a 16 de janeiro de 1871. Professor, philologo, prosador, critico e jornalista. Foi em varias legislaturas deputado provincial em sua terra e desempenhou importantes cargos de administração.

A' ESPOSA

Se lá na eterna gloria a que voaste,
A lembrança do mundo se consente,
Acceita, alma piedosa, a dor pungente
De tudo quanto aqui idolatraste :

O esposo, a filha, os filhos que deixaste,
Em maguas e saudade permanente,
Vivem na terra vida descontente
Des' que as corporeas vestes tu largaste.

Ao seio de Deus, tornas radiante
De virtude e bondade, qual sahiste
Immaculada de nascer no instante :

A nós queixosos neste valle triste
Volve-te como foste sempre amante,
Porque entre nós só amargura existe !

Francisco MUNIZ BARRETO

Reputado o melhor poeta repentista do Brasil. Nasceu na villa de Jaguaripe, Bahia, a 10 *de março de* 1804, *e falleceu na capital da mesma provincia a* 2 *de junho de* 1868. *Abraçou a carreira militar, chegando a segundo tenente, em cujo posto pediu demissão. Occupou depois o lugar de escripturario da Alfandega da Bahia, aposentando-se em* 1862.

ESQUECI-ME DE MIM, PENSANDO N'ELLA

Uma noite, em que a lua em céo d'estio,
Meiga e serena, prateava o mundo,
Para dar pasto á minha dôr, no fundo
De um valle me entranhei, triste e sombrio.

De aves nocturnas lamentoso pio
O tormento dobrava-me profundo ;
Como de acinte, em murmurar jucundo,
Alli de amores me fallava um rio.

Eis perto ouço um canto maguado...
Olho — era elle de gentil donzella — ;
Mas, quando ia a seus pés prostrar-me, oh fado !...

Desdenhosa fugiu-me a nympha bella...
E eu — desde esse instante infortunado —
Esqueci-me de mim, pensando n'ella.

Antonio Peregrino MACIEL MONTEIRO

Pernambucano, nascido a 30 de abril de 1804 e fallecido em Lisboa a 5 de janeiro de 1868. *Bacharel em sciencias e doutor em medicina pela Universidade de Paris; deputado geral por sua provincia; Ministro do Exterior; Director da Faculdade de Olinda; Ministro Plenipotenciario junto á Corte de Portugal, em cujo cargo morreu. Poeta, orador e jornalista.*

SONETO

Formosa, qual pincel em tela fina
Debuxar jámais poude, ou nunca ousara;
Formosa, qual jámais desabrochara
Na primavera a rosa purpurina:

Formosa, qual si a propria mão divina
Lhe alinhára o contorno e a forma rara;
Formosa, qual no céu jámais brilhara
Astro gentil, estrella peregrina:

Formosa, qual si a natureza e a arte,
Dando as mãos em seus dons, em seus lavores,
Jámais soube imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, oh! anjo de primores!
Quem póde ver-te, sem querer amar-te!
Quem póde amar-te, sem morrer de amores!

Manuel Luiz OSORIO

Marquez de Herval. Nasceu na villa de N. S. da Conceição do Arroio, Rio Grande do Sul, a 10 de maio de 1808. Abraçou a vida militar, chegando a commandante em chefe do exercito brasileiro na guerra com o Paraguay. Foi o vencedor e heroe da batalha de 24 de maio.

Era ministro da guerra quando falleceu a 4 de outubro de 1879.

SONETO

Em desejos ardendo teu amante,
Oh ! Lilia ! o triste humano que te adora,
Por gosar-te suspira, geme e chora,
Sem que possa beijar-te um doce instante.

Que vale o meu amor se delirante
Entre a chamma fatal que me devora,
Não me conto ditoso uma só hora,
O premio não me dás de ser constante ?

O' Lilia bella, o meu queixume escuta,
Tem dó d'este infeliz que é todo teu
E a gloria de adorar-te só disputa.

Cede o que a natureza te cedeu,
Dá-me a palma do amor na doce lucta,
Dá-me os mimos que o Céo te concedeu !

Franciso de PAULA BRITO

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1809, *e falleceu a* 15 *do mesmo mez de* 1861. *De modesto e obscuro typographo, tornou-se escriptor considerado e operoso, dando á publicidade diversos trabalhos.*

Bibliog. — *Poesias*, publicação posthuma. Rio, [illegible]

SONETO

Se eu pudesse viver sem que te visse,
Se eu pudesse te ver sem que te amasse,
Sem que por não te ver me incommodasse,
Sem que por não te amar me consumisse ;

Se te vendo partir, tambem partisse,
Embora onde estivesses não me achasse,
Porém de ti tão proximo ficasse
Que a todo instante sem te ver te ouvisse

Viveria sem ver-te ; — mas te vendo
E, depois de te ver, tendo-te amado,
Minha gloria é por ti viver morrendo !

Tal é, Senhora, meu presente estado !
De te ver e te amar não me arrependo ;
Meu tempo tenho em ti bem empregado.

João SALOMÉ DE QUEIROGA

Nascido em Diamantina, Minas, em 1810, e fallecido em Ouro Preto a 25 de agosto de 1878. Bacharel em direito pela Academia de Olinda, seguiu a magistratura e chegou a desembargador na Relação de Pernambuco.

BIBLIOG. — *Canhenho*. Ed. [illegible]

SONETO

Ezilia, são mais doces teus agrados,
Que o cheiro que derrama a laranjeira,
São mais gratos que a sombra da mangueira,
Frescura dando aos peitos fatigados.

Melhor que a fonte que namora os prados
Tens a face risonha e feiticeira,
Nos olhos tens do sol a luz primeira
Dourando os horizontes apartados.

Airoso o collo teu, morbido e lizo,
Suave reverbera o fogo interno
Que abrazou-me d'amor tirou-me o siso.

Tens um modo tão bom, tão meigo e terno,
Que comtigo desfructo um paraiso,
E sem ti acho o mundo um negro inferno.

José Maria VELHO DA SILVA

Nascido em 1811 *e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a* 1 *de junho de* 1901. *Graduou-se em medicina. Lente de litteratura do Collegio Pedro II. Tem varias poesias esparsas e escreveu um poema — Dirceu, que não concluiu, tendo como protagonista Thomaz Antonio Gonzaga.*

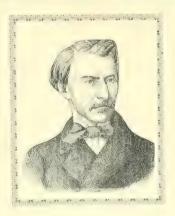
A CAMÕES

Cesse tudo o que a musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta.

Que se dirá dos feitos sublimados
Do lusitano assombro da epopéa,
Que eternizou na indica Odysséa
« As armas e os barões assignalados » ?

Poeta — rei dos versos afamados,
Phidias da phrase, principe da idéa ;
Heróe, levando as quinas de Ulysséa,
« Por mares nunca d'antes navegados ».

Cantor que as tempestades adormece ;
E, ouvindo o Camões falar do Gama,
O proprio Adamastor inda estremece.

Ignez, a triste Ignez, seu vate o acclama ;
Por elle a desditosa a magua esquece ;
Só ella basta a eternizar-lhe a fama.

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES

Visconde de Araguaya. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 13 *de agosto de* 1811. *Philosopho, historiador, poeta, escriptor de theatro, foi politico e diplomata.*

Morreu em Roma a 10 *de julho de* 1882. *Foi lente de philosophia do Collegio Pedro II. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro.*

Biblio. — *Poesias*, Rio [illegible]. *Suspiros poeticos e saudades*, Paris, 18[illegible]. *Confederação dos Tamoyos*, Rio [illegible]. *Urania*, Vienna 1862. *Obras completas*, [illegible] vols. Vienna [illegible].

A UM SUBIA'

Mimoso Sabiá, terno e canoro,
Alma dos bosques que o Brasil enfeitam,
Como seu mestre as aves te respeitam,
E os homens como o Orpheu do aereo coro.

Os Amores, e Lilia por quem choro,
Teu doce canto por tributo acceitam ;
Elles folgam comtigo, e se deleitam,
Eu pasmo de te ouvir, e a um Deus adoro.

Tu vives em continua primavera ;
Lilia te afaga, Lilia ouve teu canto !
A tua feliz sorte, oh, quem m'a dera !

Então o meu penar não fôra tanto ;
Pois seu peito abrandado já tivera
Co'a voz que ao seio d'alma leva o encanto.

JOSÉ MARIA DO AMARAL

Nasceu a 14 de março de 1813, na cidade do Rio de Janeiro, e falleceu em Nictheroy a 23 de setembro de 1885. Doutor em direito por Paris e formado em medicina, não recebendo, porém, o grão. Foi Ministro Plenipotenciario na Confederação Argentina e Conselheiro de Estado.

MŒSTUS SED PLACIDUS

Tristezas de minha alma tão sentidas,
Que sois doces memorias do passado,
Do tempo já vivido, e tão lembrado,
Inda me daes as horas já perdidas !

Horas de tanto bem, tão bem vividas,
Quando vivi feliz e descuidado,
Sejam ao coração desenganado
Sonhos que enganem dôres tão gemidas.

Tem hoje o meu viver tal agonia,
Que é doçura a tristeza da saudade,
E a saudade do tempo, é poesia.

Flores da quadra sois da mocidade,
Minha velhice em vós se refugia,
Tristezas de minha alma em soledade...

José Joaquim CORRÊA DE ALMEIDA

Nascido na então villa de Barbacena, Minas, a 4 de setembro de 1820 e ali fallecido a 6 de abril de 1905. Presbytero secular, ordenado na cidade do Rio de Janeiro. Poeta satyrico.

BIBLIOG. — *Satyras, epigrammas*, etc., Rio, 1854. *Sonetos e sonetinhos*, Rio, 18[illegible]4; *Idem*, 2 vol., Rio, 18[illegible]. *Semsaborias [illegible]*, 2 vols., *Decrepitude metromaniaca*, Rio, 1[illegible]04. *Producções da caducidade*, Rio, 1[illegible].

DEGENERAÇÃO

Dos homens de civismo a pura raça
No torrão brasileiro degenera;
A uberdade tornou-se tão escassa,
Que o terreno parece que não gera.

Por mais irrigação que se lhe faça,
Os fructos já não ha, como os houvera;
A lavoura de outr'ora hoje é fumaça,
Cultivada fazenda hoje é tapera.

A industria nacional é quasi nulla,
E é só de *cavalheiro* a que regula,
Consistindo nas trocas e baldrocas.

A terra, emfim, não é como era d'antes:
Depois de produzir muitos gigantes,
Produz agora lesmas e minhocas.

Antonio GONÇALVES DIAS

Nasceu em Caxias, Maranhão, a 10 de agosto de 1823, e fallecido em 1864 no naufragio do vapor « Ville de Boulogne », em que viajava enfermo, proximo do pharol de Itacolomy. Formado em direito por Coimbra.

Poeta e prosador.

[illegible] *Segundos Cantos e* [illegible] *Cantos*, Rio, [illegible]; *Os* [illegible], [illegible]. Ha [illegible] publicações posthumas dos [illegible]

SONETO

Baixel veloz, que ao humido elemento
A voz do nauta experto afoito entrega,
Demora o curso teu, perto navega
Da terra onde me fica o pensamento !

Emquanto vaes cortando o salso argento,
Desta praia feliz não se desprega
(Meus olhos, não, que amargo pranto os rega)
Minha alma, sim, e o amor que é meu tormento.

Baixel, que vaes fugindo despiedado
Sem temor dos contrastes da procella,
Volta ao menos, qual vaes tão apressado.

Encontre-a eu gentil, mimosa e bella !
E o pranto que ora verto amargurado,
Possa eu então verter nos labios della !

FRANCISCO OCTAVIANO de Almeida Rosa

Bacharelou-se em direito pela Faculdade de São Paulo. Foi Ministro Plenipotenciario no Rio da Prata, deputado em varias legislaturas e senador.

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 26 *de junho de* 1825 *e falleceu a* 28 *de maio de* 1889.

BIBLIOG. — *Os Cantos d[illegible] Se[illegible]ma*, ed. de [illegible] exemplares destinados a D. Eponina Octaviano, F. Octaviano, J. de Alencar, Eduardo de Andrade Pinto, Salvador de Mendonça, Luiz Barboza e Henrique Brown, Rio, 1[illegible]2

SONETO

Morrer, dormir, não mais : termina a vida
E com ella terminam nossas dores,
Um punhado de terra, algumas flores,
E ás vezes uma lagrima fingida !

Sim, minha morte não será sentida,
Não deixo amigos e nem tive amores !
Ou se os tive mostraram-se traidores,
Algozes vis de uma alma consumida.

Tudo é pobre no mundo ; que me importa
Que elle amanhã se esb'roe e que desabe,
Se a natureza para mim está morta !

E' tempo já que o meu exilio acabe ;
Vem pois, ó morte, ao nada me transporta !
Morrer, dormir, talvez sonhar, quem sabe ?

BERNARDO José da Silva GUIMARÃES

P[illegible] [illegible] em Ouro Preto a 15 de agosto de 1825, [illegible] 1884. Formado em [illegible] S. P[illegible] [illegible] a magistratura e o magisterio.

Poeta [illegible]

[illegible] Ouro Preto [illegible] Novas Poesias, R[illegible]

SONETO

Eu vi dos polos o gigante alado,
Sobre um montão de pallidos coriscos,
Sem fazer caso dos bulcões ariscos,
Devorando em silencio a mão do fado.

Cinco fatias de tufão gelado,
Figuravam na mesa entre os petiscos.
Envolto em crepe de fataes rabiscos,
Campeava o sophisma ensanguentado.

Quem és ? Que assim me cercas de episodios?
Lhe perguntei com voz de syllogismo.
Brandindo um facho de trovões serodios.

Eu sou, me disse, aquelle anachronismo
Que a vil caterva de sulphurios odios,
Nas trevas sepultei de um solecismo.

PEDRO DE ALCANTARA

Ex-Imperador do Brasil. Filho de Pedro I e de Dona Leopoldina, archiduqueza d'Austria; nasceu a 2 de dezembro de 1825. Reinou sob tutela em virtude de abdicação de seu pae, a 7 de abril de 1831; governou em pessôa a 23 de julho de 1840; foi coroado a 18 de julho de 1841; casou a 30 de maio de 1843 com D. Thereza de Bourbon. A 15 de novembro de 1889, destituida a monarchia no Brasil, foi, deposto, para a Europa, fallecendo em Paris a 5 de dezembro de 1891.

SONETO

Não maldigo o rigor de iniqua sorte,
Por mais atroz que seja e sem piedade,
Arrancando-me o throno e a magestade,
Quando a dois passos só estou da morte!

Do jogo das paixões minh'alma forte
Conhece a fundo a triste realidade,
Pois, se agora nos dá felicidade,
Amanhã tira o bem, que nos conforte.

Mas a dôr que excrucia, a que maltrata,
A dôr cruel que o animo deplora,
Que fere o coração e quasi o mata,

E' ver da mão fugir, á extrema hora,
A mesma bocca lisongeira e ingrata,
Que tantos beijos nella poz outr'ora!

LAURINDO José da Silva RABELLO

Filho da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu a 8 *de julho de* 1826, *e falleceu a* 28 *de setembro de* 1864. *Doutor em medicina pela Faculdade daquella cidade. Foi medico do Exercito e professor da Escola Militar.*

Bibliog. — *Trovas*, Bahia [illegible]; *Poesias*, publicação posthuma, Rio, [illegible]; *Obras poeticas*, id., Rio [illegible].

A' CANTORA MARIETTA LANDA

Tão doce como o som da doce avena
Modulada na clave da saudade ;
Como a briza a voar na soledade,
Branda, singella, limpida e serena ;

Ora em notas de goso, ora de pena,
Já cheia de solemne magestade,
Já languida, exprimindo piedade,
Sempre essa voz é bella, sempre amena.

Mulher, do canto teu no dom superno
A dadiva descubro mais subida
Que de um Deus póde dar o amor paterno.

E minh'alma, n'um extasi embebida
Aos teus labios deseja um canto eterno,
E, só para gosal-o, eterna vida...

Antonio de CASTRO LOPES

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 5 de janeiro de 1827 e fallecido a 11 de maio de 1901. Doutor em medicina. Philologo, prosador, dramaturgo e comediographo.

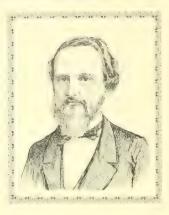
BIBLIOG. — *Musa latina. Resurreição ; [illegible]*

SONETO

Entre as virgens do mundo ũa existira
A quem não conheci ; sua estatura,
Seu talhe, de seu rosto a formosura,
Nada eu sabia, que jámais a vira :

De sua voz o timbre nunca ouvira ;
Si morena era a cutis, ou si pura,
Qual neve ; si o olhar tinha ternura ;
Nada eu sabia, que jámais a vira :

Mas ter-lhe amor me faz secreto instincto ;
Ninguem por falso o que declaro tome ;
E' sancta esta affeição, que n'alma sinto.

Violeta se chama ; e embora assome
A seu rosto o pudor ; juro, eu presinto ;
« E' mais bella que a flor que tem seu nome. »

JOSÉ BONIFACIO de Andrade e Silva, *o moço*

Sobrinho e neto de José Bonifacio, o patriarcha. Doutor em direito e lente jubilado da Faculdade de S. Paulo. Foi deputado, ministro e senador do Imperio. Nasceu em Bordeaux e falleceu em S. Paulo a 26 de outubro de 1886.

[illegible]

SONETO

« Incline o rosto um pouco... assim... ainda...
Arqueie o braço, a mão sobre a cintura ;
Deixe fugir-lhe um riso á bocca pura
E a covinha animar da face linda !

Erga a ponta do pé... que graça infinda !
Quero nos olhos ver-lhe a formosura,
Feitiço azul de orvalho que fulgura,
Froco de luz suave que não finda !

Ha pouca luz... eu vejo-a... está sentada.
Passou-lhe a sombra de um cuidado agora
Na ruguinha da fronte jambeada.

Enfadou-se ?... meu Deus, eil-a que chora.
Pois cahiu-me o pincel ; que mão ousada !
Pintar de noite o levantar da aurora !... »

AUREL1ANO José LESSA

Poeta mineiro, nascido na cidade de Diamantina, em 1828 *e fallecido na cidade do Serro, no mesmo Estado, a* 21 *de fevereiro de* 1861. *Formado em direito pela Faculdade de Olinda em* 1851 ; *exerceu a advocacia.*

BIBLIOG. — *Poesias posthumas*, [illegible]

SONETO

Ha tormentos sem nome, ha desenganos
Mais negros que o horror da sepultura ;
Dores loucas, e cheias de amargura,
E momentos mais longos do que os annos.

Não são da vida os passageiros damnos
Que dobram minha fronte ; a desventura
Eu a desdenho... A minha sorte dura
Fadou-me dentro d'alma outros tyrannos.

As dores d'alma, sim ; ella somente
Algoz de si, acha um prazer cruento
Em torturar-se ao fogo lentamente.

Oh ! isto é que é soffrer ! Nenhum tormento
Vale um gemido só da alma tremente,
Nem seculos as dores de um momento.

ERNESTO FERREIRA FRANÇA, filho

Natural de Pernambuco, nascido a 1 de novembro de 1828 e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 24 de dezembro de 1888. Doutor em direito civil e canonico pela Faculdade de Leipzig; e em Sciencias Juridicas e Sociaes pela Faculdade de S. Paulo, de que foi lente. Jubilado, dedicou-se á advocacia na cidade do Rio de Janeiro. Foi tambem advogado do Conselho de Estado.

Jurisconsulto, philologo e poeta.

Bibliog. — *O livro de Ir[illegible]a*, Paris [illegible].

SONETO

Beija o Favonio a flor na branda aurora,
Quando o sol apontando no horizonte
Avulta pouco a pouco, e sobre o monte
Com rubro fogo as arvores colora.

Da tarde quando amena a côr descora —
Pendendo, o lyrio beija a clara fonte;
Beija a campina, bem que mal desponte,
O astro saudoso, cuja luz namora.

Se ao influxo de amor a natureza
Obedece ditosa e tudo sente
Os magos attractivos da belleza;

Ah! Ritalia, porque tão duramente
Me culpas de te amar? Tanta crueza
Merece acaso o meu affecto ardente?!

ANTONIO AUGUSTO DE MENDONÇA

Nascido na cidade de S. Salvador, Bahia, a 19 de maio de 1830, e fallecido na mesma cidade a 14 de agosto de 1879. Funccionario publico em sua terra.

BIBLIOG. — *Poesias* (collecção), Bahia, 1864

ESPERANÇA E AMOR

Esperança, que um dia os ais me ouviste
E as minhas fundas maguas consolaste !
Amor, que os horizontes me doiraste
Da vida escura, desprezada e triste !

Esperança, onde luz, onde hoje existe
A estrella com que outr'ora me inspiraste ?
Amor, porque tão cedo me deixaste ?
Amor, que um céo no coração me abriste !

Volve, esperança, ás solidões sombrias
Onde consumo, em lagrimas saudosas,
As longas horas dos cançados dias !

Amor, dá-me outra vez visões formosas,
O porvir com que d'antes me sorrias,
As mesmas noites e manhãs de rosas !

LUIZ Gonzaga Pinto da GAMA

Nascido na Bahia a 21 de junho de 1830 e fallecido em S. Paulo a 23 de agosto de 1882. Foi escravo e vendido pelo proprio pae. Liberto, assentou praça obtendo baixa annos depois. Foi escrevente de cartorio e amanuense da policia, de que foi demittido. Aprendeu a arte de compositor e por ella conseguiu ser um dos mais habeis advogados de S. Paulo e um grande defensor de escravos.

Bibliog. — *Trovas Burlescas*, de que ha 3ª ed., S. Paulo, 1904.

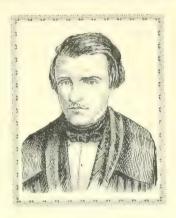
MOTE

E não pôde negar ser meu parente !

Sou nobre, e de linhagem sublimada,
Descendo, em linha recta dos *Pegados*,
Cuja lança feroz, desbaratados,
Fez tremer os guerreiros da Cruzada !

Minha mãi, que é de prôa alcantilada,
Vem da raça dos Reis mais afamados ;
— Blasonava entre um bando de pasmados
Certo parvo de casta *amorenada*.

Eis que brada um peralta retumbante :
« — Teu avô, que de côr era latente,
« Teve um neto mulato e mui pedante ! »

Irrita-se o fidalgo, qual demente,
Trescala a vil catinga nauseante,
E não pôde negar ser meu parente !

Manuel Antonio ALVARES DE AZEVEDO

Natural da cidade de S. Paulo, nascido a 12 de setembro de 1831, e fallecido a 25 de abril de 1852 na cidade do Rio de Janeiro. Bacharel em lettras pelo Collegio Pedro II, matriculou-se na Faculdade de Direito de sua terra natal, onde apenas concluiu o 4º anno, fallecendo de tuberculose antes de receber o gráo academico.

BIBLIOG. [illegible] *Obras*, [illegible] vols. Rio, publicação posthuma, [illegible] *Obras*, id. [illegible] vol., Paris [illegible]; *Obras*, id. [illegible] vols., Rio, [illegible]

SONETO

Pallida, á luz da lampada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia.

Era a virgem do mar ! na escuma fria
Pela maré das aguas embalada...
Era um anjo, entre nuvens de alvorada,
Que, em sonhos, se banhava e se esquecia.

Era mais bella ! o seio palpitando...
Negros olhos, as palpebras abrindo...
Fórmas núas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo !
Por ti — as noites eu velei chorando.
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo !

ADELIA Josephina de Castro FONSECA

Natural da Bahia. Uma das mais velhas poetisas brasileiras.

BIBLIOG. — *Echos de minh alma*. 1866

SONETO

Ainda um anno, filha, hoje se escôa
Do tempo na ampulheta, que não cança,
E nem siquer mitiga uma esperança
A dôr de te perder, que me magôa.

O aligero tempo, quando vôa,
Os males nos apaga da lembrança ;
Mas do martyrio meu não ha mudança,
Nos agudos espinhos da corôa.

Antes, para aggravar-me a desventura,
Da vida apenas na ridente aurora,
Rouba-me a morte inexoravel, dura,

Teu filhindo adorado, a quem outr'ora,
Beijei mil vezes louca de ternura,
E que, louca de dôr, pranteio agora !

Luiz José JUNQUEIRA FREIRE

Nascido na capital da Bahia a 31 *de dezembro de* 1832, *e fallecido a* 24 *de junho de* 1855. *Abraçou a vida monastica, vestindo o habito dos monges benedictinos a* 9 *de fevereiro de* 1851, *e professando com o nome de frei Luiz de Santa Escolastica. Antes de receber ordens pediu e obteve secularisação perpetua, a* 3 *de novembro de* 1854. *Notavel poeta.*

BIBLIOG. — *Obras poeticas*, 4ª ed. Rio.

SONETO

Arda de raiva contra mim a intriga,
Morra de dor a inveja insaciavel ;
Destille seu veneno detestavel
A vil calumnia, perfida inimiga.

Una-se todo, em traiçoeira liga,
Contra mim só, o mundo miseravel ;
Alimente por mim odio entranhavel
O coração da terra que me abriga.

Sei rir-me da vaidade dos humanos ;
Sei desprezar um nome não preciso ;
Sei insultar uns calculos insanos.

Durmo feliz sobre o suave riso
De uns labios de mulher gentis, ufanos ;
E o mais que os homens dão, desprezo e piso.

Joaquim de SOUZA ANDRADE

Poeta maranhense, nascido em 1833. Cursou em Paris a Faculdade de Direito, não concluindo o curso. Consagrou-se á lavoura.

BIBLIOG. — *Harpas selvagens*, Rio, 1857; *Impressões*, S. Luiz de Mar., 1868; *Eolias*, S. Luiz, 1868, *Guesa errante*, S. Luiz, 1866 (poema), e *Obras poeticas*, 1º tomo, New York, 1874.

AMO-TE

Eu, que dobrei qual verde branda vara
Dos desertos ao vento, e da verdade
Do amor e desta doce liberdade
Sacrifiquei descrente á terra amára,

Amo-te ! — Se soubesses a saudade
Que dos risos se tem... Oh ! doce e cára,
Volve os teus verdes olhos com piedade ;
Como a Virgem dos céos, consola e âmpara !

Vem, como o anjo, que se vê descido
Sobre o tumulo alvar, nevi-luzentes
Meigas azas abrir ! Vem, que é perdido

O veneno da flor ! — Hoje innocentes
Perfumes solta o lirio anoitecido
Ás auras dos jardins frescas e olentes.

FELIX Xavier DA CUNHA

Nascido a 16 *de outubro de* 1833 no *Rio Grande do Sul, e fallecido na cidade de Porto Alegre, naquelle Estado, a* 21 *de fevereiro de* 1865. *Bacharel em direito, foi politico, orador, poeta, prosador e jornalista.*

BIBLIOG. — *Poesias*, Porto Alegre, [illegible], publicação posthuma

7 DE SETEMBRO

Silencio !... não turbeis na paz da morte,
Os manes que o Brasil quasi esquecia !...
E' tarde !... eis que espedaça a lousa fria,
De um vulto venerando o braço forte !

Surgiu !... a magestade traz no porte,
Onde o astro da gloria s'irradia...
Vem, grande Andrada, advinhaste o dia,
Vem juntar ao da patria o teu transporte !

Recua ? ! não se apressa em vir saudal-a,
Cobre a fronte brilhante de heroismo,
E soluça !... que tem ?... eil-o que falla :

« Oh ! patria que eu salvei do despotismo !
« Lá vejo a corrupção que te avassalla,
« Não te conheço !... » E se afundou no abysmo !

Antonio ACHILLES de Miranda VAREJÃO

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 30 de janeiro de 1834 e ahi fallecido a 17 de novembro de 1900. Bacharel em direito por S. Paulo, foi official da secretaria do governo na sua terra natal, aposentando-se em 1872. Abraçou depois de aposentado a advocacia e o magisterio. Jornalista, poeta, dramaturgo e comediographo.

SONETO

Prostrado nesta enxerga, sinto a vida
Ir pouco e pouco procurando o nada ;
P'ra mim não ha mais sol da madrugada,
Mas sim tremor de luz amortecida.

Prazeres, ondes estaes ? Longa avenida
De amores, que trilhei nesta jornada —
Tudo acabou. E' justa esta pousada,
Antes que dobre o sino da partida.

Feliz quem tem familia ! Tem carinho
De mãe, de esposa, e, em derredor do leito
Não soffre o horror de achar-se tão sósinho.

Porém ao meu destino estou sujeito ;
Devo, batendo as azas, sem ter ninho,
Buscar, quem sabe ? um mundo mais perfeito.

LUIZ DELFINO dos Santos

Natural da cidade do Desterro, Santa Catharina, nasceu a 25 *de agosto de* 1834. *Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Fallecido em* 1910 *nesta cidade. Deixou innumeras producções esparsas.*

CADAVER DE VIRGEM

Estava no caixão, como num leito,
Pallidamente fria e adormecida ;
As mãos cruzadas sobre o casto peito,
E em cada olhar sem luz um sol sem vida

Pés atados com fita em nó perfeito,
De roupas alvas de setim vestida ;
O tronco duro, rigido, direito,
A face calma, languida, dorida...

O diadema das virgens sobre a testa,
N veo lyrio entre as mãos, toda enfeitada,
Mas como noiva, que cançou da festa.

Por seis cavallos brancos arrancada...
Onde irás tu passar a longa sesta
Na molle cama, em que te vi deitada ?...

Evaristo NUNES PIRES

Nascido a 13 de fevereiro de 1835 na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 28 de agosto de 1910. Doutor em medicina e professor do Collegio Militar.

SONETO

Que amenidade, placidez, frescura,
No sitio onde ora estou, entre arvoredos;
Da briza, sussurrando, ouço os segredos ;
Por entre a ramaria — que doçura !

Sereno o Céo, o Sol n'elle fulgura,
Raios dardeja ardentes nos lagedos,
Brandos em outros pontos : — trinam, 'edos,
Passar'nhos, das arvores na espessura.

Da alameda pa meiral no fundo
Eis do Senhor o templo — onde, cumprindo
Um dever, fui orar — em doce calma.

Então, eu olvidando, um pouco, o mundo,
Da Natureza a voz, sómente, ouvindo,
Ao Divo Creador — alcei minh'alma !

PAULO Emilio de Salles EIRÓ

Nasceu em S. Paulo a 15 de abril de 1836. Foi academico de direito, não concluindo o curso por ter resolvido seguir a carreira ecclesiastica. Tambem não concluiu esta. Em 1871 falleceu louco no Hospicio de Alienados daquella cidade. Foi um grande poeta, e muito pouco conhecido.

AMEI-TE

Amei-te ! do poeta a alma incendida
Precisava adorar, fosse um momento,
Formosa estatua sobre altar de argento,
No molde de seu peito derretida.

Estatua foste, sim ! nem commovida
Tornar-te póde meu atroz tormento,
Essa chamma infeliz que, sem sustento,
Me devorava pouco a pouco a vida.

Mas o culto fanatico abalado
Está por teu rigor, por esse zelo
Com que, paga de amor, me dás agrado.

Amante posso ser, deixar de sel-o...
Mulher, o coração é limitado :
No fundo dos vulcões tambem ha gelo...

FRANKLIN Americo de Menezes DORIA

Barão de Loreto. Nasceu a 12 de julho de 18[illegible]6 e fallecido na cidade do Rio de Janeiro em 28 de outubro de 1906. *Bacharel em direito, ex-Conselheiro de Estado, professor jubilado do Collegio Pedro II. Foi presidente do Piauhy, Maranhão e Pernambuco; ministro da Guerra em* 1880; *ministro do Imperio em* 1888; *deputado geral por Piauhy.*

Prosador, poeta e membro da Academia Brasileira onde occupou a cadeira de Junqueira Freire.

BIBLIOG. — *[illegible]*, [illegible]; *[illegible] de Longfellow*, trad. [illegible]

A ESTATUA DE MOYSÉS

NA EGREJA DE "SAN PIETRO IN VINCOLI"

Moysés, que, transportado em extase, medita
Nas palavras que ouviu a Jehovah clemente,
Desce o monte Sinai, a face refulgente,
Com as taboas da lei pelo Senhor escripta.

Ao povo d'Israel. que deslumbrado o fita,
Magestoso elle expõe a Alliança recente
Feita por Jehovah sobre o Sinai ardente,
E já da lei sem par as grandes regras dicta.

Miguel Angelo assim na phantasia admira
O Chefe hebreu ; depois, do marmore lhe tira
As formas colossaes o creador cinzel.

E no marmore bello eis, Moysés redivivo
Dictar parece ainda, imperioso, altivo,
O Decalogo santo ao povo d'Israel.

Antonio Joaquim FRANCO DE SA

Nascido a 16 de julho de 1836, na cidade de Alcantara, Maranhão, e fallecido a 2[illegible] de janeiro de 1856.

BIBLIOG. — *Poesias*, publicação posthuma, Maranhão, [illegible].

A ESBELTA

A Esbelta, o alvo dos suspiros nossos,
É fada vaporosa, é flor das flores ;
Em vez de carne, vestem-n'a vapores,
É leve a rapariga, só tem ossos.

Os canniços do lago são mais grossos
Que as cannelas gentis dos meus amores ;
Tem nas lindas bochechas menos côres
Que a secca mumia quando sae dos fossos.

Ah ! ditoso mancebo, eu te prometto
Que se hoje, noivo, tremulo desmaias,
Beijando a anagoa que te envolve o espeto,

Talvez, quando marido, morto caias
Vendo surgir o pallido esqueleto
Da espessa nuvem de umas oito saias.

JUVENAL GALENO

Nasceu na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, a 27 de setembro de 1836, onde reside. Prosador e poeta.

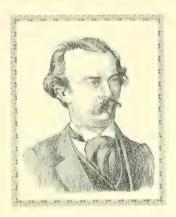
BIBLIOG. — *Preludios poeticos*, Rio, 1856; *A Machadada* poema, Ceará, 1860; *Porangaba* poema, Ceará, [illegible]; *Lendas e Canções populares*, Ceará, [illegible]; *Canções da Escola*, Ceará, 1871; *Lyra Cearense*, Ceará, 1872.

O VELHO POETA

Se vires um poeta encanecido,
Dos amigos d'outr'ora abandonado,
Sem vista para ler, mas conformado,
Da rua nas palestras esquecido,

Na cidade natal desconhecido,
No paiz em seus versos celebrado ;
E entre o povo por quem fôra escutado,
Muitas vezes, então, desvanecido...

Ai, sou eu que, morrendo nos meus lares,
Deixarei, como herança, á patria amada
Minhas *Scenas e Lendas Populares*...

E voando das almas á pousada,
De lá espero ouvir os meus cantares
Consolando a pobreza malfadada.

Francisco Leite BITTENCOURT SAMPAIO

Sergipano, nascido na cidade de Laranjeiras em 1836. Bacharel em direito por S. Paulo. Foi representante de sua provincia nas legislaturas de 1863 a 1871; administrou o Espirito Santo e foi director da Bibliotheca Nacional. Jornalista. Autor de varias traducções.

Biblio. — *Poesias* de Bittencourt Sampaio, Macedo Soares e Salvador de Mendonça, S. Paulo, [illegible]; *Flores silvestres*, Rio, 1860.

JOÃO CAETANO

Uma visão enorme! um quadro deslumbrante,
Vario nos tons, na côr, de aspecto indefinido,
Parecendo zombar da escuridão do olvido... —
Dissereis na verdade uma visão de Dante!

Destaca-se rugindo, apaixonado, hiante
Nas lavas do ciume o Othello embravecido!
O pallido Romeu, o doce amante fido!
Macbeth, o infame rei, em pasmo horripilante!

Depois — o moço Hamleto em sonhos de utopia!
Depois — o pobre André das loucas gargalhadas!
Depois — outros heróes que dera o genio um dia!

Essa enorme visão de estatuas, animadas
Pelo Kean brasileiro, eu sei que então trazia
De palmas um docel, rompendo em trovoadas!

CASIMIRO José Marques DE ABREU

Nasceu em S. João da Barra, Estado do Rio de Janeiro, a 4 de janeiro de 1837 e falleceu a 18 de outubro de 1860, na cidade de Nova-Friburgo, victimado pela tuberculose pulmonar.

BIBLIOG. — *As Primaveras*, [illegible] 1859. *Obras completas*, 1877, publicação posthuma

HONTEM A NOITE

Hontem — sósinhos — eu e tu, sentados,
Nos contemplámos, quando a noite veio :
Queixosa e mansa a viração dos prados
Beijava o rosto e te affagava o seio,

Que palpitava como — ao longe — o mar,
E lá no céu esses rubins pregados
Brilhavam menos, que teu vivo olhar !
Co' a mão nas minhas, no silencio augusto,

Tu me fallavas sem mentido susto,
E nunca a virgem, que a paixão revela,
Passou-me em sonhos tão formosa assim !

Vendo a noite tão pura, e a ti tão bella,
Eu disse aos astros : — dai o céu a ella !
Disse a teus olhos : — dai amor p'ra mim !

JAYME Augusto DE CASTRO

Nascido em 1837 no municipio de Barbacena, Minas, e fallecido em julho de 1901. *Educador. Publicou em* 1870 *um volume de versos.*

SONETO

Não vês, minha Jovita, aquella rosa
De matutino orvalho rociada,
Tão fresca, tão gentil, tão perfumada,
Como entre a rama está toda ufanosa ?

Eis que lhe investe a calma sequiosa ;
Sem perfume e frescura é já roubada :
E curvando-se murcha e desbotada,
Ao vento cede a folha tão cheirosa.

Que resta agora mais de tal belleza ?
Debil haste deserta, secca e dura :
Só despojos mortaes da natureza.

Pois assim como á rosa, á formosura
Hão de os annos roubar-te a gentileza,
Cedendo o corpo exangue á sepultura.

Joao Zeferino RANGEL DE S. PAIO

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, a 30 *de abril de* 1838. *Funccionario publico, occupando o logar de chefe de secção da Alfandega da Capital Federal. Falleceu na mesma cidade a* 6 *de fevereiro de* 1900. *Poeta, dramaturgo, romancista, critico e orador.*

BIBLIOG. — *O Calvario Americano*, poemeto, 1867; *Herminia*, sonetos, 18[illegible]; *Poema de Lazaro*; *A Apparição* e outros poemetos

SOLILOQUIO

Ah ! porque não fiquei na sepultura
Envolto em meu sudario apodrecendo,
Eu que me vi feliz, quando morrendo
Suppuz findar-se a minha desventura !...

Lá na camara petrea, fria, escura,
Entre os vermes que iriam carcomendo
Meu corpo, não 'staria ora soffrendo
Este inferno de amor, sem ter ventura !

E o Rabbi me chamou de novo á vida
Julgando me outorgar a f'licidade,
Quando ella para mim está perdida !

Deu-me a vida, mas não tranquillidade,
Minh'alma não ergueu, deixou cahida,
Nas garras de mulher sem piedade !

JOAQUIM Maria SERRA Sobrinho

Nascido no Estado do Maranhão a 20 de julho de 1838 e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 29 de outubro de 1888. Jornalista, poeta, romancista, dramaturgo e comediographo.

Bibliog. — *Quadros*, Maranhão 18[illegible]

A LEI E O DIREITO

(BLANCO CUARTIN)

« Sou vossa filha, entretanto o mundo
Clama não ser igual nosso destino,
Pois procedeis d'um tronco que é divino
E eu procedo de paul immundo ! »

Assim falou a Lei. Meditabundo
Lhe respondeu o padre peregrino :
— O que se diz não é um desatino,
Tal juizo contém razão no fundo...

Descendo da verdade esclarecida,
Vivo junto de Deus no assento ethereo,
Gozo a luz immortal, eterna vida ;

Mas um dia liguei-me com mysterio
A' justiça dos homens fementida...
E o fructo tu és d'esse adulterio !

LUIZA Amelia de QUEIROZ Madeira

Nascida em Parnahyba, Piauhy, a 2[illegible] de dezembro de 1838 e fallecida a 12 de novembro de 1898.

Bibliog. — *F[illegible]* [illegible]; *G[illegible]*, poema [illegible]

AUSENCIA ETERNA

NA MORTE DE UM IRMÃO

Nunca mais! nunca mais ao lar querido,
Onde deixaste a prole idolatrada,
E a eleita de tua alma, a esposa amada,
Has de voltar, irmão estremecido.

E vejo o pranto acerbo e dolorido,
A expressão compungente e soluçada,
Desse adeus á familia mergulhada
Na mais acerba dor, irmão querido!

Sim, vejo tudo, oh! tudo!... Essa agonia
Prolongada e cruel, como no dia
Em que a vida, a fugir, te abandonava!...

Se o espirito buscava a eternidade,
O coração de pae, todo saudade,
Se prendia aos filhinhos que deixava!...

ELISIARIO Prudente da Lapa PINTO

Nascido na cidade de S. Christovão, Sergipe, a 28 de abril de 1839, e fallecido a 27 de novembro de 1897 na cidade do Rio de Janeiro. Foi funccionario de Fazenda. Poeta e prosador.

A' LUA

Vem, ó lua, contar-me as tuas dores,
Teus segredos d'amor : deixa um instante
Essa louca estrellinha rutilante,
Que desdenha cruel os teus amores.

Vem aqui derramar os teus pallores,
Vem dizer-me qual é a tua amante ;
Se é aquella menor, menos brilhante,
Ou aquella que tem mais esplendores.

Pobre lua ! tú gemes, tú deploras
A sorte sempre avessa — a ingratidão,
De uma linda estrellinha a quem namoras ;

Mas eu — pobre de mim ! louca paixão
Me tortura a existencia ! ah ! se tú choras
Eu sou muito infeliz, não choro não.

TOBIAS BARRETO de Menezes

Nascido na villa de Campos, Sergipe, a 7 de junho de 1839 e fallecido em Pernambuco a 26 de junho de 1889. Lente da Academia do Recife.

Jurista, philosopho, critico, orador e poeta.

Barreto — *Dias e Noites*, publicação posthuma dirigida por Sylvio Romero.

IGNORABIMUS

Quanta illusão !... O céo mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De duvidas crueis prisioneiro,
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Christo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam tambem Deus verdadeiro,
Veio o mundo remir do captiveiro,
E eu vejo o mundo ainda tão captivo !

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio
Da tyrannia, e da miseria o travo,

Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
Se o homem chora e continúa escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio ?...

Joaquim Maria MACHADO DE ASSIS

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 21 *de junho de* 1839. *Abraçou a carreira burocratica, chegando a director geral do ministerio da Industria. Falleceu na sua cidade natal a* 25 *de setembro de* 1908. *Jornalista, poeta e romancista. Membro e presidente da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de José de Alencar.*

BIBLIOG. — *Chrysalidas*, Rio, 1864; *Americanas*, Rio, 1875; *Phalenas*, Rio; *Poesias completas* contendo os volumes anteriores, Rio, 1901.

A CAROLINA

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descanças dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquelle affecto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existencia appetecida
E n'um recanto poz um mundo inteiro.

Trago-te flores, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos,
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

PEDRO LUIZ Pereira de Souza

Nascido a 13 *de dezembro de* 1839 *no Estado do Rio de Janeiro e fallecido no Estado de S. Paulo a* 16 *de julho de* 1884. *Politico e jornalista.*

A UM PAE

Fitando longe os teus passados dias,
Vendo tingidas de mortaes pallores
Tremulas crenças, entre murchas flôres,
Em pó desfeitas puras alegrias ;

Em sonho, em riso, em lagrimas dirias :
« A noite rola funebres vapores...
Mas brilha a estrella d'alva ! Aos seus fulgores
E' verde o campo, o mar tem harmonias. »

Era esse filho que adoravas tanto,
Na densa nevoa d'alma entristecida,
Azul estrella, da alvorada o canto !

Cedo trocou-se, na estação querida,
Do orvalho a gotta em perola de pranto,
Morreu em flor a flor de tua vida.

Francisco QUIRINO DOS SANTOS

Nasceu em Campinas, São Paulo, a 14 de julho de 1841 e na capital deste Estado falleceu a 6 de maio de 1886. Bacharel em direito, seguiu sempre a advocacia. Poeta, jornalista, dramaturgo e romancista.

Bibliog. — *Estrellas errantes*, S. Paulo, [illegible]

A VIDA

Pois tu não vês nos ares scintillantes
O sol morrendo em ondas de fulgores ?
E assim, nadando no perfume, as flores
Largam ao vento as petalas boiantes !

E o amor e a gloria e os risos da innocencia
Afogam-se nas chammas da esperança !
Tudo que busca a mente e pede e alcança,
Tudo succumbe e esvahe-se na existencia !

O sonho ! oh luz de um páramo azulado !
Como te envolve o manto da orphandade,
Dourando os haustos do prazer gosado !

Por mais que suba o peito na anciedade,
Por mais que desça a idéa no passado,
A alma é um sopro, a vida é uma saudade !

SALVADOR DE MENDONÇA

Nascido a 21 de julho de 1841, na villa de Itaborahy, Estado do Rio de Janeiro, e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 5 de novembro de 1913. Formado em direito, abraçou a carreira diplomatica. Prosador, romancista e jornalista. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Joaquim Manoel de Macedo.

ESTRELLA D'ALVA

Quando surgiste acima da montanha
De algum mundo de luz e liberdade
Tinhas no triste olhar funda saudade,
Mensageiro do céo em terra extranha.

Quando espalhaste a viva claridade
De todo esse teu ser, fulgiu tamanha
A branca luz, que sempre te acompanha,
Que te occultar não pôde a immensidade.

Hoje, por sobre as rosas do oriente,
Por sobre a curva argentea do crescente,
Tu da patria entrevês o vulto escuro.

Estrella d'Alva, protectora estrella,
Rasga o véo que procura ainda escondel-a,
Torna a guial-a, estrella do futuro.

Luiz Nicolau FAGUNDES VARELLA

Nasceu no Rio Claro, Rio de Janeiro, a 17 de agosto de 1841 e falleceu em Nictheroy a 18 de fevereiro de 1875. Foi academico de direito em S. Paulo e seguindo para o Recife afim de concluir o curso, naufragou na altura dos Abrolhos. Salvo, conseguiu regressar á sua terra natal.

BIBLIOG. — *Obras completas*, ed. organisada e revista precedida de uma noticia biographica por Visconti Coaracy e de um estudo critico de Francklin Tavora, 1886.

SONETO

Eu passava na vida errante e vago
Como o nauta perdido em noite escura,
Mas tu te ergueste peregrina e pura
Como o cysne inspirado em manso lago.

Beijava a onda, num soluço mago,
Das molles plumas a brilhante alvura,
E a voz ungida de eternal doçura
Roçava as nuvens em divino afago.

Vi-te ; e nas chammas de fervor profundo
A teus pés afoguei a mocidade
Esquecido de mim, de Deus, do mundo !...

Mas ai ! cedo fugiste !... da soidade,
Hoje te imploro desse amor tão fundo
Uma idéa, uma queixa, uma saudade !

XISTO BAHIA

Nascido em 1842 e fallecido a 29 de outubro de 1894, em Caxambú, Minas. Dedicou-se ao theatro, grangeando fama de actor verdadeiramente nacional. Poeta, comediographo e romancista bahiano.

SONETO

E' dia de anno bom. Um sol brilhante
Desperta alegre a ilha de Maré ;
Annuncia-se a festa de Passé
Por uma romaria deslumbrante !

Dez canôas na praia enfileiradas,
Embicam-se p'ra o mar, cheias de gente ;
Cada qual porfiando estar na frente,
Todas ellas gentis, embandeiradas.

Felicio, o joven, noivo de Luiza,
Vem na sua canôa que desliza
Como sempre, na frente e vencedor !

Com pouco, a barlavento outra lhe passa
Luiza é quem governa ! E por chalaça,
Manda ao noivo, n'um beijo, o virador

Antonio Candido **GONÇALVES CRESPO**

Poeta brasileiro, nascido na cidade do Rio de Janeiro, e fallecido em Lisboa a 11 *de junho de* 1883. *Naturalisou-se portuguez. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, foi deputado ás Côrtes pela India em* 1879. *Era casado com a conhecida escriptora portugueza D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.*

BIBLIOG. — *Obra* [illegible], Lisboa, [illegible], publicação posthuma.

CHIMERAS

O mar já me tentou : aspirações fogosas
Fizeram-me idear phantasticas viagens ;
Eu sonhava trazer de incognitas paragens
Noticias immortaes ás gentes curiosas.

Mais tarde desejei riquezas fabulosas,
Um palacio escondido em múrmuras folhagens,
Onde eu fosse occultar as candidas imagens
Das virgens que evoquei por noites silenciosas.

Mas tudo isso passou : agora só me resta
Das chimeras que tive, uma visão modesta,
Um sonho encantador, de paz e de ventura.

E' simples : uma alcova, um berço, um innocente,
E uma esposa adorada, envolta, a negligente !
De um longo penteador na immaculada alvura...

Antonio de SOUZA PINTO

Portuguez, naturalisado brasileiro. Bacharelou-se em direito na Faculdade do Recife e seguiu a advocacia. Nascido a 15 de agosto de 1843.

BIBLIOG. — *Harpejos da mocidade*, Recife, 1864. *Idéas e sonhos* 1872.

FLOR AGRESTE

A casinha no alto da collina
Esconde-se entre os galhos da mangueira,
Fica ao lado uma roça pequenina
Onde cresce abundante macacheira.

Uma gentil morena — e que mão fina !
Assentada da porta na soleira,
Agita com paciencia feminina
Os bilros d'almofada costumeira.

Lá no fundo uma velha entre as gallinhas
Espalha a refeição de espaço a espaço
Em porções economico — mesquinhas.

Chega um rapaz de foice sob o braço
Diz á moça : « Bons dias, Mariquinhas »
E atira-lhe uma rosa no regaço.

LUIZ Caetano Pereira GUIMARÃES JUNIOR

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 17 de fevereiro de 1844, e fallecido em Lisboa, a 20 de maio de 1898. Formado em direito, seguiu a diplomacia. Jornalista, poeta, comediographo e romancista. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Pedro Luiz, sendo substituido por João Ribeiro.

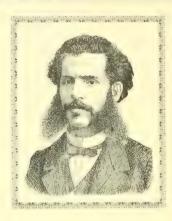
BIBLIOG. — *Corimbos*, [illegible]; *Poema dos mortos*, *Nocturnos*, Rio, [illegible]; *Lyrica*, Roma, [illegible].

VISITA A' CASA PATERNA

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quiz tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo :

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,
O phantasma talvez do amor materno,
Tomou-me as mãos, — olhou-me grave e terno,
E, passo a passo, caminhou commigo.

Era esta a sala (oh ! se me lembro ! e quanto !)
Em que, da luz nocturna á claridade,
Minhas Irmãs e minha Mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem ha-de ?
Uma illusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.

Rozendo MUNIZ BARRETO

Filho do repentista Muniz Barreto, nascido na Bahia a 1 de março de 1845 e fallecido a 18 de fevereiro de 1897 na cidade do Rio de Janeiro. Medico e lente de philosophia, por concurso, do Collegio Pedro II. Prosador, poeta e romancista.

BIBLIOG. — *Vôos icarios*, Rio, 1872. *Tributos e Crenças*, Rio, 1891. *Cantos da aurora*, Rio, [illegible], e varias poesias esparsas.

TRISTEZA

Ludibrio da incerteza que o flagella,
N'um mar de scismas o meu ser fluctua...
Ai ! que memoria ! que alliada tua !
Contra o socego meu que sentinella !

Da natureza prodiga e tão bella
Não ha caricia que em minha alma influa.
Fujo até de avistar a meiga lua,
Que visitar-me vem pela janella.

Que esperas, pois, meu bem, que me não soltas
Desta afflicção ? ! Vem já, que já me invade
O desespero em horridas revoltas !

Quasi a extinguir-me em tanta soledade,
Só me dá vida a idéa de que voltas.
Se não voltas, eu morro de saudade.

HYPPOLITO DE CAMARGO

Nascido em S. Paulo a 30 de janeiro de 1846. Bacharel em direito, abraçou a magistratura. Ex-chefe de policia de seu Estado natal, em cuja capital falleceu a 16 de março de 1905.

BIBLIOG. — *Auras matutinas*, S. Paulo.

A CAVEIRA

Inspira só terror e todos fogem della,
Da pavida caveira abandonada e fria!
Emtanto, ella sorri, mostrando os dentes, ella...
Porém, co'um rir atroz de gelida ironia!

Nas orbitas concentra o escuro da procella,
Fital-as é sentir um susto que resfria:
Tristonho, infausto, horrendo, assim é tudo nella..
Só na bocca a sorrir sarcastica alegria!

Pois bem, esta caveira horrenda attrahe-me a vista,
Attrahe-me porque nella o sabio anatomista
Procura descobrir recondita verdade!

Procura soletrar aos poucos a sciencia,
Ouvindo o que lhe diz a voz da experiencia:
— Que os mortos assim vão regendo a Humanidade!

José FERREIRA DE Souza ARAUJO

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 25 de março de 1846, e fallecido a 22 de agosto de 1901. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, foi por muitos annos o redactor-chefe da « Gazeta de Noticias ».

Prosador e comediographo.

CAMÕES E OS LUSIADAS

Voga a náo ; vae nella o vate
Que á deusa das eras idas
Dera glorias mais subidas
Que olympos que o tempo abate.

Venus, bella, a deusa amante,
Ouve o canto, offega, anceia...
E encantada — ella, a sereia —
Segue o bardo triumphante.

Ardendo em zelos, ignara,
A onda envolve o convéz,
Canto e cantor... Porém para...

Chorava a Deusa... e tal fez,
Que o mar, que Venus gerára,
Deu vida ao bello outra vez.

José Pedro XAVIER DA VEIGA

Nasceu a 13 de abril de 1846 na cidade de Campanha da Princeza, Minas. Politico, jornalista e escrivão de orphãos. Falleceu em Ouro Preto a 8 de agosto de 1900. Deixou innumeras producções esparsas.

ESTELLA

No derradeiro olhar que me lançaste,
Tão longo e doce, tão sereno e triste,
Senti que em despedida me abençoaste,
Evolando-te ao Céo p'ra onde partiste !

Depois — com a mãosinha tão mimosa,
Tão pura e linda, que eu beijei tremente, —
Afagaste-me a face, carinhosa,
E para mim sorriste meigamente !

Não pude mais fitar-te... Minha vida
— Morta a esperança, a fé esvaecida —
Abysmava-se em torvas agonias...

Feliz eu fôra, Estella, si nessa hora
— Um crepusc'lo no berço duma aurora —
Morresse junto ao leito em que jazias !

JULIO CEZAR DE MORAES CARNEIRO

Padre Julio Maria. Bacharel e doutor em direito. Fluminense, nascido na cidade de Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Foi a principio promotor e advogado, e tendo enviuvado, entrou no Seminario de Marianna, onde recebeu em 1891 as ordens sacras. Desde então se entregou a um apostolado catholico social, que tem tido immenso ruido. Tem percorrido os Estados do Brasil, fazendo em todos uma serie de conferencias.

AGRADECENDO UM LIVRO

Dante e Leopardi ambos receberam
Na alma immortal a chamma da poesia,
Ambos em strophes magicas verteram
O estro da Arte, o genio da Harmonia.

De um, entretanto, cedo feneceram
Versos amados, mas sómente um dia,
O tercetto que as musas aqueceram
Do outro perdura em bronzea melodia.

Porque, caro poeta? Ouve a sentença
De quem te ama e não te quer precito:
A razão é que o Dante em lyra immensa

Accende a Fé — o fogo do Infinito,
E Leopardi, qual tu, canta a descrença
Marmore frio, sepulchral granito.

Antonio de CASTRO ALVES

Poeta bahiano nascido na comarca de Cachoeira, Bahia, a 14 de março de 1847, e fallecido a 6 de julho de 1871. — Estudou direito em Pernambuco, de onde passou para S. Paulo, fallecendo quando cursava o 4.º anno.

BIBLIOG. — *Espumas Fluctuantes*, Bahia, 18[illegible]. *A Cachoeira de Paulo Affonso*, Bahia, 18[illegible], *Os Escravos*, Pelotas, 18[illegible], sendo as duas ultimas publicações posthumas.

DULCE

Se houvesse ainda talisman bemdito,
Que désse ao pantano — a corrente pura,
Musgo — ao rochedo, festa — á sepultura,
Das aguias negras — harmonia ao grito...

Se alguem pudesse ao infeliz precito
Dar logar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insomnia escura
No poema dos beijos — infinito...

Certo... serias tu, donzella casta,
Quem me tomasse em meio do Calvario
A cruz de angustias que o meu ser arrasta !...

Mas se tudo recusa-me o fadario,
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz do teu rosario.

BELLARMINO CARNEIRO

Nascido em Pernambuco a 23 de maio de 1847. Foi deputado á Constituinte republicana. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro.

CORAÇÃO

O coração é como um passarinho,
Travesso, alegre, vivido, innocente,
A correr pela vida doidamente,
Ebrio de luz, de aroma e de carinho.

Folga, ri, canta e libra-se, contente,
No quebradiço e tremulo raminho
De cada esperança... Incauto, o pobresinho
Nutre-se de emoções, palpita e sente.

Sonha com tantas illusões bordadas
De azul e ouro, imagens encantadas,
Sylphos risonhos, fulgidas visões...

Por fim accorda um dia, hirto, transido,
Que o seu sonho mais puro e mais querido
Tombou no abysmo das desillusões.

LUCINDO Pereira dos Passos FILHO

Nascido em Minas a 16 *de agosto de* 1847 *e fallecido em Vassouras, Rio de Janeiro, a* 1 *de junho de* 1896. *Doutor em medicina, jornalista, poeta, musico e traductor.*

Bibliog. — Obras: *Poemetos*, trad., 1882; *Virgilianas*, trad., 1883; *Novas Virgilianas*, trad., 1888; *Flores exoticas*, 1898, publicação posthuma.

A BOLHA DE SABÃO

(CARRASQUILLA)

Tremula nasce, vacillante cresce ;
Pallidas tintas de amarantho e rosa
Vão-lhe brotando á face luminosa,
Que com iriantes cores resplandece.

Ao impulso do sopro ella parece
Ir sahinho do tubo vergonhosa,
E entregando-se á brisa carinhosa
Ufana vôa, eleva-se e fenece.

Assim nasce a illusão : ao doce alento
Da esperança, ella augmenta-se e fulgura
Inundando de luz o pensamento.

Atira-se ao porvir radiante e pura,
Ufana vôa, eleva-se um momento,
E um momento fugaz sómente dura.

José Candido da COSTA SENA

Nascido em Minas a 23 de agosto de 1847 *e fallecido a* 23 *de junho de* 1901. *Formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Poeta, philologo e scientista.*

VICTUS

Para o combate entrei com as armas mal polidas,
Descrente as manejei, porém com lealdade :
Rudes golpes vibrei sem dó e sem maldade
E muita vez sangrei por horridas feridas !

Do vivido fulgôr do genio da bondade
A cota me tornou as pontas mais buidas ;
Meu montante parti nas crostas denegridas
Da torpeza no arnez e no elmo da maldade.

E mal ferido agora, em terra estou prostrado,
Vendo em redor voar com a mais sinistra calma
Das aves do infortunio o bando esfomeado.

Mas tenho aberta mão : quero morrer vingado
Como aquelle que foi — guerreiro — achado em Alma
Tendo na mão já fria um corvo estrangulado !

CARLOS Maximiano Pimenta DE LAET

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 3 de outubro de 1847. Engenheiro geographo e lente do Collegio Pedro II. Antigo deputado, professor, jornalista e polemista. Tem varias poesias esparsas.

Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Porto-Alegre.

TRISTE PHILOSOPHIA

Ia Rosa vestir-se, e do vestido
Uma voz se desprende e assim murmura :
« Muitas morremos de uma morte escura,
Por que te envolva serico tecido ! »

Ia toucar-se, e escuta-se um gemido
Do marfim que as madeixas lhe segura :
« Por dar-te o afeite desta minha alvura,
Jaz na selva meu corpo succumbido ! »

Põe um collar, e a perola mais fina :
« Para pescar-me quantos párias, quantos !
Padeceram no mar lugubres sortes ! »

E Rosa chora : « oh ! desditosa sina !
Todo sorriso é feito de mil prantos,
Toda vida se tece de mil mortes ! »

CARLOS Augusto FERREIRA

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a 26 de outubro de 1847. Director do collegio « Benjamin Constant », na cidade do Amparo, S. Paulo. Poeta, dramaturgo e jornalista.

BIBLIOG. — *Cantos [illegible]*, P. Alegre, [illegible]; *Rosas loucas*, S. Paulo, [illegible], 2ª ed. em [illegible]; *[illegible]*, Rio, [illegible]; *Redivivas*, Campinas, 1881.

IDYLLIO

Vamos, amor, por esses campos fóra,
Azas abrindo á doce luz da vida,
Ouvir a terna, a meiga, a appetecida
Canção que entôa a terra á deusa Aurora.

Vamos, que é tempo. A natureza inflora
Montes, valles, vergeis, e embevecida
Treme de amor a rosa. Ouves, querida,
A ave que canta, a viração que chora ?

Vês ? Que alegre manhã ! Todo o arvoredo
Tão fresco e bom ! O alegre passaredo
Enche a selva de magico rumor...

Pois cantemos tambem, vamos risonhos
Haurir a vida em turbilhões de sonhos,
Azas abrindo ao quente sol do amor !...

ACHYLLES PORTO ALEGRE

Nascido na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, a 29 *de março de* 1848. *Jornalista na sua terra natal.*

BIBLIOG. — *Illuminuras*, *Esculpturas*, *Phantasias*, *Flôres de gelo*.

FLOR EM RUINAS

Conheci, já doente, na miseria,
Amamentando o filho que nascera,
Em cuja face a pallidez da cera
Dava a expressão d'uma apparencia etherea.

Num excesso febril pela existencia,
Passava trabalhando noute e dia,
A mirar o bebê que lhe sorria
No meio da tristeza da indigencia.

A' falta de recursos, exhaurida,
Sentia a pobre mãe fugir-lhe a vida
No silencio do rancho abandonado.

E quando a morte finda o seu tormento,
Vê-se a creança á mingua d'alimento
Presa ao peito da mãe inanimada !

JOAQUIM Aurelio Barreto NABUCO de Araujo

Nascido no Recife a 19 *de agosto de* 1849. *Bacharel em direito pela Faculdade daquella cidade. Antigo parlamentar. Embaixador do Brasil em Washington, onde falleceu a* 17 *de janeiro de* 1910. *Prosador, historiador, poeta e orador. Membro da Academia Brasileira de que era secretario perpetuo e onde occupou a cadeira de Maciel Monteiro.*

IGNEZ E CATHARINA

Duas mulheres chegam-se, medrosas,
Para perto da Estatua, cuja fronte
A Manhã que desperta no horizonte
Enche de claridades jubilosas.

Vestem ambas as roupas gloriosas,
Cujos fios de luz não ha quem conte.
Mas quem são essas fórmas vaporosas,
Como as nevoas que descem sobre o monte ?

Uma traz as *hervinhas*, com as flôres
Que ella colheu na Fonte dos Amores
A quem *depois de morta a fez Rainha ;*

A outra que era a Vida, era o Desejo,
Que enchia a grande alma que Elle tinha, —
Noiva da sua Gloria, — traz-lhe um beijo.

José EZEQUIEL FREIRE

Nasceu em Rezende, Estado do Rio de Janeiro, a 10 *de abril de* 1850. *Era formado em direito pela Faculdade de S. Paulo. Falleceu em Caçapava, S. Paulo, a* 13 *de novembro de* 1891.

BIBLIOG. — *Flores do Campo*, Rio [illegible]

FÉ E ESPERANÇA

Quando transpões o limiar da Egreja,
— Velada a fronte calma e scismadora,
Vae com tu'alma a Fé consoladora
E de tu'alma a paz minh'alma inveja.

Depois, se teu olhar limpido adeja
Sobre as feições da Virgem redemptora,
A luz da Esp'rança que teus olhos doura
Aclara o limbo em que meu ser negreja.

E ao ver-te assim, na prece silenciosa,
Prosternada ao sopé do Santo Lenho,
Sinto a influição da crença religiosa ;

E peço a Deus, com fervoroso empenho,
Faça vingar-me n'alma duvidosa
Essas doces virtudes que não tenho.

LUIZ Demetrio Juvenal TAVARES

Nasceu na cidade de Cametá, Pará, a 21 de junho de 1850.

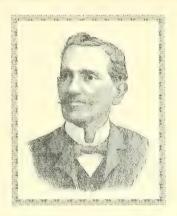
BIBLIOG. — *Paraenses*, 1877; *Versos velhos e modernos*, 1901; *Musa republicana*, 1902.

A' MORTE DE UM MENINO

Parte o raio das nuvens ; na passagem
Lança por terra o cedro já vetusto,
Abate sem piedade o tenro arbusto
Cresta uma flor, destróe densa ramagem.

Tudo no mundo rende vassalagem
A' rainha da dor, do pranto e susto ;
Febril creança e ancião robusto
Curva da morte a lutulenta imagem !

Ah ! tu morreste ! — aurora fulgurante,
Que logo se sumiu em noite escura !
Do berço a campa não está distante !

E nós te pranteamos, que loucura !
Nesta vida onde tudo é inconstante,
Só ha um bem real — a sepultura !

SYMPHRONIO Mauricio de Azevedo CARDOSO

Nasceu na cidade da Estancia, Estado de Sergipe, a 19 de outubro de 1850. Professor publico num grupo escolar de S. João Nepomuceno, Minas. Cursou o 2º anno theologico no « Grand Séminaire d'Angers », em França. Tendo deixado por incommodos physicos, o Seminario, regressou á Patria e abraçou o magisterio. Em 1889 foi professor supplementar da cadeira de francez no Internato Pedro II. Jornalista e poeta.

BIBLIOG. — *Indianas*, 1870. *Louros Esparsos*, [illegible]; *Carlos e Alice*, 1904. *Electas*, 1910. *Sonhos e Gem*[illegible], no prelo.

ALMA BRANCA

Da vaga na subtil phosphorecencia
Anda uma alma de luz penando, á noite ;
Do rijo vento ao tenebroso açoite,
Abrindo ao mar extranha florescencia.

Não sei si cumpre alguma penitencia,
Sem ter, como o mendigo, onde se acoite ;
Aos astros — colossal vaga se afoite —
Eil-a tambem na doida effervescencia.

Quando se acalma o vento, ella se acalma ;
Quando serena o mar, ella serena,
E, como a garça branca, além se espalma...

Porque vaga na espuma ? porque pena ?
Meu Deus ! de quem será, no mar, est'alma
Branca, entre a terra e o céu, branca açucena ?

MATHIAS José dos Santos CARVALHO

Natural da Bahia, nascido a 24 de fevereiro de 1851, e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 7 de novembro de 1901.

Dedicou-se á vida commercial.

BIBLIOG. [illegible] *Linha [illegible]* [illegible], Rio [illegible] *Riel*, poema. Rio, [illegible]

SONETO

Quando te vejo, fico pensativo,
E, na verdade, esse sorrir ferino
Na flor da tua bocca é um assassino,
E' um florete envenenado, vivo.

Entretanto, eu não sei porque motivo
Sigo o teu passo, assombro feminino !
Se quasi sempre vejo o meu destino
N'esse teu labio em traço decisivo !

Amar-te ! eis o requinte da loucura !
Mereces um despreso soberano...
Vae-te ! não te acompanho... ó desventura !

Passas ? e eu vou na tua luz, insano !
É isto o que nos leva á sepultura,
Esse bandido — o Coração humano !

SYLVIO ROMÉRO

Nasceu na cidade do Lagarto, Sergipe, a 21 *de abril de* 1851. *Bacharel em direito pela Faculdade do Recife. Lente das Faculdades de Direito do Rio de Janeiro e do Collegio Pedro II. Critico, historiador e poeta. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Hippolyto da Costa.*

BIBLIOG. — *Cantos do fim do seculo*, Rio, 1878 ; *Ultimos harpejos*, Porto Alegre, 1883.

A VIOLA

Quanto eu te amava, oh ! rustico instrumento
Tu que as maguas, as dores allivias
Da sertaneja em mansas melodias,
Inda hoje me vens ao pensamento !...

Puro e bom despertava o sentimento,
A alma dourando, como doura os dias
O sol — nosso conviva... e tu vertias
Teus gemidos subtis todos ao vento...

Companheira querida das matutas,
Confidente fiel de seus desejos,
De seus sonhos de amor, serenas luctas,

Como és boa da roça nos festejos,
Quando as morenas languidas, astutas,
Afinam pela *prima* o som dos beijos !...

ADELINA Amelia LOPES VIEIRA

Nascida em Lisboa, a 20 de setembro de 1851. *Professora publica na cidade do Rio de Janeiro. Poetisa e prosadora.*

Bibliog. — *Margaritas*. Lisboa, [illegible].

A LANCHA NEGRA

Para velar da lua a face refulgente
Nuvens pesadas vão correndo accumuladas.
E, na treva do oceano, as vagas compassadas
Passam, uma por uma, interminavelmente.

Mais do que a sombra, escura, avulta de repente
A lancha negra, vem... dos remos as pancadas
Ferem o mar, que chora, em gotas prateadas,
As lagrimas sem fim, da sua dor pungente.

Eil-a a meus pés, a lancha, e nella, silenciosa,
Embarca a doce e branca imagem de outra idade !
E vejo-a ir... sumir-se... a lancha mysteriosa !...

Então, dentro de mim, num soluço, a saudade
Murmura, a perscrutar a sombra tenebrosa :
Nunca mais voltarás, nunca mais ! mocidade.

NARCIZA AMALIA de Campos

Natural de S. João da Barra, Rio de Janeiro. e nasceu a 3 de abril de 1852. *Professora publica em seu Estado natal.*

BIBLIOG. — *Nebulosas*, Rio, [illegible]

O LAGO

Calmo, fundo, translucido, amplo, o lago
Longe, tremulo, tremulo, morria...
No seu limpido espelho a ramaria,
Curva, de um bosque punha sombra e afago.

Terra e céo, ondulando, eram na fria
Tela fundidos ! O queixume vago
Que a agua modula, de ambos parecia,
Solto, ululante, intermino, presago !

— « Trecho vulgar de sitio abstruso e agreste »
Talvez ; mas todo o encanto que o reveste
Sentisses ; contemplasses-lhe a belleza ;

Commigo ouvisses-lhe a mudez, que fala,
E sorverias no frescor que o embala
Todo o alento vital da Natureza !

José Julio da SILVA RAMOS

Formado em direito pela Universidade de Coimbra. Nasceu no Recife a 6 *de março de* 1853. *Lente de portuguez do Collegio Pedro II. Poeta, prosador e philologo. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Thomaz Gonzaga.*

BIBLIOG. — *Adejos.*

NÓS

Eu e tu : a existencia repartida
Por duas almas ; duas almas n'uma
Só existencia. Tu e eu : a vida
De duas vidas que uma só resuma.

Vida de dois em cada um vivida,
Vida de um só vivida em dois ; em summa,
A essencia unida á essencia, sem que alguma
Perca o ser una, sendo á outra unida.

Duplo egoismo altruista, a cujo enleio
No proprio coração cada qual sente
A chamma que em si nutre o incendio alheio,

O mysterio do amor omnipotente...
Que eternamente eu viva no teu seio
E vivas no meu seio eternamente.

João DAMASCENO VIEIRA Fernandes

Nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a 6 de maio de 1853, e já fallecido. Foi conferente na Alfandega da Bahia.

BIBLIOG. — *Ensaios [illegible]*, Porto Alegre, 1872; *Auroras do Sul*, Rio Grande, 1879; *A musa moderna*, Porto Alegre, 1885; *Escrinios*, Porto Alegre, [illegible]; *[illegible] da America*, [illegible] *Albatrozes*.

UM QUADRO

Acaba de baixar á funebre morada
Um vulto feminil, um corpo que faz pena,
Mais branco do que a tez de pallida açucena,
De mãos em cruz ao peito e fronte desornada.

Abandonára o lar á luz da madrugada,
E ouvindo um seductor, a casta Magdalena
Trocára da familia a recatada scena
Por esse máo viver em que a virtude é nada.

Desceu de vicio em vicio á degradante esphera
Das cynicas Ninons... E nem chorada ha sido
A flor tombada ao lodo em plena primavera.

Apenas o coveiro, olhando-a commovido,
Lembrando-se talvez da filha que tivera,
Depoz-lhe sobre a fronte um beijo estremecido.

RODOLPHO Marcos THEOPHILO

Nasceu no Ceará a 6 de maio de 1853. Pharmaceutico diplomado pela Faculdade da Bahia e residente em Fortaleza. Prosador e poeta.

Biblio. — *Campesinas*. Fortaleza

HISTORIA DE UM ATOMO

Fui atomo de rocha, fui granito,
Fui lava de vulcão, fui flor mimosa,
Fui perfume subtil de fresca rosa,
Fiz parte tambem de ethereo esp'rito.

Vaguei no espaço... Pesado aerolitho,
Transpuz mundos de essencia vaporosa ;
De santos fui arteria vigorosa,
O coração formei a ser maldito.

Nasci com a terra, gaz eu fui com ella,
Estive do Principio na procella,
Fui nebulosa, sol, planeta agora.

Ha cem mil sec'los vivo me encarnando,
Aguia no espaço, verme rastejando,
Treva da noite, rosicler d'aurora.

Francisco **LOBO DA COSTA**

Nascido na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, aos 12 *de julho de* 1853 *e fallecido na mesma cidade aos* 19 *de junho de* 1888. ***Jornalista, poeta, dramaturgo e romancista.***

BIBLIOG. — *Lucubrações*, [illegible] *Palhaças e Maripozas*, *Auras do Sul*, publicação posthuma, em 1888.

A ULTIMA CONFISSÃO DE EUGENIA CAMARA

O padre era um typo venerando,
Mais pallido que o marmor de Carrára ;
Ella a seus pés — de uma belleza rara,
Tinha os olhos no chão, o seio arfando.

Deserto estava o templo, porém quando
A voz do sacerdote se escutára,
Abriu-se a porta da secreta ara,
E um archanjo de luz passou chorando.

— Crê em Deus, minha filha ? — Eu o idolatro.
— De que se accusa ? que peccado ha feito ?
— Meu padre, perdoae-me, eu tenho quatro.

— Credo em cruz ! Brada o velho, a mão no peito.
— Amo a gloria, o prazer, amo o theatro
E Castro Alves morreu por meu respeito.

RODOLPHO Gustavo DA PAIXÃO

Nasceu a 13 de julho de 1853 no Estado de Minas. Engenheiro e official do Exercito. Foi governador do Estado de Goyaz e actualmente representa seu Estado na Camara Federal.

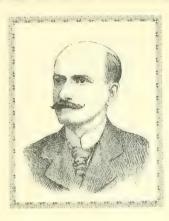
BIBLIOG. — *Miscellanea*, Porto Alegre, [illegible]; *Trenos e Cantos*, Rio, [illegible]; *Inconfidencia*, poema, Rio, [illegible].

DOR!

O céo procuras, coração alado,
Emquanto de meu peito, immerso em dores,
Vão-se, uma a uma, as redolentes flores
Que teu labio orvalhou de riso amado !

A pouco e pouco, entenebrece o fado
A estrella que fulgiu a meus amores ;
Já por teus olhos de ideaes fulgores
O mundo não verei illuminado !

Fria, te oscúlo e mais te quero agora,
Que o dissolver visivel da materia
A tua rosea bocca descolóra :

Ai ! não te julgo inanimada, filha !
Em tua fronte juvenil, a etherea
Graça dos anjos docemente brilha !

Joao Baptista de CASTRO REBELLO Junior

Nascido a 25 de novembro de 1853 na cidade de S. Salvador, Bahia, e fallecido a 20 de abril de 1912. Bacharel em direito pela Academia do Recife. Politico militante em sua terra natal. Jornalista e poeta.

BIBLIOG. — *Livro de um anjo*, Bahia, [illegible]; *Poema do lar*, Bahia, 1902; *Ardentias*, Lisboa, [illegible]; *Louros e Myrtos*, Bahia.

IMMACULATA VISIO

De alma embebida nessa imagem pura,
De olhos no azul do seu destino immersos,
Hei de queimar-lhe sempre á formosura
O nardo e a myrrha destes pobres versos.

Hei de, em psalmos de amor, vibrando a lyra
Psalmos de amor sem echos de esperança,
Glorificar a musa que me inspira
Musa adorada ! esplendida creança !

Timido a invoco, e sei que me perdôa,
Porque dos anjos a lustral corôa
Lhe cinge a fronte graciosa e bella.

Timido a invoco, e faz-se até risonha,
Porque é de joelhos que minha'alma a sonha,
Porque é sonhando que me lembro della.

IGNEZ SABINO Pinto Maia

Nascida a 31 de dezembro de 1853, em Pernambuco, e fallecida na cidade do Rio de Janeiro a 13 de setembro de 1911. Jornalista, romancista e poetiza.

BIBLIOG. — *Contos e lapis — Luctas do Coração*

A MORTE

Fria, insensivel, dá o filtro em taça
Que apaga lentamente a luz da vida,
Subtil, caminha avante a fementida,
Estampando na fronte uma cor baça...

N'aquelle qu'inda ha pouco então sentia
Pulsar o coração, ferver o sangue,
Mas que agora, prostrado, hirto, exangue,
Cadaver, dá-se aos vermes n'este dia.

Prestando até passiva obediencia
Ao duro mando teu a terra acceita
Na sua maternal benevolencia.

A seiva que dá flor, que a tumba enfeita,
Adornando esta triste residencia
Um dia pelo pó em pó desfeita !...

LUCIO DE MENDONÇA

Nascido a 10 de março de 1854, no municipio de Pirahy, Rio de Janeiro, e fallecido na cidade deste nome a 23 de novembro de 1909. Foi ministro do Supremo Tribunal Federal. Poeta, jornalista e romancista. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Fagundes Varella.

BIBLIOG. — *Nevoa matutina*, Rio, [illegible], *Alvoradas*, *Vergastas*, Rio, [illegible], *Canções de Outomno*, *Murmurios e Clamores*, Rio, 1902.

A BESTA MORTA

Na senzala, no chão, numa esteira amarella,
Jaz o filho de Cham, o maldicto. É um velho.
No mal coberto hombro os vestigios do relho
Traçaram-lhe uma cruz, — a unica que o vela.

Cruza no peito as mãos roidas do trabalho.
Sobram do cobertor os grossos pés informes.
— Dorme, descança emfim, que do somno em que
[dormes
Já não póde accordar-te a sanha do vergalho !

Como unica oração que tua alma proteja,
Por sobre a podridão de tua bocca fria
Vibra no ar zumbindo a mosca de vareja...

Emquanto, ao longe, o sino, em voz cançada e lenta,
Reza, doce christão, a sua *ave Maria*,
E o moribundo sol as nuvens ensanguenta.

VIRGILIO BRIGIDO

Nasceu no Ceará a 27 de abril de 1854. Bacharel em direito, advoga na cidade do Rio de Janeiro. Politico militante. Jornalista.

[illegible] — *Cantos do amanhecer*, Recife, [illegible]

NUM ALBUM

Almas puras que andaes por este mundo
Em procura da luz immorredoura ;
Da luz amiga que rebrilha e doura
Dos seres bons o coração profundo ;

Almas puras, que ao frio da desgraça,
Tremeis, e que aos amargos desenganos
Tendes maguada a bocca e a sobrehumanos
Soffrimentos gemeis ; cheias de graça,

Almas cheias de amor, que andaes em pena,
Aqui nesta mansão que vos acena
Vinde pousar ; ha luz aqui, profundo

Abre-se o céo ; balsamo santo apaga
A dor que punge, o padecer que esmaga,
Almas puras que andaes por este mundo.

Francisco AURELIO DE FIGUEIREDO

Nascido na cidade de Area, Estado da Parahyba, a 3 de agosto de 1854. *Artista pintor, foi discipulo de seu irmão Pedro Americo. Tem o curso da Escola Nacional de Bellas Artes, onde se matriculou em* 1870. *Residente na cidade do Rio de Janeiro. Romancista e poeta.*

A' PINTURA

O' Arte Pictural, que desde a antiguidade
Vens gravando na téla uma impressão sentida,
Explica-me o mysterio, a força despendida
Com que fazes surgir do nada a realidade!

Por que mago condão um feito, uma entidade,
As tragedias do amor, a comedia da vida
Tudo fazes brotar de superficie unida
Sem relevo sequer e sem profundidade !...

Como pódes fazer a tela inanimada
Cantar, sentir, gemer ou suspirar amores
Transmittindo emoções de alma a alma enlevada?

Que magia transforma o impalpavel das cores
Em plastica real na trama delicada ?...
— Pergunta ao Ticiano e aos Mágos Reis Pintores

OVIDIO dos Santos MELLO

Nasceu no municipio de S. João Marcos, Estado do Rio de Janeiro, a 7 de agosto de 1854. Exerce o cargo de tabellião de notas na cidade da Barra do Pirahy.

O RIO

Do seio agreste da feraz montanha,
Desce um fio de prata lentamente
E cresce e se avoluma — eis a corrente
Do branco arroio que a floresta banha.

E cresce mais e mais, e é já tamanha
Essa caudal que, n'um rugir fremente,
Escava a terra e lucta frente a frente,
Do rochedo, a rasgar-lhe a propria entranha.

Mais possante, no entanto, do que o rio,
Estruge o mar que, indomito e bravio,
Estrangula-o n'um sorvo longo e forte.

Assim o homem nasce, cresce, e lucta,
E após vencer o rio e a pedra bruta,
Vai succumbir, além, no mar da Morte.

ALFREDO Lino Maciel AZAMOR

Nascido na ilha das Cobras, cidade do Rio de Janeiro, a 23 de setembro de 1854 e fallecido em Nictheroy a 23 de fevereiro de 1905. Funccionario publico.

BIBLIOG. — *Sensitivas*, Nictheroy, [illegible]

SONETO

Luctei contra o cruor dessa existencia
Que é partilha do pobre e do illetrado ;
Soffri, sem nunca ter desanimado,
Mil torturas da humana contingencia.

Das luctas, dos trabalhos na inclemencia,
Sempre o mundo me viu calmo, esforçado ;
Da esperança christã vivificado
Forte me achei do mal contra a violencia.

Mas quando... ai !... nesse inolvidavel dia
Em que em seu berço um riso que conforta
A vida, eu procurava e achei-a fria...

A minha filha !... fria... inerte... morta !...
Em pranto se desfez toda a energia...
Tamanha dôr, meu Deus ! — ninguem supporta.

JOSÉ Carlos DO PATROCINIO

Nascido em Campos, Rio de Janeiro, a 8 de outubro de 1854 e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 29 de janeiro de 1905. Pharmaceutico pela Faculdade desta cidade. Chefe do movimento abolicionista. Redactor principal da « Gazeta da Tarde » e « Cidade do Rio ». Jornalista, orador e romancista. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Joaquim Serra.

O SECULO

Apparição de luz, em sombras de ruinas,
O seculo quer luz, algemas despedaça...
Vae buscar os seus reis no turbilhão da praça,
Vae buscar seus heróes no pó das officinas.

Se ás vezes inflammando as coleras divinas
Com a sombra de Thiers os thronos ameaça,
Nas ruas de Paris desarma a populaça,
E deixa enferrujar o fio ás guilhotinas.

Quer encontrar na paz o mundo transformado,
A familia no amor e na razão o Estado ;
Evangeliza ao povo, estuda, pensa e crê.

Se as velhas abusões elle abysmou na treva,
A sciencia novo deus nos cerebros eleva
Sob as constellações brilhantes do A. B. C.

LUIZ Augusto DOS REIS

Natural da cidade do Rio de Janeiro, onde se dedicou ao magisterio. Jornalista, prosador e poeta.

BIBLIOG. — *Cantos e Prantos.*

PRÆSAGIUM

Quando a molestia os dedos te afilava
Emmagrecendo as mãos, foste guardando
Calada e triste os teus anneis, estava
Não muito longe a Morte te chamando.

Um só annel tu conservaste e quando
Nesse dia fatal prestes chegava
O instante da partida, elle, deixando
A tua mão, tambem te abandonava.

Era o annel conjugal. O Fado adverso
Quiz que désses assim o ultimo preito
Ao nosso Amor, emquanto que submerso

Na enorme Dôr que me rasgava o peito,
Vi-o rolar (presagio atroz, perverso !)
Sobre o tapete á beira do teu leito.

CARMEN FREIRE

Baroneza de Mamanguape. Nascida a 2 de março de 1855 *na cidade do Rio de Janeiro, e ahi fallecida a* 13 *de setembro de* 1891.

BIBLIOG. — *Visões e Sombras*, Rio, [illegible], publicação posthuma

A LAGRIMA

Nascida na ternura ou na tristeza
Limpida gotta dos orvalhos d'alma,
Tu, lagrima saudosa, muda e calma,
Que força enorme tens nessa fraqueza ?

Possues mais que o poder da realeza,
Quando és filha da dor que o pranto acalma,
E, qual gotta de orvalho em verde palma
A' palpebra chorosa ficas presa !

Estrella da saudade, flor de neve,
Que o vento da tristeza faz brotar,
Amo o teu brilho nessa luz tão breve

Do breve globo teu... immenso mar
Cujos fundos arcanos não se atreve
Nem se atreveu ninguem jámais sondar !

HORACIO NUNES Pires

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 3 de março de 1855. *Inspector geral da Instrucção Publica no Estado de Santa Catharina. Jornalista, poeta, folhetinista, dramaturgo, romancista e comediographo.*

BIBLIOG. — *Poesias esparsas.* Usa do pseudonymo de Fulvio Coriolani.

NO CEMITERIO

Riqueza... orgulho... luxo... ostentação... vaidade...
Olho em roda... que vejo ?... O marmore custoso,
Cinzelado e brilhante, erguendo-se orgulhoso
Junto da pobre cruz — na terra da igualdade !

Mentira sempre... até no mundo da verdade,
Negra ironia atroz, falso sentir, doloso
Até perante o — nada — extremo e doloroso
Do pó em que termina a pobre humanidade !

Sempre o forte a pisar o fraco, o abandonado,
Sempre o grande esmagando o misero, o pequeno,
Sempre o feliz ferindo o pobre, o desgraçado !

Ah ! vaidade fatal ! — triumpha o teu veneno,
Até na morte, assim, — do verbo immaculado,
Da palavra de luz do doce Nazareno !

Francisco Antonio de CARVALHO JUNIOR

Nascido na cidade do Rio de Janeiro aos 6 *de maio de* 1855 *e fallecido aos* 3 *de maio de* 1879. *Bacharel em direito pela Academia de S. Paulo, seguiu a magistratura.*

SONETO

Quando, pela manhã, contemplo-te abatida,
Amortecido o olhar e a face descorada,
Immersa em languidez profunda, indefinida,
O labio resequido e a palpebra azulada ;

Relembro as impressões da noite consumida
Na lubrica expansão, na febre allucinada,
No goso sensual, frenetico, homicida,
Como a lamina aguda e fria duma espada.

E ao vêr em derredor o grande desalinho
Das roupas pelo chão, dos moveis no caminho,
E o *boudoir*, emfim, do cahos um fiel plagio,

Supponho-me um herói da velha antiguidade,
Um marinheiro audaz após a tempestade,
Tendo por pedestal os restos d'um naufragio !...

ARTHUR Nabantino Gonçalves de AZEVEDO

Natural do Maranhão. Nascido a 7 de julho de 1855, *e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a* 22 *de outubro de* 1908. *Director geral no Ministerio da Viação. Poeta, comediographo, jornalista e critico. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Martins Penna.*

BIBLIOG. — *Carapuças*, S. Luiz, 1872; *Sonetos*, Rio, 1876; *Contos em verso*, Rio, 1909; *Rimas*, publicação posthuma

SONETO

Durante essa catastrophe hedionda,
Que os corações encheu de eterno lucto,
Infortunio tão barbaro, tão bruto
Que até faz crer ás vezes Deus se esconda,

Uma pobre mulher boia na onda
E consegue chegar ao solo enxuto,
Porque do amor embryonario fructo
O fecundado ventre lhe arredonda.

Oh, mãe que foste pelo céo poupada !
Mãe que te viste naufraga perdida,
No pelago medonho abandonada !

Se o teu filho crescer, agradecida,
Dize-lhe um dia, em lagrimas banhada,
Que elle antes de nascer salvou-te a vida !

CLODOALDO FREITAS

Nasceu em Oeiras, do Piauhy, a 7 de setembro de 1855. Formou-se em direito pela Faculdade do Recife em 1885. Prosador e poeta.

BIBLIOG. — *O Inferno de Dante*, trad. em prosa.

O PARNAHYBA

Grande arteria vital da terra amada,
Imponente e feraz, lá vem rolando,
No largo leito sobre areias, brando,
Do progresso e do bem perenne estrada !

Ninguem lhe viu jámais onda irritada
Por entre escuros furacões chofrando,
Rio de paz e amor, corre entoando,
Nas ramagens do ingá canção magoada !

Vem tranquillo e caudal regando as terras,
Entre mattas, vergeis, chapadas, serras,
Crestadas pelo sol ardente e forte...

Passa em marcha triumphal, e a onda mansa,
Canta o festivo hymnario da esperança,
Pelo immenso porvir da Flor do Norte !

CINCINATO LOPES

Natural da cidade do Recife, Estado de Pernambuco, e nascido em 1855.

Doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde exerce a clinica. Lente da Escola Nacional de Bellas Artes.

SONETO

Não merece censuras a Vaidade,
Que muitos querem, seja reprovavel ;
Esse fraco geral da humanidade
Ao contrario, parece bem louvavel.

Porque julgal-o máu e condemnavel ?
Porque não dar-lhe apreço, na verdade,
Se longe de tornar-se censuravel,
Com elle se alimenta a caridade ?

Quantas dores e quantos soffrimentos
Que finariam vidas preciosas,
Des' parecem em bellos monumentos ?

Filhos sim, de vaidosos sentimentos,
Esses azylos, creações custosas,
Sanam magoas e curam mil tormentos.

EMILIO do Amaral RIBEIRO

Nasceu na cidade de Porto-Alegre, Rio Grande do Sul, a 30 de dezembro de 1855. Dedica-se ao commercio na cidade do Rio de Janeiro.

SONETO

Dos brancos cirios a luz
Bem clara a sala tornava
Aonde um Christo na cruz
Um corpo morto velava.

Como p'ra mais exaltar
A scena, aqui esboçada,
Sobre o defunto, a chorar
Vê-se a mulher debruçada.

Trepando sobre um banquinho,
Uma creança, um anjinho,
Foi o defunto abanar

Dizendo muito amuado :
Papai é mau, s'tá calado
Vendo a Mamãe a chorar !

Antonio FONTOURA XAVIER

Natural do Rio Grande do Sul. Nascido a 7 de junho de 1856. Abraçou a carreira diplomatica.

BIBLIOG. — *Opalas*, Pelotas 1884

ESTUDO ANATOMICO

Entrei no amphitheatro da sciencia
Attrahido por mera phantasia,
E aprouve-me estudar anatomia
Por dar um novo pasto á intelligencia.

Discorria com toda a sapiencia
O lente, numa mesa, onde jazia
Uma immovel materia, humida e fria
A que outr'ora animara humana essencia.

Fôra uma meretriz : o rosto bello
Pude, timido, olhal-o com respeito
Por entre as negras ondas do cabello ;

A convite do lente, contrafeito,
Rasguei-a com a ponta do escalpello,
E... não vi coração dentro do peito.

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Commerciante, natural do Rio Grande do Sul e nascido a 3 de setembro de 1856.

BIBLIOG. — *Sonetos de* [illegible], Rio, [illegible]

BACCHANAL

Tem a palavra o Oiro, que irradia,
Nesta sala : — a tribuna é o *voltarete*...
Numa segunda sala explode a Orgia,
Noutra, come-se e bebe se : — é o banquete !

Tinem crystaes ; as damas no tapete
São atiradas pelo Malvasia !
A orchestra toca um suave minuete...
O' bohemia dos risos, — Alegria, —

Emquanto a rosea tunica tu roças
Por cameras de seda alcatifadas,
Nessas cavernas lucidas dos Vicios,

Que desgostos se curtem nas palhoças !
Quantos morrem de fome nas estradas !
Quantos gemem no ventre dos hospicios !...

Eduardo CORRÊA DE AZEVEDO

Nascido a 26 de setembro de 1856 no municipio de Cantagallo, Rio de Janeiro, e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 3 de julho de 1908.

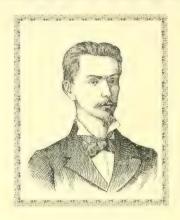
Doutor em medicina, exerceu a clinica no Estado de Minas e em sua terra natal. Poeta e jornalista.

ABIGAIL

Olha bem para mim !... Vês este esboço
De um fugitivo e pallido sorriso ?
Com elle é que disfarço e inutilizo
A saudade do meu viver de moço.

A fronte me branqueja ? Eis o destroço
Das tormentas moraes — gelo e granizo —
Tu, creança gentil, lago sem friso,
Da existencia não sentes o alvoroço.

Invejo, Abigail, teu riso franco,
Sereno, como o alvor de um lirio branco,
Sonoro, como limpidos crystaes.

Alma do lar e vida de outras vidas,
Que mundo de affeições ha resumidas
Nesse nome : alegria de meus paes !...

THEOPHILO DIAS de Mesquita

Sobrinho de Gonçalves Dias. Nascido em Caxias, Maranhão, a 28 *de fevereiro de* 1857 *e fallecido em S. Paulo a* 29 *de março de* 1889. *Bacharel em direito e professor na Escola Normal dessa cidade.*

BIBLIOG. — *Lyra d*[illegible], Rio, [illegible]; *Cantos Tropicaes*, Rio, 1878; *Fanfarras*, S. Paulo, 1882; *A Comedia dos Deuses*, poema, 1887.

SAUDADE

A saudade da amada creatura
Nutre-nos n'alma dolorido goso,
Uma ineffavel, intima tortura,
Um sentimento acerbo e voluptuoso.

Aquelle amor cruel e carinhoso
Na memoria indelevel nos perdura,
Como acre aroma absorto na textura
De um cofre oriental, fino e poroso.

— Entranha-se ; invetera-se ; — de geito
Que do tempo ao volver, lento e nocivo,
Resiste ; — e ainda mil pedaços feito

O ligneo carcer, que o retem captivo,
Cada parcella reproduz perfeito
O mesmo aroma inalteravel, vivo.

ALUIZIO DE AZEVEDO

Maranhense, nascido a 14 de abril de 1857 e fallecido em Buenos Aires a 21 de janeiro de 1913. Fazia parte do Corpo Consular Brasileiro.

Romancista e escriptor theatral. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Basilio da Gama.

POBRE AMOR

Calcula, minha amiga, que tortura !
Amo-te muito e muito, e, todavia,
Preferira morrer a ver-te um dia
Merecer o labéo de esposa impura !

Que te não enterneça esta loucura,
Que te não mova nunca esta agonia,
Que eu muito soffra porque és casta e pura,
Que, se o não fôras, quanto eu soffreria !

Ah ! Quanto eu soffreria se alegrasses
Com teus beijos de amor, meus labios tristes,
Com teus beijos de amor, as minhas faces !

Persiste na moral em que persistes.
Ah ! Quanto eu soffreria se peccasses,
Mas quanto soffro mais porque resistes !

MARCELLINO LOPES de Souza

Poeta paraense, nascido em Belém a 4 de julho de 1857. *Tendo começado o curso de direito em Pernambuco não o concluiu, porque, indo em* 1880 *passar as ferias em sua provincia natal, enlouqueceu junto á sepultura de sua Mãe, no cemiterio de N. S. da Soledade. Enviado para o Hospicio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, ahi falleceu a* 27 *de outubro de* 1886.

SONETO

Perdi... perdi já tudo ! Nem já sinto
Sorrir-me dentro d'alma ũa esperança !
Enlevos de mancebo... amor, bonança !
Ai ! tudo se findou ! por Deus, não minto !

Tirae-me o coração ! — De magua tinto —
Siquer n'elle achareis uma lembrança
Dos gosos que frui quando, em creança,
Do riso e do prazer cingiu-me o cinto !

E assim hei d'eu morrer ? ! Meu Deus, que sina !
Morrer... morrer sem nunca haver ditoso
Do amor gosado, em vida, a luz divina !

Morrer... morrer vergado ao peso iroso
D'acerrima desgraça, vil, ferina,
E' triste, é triste, ó Deus ! muito horroroso !

Joaquim Francisco de ASSIS BRASIL

Natural do Rio Grande do Sul. Nasceu a 29 de julho de 1857. E' bacharel em direito por S. Paulo. Foi deputado á Constituinte republicana, governador do seu Estado e ministro diplomatico em Portugal.

Biblios. — *Chispas*, S. Paulo, [illegible]; *Libello a Deus*, poema, 1882.

A EGREJA

Já foste grande e boa, olympica e sagrada ;
Domavas do tyranno a furia sobranceira,
E era a ti que corria a ovelha amedrontada,
Para fugir do lobo á garra carniceira ;

Porém, feita de pedra, immovel, emperrada,
Não pudeste seguir dos tempos a carreira :
Soprou de *Oitenta e Nove* a rispida rajada,
E o vulto mergulhou-te em nuvens de poeira.

Já te não busca não, a alma entristecida
Nem o peito que sangra em vortice cruento,
De mortas illusões na febre que trucida :

Gelou-se-te no seio o coração poento,
E em vão ergues ao céo a torre ennegrecida,
Onde pia, sinistro, o mocho somnolento.

AMERICO MOREIRA

Nasceu a 28 de novembro de 1857 na cidade de São Salvador, Bahia.

Abraçou a vida commercial.

BRINDE DE HONRA

Se ha nesta vida um Deus para os acasos
E pela humanidade o bem reparte,
Que te dê da Fortuna a melhor parte,
Que venturas te dê sem lei, nem prazos,

Eu de alegria, tenho os olhos rasos
De lagrimas, querida, ao vir brindar-te,
Quando vejo que, até para saudar-te,
As flores se debruçam pelos vasos!

O meu brinde é summario, curto, breve.
Se um nome que se quer, quando se escreve,
Quebra-se a penna em traços ideaes,

Um anjo como tu, quando se brinda,
Tem-se a missão cumprida e a festa finda:
Quebra-se a taça, não se bebe mais!

FRANCISCO DE CASTRO

Nascido a 17 de dezembro de 1857, na Bahia, em cuja Faculdade medica se formou, e fallecido a 11 de outubro de 1901. Lente cathedratico e director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Professor, prosador, poeta e orador. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Francisco Octaviano, tendo sido substituido por Martins Junior.

BIBLIOG. — *Harmonias errantes*, Rio, [illegible], *Castro Alves*, poesia no decennario do poeta.

E' TARDE

Mulher linda, poetica
Se não és anjo — ignoro ;
Por isso é que te adoro
Com devoção ascetica.

E choro a angustia sceptica
De mortos sonhos d'ouro :
E' de um eterno choro
A lagrima prophetica.

Eu amo-te ! Oh loucura !
Da morte o atroz grilhão
Me prende á sepultura.

No peito, que é vulcão,
Ignota voz murmura :
E' tarde, coração !

Francisco de PAULA NEY

Nasceu no Estado do Ceará, na cidade de Fortaleza, a 2 de fevereiro de 1858. Poeta e jornalista. Publicou com Coelho Netto e Pardal Mallet — o Meio social, politico, litterario e artistico em 1889. Falleceu na Capital Federal a 13 de outubro de 1897. Era amanuense da Directoria de Saude Publica.

ADEUS!

Vôa, minh'alma, vôa pelos ares,
Como um trapo de nuvem fluctuante;
Vai, perdida, sosinha e soluçante,
Distende as azas tuas sobre os mares!

Leva comtigo os languidos scismares,
Que um dia acalentaste, delirante,
Como acalenta o vento roçagante
A copa verde-negra dos palmares!

Atira tudo isto aos pés de Deus,
Lá onde brilha a luz e estão os céus,
E virgens mil c'roadas de verbena.

Isso que já brilhou como uma estrella
A Deus dirás: só pertenceu a ella,
Corpo de anjo, coração de hyena.

HEMETERIO José DOS SANTOS

Natural do Maranhão, nascido a 3 de março de 1858. Professor cathedratico do Collegio Militar e da Escola Normal da cidade do Rio de Janeiro. Prosador e philologo.

CARMES

Para galgar a estrada tortuosa
Que vem do berço ao fim da vida breve,
Eu sinto que me falta a côr de neve
Da rosea tua face setinosa.

O destino inclemente, por nodosa
Aspera linha a vida me descreve ;
Mas tu só, branco amor, tu podes, leve
Tornar-me a falsa culpa deleitosa.

Depois de tanto soffrimento duro,
E dos vae-vens de um pelago de abrolhos,
Pela falhada luz do rosto escuro,

Dos bons e máos, eu lastimado ser,
Volve-me, tu, divina, os pios olhos,
E acompanha-me n'este atroz viver.

Antonio AUGUSTO DE LIMA

Nasceu em Sabará, Minas, a 7 de abril de 1858. *Formado em direito, é magistrado em seu Estado natal e lente da Faculdade de Direito de Bello Horisonte. Prosador, poeta e orador. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de França Junior. Politico militante. Deputado federal por Minas Geraes.*

BIBLIOG. — *Contemporaneas*, [illegible]; *Poesias*, [illegible]

EPILOGO

Ideal tão sonhado, sonho puro,
Inaccessivel á miseria humana,
Tenue vapor da aspiração insana,
Tanto me foges, quanto te procuro

Sonho o bem immortal ; mas o futuro,
Frio estuario, ao lago do Nirvana
Leva os seres ephemeros, que irmana
No mesmo nada eternamente obscuro..

Impetuoso coração, que esperas ?
Basta ! Que esperas através de escolhos,
De diluvios, volcões e terremotos ?

Sangrei meus labios de beijar chimeras ;
Cegos de vêr miragens tenho — os olhos,
E de abraçar o vacuo — os braços rôtos !

José HYPPOLITO da Silva DUTRA

Natural de S. Paulo, onde foi guarda-livros. Nasceu na cidade de Campinas a 13 de agosto de 1858 e falleceu em Aguas Virtuosas de Lambary, Minas, a 24 de setembro de 1909. Poeta e jornalista.

A BACCHANTE

Era moça e formosa. O seio avelludado
O cofre devia ser das illusões divinas...
Era a — deusa da orgia — e tinham-na acclamado
Os pallidos *galans* e as doidas heroinas.

Se ao fervido *cliquot* das taças crystallinas
Tinha a cabeça em fogo e o cerebro turbado,
Dançava esse *Kankan* febril, desenfreado,
Que o fumo da embriaguez inspira ás messalinas.

Depois, quando os Romeus, os lubricos amantes,
Atiravam-lhe ao cóllo os bolsos infamantes,
Havia em seu olhar esplendoroso brilho...

Ficava pensativa, triste, irresoluta,
E um dia houve quem visse — a ebria, a dissoluta—
Beijar uma medalha e murmurar — « Meu Filho ! »

MUCIO Scoevola Lopes TEIXEIRA

Poeta rio-grandense do Sul, nascido em Porto Alegre a 13 de setembro de 1858. Foi consul do Brasil na Venezuela e reside actualmente na cidade do Rio de Janeiro.

BIBLIOG. — *Vozes Tremulas*, *Violetas*, *Ondas e Nuvens*, *Sombras e Clarões*; *Novos ideaes*, *Prismas e Vibrações*; *Huguenianas*; *Poesias e Poemas*; [illegible]; *Semblanzas Venezolanas, Brasileñas y Lusitanas*; *Poesias de Don Mucio Teixeira*; *Poesias escolhidas*, 2 vols.; [illegible]; *Campo Santo*, edição illustrada.

O SONHO DOS SONHOS

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado distrahido,
Por tanto bem — tão mal comprehendido,
Por tanto mal — tão bem recompensado !...

Em vão relanço o meu olhar cançado
Pelo sombrio espaço percorrido :
Andei tanto — em tão pouco... e já perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado !

E assim prosigo, sempre audaz e errante,
Vendo, o que mais procuro, mais distante,
Sem ter nada — de tudo que já tive...

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais julgo a vida — o sonho mal sonhado
De quem nem sonha que a sonhar se vive !...

ERNESTO Augusto de SENNA Pereira

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 22 de setembro de 1858. Falleceu a 19 de outubro de 1913. Jornalista, pertenceu desde 1886 ao corpo de redacção do « Jornal do Commercio » do Rio. Membro de varias associações scientificas e litterarias nacionaes e estrangeiras. Deixou varias poesias esparsas.

SONETO

O passado esqueci. Tristes lembranças
Da memoria apaguei... Sigo outro norte,
Irei comtigo onde quizer a sorte,
De crenças cheio e cheio de esperanças.

Quem a roubar-te ao meu amplexo forte
Se atreveria ? As longas negras tranças
Esparze como um lago de bonanças
E deixa-me sonhar até á morte.

Sonhar... Sonhar... Que importa o mais ? Amar-te
Ver-te, sentir-te em tudo em toda a parte
Venha amanhan a morte impenitente...

Doce ha-de ser a morte horrenda e fera
No teu regaço ; cavarei contente
O meu sepulchro, em plena primavera !

Antonio VALENTIM da Costa MAGALHÃES

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 16 de janeiro de 1859, e ahi fallecido a 17 de Maio de 1903. Advogado e professor. Prosador, poeta, jornalista e critico. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Castro Alves.

BIBLIOG. — *Cantos e lutas*, [illegible]; *Colombo e Nené*, poemeto, [illegible]; *Vida de seu Juca*, parodia da «Morte de D. Joao», de Guerra Junqueiro, [illegible]; *Nova poesia — Rimario*, Paris, 1900.

A NAU DA VIDA

Veleja a náu da Vida... De repente :
— Mais um ! brada Saturno, e ás ondas lança
O cadaver de um anno... Docemente
Deslisa o barco ao sopro da Esperança.

Canta na tólda a Juventude ardente ;
Chora a Velhice e invalida descança ;
E a Morte — nuvem negra, — indifferente,
Por sobre as aguas perfidas avança.

— Mais um ! repete o nauta apavorado ;
Como um funebre pendulo, oscillando
Na Duvida, que o punge e que o tortura ;

— E emquanto o sol da Vida, rutilando,
Lhe aquece e beija o craneo atordoado,
Vae-se lhe abrindo aos pés a sepultura.

Bernardino da Costa LOPES

Natural do Estado do Rio de Janeiro. Nasceu a 18 de janeiro de 1859, na cidade do Rio Bonito. Funccionario publico aposentado.

Bibliog. — *Chromos*, Rio, [illegible]; *Bra[illegible]*, Rio, [illegible]

CHROMO

Na alcova sombria e quente,
Pobre de mais, se não erro,
Repousa um moço doente
Sobre uma cama de ferro.

Pede-lhe baixo, inclinada,
Sua mulher, que adormeça,
Em cuja perna curvada
Elle reclina a cabeça...

Vem uma loira figura
Com a colher da tintura,
Que elle recusa num *ai* !

Mas o solicito anjinho
Diz-lhe com riso e carinho :
« Bebe, que é doce, papae ! »

Antonio Mariano ALBERTO DE OLIVEIRA

Nascido no Estado do Rio de Janeiro a 28 de abril de 1859. Pharmaceutico, dedica-se ao magisterio na cidade do Rio de Janeiro. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Claudio Manoel da Costa.

[illegible] *Meridionaes, Sonetos e Poemas, Versos e Rimas; Por amor de uma lagrima, Livro de Ema, Poesias*, ed. definitiva, Paris, 1900; *Poesias*, [illegible] serie, Paris, [illegible]

ACCORDANDO

Quero-te, vem ! se acaso da neblina
Do sonho as fórmas desatar te é dado,
Se não és sonho tu, se, ora accordado,
Posso tocar-te, sombra peregrina !

Com o mesmo rosto, pallido e maguado,
Triste o sorriso á bocca purpurina,
Com o todo, emfim, de apparição divina,
Rompe da nevoa, meigo vulto amado !

Encarna-te ! apparece ! exsurge ! acode !
E em minha fronte a coma ondeante e escura,
Cheia de orvalhos, humida, sacode ;

Mas se te dóe pisar este medonho
Chão de abrolhos que eu piso, imagem pura,
Torna outra vez a apparecer-me em sonho.

Francisco MOREIRA DE VASCONCELLOS

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 25 de julho de 1859 e falleceu, quando representava, no theatro de Palmares Estado de Pernambuco a 23 de fevereiro de 1900. Poeta e dramaturgo.

BIBLIOG. — *O Espectro do Rei*, poema. *Scenographias sensiveis*. *A luz da rampa*, sonetos. *Tragedia no céo*. *Angelus* — *Manhãs sonoras*.

MARIA DURAND

Era um mixto ideal de cousas encantadas,
Ovantes, sideraes, phantasticas, incriveis,
Quando ao sopro do genio as azas invisiveis
Soltava, branca alcyone, ao mar das alvoradas...

Sonóras, crystallinas, fortes e sensiveis,
Rompiam pelo espaço as musicas aladas,
E, tinha na larynge o cantico das fadas,
N'um doido turbilhão de notas impossiveis.

Sentia-se a pressão d'um sonho inexpugnavel !
Rugia em nosso peito esplendida, indomavel,
A fulva crispação d'um goso inda moderno ;

E quando o seu olhar, na nota derradeira,
Se enlanguecia todo, em mórbida quebreira...
Havia dentro em nós as bacchanaes do Inferno !

ERNESTO CORRÊA

Poeta mineiro, nascido a 2 de novembro de 1859. Formado em direito em São Paulo, dedicou-se a advocacia na cidade de Passos, no seu Estado Natal. Poeta e prosador.

BIBLIOG. — *Psalmos modernos*

ESMOLA MYSTICA

(A' VIRGEM SANTISSIMA)

Si de teu nome as syllabas escuto
Cahindo de algum labio avermelhado,
Vem-me á lembrança o mystico impolluto
De teu todo divino e immaculado.

Vejo teu rosto suave e delicado
Como o sonhara a mente de Murillo,
E sinto em minha dor o apiedado
De teu olhar esplendido e tranquillo.

As sacrosantas paginas consulto :
Falam de ti, do teu sereno vulto ;
E o pensamento, em rapidos adejos,

Vai, atravez das nevoas do passado,
Depor em tuas plantas, humilhado,
A modesta offerenda de meus beijos.

SILVESTRE DE LIMA

Nasceu em Ventania, da comarca de Passos, sul de Minas, em 31 de dezembro de 1859. Cursou a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro até o 2º anno, entregando-s' nesse tempo, como orador, ás luctas abolicionistas. Politico, poeta e jornalista, E' redactor chefe d' «O Sertango» de Barretos, S. Paulo, onde reside.

PAE

Velho, vejo-te a fronte encanecida, e o rosto,
Que á acção do tempo cede e hora a hora se enruga;
Vae-te já frouxo o olhar, como um sol quasi posto,
Que as sombras vellam já n'uma primeira nuga.

Tua alma, eil-a, porém, firme e heroica em seu posto
Ninguem jámais a viu costas voltar, em fuga.
Treme-te a mão e, emtanto, onde quer que um des-
[gosto
Nos fira, ainda é essa mão que o nosso pranto enxuga.

Carinhos, illusões, affectos, quanto em volta
Has tido e amado, vae levando a onda revolta,
Tudo em torno de ti se esborôa e se esvae...

Só tu, cedro a que o raio ha poupado, resistes
E lanças — os dias teus vão-se alegres ou tristes, —
Tenda azul, sobre nós, tua bençam de Pae!

REVOCATA Heloisa DE MELLO

Nascida na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Tem innumeras poesias avulsas.

A UMA CARTA

Bom tempo ! se a saudade, em dôr intensa,
Abria com a lamina afiada
Uma ferida gottejante, immensa,
Na minh'alma febril, dilacerada !

Eu te relia, oh carta idolatrada,
Palavra por palavra ; em doce crença,
Soavas ao coração, pura, afinada,
Qual voz de um'harpa, seductora, extensa.

Hoje, porém, as lettras desmaiadas,
De tanta vez que aconcheguei-te ao peito,
Que apertei-te entre as mãos frias, geladas.

E's a mumia de um sonho já desfeito,
Pois a ausencia matou flôres rosadas,
Meu coração á dôr hoje é affeito !

José Cavalcante RIBEIRO DA SILVA

Nasceu em Pernambuco, em cuja Faculdade juridica se bacharelou. Advogado e funccionario publico no Recife. Poeta, comediographo, dramaturgo e jornalista.

Bibliog. — *Harmonias da tarde*, 1902

NO BANHO

Entre a copada, espessa e verde ramaria,
Hymnos á Aurora entôa alegre a passarada ;
Vem a bella camponea airosa e descuidada,
— Alva esculptura, emfim, de carne luzidia.

Approximou-se agora á margem da corrente,
E, com a timidez da célere gazella,
Como se alli houvesse alguem por perto della,
Olhou em derredor, e toda previdente...

De Venus na nudez, — o niveo pé macio
Tocou de leve n'agua, e tremula de frio,
Deixou cair do corpo a gaze transparente !

Agachou-se. Corada, estremeceu de medo ;
— De volupia por entre os ramos do arvoredo,
Sensual a espreitava, o Sol incandescente...

José Maria Teixeira de AZEVEDO JUNIOR

Nascido na cidade do Rio de Janeiro e ahi fallecido a 30 *de abril de* 1885. *Poeta e jornalista. Dirigiu O Pharol da cidade de Juiz de Fóra, Minas.*

RESPOSTA

Isso é amor e desse amor se morre!
GONÇALVES DIAS

Não ! Não fui falso ; pois se acaso crime
Fôra este amor que te votei, ardente,
Que commigo guardei e santamente,
Fiz delle o Deus que as culpas me redime ;

Se este amor — luz purissima e sublime —
Que accendeu na minha alma claramente
A viva fé de piedoso crente
Que constante ao martyrio não se exime ;

Se este desventurado amor profundo
Que te hei sagrado, é falso, é fementido,
Morreu então de todo a fé no mundo,

Nem ha virtude, tudo é corrompido,
A tudo avassallou o vicio immundo
E mais valera eu nunca ter nascido !

FILINTO DE ALMEIDA

Portuguez naturalisado brasileiro. Reside na cidade do Rio de Janeiro, onde se dedicou á actividade commercial. Comediographo e poeta. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Arthur de Oliveira.

BIBLIOG. — *Lyrica*, Rio, 188

DOR IGNOTA

Como eu te amei ! Que santa idolatria
Na minha doce infancia eu te votava !...
Se mais do que te amei, eu não te amava,
E' que amar inda mais eu não podia.

Qual o martyrio, pois, que te maguava ?
Qual era o espinho então que te pungia ?
Que amargura nublava-te a alegria ?
Que dor cruel teu peito angustiava ?

Teus olhos, nunca enxutos do teu pranto,
Tinham, ás vezes, o funesto brilho
De crua dor que eu nunca adivinhei.

Que tinhas, pois, tu que soffreste tanto ?
Responde á triste voz do triste filho,
Mãe ! terna Mãe, que eu nunca mais verei !

ETELVINA Amalia DE SIQUEIRA

Poetisa sergipana. Exerce a magisterio na capital do seu Estado natal.

SONETO

Rompia a alvorada louçã, perfumosa,
Seus gratos olores deixando no prado ;
Tremiam ainda no céo estrellado
Corymbos luzentes. Que scena formosa !...

Cantando, travessa, gentil e garbosa,
Descalça, risonha, cabello adornado
De flores silvestres, andar requebrado,
Sorvendo perfumes na bocca mimosa,

A filha das serras, a virgem selvagem,
Passava, de flores arfando-lhe o seio,
Os bastos cabellos brincando co'a aragem.

Feliz, descuidosa, sem dor, sem receio;
E a brisa fagueira na mansa passagem,
A face morena beijava-lhe em cheio.

ADELINO FONTOURA

Filho do Maranhão. Jornalista. Fallecido em Lisboa

VACUO

Não sei se póde haver padecimento
Mais profundo, mais intimo e que tanto
Nos ponha n'alma a dor que gera o pranto,
Do que um longo e tristonho isolamento :

Não ter um bem sequer no pensamento,
Nem o calor de um olhar, nem o encanto
De um amor de mulher suave e santo,
E' viver sem nenhum contentamento.

Bem sei que é bom soffrer, e me parece
Que esta vida sem dor nada seria
E que é por isso até que se padece.

Mas esta solidão continua e fria
Chega a ser tão cruel, que a não merece
Meu coração, que a dor mereceria.

HOMERO BAPTISTA

Nascido em S. Borja, Rio Grande do Sul a 30 de janeiro de 1860.

Formado em direito pela Academia de S. Paulo. Membro effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Representante federal do seu Estado natal na Camara dos Deputados, tendo sido presidente da Commissão de Finanças e relator da receita geral.

Occupa actualmente o cargo de presidente do Banco do Brasil.

SEMPRE...

Sonho. ...Tenho gravada na retina
Sua esbelta figura seductora.
Duvido. Entreabro os olhos... tentadora,
E' ella mesma, sim, meiga e divina.

Cerro os olhos, em ancia que amofina
Fugindo a' apparição dominadora ;
Mas eil-a sempre ali, como se fôra
Fixa. Bella visão que me fascina !

Fito na terra — a flôr, no céo — a estrella,
E na flôr e na estrella-deslumbrado,
Vejo sempre a formosa imagem della !

Talho, por fim, meu peito angustiado,
Em desespero ; e vendo-a ahi, mais bella,
Sinto tambem o coração sangrado !

CYRIDIÃO DURVAL

Poeta alagoano, nascido a 3 de março de 1860 *e fallecido na Bahia a* 17 *de agosto de* 1895. *Formado em direito, abraçou a magistratura. Foi tambem professor da Faculdade de Direito da Bahia. Poeta, orador e jornalista.*

BIBLIOG. — *Sonetos: Ruinas: Accordes*, Bahia, 1880.

AMOR MATERNO

Isaura, a mais cruel de todas as perdidas,
Entre os braços de Fausto, o misero rapaz,
Disse um dia a sorrir : — quem ama tudo faz...
Exijo deste amor as provas decididas. —

— Pede tudo, mulher, se queres destruidas
As duvidas que tens ; ordena e então verás
Se tenho amor ou não : de tudo eu sou capaz...
Por ti arrancarei milhões, milhões de vidas !...

E a Dalila soltou estridula risada...
Disse a Fausto : — pois bem, se tu não temes nada —
Quero de tua mãe tragar o coração !

E o louco foi buscar... de volta, no caminho,
Tropeçou e cahiu... Disseram-lhe baixinho :
« Maguaste-te, meu filho ?... Acceita o meu perdão ».

RAYMUNDO da Motta de Azevedo CORRÊA

Nasceu a 13 de maio de 1860, a bordo do vapor «S. Luiz», na bahia de Mangunça, nas costas do Maranhão e falleceu em Paris a 13 de setembro de 1911. Formado em direito por S. Paulo, fez parte da magistratura do Districto Federal. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Bernardo Guimarães.

BIBLIOG. — *Primeiros Sonhos*, Rio, [illegible]; *Symphonias*, Rio, [illegible]; *Versos e Versões*, Rio, [illegible]; *Alleluias*, [illegible]; *Poesias*, ed. portugueza, Lisboa, [illegible], [illegible] ed. em [illegible].

MAL SECRETO

Se a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma e destróe cada illusão que nasce,
Tudo que punge, tudo que devora
O coração, no rosto se estampasse ;

Se se pudesse, o espirito que chora,
Ver atravéz da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse !

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa !

Quanta gente que ri, talvez existe
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa !

OSCAR PEDERNEIRAS

Natural do Estado do Rio de Janeiro, nascido a 12 de junho de 1860 e fallecido a 26 de agosto de 1889. Bacharelou-se em direito por S. Paulo em 1882 e dedicou-se á vida da imprensa.

FORÇA NA FRAQUEZA

Alguem me exasperou ; entrando em casa irado,
Levando o peito aberto aos odios e ao furor,
Perguntou-me a mulher se estava incommodado,
Se tinha algum desgosto, alguma intensa dor.

« Nada, nada... » — em resposta apenas disse, e por
Furtar-me a ser de novo acaso interrogado,
Fui recolher-me ao quarto, entregue ao mau humor,
De quem soffrendo, quer soffrer mudo, isolado...

Sentei-me á mesa e puz-me a reflectir, mas n'isto,
Ligeira oscillação sinto na porta e avisto
Que uma debil pressão já por abril-a cança.

Levanto-me, abro e assoma o rosto suave e brando
Do meu querido filho... O meu odio estalando
Quebrou-se como um vime, aos risos da creança !

JOÃO Baptista RIBEIRO de Andrade Fernandes

Nasceu na cidade de Larangeiras, Sergipe, a 24 de junho de 1860. Lente de Historia Geral do Collegio Pedro II. Bacharel em sciencias sociaes pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Philologo, poeta, prosador e historiador. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Pedro Luiz.

Bibliog. — *Tenebra a Luz*, [illegible]; *Dias de sol*, Rio, 1884; *Avena e Cythara*, Rio, 188[illegible]; *Versos*, [illegible] ed. [illegible].

SONETO

Na floresta os crepusculos eu passo
A flôr colhendo e o saboroso fructo.
Ouço um rumor, e cauteloso, astuto
Apalpo as folhas estendendo os braços.

Fauno talvez ! e horripilado escuto...
Eis quando surge sob um sol escasso,
Não, qual imaginara, o deus hirsuto,
Mas uma nimpha de ligeiro passo.

Ah ! não fosse eu mortal e fosse dado
Ao homem ser dos deuses o peccado !
Se naquelle momento um deus eu fosse,

Ao vento a flôr e o fructo desprezando,
Minha fôra esta deusa, que é, passando,
Mais que a flôr, mais que o fructo, bella e doce.

Antonio de PADUA CARVALHO

Nascido no Pará em 1860 e fallecido a 6 de abril de 1889.

IGNOTUS

Eu não te vejo, ó sombra resplendente,
Dos meus dias nos lucidos momentos ;
Mas oiço a tua voz na voz dos ventos,
E sinto-te, translucida, na mente !

Quem é que não te crê ? Quem não te sente
No doce vaguear dos pensamentos,
Quando a alma, cançada de tormentos,
Repoisa no Ideal, inda mais crente ?

Quem não faz do soffrer uma ventura,
Ao sonhar esses olhos de ternura
E da paz do perdão que nos assombra ?

Tu me enlevas num sonho de piedade,
Cheio de tanta luz e suavidade,
Que, embora sem te vêr, te adóro, sombra !

FELINTO Elysio do NASCIMENTO

Nasceu a 11 de setembro de 1860, em Sergipe. Abraçou a carreira da Fazenda.

VAMOS!

Vamos juntos cantando, ó timida creança,
Pelo vergel afóra, a ver a passarada
Que se levanta alegre, em doida revoada,
Para saudar o sol, que fulge em tua trança.

Tudo ainda respira o effluvio d'alvorada...
Da voz da cachoeira á flor que s'embalança,
Evola-se a poesia — essa alma da esperança,
Que nos invade a vida apenas começada.

Vamos banhar na aurora a nossa mocidade.
Encher a solidão de magicos arpejos,
Gosar nossa ventura em plena liberdade.

Dar-te-ei a provar o mel dos meus desejos,
O sonho da volupia, que é a felicidade,
A' luz do teu amor, esplendido de beijos.

José Izidoro MARTINS JUNIOR

Pernambucano. Nascido a 24 de novembro de 1860, e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a 22 de agosto de 1904. Lente cathedratico da Faculdade de Direito do Recife. Poeta, prosador, jornalista e orador. Membro da Academia Brasileira onde occupou a cadeira de Francisco de Castro.

BIBLIOG. — *Visões de hoje*, Recife, [illegible]; 2ª ed. em [illegible], (Recife); *Retalhos*, Recife, [illegible]; *Estilhaços*, Recife, [illegible]; *Tela polychroma*, [illegible].

CRISE PSYCHICA

Sinto uma vibração extranha no meu ser :
Lateja-me no craneo o cerebro, e no peito
Lateja-me fervente o coração. Si espreito
P'ra dentro de mim mesmo, encontro-me a tremer !

Tenho na alma um chaos : um biblico estorcer
De genese que está se elaborando, em leito
De mundos a surgir. Não sei o que se ha feito
De novo, de latente e grande, em meu viver.

Não sei. Mas já não basta a frivola existencia
Que arrasto, o enthusiasmo e aquella rubra ardencia
Das luctas ideaes que eu vivo provocando

Em prol da eterna luz ! Já não me basta a paz
Da consciencia forte, o louro, a gloria... Mas
Não sei como ha de vir o que me falta, e quando !...

AFFONSO CELSO de Assis Figueiredo Junior

Nasceu em Minas a 31 de novembro de 1860. Doutor em direito pela Faculdade de S. Paulo e lente da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio. Poeta e prosador. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Theophilo Dias. Presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Bibliog. — *Poesias Fugitivas*, Rio, [illegible]

ANJO ENFERMO

Geme no berço, enferma, a creancinha,
Que não fala, não anda e já padece...
Penas assim crueis porque as merece
Quem mal entrando na existencia vinha ? !. .

O' melindroso ser, ó filha minha,
Se os céos ouvissem a paterna prece,
E a mim o teu soffrer passar pudesse,
— Goso me fôra a dor que te espesinha...

Como te aperta a angustia o fragil peito !
E Deus, que tudo vê, não t'a extermina,
Deus que é bom, Deus que é pai, Deus que é perfeito...

Sim... é pai, mas, — a crença nol-o ensina :
— Si viu morrer Jesus, quando homem feito,
Nunca teve uma filha pequenina !...

Manuel SEGUNDO WANDERLEY

Natural do Estado do Rio Grande do Norte, nascido a 6 de abril de 1861 na cidade do Natal e fallecido a 14 de janeiro de 1909. Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia. Poeta e jornalista, dedicou-se ao magisterio e á clinica na capital do seu Estado.

BIBLIOG — *Estrellas Cadentes, Miragens e Prismas, Tres Datas, Recoltas poeticas.*

UM DRAMA NOS ALPES

Faminto um lobo, um dia, assalta bruscamente
Um berço, onde dormita um mimo de candura,
Mas não suppunha achar a heroica compostura
De um rafeiro leal que o mata incontinente.

Regressa ao lar o pae e logo a falta sente
De seu filhinho ; então, n'um lance de amargura,
Sob o influxo brutal de tragica loucura
Fere o nobre animal que julga delinquente.

Mas querendo mostrar o quanto fôra injusto
O cão crava no dono a vista doce e meiga
E se arrastando o guia a um florescente arbusto ;

Imprevisto painel que o sentimento exorta :
Sobre o glauco setim da esmeraldina veiga,
A criança dormia ao pé da fera morta !

LUIZ Barreto MURAT

Nasceu a 4 de maio de 1861, em Itaguahy, no Rio de Janeiro. Formado em direito por S. Paulo, tem sido deputado por seu Estado natal. Reside na cidade do Rio de Janeiro, onde é escrivão da Provedoria e Residuos. Jornalista e poeta. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Adelino Fontoura.

Biblio. — [illegible] *Sarah*, poema, Rio, 1902

O PODER DAS LAGRIMAS

Com que saudade para o céo não olhas,
Vendo de nuvens todo o céo coberto,
E engastadas de perolas as folhas
E o coração das arvores deserto.

Como uma grande rosa, a alma desfolhas
Dentro do seio, inteiramente aberto,
E esses restos de flor passando molhas
N'agua do arroio que colleia perto.

Molha-as, sim, nesta lympha algente e casta !
Que uma só gotta crystallina basta
Para o calor em chuva ir transformando.

Has de ficar com os olhos rasos d'agua,
A dor ha de acalmar, que a propria magua
Tem dó de ver uma mulher chorando.

EDGARDO Eurico DŒMON

Natural do Estado do Espirito Santo, nascido a 14 de setembro de 1861. Abraçou a carreira militar.

NOVO CREDO

(A JOSÉ MARIA MOREIRA GUIMARÃES)

Uma por uma as illusões de outr'ora
Me vão deixando... e novos elementos
Fazem que a noite escura dos tormentos
Se mude em côres de risonha aurora.

O mundo tal qual vejo : hora por hora,
— Risos e flôres, magoas e lamentos —
Importa a nós a posse dos momentos
Mais salutares que a existencia enflora.

A lucta... ella é fatal, tão necessaria,
Que impugnal-a fôra um contrasenso
Lançado á luz, á força embryonaria !...

Brilhe a esperança, surja o amor intenso,
A vida é bella !... a phase é temporaria,
Urge gozal-a em dóse de bom senso.

Antonio MOREIRA DE VASCONCELLOS

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 22 de setembro de 1861.

Poeta e jornalista.

Bibliog. — [illegible]

CIUMES...

Vejo que soffres, que padeces vejo.
As tuas faces me revelam tanto
A dolorosa origem do teu pranto,
Que um negro mal, futuro, te prevejo.

Deixa essas maguas fundas e, o desejo
De sorridente ser acolhe, em quanto
O mal não cresce e o teu divino encanto
Não se desfaz, como o sabor de um beijo !

O soffrimento é um inimigo rude,
Que vai destruindo os traços da belleza,
Como a devassidão os da virtude.

Torna-te alegre, afasta essa tristeza,
E verás como as rosas da saúde
Te voltarão ás faces, de surpreza.

FRANCISCO das Chagas WERNECK

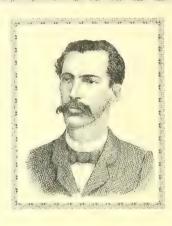
Nascido a 23 de outubro de 1861 no Paty do Alferes, municipio de Vassouras, Rio de Janeiro. Empregado do commercio. Usa do pseudonymo Floriano de Olival.

SONETO ESDRUXULO

De um concavo da rocha, em celere borbulho,
Tremula veia d'agua, argentea, resplandece,
E, limpida, correndo, a ingreme encosta desce
De granitico leito, em dulcido marulho.

Candidas flores banha, onde o rocio, em debulho,
De rutilo matiz as petalas guarnece,
E rapida, seguindo, impavida já cresce,
Da turbida caudal mostrando o impio orgulho.

Contra a rispida aresta indomita das fraguas
Em furia acommettendo, atira as frageis aguas.
Na chlamyde de espuma, exhausta, após, se envolve.

E, languida, prosegue... e ouvindo vozes querulas,
No pelago marinho entre coraes e perolas
Os fulgidos crystaes das lagrimas dissolve...

Francisco XAVIER Ferreira MARQUES

Natural da cidade de Itaparica, na ilha do mesmo nome, Bahia. Nasceu em 3 de dezembro de 1861. Jornalista na capital do seu Estado natal. Romancista e poeta.

Bibliog. — *Themas e Variações*, 1884; *Insulares*, [illegible]

AMOR PROPRIO

Arfa-lhe o seio, o coração lhe bate,
Ferve-lhe o peito num desejo ardente...
Ella, comtudo, finge estar contente,
Velando a custo o intimo combate.

Que se estortegue em ancias, que se mate
De aceradas paixões interiormente...
Forçoso é rir, com a lagrima latente,
Lutar com a tentação, que n'alma embate.

Querem falar os labios, mas não falam;
Querem gritar as dores, mas se calam,
De austera voz ao mando soberano.

Padeça o amor, sublime de ternuras;
Que esse amor-proprio, origem de torturas,
Barbaro sendo, infelizmente é humano.

EDUARDO Ernesto DE ARAUJO

Nasceu no Rio Grande do Sul a 8 de maio de 1862. Estudou humanidades e direito em Portugal, formando-se em 1884.

Foi magistrado no seu Estado, onde falleceu a 2 de janeiro de 1901.

SONETO

Eu perguntei o que era amor á rosa.
« E' como nós : corolla avelludada,
« De uma côr attrahente, voluptuosa,
Porém toda de espinhos circumdada ».

Os malmequeres brancos consultei
Sobre se sim ou não eu era amado.
Uma por uma as folhas arranquei
E dum malmequer branco desfolhado,

A derradeira respondeu-me : — « Não ».
Banhou-se-me de pranto o coração...
Se é fraqueza chorar os seus amores,

Lagrimas verte o monte, que é granito,
E o céo, o proprio céo, que é infinito,
Chora tambem no calice das flores !

Antonio Carlos CHICHORRO DA GAMA

Neto do repentista Francisco Muniz Barreto. Nasceu na capital da Bahia, a 23 de maio de 1862. Bacharelou-se em 1889 na Faculdade de Direito do Recife. Funccionario do Archivo Nacional.

B[illegible] — *Escorços litterarios*, 1900

A GRUTA DE CAMÔES

(MACAU)

Foi lá que o luso bardo, entre amarguras,
Aos fastos patrios consagrara a lyra,
E que a voz do futuro, em sonho, ouvira,
Compensando-lhe as cruas desventuras.

Transpondo os evos, Portugal, fulguras,
Nos cantos seus, que o mundo inteiro admira:
De uma gruta, do olvido onde cahira,
Camões ergueu-te a geniaes alturas!

Hoje, em applauso do epico á memoria,
Um bravo sôa unanime, estridente,
Que ha de echoar nos páramos da historia.

Rochedo sem egual, ó gruta ingente!
Compartilhando de seu nome a gloria,
Celebrada serás eternamente!

Joaquim DIAS DA ROCHA Filho

Nasceu em Curityba, capital do Paraná, a 18 de agosto de 1862. Em 1886 bacharelou-se em direito pela Academia de S. Paulo. Foi delegado de policia na Capital Federal e fiscal do Banco da Republica. Passou a advogar em Juiz de Fóra. Falleceu em 1895 na Parahyba do Sul.

O CORAÇÃO

Bons e máus, máus e bons, o coração não cessa
De, em continuo lamento,
Os segundos marcar, dês que a vida começa,
Até que a vida chegue ao derradeiro alento.

Si acaso alguma dor as pulsações lhe apressa,
Eil-o que, n'um momento,
Recobra-se do abalo, e calmo recomeça,
Como um quieto relogio, as pulsações mais lento.

Nada o detem ; e nada
Por minutos siquer lhe apressa ou lhe demora
A serena, a subtil brevissima pancada.

Vae cantando ! cantando ! [aurora,
E esplenda a noite, ou chore a tarde, ou cante a
Machinalmente váe as horas desfiando.

Francisco **PHAELANTE DA CAMARA** Lima

Nasceu no engenho Jussara, Pernambuco, a 22 de outubro de 1862, e falleceu na cidade do Rio de Janeiro a 29 de janeiro de 1909. Jornalista e lente da Faculdade de Direito do Recife.

Bibliog. — *Tentamens*, [illegible], [illegible], *Verdades ao Sol.*

UM GRUPO

(A ARTHUR MUNIZ)

Um alegre casal de passarinhos
N'um dos ultimos dias, creio, quando
O inverno roubou-lhe a paz e os ninhos,
Veiu bater-me á porta, azas ruflando.

Dei ao casal faminto de carinhos,
Como um tenor de trovas emigrando,
A companhia dos meus tres filhinhos
E o calor da lareira espiralando.

No batente da vida em plena arfagem,
As aves e as creanças — um thesouro —
Vivem na mais leal camaradagem.

Possa crescer, da aurora ás cantilenas,
Dentro de um ninho só, de jaspe e ouro,
Esse grupo gentil de aureas phalenas.

DOMINGOS Leonardo Pires de CASTRO LOPES

Nasceu a 6 de novembro de 1862 na cidade do Rio de Janeiro. Filho do Dr. Castro Lopes. Representou o Correio do Brasil no 1º Congresso Postal Continental Sul-Americano, realisado em Montevidéo em 1911.

Primeiro official aposentado da Directoria Geral dos Correios. Poeta, prosador, dramaturgo e comediographo.

DIA E NOITE

Vejo-te... A fronte pensativa e mésta
Ergo contente ; volta-me a existencia,
Que me rouba — assassina — a tua ausencia,
Tua ausencia tão longa e tão funesta !

Vejo-te... O coração pula-me em festa,
— Ave gazil em matinal cadencia ;
E todo luz, e todo florescencia,
Nem uma sombra de pezar lhe resta.

Vaes... E eu a fronte pallida e sombria
Inclino : volve a triste escuridade
A' minh'alma ; succede a noite ao dia.

Vaes... Cada instante é-me uma eternidade ;
Murcha em meu peito a rosa da alegria
E uma só flor viceja — a da saudade.

João da CRUZ E SOUZA

Natural do Desterro, Santa Catharina, nascido a 24 *de novembro de* 1862 *e fallecido a* 19 *de março de* 1898 *no Estado de Minas.*

Bibliog. — *Ultimos Sonetos*, Paris 1905, publicação posthuma

ALMA FERIDA

Alma ferida pelas negras lanças
Da Desgraça, ferida do Destino,
Alma, de que a amargura téce o hymno
Sombrio das crueis desesperanças ;

Não desças, Alma feita das heranças
Da Dôr, não desças do teu céo divino.
Scintilla como o espelho crystalino
Das sagradas, serenas esperanças.

Mesmo na Dôr espera com clemencia
E sóbe á sideral resplandescencia,
Longe de um mundo que só tem peçonha.

Das ruinas de tudo ergue-te pura ;
E eternamente, na suprema Altura,
Suspira, soffre, scisma, sente, sonha !

José RICARDO DE ALBUQUERQUE

Natural do Rio de Janeiro. Nascido a 19 de março de 1863. Tem varias producções esparsas.

EVITERNO ARREBOL

Olhos cheios de luz, de uma doçura extreme,
Disparzindo clarões de um amor nunca visto ;
Olhos de Magdalena — abençoando — a Christo,
Na candura floral que o beijo vibra e freme.

Encantado pharol que me serve de leme,
Para me desviar de um abysmo imprevisto ;
Terno brilho do céo no deslumbrante mixto
De um rosiclér que canta e de um luar que geme.

Nada, no mundo, assim, minh'alma tanto présa
Como esse olhar de Santa, em concentrada reza
Invocando o perdão que as minhas culpas lave.

Nunca, tambem, o céo teve fulgor tão lindo
Como teu doce olhar, dentro em minh'alma abrindo
Eviterno arrebol cheio de cantos d'ave.

ENÉAS GALVÃO

Bacharel em direito, seguiu a magistratura. Nasceu em S. José do Norte, Rio Grande do Sul, a 20 de março de 1863. Filho do visconde de Maracajú. Ministro do Supremo Tribunal Federal.

BIBLIOG. — *Miragens*, Rio, [illegible]

CELINA

A mais argentea flor, a mais mimosa,
Não lhe imita, talvez, a casta alvura,
A meiga e doce virginal candura
Da jaspeada face setinosa.

Quando ella ri — os labios purpurinos
São como o roseo centro perfumado
D'esse bouquet phantastico e perlado
Pelos lirios dos dentes opalinos.

Nem mesmo sei que douda phantasia
Encerre mais encantos e magia
Que as fórmas ideaes e transcendentes

D'essa nevada e languida cecem,
D'essa creança angelica, que tem
Rosas na bocca e perolas nos dentes.

Arthur PINTO DA ROCHA

Natural do Rio Grande do Sul. Formado em direito na Universidade de Coimbra. Poeta, orador, jornalista e dramaturgo. Ex-deputado federal á Constituinte republicana pelo seu Estado natal.

PENELOPPE

Tu tens a fórma esguia das palmeiras,
Com olhos negros como a noite escura
E na curva da timida cintura
A linha oval das vespas forasteiras !

Parece de marfim, como a das freiras,
A epiderme da face branca e pura ;
E' como a rocca d'Omphale a negrura
Das aneladas tranças feiticeiras.

São bilros de alabastro, immaculados,
Esses dedos nervosos e afilados
Correndo sobre a renda que teceste.

E eu cogito, Peneloppe gentil,
Naquelle amor tão casto e tão febril
Que tu mesma inspiraste e desfizeste !

ARTHUR LEMOS

Natural do Estado do Pará. Formado em direito. Politico militante, é senador federal pelo seu Estado natal.

SOBRE A TERRA

D'onde o barco surgiu ? Que incerta plaga
Busca, por noites tragicas, ou bellas ?
Quem o rumo lhe dá, lhe enfuna as velas,
E ora um pharol lhe accende, ora lhe apaga ?...

Mysterio ! Nem as tremulas estrellas
Que no alto scintillam, nem a vaga
Que em baixo freme, que o luar affaga,
Ou irosa se empina nas procellas,

A's perguntas respondem, que fazemos...
Pare, pois, o batel da humana lida,
Alçando um'hora os fatigados remos !

A vida passa, como a flôr, querida !
Colhamol-a sem mais... Amo-te ! Amemos !
Amor — unico premio desta vida !

Antonio FERNANDES FIGUEIRA

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 13 de junho de 1863. *Doutor em medicina, dedica-se á clinica na sua cidade natal.*

A VIRGEM DA MISERIA

Dizem que o crime, o vicio, as impurezas cruas
Costumam perecer no catre do hospital...
Mentira ! estás aqui, e as fórmas brancas, nuas,
Mostram á mocidade um corpo virginal.

E quantas dessas mil donzellas, que nas ruas
Ostentam do seu luxo o timbre oriental,
Valem menos que tú e que as virtudes tuas,
Que affrontaram a fome, a enfermidade, o Mal ?

E emquanto que ellas vão, do solio da riqueza
Atirando o desdem ás filhas da pobreza,
Não lhes vendo o fulgor da nobre consciencia,

Nua, deitada aqui, a virgem da miseria,
Se não gosa da tumba a placidez funerea,
Serve ao menos de força ao braço da sciencia.

ALEXANDRE FERNANDES

Poeta rio-grandense do Sul, nascido a 24 de julho de 1863, e fallecido na Bahia a 30 de março de 1908.

Bibliog. — [illegible] Ondulações [illegible]

CORAÇÃO DE MULHER

Vira o rosto si eu passo ; no entretanto,
Seu olhar a seguir meu vulto fica
Que me estima, de certo não indica,
Porque parece que me odeia tanto !

Si um dia não me vê, ligeiro espanto
Quando me avista o seu olhar explica ;
E n'essa alternativa mortifica
Minh'alma, escravizada a seu encanto.

A's vezes, eu tambem rapidamente
Volto meu rosto, finjo, indifferente,
Nem pensar que ella vive n'este mundo.

Mas vejo de revez que ella me segue,
Que o seu olhar ancioso me persegue...
Coração de mulher, como és profundo !

HEITOR TELLES

Nascido na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Formado em direito pela Faculdade do Recife. Jornalista e advogado na cidade do Rio de Janeiro. Poeta, romancista.

BIBLIOG. — *Primulas* — *[illegible]* — *Sonhos*

MINHA SOGRA

Sob a influencia desse olhar bondoso,
Vinte annos passei, bôa velhinha,
Entre os filhos e a esposa que mantinha
O doce encanto do meu lar ditoso.

Eras, bôa velhinha, anjo saudoso,
A gloria desta prole, a santa minha,
Que noite e dia abençoando vinha
A filha, os netos e o meu lar formoso.

Por fim Deus te levou, e ao desabrigo
Ficou meu lar, e lá se foi comtigo
A existencia de outr'ora abençoada !

Hoje, que resta deste meu passado ?
O lar vasio, triste, esmantellado...
Sem esposa, sem filhos, sem mais nada !..

ALBERTO José de Paula e SILVA

Nascido na cidade de Nictheroy, Rio de Janeiro, a 20 *de agosto de* 1863. *Funccionario do Thesouro Federal na cidade do Rio de Janeiro. Fallecido nessa cidade a* 31 *de março de* 1912.

MAGIA

Talvez o lindo escrinio que uma fada
Esqueceu no jardim, occulto em meio
De um ramo, seja aquella delicada
Flor que lhe pende do mimoso seio,

E tanto assim que, pela madrugada
Dos seus olhos, na sua voz eu creio
Ver as azas da loura deusa, a toada
Ouvir de um mago, de um divino anceio.

Vem. E quando eu a rosa vou, tremente,
Lhe furtar, ella o busto curva, e o louro
Cabello cae-lhe pelo collo albente,

Ondeando-se em fulgido thesouro ;
Como se irosa, a fada de repente
A flor cercasse de serpentes de ouro !

MANUEL DOS PASSOS de Oliveira Telles

Natural do Estado de Sergipe, onde exerce o cargo de Juiz de Direito na camarca da Capital. Formado em direito pela Faculdade do Recife. Romancista, « conteur ». Professor e jornalista. Usa do pseudonymo Garcia Muniz.

ALEGRIAS

Quem neste mundo não falara dellas !
Garrulantes, travessas e traquinas,
Têm nas pennas auroras purpurinas
E motes e canções mansas e bellas.

O homem bebe-as pelo olhar. Estrellas
N'alma lhe coam vozes peregrinas ;
Mas essas notas louras, argentinas,
Lá morrem como os uivos das procellas.

Os tons variam, qual no occaso as chammas
E sonhos e ideaes que tanto amas
Rolam além pelo pendor do fado.

Já de risos a bocca não se enflora ;
A aurora não sorri, a estrella chora ;
Surge a saudade, adora-se o passado !

Manuel THEOTONIO FREIRE

Romancista, « conteur », critico e poeta. Natural do Estado de Pernambuco, de cuja academia de letras é um dos membros. Jornalista e funccionario publico na capital de seu Estado natal. Nasceu a 6 de outubro de 1863, *na cidade do Recife.*

BIBLIOG. — *A Republica*, [illegible]. *Ritornellos lyricos*, de collaboração com França Pereira, [illegible]. *Lavas*, [illegible]. *Stelas*, [illegible].

TEU NOME

Para escrever teu nome, andei buscando
Tintas de aurora, tintas do levante,
Sendo o papel a superficie ondeante
De nuvem branca em seda se esgarçando.

E não tracei... Talvez que misturando
Gemma, topazio e rútilo diamante
Orgulhoso pudesse il-o traçando
Sobre o dorso do oceano fluctuante.

Mas vê : a aurora muda todo o dia,
E o dorso arqueiado do oceano ondeia
Dos aquilões á louca phantasia.

Iam-se mar e céu, ia teu nome...
— Basta que o traga, vivido, na idéa,
Na adoração que o tempo não consome.

LAURO Severiano MULLER

Nascido a 8 de novembro de 1863, na cidade de Itajahy, S. Catharina. Engenheiro militar e lente em disponibilidade da extinta Escola Superior de Guerra. Politico militante, tem sido em varias legislaturas representante federal de seu Estado no Congresso Nacional. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Rio Branco. Ministro das Relações Exteriores.

SEMPRE

Nem mais longe ficaste, nem mais perto
Por eu ficar aqui mais demorado,
Pois que entre mim e ti eu creio e é certo
Que ser distante é ser aconchegado...

Foi-se o vapor embora, no azulado
Só resta o fumo a tremular incerto,
Emquanto o coração descompassado
« Sem ti, — me clama —, o mundo está deserto ».

O mar corre ondulante sobre o mar,
Vem um tormento após outro tormento :
— Tudo é no mundo feito por findar. —

Só não se acaba a imagem tão querida
Que sempre eterna está no pensamento
De quem a ti adora mais que a vida.

EDUARDO da Silva CHAVES

Nasceu na cidade do Bananal, S. Paulo, a 9 *de novembro de* 1863. *Bacharel em direito, foi professor de latim. Fallecido a* 16 *de janeiro de* 1890.

AMOR MATERNO

Elle passava as noites na taverna,
Tonto de vinho, tonto de fumaça,
E pelo leito da mulher devassa
Trocára a santa habitação materna.

Desde que moço se fizera, eterna
Angustia aquella que o gerou traspassa.
Enfurecia quando ás vezes terna
Apontava-lhe a mãe sua desgraça.

Morre... O povo da aldeia reunido
Discute a sua vida. « Era um perdido »
Quando este exclama : aquelle um maltrapilho,

Um jogador, repete... A mãe, no emtanto,
Ante o esquife soluça toda em pranto :
« Filho ! Meu filho ! Meu querido filho ! »

CARLOS da Costa Ferreira PORTO CARREIRO

Natural de Pernambuco e formado em direito pela Academia do Recife. Membro da Academia Pernambucana de Letras. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro. Poeta e comediographo.

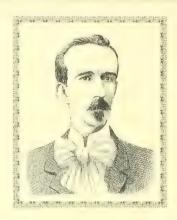
BIBLIOG. — *A's creanças*, [illegible]; *Rythmos*, [illegible]. Trad. do *Cyrano de Bergerac*, 1905.

TORMENTA

Glaucos mares infindos, céo nevoento...
Silvos passando na aza da borrasca...
Nas vergas, orfãs de velame, o vento
Resando pelo mastro que se lasca...

Rumo perdido, bussola sem tento,
A caravella, — qual pequena casca
De noz, — desapparece... e num momento
Resurge debatendo-se na vasca...

Ave marinha que prepara o vôo,
A náo se empina... Escuta-se um rebôo,
Rufo enorme de asperrima batalha.

E á luz do raio que os espaços cora,
O mar exhausto, sob o céo que chora,
De alvo milhão de perolas se coalha...

Antonio Gomes Ribeiro de AVELLAR FILHO

Natural do Estado do Rio de Janeiro, nascido na cidade do Paty do Alferes e fallecido a 11 *de abril de* 1900.

VOZ DO PESSIMISMO

Eu — condemnado á Lagrima e á Tristeza --
Como hei de crer na Bemaventurança ?
Cedo fugiu-me a lucida Esperança,
Tarde de mais conheço a Natureza.

Caminho de Aspereza em Aspereza,
Exhausto, morta a pomba da Alliança
Dos meus passados sonhos de creança,
A chamma da Descrença na alma accesa.

Vivo ? Quem sabe ? Póde ser que apenas
Eu pela vida passe, mas não viva,
Ou viva como ephemeras Phalenas.

Feliz quem Deus de vir ao mundo priva
Ou quem, nascendo, a supportaveis penas
Succumbe e volta á Essencia primitiva.

ANTONIO Carlos de Moraes LAMEGO

Poeta paulista, residente na cidade do Rio de Janeiro.

NO CONFISSIONARIO

— Padre, pequei... a vossos pés, contricta,
Venho pedir perdão de meus peccados...
Blasphemou contra Deus minh'alma afflicta :
E' um recurso dos desesperados...

— Socega, filha, que serão perdoados,
A bondade de Deus é infinita.
Mas, porque tens os olhos macerados ?
Porque teu coração assim palpita ?

— Padre, eu amei... amava-o cegamente
E Deus levou-m'o, fel-o seu captivo...
— Estás perdoada, filha, és innocente.

— Vae, que a saudade é sempre um lenitivo...
E accrescentou, fitando a penitente :
— Foi mais feliz do que eu, porque ainda vivo...

ZALINA ROLIM de Toledo

Natural do Estado de S. Paulo. Professora durante alguns annos na Escola Modelo, na capital de sua terra.

B[illegible] Coração, S. Paulo, [illegible]

POMBA FERIDA

Ella veiu cahir tremula, exangue,
Junto a um craveiro aberto em rubras flores ;
Tinha entre as pennas humidas de sangue,
Das petalas do cravo as rubras cores.

O moribundo olhar enuevoado,
Toda a tremer de inquietação, volvia
Para os beiraes fronteiros do telhado,
Donde queixoso pipilar partia...

Batendo as azas, arquejante, anciado,
Rapido chega, exhausto, allucinado,
O companheiro que o lamento ouvira ;

E a pobre que a esperal-o á dor resiste,
Soergue, ao vel-o, a cabecinha triste
E as brancas azas agitando, expira...

JULIETA DE MELLO Monteiro

Irmã da poetisa Revocata de Mello. Natural do Rio Grande do Sul.

BIBLIOG. — *Preludios*, [illegible]; *Oscrlante*, sonetos, [illegible].

MADRUGADA DE ESTIO

A natureza acorda. A noite foi pequena,
Mal poude repousar, sente-se ainda lassa,
Distende os braços nús e docemente abraça
A terra, o mar e o céo ; depois, meiga, serena,

Vai os ninhos saudar, detendo-se com pena
Onde o casal voou e a sombra da desgraça
Lança o seu torvo olhar ; sorri e alegre passa
Emquanto a sós pipila uma ave que ainda empenna.

Essencias do oriente espalha pelas flôres,
Ajuda a desdobrar os mantos multicores
Nas campinas sem fim, formosas, verdejantes.

Segreda ao matagal uma canção dolente,
E manda um longo beijo ao sol que de repente
Rompe as gazes do céo com ares petulantes.

João BAPTISTA CAPELLI

Natural de Minas Geraes. Doutor em medicina e clinico na cidade do Rio de Janeiro.

SUPREMO DESEJO

Entrei no templo em que ella estava, e vi-a
Formosa, como sempre, e deslumbrante !
Beijava então a image edificante
De eburneo Christo que da cruz pendia.

E eu que a adoro, desditoso amante
Que o seu olhar esmolo noite e dia,
(O'crentes, desculpae-me esta heresia)
Tive inveja do Christo nesse instante !

Ser Elle, desejei, á cruz pregado,
Votado, embora, a tão cruel destino,
Membros sangrentos, rosto ecchymosado,

Comtanto que em seu labio purpurino
Pudesse com ardor haver gosado
Aquelle beijo candido e divino.

Henrique COELHO NETTO

Nasceu em Caxias, Maranhão, a 21 de fevereiro de 1864. Cursou a Faculdade de Direito de S. Paulo até o 3º anno. Lente de literatura do Collegio Pedro II. Romancista, jornalista e orador. Deputado federal por seu Estado. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Alvares de Azevedo.

SER MÃE

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
O coração ! Ser mãe é ter no alheio
Labio, que suga, o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor cantando vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra,
Sobre um berço dormido ; é ser anceio,
E' ser temeridade, é ser receio,
E' ser força que os males equilibra !

Todo o bem que a mãe gosa é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho !

Ser mãe é andar chorando n'um sorriso !
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada !
Ser mãe é padecer n'um paraiso !

ANTONIO LIMA

Nasceu a 30 de março de 1864, em Vassouras, Rio de Janeiro. Dedica-se ao commercio na cidade do Rio de Janeiro. Usa o pseudonymo Antomiel.

[illegible] — *[illegible]*

SOL LUCET!

Ella ficou de vir hoje a tardinha
Ao meu encontro, porém, chove tanto...
E' bem possivel que não venha, emquanto
O tempo não mudar. Que sorte a minha !

Virá ? Não sei... A hora se avisinha,
Devo esperal-a ancioso. No entretanto,
Tenho os meus olhos turvos já de pranto
Na duvida... Virá ?... Disse que vinha...

Se ella afrontasse o temporal e viesse ?
Qual ! que loucura... Ao menos se escrevesse...
Como custa passar estes abrolhos !...

Que é isto, ó céos ! O sol vem apontando !
Meu Deus ! Meu Deus ! Eil-a tambem chegando !
Dois sóes ao mesmo tempo ante meus olhos !

ISAIAS DE OLIVEIRA

Nascido na cidade de Aracajú, Sergipe, a 8 de julho de 1864. Reside na cidade do Rio de Janeiro, onde exerce o logar de escripturario da Alfandega.

Bibliog. — *Reliquias*, Rio, [illegible]; *Stellario*, Rio, [illegible]; *Lyrica*, Rio, 1907.

RIO DE AMOR

Na placidez de suas aguas claras,
Quantas vezes o lago murmuroso,
Guarda silente as convulsões amaras,
Que lhe rugem no seio tormentoso !

Tambem, ás vezes, com supremo goso,
Sentimos essas convulsões tão caras,
Cerramol-as no peito tumultuoso,
Como num bello escrinio joias raras...

Não extranhes, portanto, minha amada,
Que eu não estampe no meu rosto frio,
Toda a paixão fremente que me inflamma. .

Ella está dentro d'alma sopitada,
E vae romper em caudaloso rio,
Rio de amor, feito de sangue e chamma.

ERNESTO Fernandes DE SOUZA

Nasceu a 16 de julho de 1864 na cidade do Rio de Janeiro. Pharmaceutico militar. Tem muitas producções esparsas.

O LAPIDARIO

O marmor duro e frio o velho lapidario
Transformava com arte em peças sepulchraes,
Que deviam guardar os despojos mortaes
A' sombra do cypreste, ao som do campanario.

Feliz a trabalhar, forte como um rapaz,
Co'a filha em sua tenda, humilimo sanctuario
Do trabalho e do amor, passava esse operario
O dia, o mez, o anno em verdadeira paz.

Mas a sorte não quiz ! E um dia arrebatara
A filha, o seu thesouro ! Um marmor de Carrara,
Banhado em pranto, o velho em lapide bordava !

E, quando o seu buril da filha o nome abria,
Cahira-lhe da mão e sobre a pedra fria
Sua fronte pendera : — O velho agonizava ! —

LUDOVICO LINS

Nasceu na cidade de Itambé, Pernambuco. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro, onde falleceu a 24 de outubro de 1912.

BIBLIOG. — *As duas eras*, Pernambuco; *Hera Morta*, Manáos; *Perfis*, Pará; *Caretas parlamentares*, Rio.

CORAÇÃO DO NORTE

E' perto da fazenda. Velha toada
Saudosa, enchendo aquelle espaço inteiro,
Ao longe vibra. E'o canto do vaqueiro,
— Canto de enleio e guia da boiada.

Ecos longinquos, barbaros. A cada
Instante, o alarma ! O cão alviçareiro
Corre no rasto do veloz galheiro
Dentro da matta múrmura e fechada.

Hora de reza e scisma — Ave, Maria.
Geme a aza-branca. Um resto de alegria
Vôa num bando de canarios loiros.

Tomba o sol. Muge o gado. Finda a prece.
E agora é a serra immensa que estremece
Aos bramidos das onças e dos toiros.

Manuel Antonio ALVARES DE AZEVEDO SOBRINHO

Natural do Rio de Janeiro. Director d' « A Capital » em Nictheroy.

Bibliog. — *Vigilia das armas*, Rio, [illegible]

NA AFRICA

A noite, novamente, reapparece
E sopra pela costa o rijo vento.
O sol abrazador no occaso desce.
Soluça o verde mar como um lamento.

Vallidê tem o olhar no firmamento
Emquanto Allah recebe a sua prece...
E nos seus olhos humidos, parece,
Paira a saudade como o pensamento.

Caminha a caravana no deserto,
Sobre os negros cavallos estafados,
Sem oasis avistar distante ou perto...

E a moça relembrando o amor que sente,
O ardente pranto dos apaixonados,
Triste, derrama sobre a areia ardente !

Pedro Augusto GOMES CARDIM

Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Bacharel em direito por S. Paulo. Politico e jornalista. Nascido a 16 *de setembro de* 1864.

SONETO

Quando no oceano o sol mergulha, quando
São de ouro as aves e de chamma os lagos,
Vejo envoltos de luz em mil afagos
As pombas que uma a uma vem chegando ;

E logo surgem os implumes, vagos,
Tremulos todos, estendendo ao bando
Os biquinhos abertos, implorando
Os beijos maternaes de effeitos magos.

Mas hoje em balde vi chamar... chamar...
Um flebil, triste e pequenino par :
— Não voltára um casal que aos prados fôra !

Então lembrei-me de que tinha outr'ora
Um lar dilecto... e que tambem agora
Choro os que foram para não voltar.

José Maria MOREIRA GUIMARÃES

Nasceu a 4 de novembro de 1864, na cidade de Laranjeiras, em Sergipe. Engenheiro militar, bacharel em mathematica e sciencias physicas e naturaes. Estudou medicina até o 5º anno.

Foi addido militar no Japão e commissionado na Allemanha. Tenente-coronel do Exercito, ex-deputado federal pelo seu Estado.

E' collaborador assiduo do «Diario Popular» de São Paulo.

SCISMANDO

Naquella tarde, encantadora e clara,
Que a vi, e viste-a, delicada e fina,
Maguou-me o peito aquella mão divina,
Que a pouco e pouco no meu peito entrára.

E eu disse á dona dessa mão, tão rara:
Mulher, vê bem: o mundo todo ensina
Que és anjo em fórma, sendo vil, ferina,
Tua alma negra que eu já, certo, amára.

E amigo, escuta... Pois, sendo eu tão pobre
Se, alli, no occaso, rola, tomba e desce
O ardente globo, que de luz nos cobre,

Um sentimento subito me aquece...
E em crenças uteis me embriago, nobre,
Pensando em ti, quem della bem se esquece!...

FAUSTO de Aguiar CARDOSO

Nascido a 22 de dezembro de 1864 na cidade de Divina Pastora, Sergipe, e fallecido em Aracajú a 28 de agosto de 1906. Bacharel em direito. Deputado Federal em duas legislaturas pelo seu Estado. Professor e advogado na cidade do Rio de Janeiro.

VISÃO DO AZUL

Rolam, rutilam sóes — celigena cachoeira —
Em férvida caudal, pela rubra garganta
De fantastico céo, que a Luz marcheta e esteira,
Abrindo-se num mar, que me seduz e espanta !

Tudo rescende e ri na rosea cordilheira
E nos campos azues da luminosa manta :
O roseiral rebrilha e canta quando cheira
E a passarada cheira e fulge quando canta.

Avisto Dante a voar nas azas da Chimera...
Tasso... Homero... Camões... Que sóes maravilhosos
Bailando á flor do mar de oiro, onde a Luz se gera !

Que esplendido paiz de não sonhados gosos !
Quero tambem subir á esplendorosa Esphera,
Quero tambem nadar em rios luminosos !

URSULA Barros de Amorim GARCIA

Nasceu na cidade de Aracaty, Ceará, em março de 1865
Residente no Recife.

Bibliog. — *Livro de Bella*, [illegible]

UMA LEMBRANÇA

Eu quiz leval-a ao cemiterio, um dia,
Mas em casa disseram : « Tão creança ! »
« E' tão longe !... E' tão triste ! » Eu insistia :
— Não sabe o que é tristeza, ella, e nem cança !

A manhã é tão linda ! o sol radia,
O ar tão puro, a brisa fresca e mansa...
E' um passeio ao campo. Não faria
Mal algum visitar quem lá descança...

E eu pensava : — E' melhor ir caminhando
Com seus pézinhos, rindo, conversando,
Voltar da côr das rosas que levou... »

Não foi commigo... Mas lá foi levada
N'uma manhã de sol... — muda, gelada,
Livida, inerte... E nunca mais voltou !

FRANCISCO LINS

Nascido na cidade de Ubá, Minas, a 9 de maio de 1865.
Professor e jornalista em Juiz de Fóra.

O INVERNO

O inverno ! A neve cae. Entre densos novelos
De nuvens cor de chumbo o grande sol se occulta.
Olha... Como está triste e coberta de gelos
Esta immensa planicie abandonada e inculta !

O desejo de amar avoluma-se, avulta,
Cresce, faz explosão... Enchemo-nos de zelos,
Quanta tristeza, Amor, deste frio resulta !
Quanta noite cruel, prenhe de pesadelos !

E não vens, não virás, talvez... Não virás nunca !
E ha de martyrizar-me a hedionda garra adunca
Deste frio hibernal, que retarda os meus passos !

E hei de sempre buscar-te, abafando os desejos
De te ver, de te amar, de cobrir-te de beijos,
De viver só por ti, de morrer em teus braços !

José Manuel CARDOSO DE OLIVEIRA

Romancista e poeta. Bacharel em direito. Natural da Bahia e nascido a 27 de junho de 1865. *Abraçou a vida diplomatica.*

BIBLIOG. — *O orgulho*, poemeto, Recife, [illegible]; *Os [illegible] da [illegible]*, Recife, [illegible]; *Dos Alpes*, Paris, [illegible]; *Versos*, Garnier, 1907.

O LEPROSO

Lê-se o martyrio em seu olhar esquivo ;
Traz na fronte o ferrête da desgraça ;
No lar o evitam, nem a esposa o abraça,
Temerosos do tóque repulsivo !

Alvo do fero horror da populaça,
Falho de arrimo e paz, o morto-vivo
Lança aos Céus um anáthema expressivo,
E foge com a afflicção que o despedaça !

Olhos baixos, pesquisa, em marcha estranha,
Palmo a palmo, os desertos, a montanha,
O valle, a rocha, o pico fumarento ;

Revolve a terra ; faz a volta ao mundo,
Sem descobrir um antro assás profundo,
Onde possa enterrar seu soffrimento !

TARGINO JORGE

Nascido a 4 de julho de 1865 na cidade do Ceará-mirim, Rio Grande do Norte, e fallecido na cidade do Rio de Janeiro, onde abraçara a vida commercial.

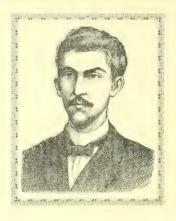
INSACIADA

Tens o seio de fogo e a alma fria
CASTRO ALVES

Deixae que pelo mundo inteiro a desgraçada
Oscule sem cessar a bocca dos amantes,
Que têm na febre intensa e louca de uns instantes
A illusão de quem beija a bocca apaixonada.

Terá de percorrer a triste e longa estrada,
Terrivel e fatal de todas as bacchantes :
O collo alabastrino ornado de brilhantes
E a alma numa neblina envolta, enregelada.

Ha de ter muita vez a sede ardente e louca,
A sede que só mata a fonte de outra bocca,
Dum beijo perfumado a limpida frescura :

E alma se inda tivesse... e que tem alma, crede,
Em beijos buscará matar a ardente sede,
Mas nunca ha de encontrar o beijo que procura !

EUGENIO Julio SAVARD Saint Brisson

Nascido no Estado do Rio de Janeiro a 13 de novembro de 1865 e fallecido em Nictheroy a 1 de dezembro de 1899. Academico de medicina, não concluiu o curso.

BIBLIOG. [illegible], Porto, [illegible]; O *[illegible]*, Porto, [illegible]; *Serenata*, Porto, [illegible]; [illegible], Rio, [illegible], publicação posthuma.

DOIS CREPUSCULOS

No occaso a purpura esmaece. O dia
Pallido es coa... a morna claridade
Envolve os seres, pouco a pouco e invade
Tudo um aroma... de melancolia.

Um terno adeus abrange a immensidade,
Paira um mysterio. Sôa *Ave Maria*.
Hora de paz, de amor, de poesia,
Unges a dôr e evocas a saudade !...

Não é tão calmo esse outro breve instante :
Da vida a tarde... Não ha som que o cante
E nem ha côr que esse outro occaso pinte.

Dormes tranquilla, natureza, certa
De que te acordas na manhã seguinte :
E a vida... nunca, nunca mais desperta.

WENCESLÁO José de Oliveira QUEIROZ

Nascido em Jundiahy, Estado de S. Paulo, a 2 de dezembro de 1865. *Juiz federal em seu Estado natal.*

BIBLIOG. — *Goivos*, poemeto, S. Paulo; *Heroes* S. Paulo; *Versos*, Lisboa, 1890.

REVELAÇÃO

Nada te digo nem direi... Mas penso
Que o meu olhar, quando em teus olhos pousa,
Te revela em segredo alguma cousa,
Alguma cousa deste amor immenso...

Minha bocca — bem vês — como uma lousa
E' muda, embora num desejo intenso
Arda meu coração como um incenso,
Envolto no mysterio em que repousa...

Que outros proclamem seu amor em phrases
De fogo, alçando a voz enternecida,
Cheios de gestos e expressões fallazes...

Eu, não... Nada te disse nem te digo...
Mas sabes que este amor é minha vida
E que em silencio morrerá commigo...

VICTOR SILVA

Natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido em 1865. Director da Bibliotheca Publica da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul

O PHAROL

Na amplidão do mar alto entre as vagas se apruma
O vulto do Pharol como uma sentinella ;
Estardalhaça o vento e a rugir se encapella
A agua negra do mar em turbilhões de espuma.

Enche a tragica noite, atrôa e se avoluma
Um insano clamôr nas azas da procella ;
E' a morte ! E ao temporal que as vagas atropella
Rodopiam as náos na escuridão da bruma.

Mas subito um clarão a espessa treva inflamma,
Accende o mar bravio, illumina os escolhos
E guia o rumo ás náos contra os parceis da morte...

E' a vida ! E' o Pharol que escancarando os olhos
Vira e revira em torno as orbitas de chamma
Ora ao Norte, ora ao Sul, ora ao Sul, ora ao Norte...

ALCINDO GUANABARA

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1865. Politico militante, prosador e jornalista. Representa o Districto Federal no Senado da Republica.

TUMULUS

Vamos, senhora, percorrer o Egypto,
E visitar as mumias antiquadas...
Aqui tens, neste livro, bem descripto,
Todo o viver das raças sepultadas.

Tens a religião e tens o rito
Dessas populações embalsamadas ;
Verás a crença extranha e o extranho mytho
Dessas vidas na morte conservadas.

Mas, si te não agrada a digressão
Que te proponho, tens aqui meu peito.
E, dentro delle, tens meu Coração...

Olha ; e verás a grande sepultura,
Onde, num duradouro abraço estreito,
Jaz meu Amor e minha Desventura !...

OLAVO dos Guimarães BILAC

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 16 *de dezembro de* 1865. *Foi academico de direito e de medicina, não concluindo, porém, nenhum dos cursos. Jornalista e inspector escolar em sua cidade natal, hoje aposentado. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Gonçalves Dias.*

BIBLIOG. [illegible] — *Poesias*, S. Paulo, [illegible] — *Poesias*, 2ª ed., Rio, [illegible]

VIRGENS MORTAS

Quando uma virgem morre, uma estrella apparece,
Nova, no velho engaste azul do firmamento,
E a alma da que morreu, de momento em momento,
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

O' vós, que, no silencio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós quando anoitece,
Cuidado ! — o que dizeis, como um rumor de prece,
Vai sussurar no céo levado pelo vento...

Namorados, que andais com a bocca transbordando
De beijos, perturbando o campo socegado
E o casto coração das flôres inflammando,

[escuras...
— Piedade ! — Ellas vêm tudo entre as moitas
Piedade ! esse impudor offende o olhar gelado
Das que viveram sós, das que morreram puras !

ALOYSIO Lopes Pereira DE CARVALHO

Nasceu a 27 de março de 1866 na Capital da Bahia, onde é jornalista. Usa do pseudonymo — Lúlu Parola.

BIBLIOG. — *Cantando e Rindo*, 2 vol. Bahia, [illegible]

SONETO

Sabes ?... Eu fui pelos vergeis cantando...
E o meu amor as flores presentindo,
Musica estranha ! foram repetindo
O teu nome que eu ia soletrando !

E as aves logo, em revoada, em bando,
Acudiram das moitas, desferindo
Teu doce nome ! Subito, esse infindo
Gorgeio — aves e flores abrandando,

Perguntaram-me : « Aquella que te adora
Não vive longe ? E como estás contente ? »
E eu respondi : « De mim distante, embora,

Trago-a no coração, trago-a na mente ! »
Calei-me. E aves e flores, sem demora,
O teu nome cantaram novamente !

VICENTE DE CARVALHO

Nasceu em Santos, S. Paulo, a 5 de abril de 1866. Formado em direito. Abraçou a advocacia no seu Estado natal. Jornalista, poeta e prosador. E' membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Martins Penna.

Bibliog. [illegible] *Ardentias*, Santos, [illegible]; *Relicario*, [illegible] ed., Porto, [illegible]; *Rosa, rosa de amor*, poema, Rio, [illegible]; *Poemas e Canções*, 2ª ed., Porto, [illegible]; *Versos* [illegible].

VELHO THEMA

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada ;
Nem é mais a existencia, resumida
Que uma grande esperança mallograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz anciosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que suppomos,
Arvore milagrosa que sonhamos,
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim : mas nós não na alcançamos,
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

JOÃO ANDRÉA

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, a 28 de abril de 1866.

Jornalista na sua cidade natal, onde tambem é funccionario publico.

O PHAROL

Crispa os dedos em vão ! Estende os braços e, a vaga,
Como quem sobe ancioso a uma escarpa de argilla,
Tenta, a unhadas, galgar... Rijo o vento sibilla.
Volve, ao longe, o pharol a pupilla presaga.

E ora a vaga o reanima, ora a vaga o anniquila,
Ora o eleva, ora o abate, ora o alenta, ora o esmaga.
Foge a náo que o perdera entre um grito e uma pra- (ga...
Longe, inquieto, o pharol abre a fulva pupilla.

E, ao clarão desse olhar, na tormenta que estronda,
Dá-lhe tumulo, emfim o concavo de uma onda
A que outra sobrepõe a lápide de espuma.

— Alma ! Em vão buscarás, da onda que te enno- (vella,
Um pharol que illumine, atravéz da procella,
A aza de uma illusão que se perde na bruma.

ACRISIO MOTTA

Nascido na cidade de Bragança, Pará, a 25 de junho de 1866, e fallecido, repentinamente, a 17 de agosto de 1907. Funccionario postal. Jornalista e poeta.

Bibliog. — [illegible]

O SENHOR CONDE

Sóbe os degráos da escada o senhor Conde,
Manso, de manso, como faz um gato,
Quando, em busca de algum ladino rato,
No negrume da noite o vulto esconde.

Chegando em cima, junto ao quarto, onde
Dorme a Condessa em virginal recato,
Elle estaca, medroso, timorato,
Receiando que o crime alguem lhe sonde.

Assim as noites elle passa alerta...
Qualquer sussurro, nalma lhe desperta
Uma cruel suspeita enorme, infinda...

Pudera ! se a Condessa, n'um sorriso,
Promette um mundo, um céo, um paraizo,
E os Lovellaces não morreram inda !...

BENTO ERNESTO Junior

Nasceu na cidade de Itapecerica, Minas, em 1866. Inspector do ensino em Minas e membro do Conselho Superior de Instrucção.

Bibliog. — *[illegible] Atomo[illegible] — Arvore do Bem — Terra Promettida*

LAGRIMAS

A vida, meu amor, que hoje passamos
Só póde ser com lagrimas descripta,
Tão grande a dor que o peito nos habita,
Tão amargo este fel que hoje provamos.

Tão nublados de lagrimas levamos
Os olhos, sob o peso da desdita,
Que tudo que ante nós vive e palpita,
Tudo inundado em lagrimas julgamos.

E todo esse luctuoso mar de pranto,
Que vemos em nossa alma e em tudo vemos,
Nasce de havermos nos amado tanto !

Porém, embora, a amar, tanto sofframos,
Cada vez mais, amada, nos queremos,
Cada vez mais, querida, nos amamos.

LEONCIO CORRÊA

Nasceu em Paranaguá, Paraná, a 1 de setembro de 1866. Dedicou-se á imprensa e á politica e tem sido deputado estadoal e ao Congresso Federal. Ex-director da Instrucção Publica do Districto Federal e professor da Escola Normal. Ex-director da Imprensa Nacional.

BIBLIOG. — *Flores agrestes*, Curityba, [illegible]; *Volatas*, Curityba, [illegible]

MÃE

Mãe ! minha mãe ! na augusta claridade
Dos teus olhos tranquillos e radiosos
Ri-se Deus ; e, se Deus não rir, quem ha de
Rir, oh ! Santa, por olhos tão piedosos ?

Como as estrellas pela immensidade,
Desenrolam-se nelles dons formosos
Dessa alma : e, os vejo, mãe, com que saudade !
Com que sabor de beijos lacrimosos !

Tu, que a vida me dando, mãe, me déste
Parte da tua, e o teu amor, que enlaça
Meu ser, como uma faixa azul celeste ;

Sei que darias, com um sorriso doce,
Para salvar teu filho da desgraça,
A propria vida, se preciso fosse...

WALFRIDO SOUTO Maior

Nasceu a 28 de setembro de 1866 na cidade de Limoeiro, Pernambuco. Advogado no Rio de Janeiro.

Bibliog. — *Raios pallidos*, Recife, [illegible]; *A Religião em face da sciencia*, poema, Rio, [illegible].

HONTEM E HOJE

Eu vinha palmilhando a escarpa desta vida,
Indifferente e só ! Tranquillo e socegado !
Seguindo sempre a esmo a estrada indefinida,
Sem saber se feliz eu era ou desgraçado !

Em meio da montanha, asperrima, cançado,
Parei para escutar a voz enternecida
De um anjo a me falar de amor, esse doirado
Castello de illusões da Terra Promettida.

E eu cri nessa mulher !... E, assim tendo-a no peito,
Seguimos pela estrada azul da phantasia,
Cada qual mais alegre e rindo e satisfeito !

Depois... sumiu-se o sol doirado do meu sonho :
E triste e só, afflicto, eu sinto que hoje em dia,
A vida me arrebata um temporal medonho !

RODRIGO OCTAVIO de Langaard Menezes

Nasceu em Campinas, S. Paulo, a 11 de outubro de 1866. Bacharel em direito pela Faculdade de S. Paulo, abraçou a advocacia. Lente da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Prosador e poeta. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Tavares Bastos.

BIBLIOG. — *Pampanos*, Rio, 1[illegible]; *Poemas e idyllios*, Rio, 188[illegible]

FIM DE PASSEIO

Vamos seguindo a sinuosa estrada
Sob a pressão do caustico mormaço.
Sol a pino ; planicie descampada.
Nem uma nuvem tolda o azul espaço...

Deserta a faixa do caminho. A alada
Orchestra cála o original compasso...
Surge um carro de traz de uma quebrada,
Dos tardos bois ao vagaroso passo...

A estrada agora um ribeirão contorna
Torvo, espumante entre seixaes sem conta.
Ouve-se ao longe estridula bigorna...

Tenue, clara espiral de fumo oscilla ;
E sobre as arvores de um bosque aponta
Da igreja a torre anunciando a villa...

MARIA CLARA da Cunha Santos

Natural de Pelotas, Rio Grande do Sul, e casada com o Dr. José Americo dos Santos. Nasceu a 18 de novembro de 1866 e falleceu em 1911, na cidade do Rio de Janeiro.

A ESTATUA

Aquella estatua esplendida e formosa,
Magistral, imponente e deslumbrante
De uma heroina antiga e triumphante,
Tem a fórma divina e graciosa !

Mas essa estatua bella e fascinante
Que arrebata e se ostenta magestosa,
Foi talhada na phase venturosa,
Em que o artista, a sorrir, se fez amante.

Por isso é que essa estatua enregelada,
Que não tem alma e que não tem calor,
Sendo incapaz de amar ou ser amada,

Nos parece sentir com louco ardor,
Pois cuido vel-a e ouvil-a, apaixonada,
Arfante o seio, suspirar de amor !

ALFREDO MARIANO de Oliveira

Natural da cidade de Saquarema, Rio de Janeiro, nascido a 22 de novembro de 1866. Jornalista e funccionario publico na cidade do Rio de Janeiro.

A' MINHA IRMÃ ALZIRA

(NO DIA DE SEU ANNIVERSARIO NATALICIO

Outro, si temos todos da poesia
Mais ou menos o dom, versos melhores,
Mais bellas rimas e odorantes flores
Póde sagrar-te neste bello dia.

Eu, porém, que conheço a sem valia
Da minha musa, que dos dissabores,
Sabe apenas pintar de negras cores
Os tristes quadros da melancolia,

Isto apenas te dou. Mas, si saudar-te
Venho com o coração no que te mando,
Os defeitos que vires põe de parte !

Nota que em ponto mais humano acérto,
Neste dia de longe te abraçando,
Já que não posso te abraçar de perto.

JOSÉ PETITINGA

Natural da Bahia, nascido a 2 de dezembro de 1866. Philologo e jornalista na capital de seu Estado, onde se consagra tambem á vida commercial.

BIBLIOG. — *Harpejos vespertinos. Madresilvas. Tonadilha.*

A PARTIDA

Na hora da partida, soluçando,
Ella me disse : « Não demores, não...
« Volta em breve que eu fico definhando
« Sob o peso cruel dessa paixão ! »

E eu nada respondi, porque nadando
Minh'alma estava em ondas de affliccão ;
Apenas um suspiro soltei, quando,
Entre a minha apertei a sua mão !

E segui para bordo. Desfraldando
As velas ao soprar da viração,
O barco as aguas salsas foi sulcando,

Para o caes eu olhei, e vi então
Ella co'um lenço branco me acenando...
— Parti ; porém deixei o coração !

Sebastião de GUIMARÃES PASSOS

Poeta alagoano, nascido em Maceió a 22 de março de 1867 e fallecido em Paris no dia 10 de setembro de 1909. Jornalista e poeta. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Laurindo Rabello.

Bibliogr. — *Versos de um Simples*, 1891. *Horas mortas*, 1901.

TEU LENÇO

Esse teu lenço que eu possuo e aperto
De encontro ao peito quando durmo, creio
Que hei de um dia mandar-t'o, pois roubei-o,
E foi meu crime, em breve, descoberto.

Lucto, comtudo, a procurar quem certo
Possa nisto servir-me de correio ;
Tu nem calculas qual o meu receio,
Se, em caminho, te fosse o lenço aberto...

Porém, ó minha vivida chimera !
Fita as bandas que habito, fita e espera,
Que, emfim, verás em tremulos adejos,

Em cada ponta um beija-flor pegando,
Ir o teu lenço pelo espaço voando
Pando, enfunado, concavo de beijos.

LUIZ CASSIANO Martins Pereira

Nascido em Sabará, Minas, a 23 de março de 1867 e fallecido a 16 de fevereiro de 1903. Bacharel em direito e jornalista.

O CHORO DAS POMBAS

As outras vagam gyro acostumado,
Por entre os beijos da tardinha, emquanto
Duas sombrias um sombrio manto
Sentem do céo, de risos esmaltado.

Aqui uma começa, do outro lado
Uma outra torna á queixa que do canto
A graça tem, mas que de dor e pranto,
Recorda, a vida lembra de um passado.

E o terno arrulho, languescente endecha,
Desliza-lhe do peito, onde, fogoso,
Um mimo — um coração, sente agonia !...

Mas, se entendida fora aquella queixa,
Quanto soneto doce e primoroso
Do coração das pombas sahiria !...

ADOLPHO CAMINHA

Poeta cearense, nascido na cidade de Fortaleza a 29 *de maio de* 1867, *e fallecido na cidade do Rio de Janeiro a* 1 *de janeiro de* 1897. *Official de marinha.*

NO BANHO

Nymphas do bosque, Naiades formosas,
Satyros, Faunos, vinde vel-a agora,
Nua, no banho, esta ideal senhora,
Que em belleza e frescura excede as rosas.

Vinde todos depressa !... Eil-a que córa...
Eil-a que solta as tranças graciosas
Sobre as espaduas niveas, capitosas...
Eil-a que treme á loura luz da aurora...

Tinge-se o céo de cores purpurinas.
O sol desponta ; as timidas boninas
Mostram á luz os calices doirados.

Vede-a, Nymphas, agora : os nacarados
Labios, os seios tumidos, nevados,
Segredam cousas idéaes, divinas !

PRESCILIANA DUARTE de Almeida

Nasceu em Pouso Alegre, Minas, a 3 de junho de 1867.
Casada com o poeta e philologo Silvio de Almeida.

BIBLIOG. — *Rumorejos*, 1890

SONETO

O pobresito eu vira amortalhado
Em setinosa veste, branca e pura,
Vira o seu rosto pallido e gelado,
Tendo a expressão divina da candura !

Era um anjinho loiro que por fado
Tivera — não penar nem ter ventura,
Morrer sem ter vivido ou ter amado
E sem saber que havia a sepultura !

No entanto contemplei-o vagamente,
Vendo um sorriso impresso em sua bocca,
Onde fulgia o seu primeiro dente.

Mas quando desgrenhada, afflicta e louca,
A sua pobre mãe eu vi tremente,
Chorei... achando minha dôr tão pouca !

EMILIO DE MENEZES

Nasceu na cidade de Curityba, Paraná, a 4 de julho de 1867. Poeta e jornalista residente na cidade do Rio de Janeiro. Membro da Academia Brasileira de Letras.

Bibliog. — *Poemas da Morte*, Rio 1901; *Poesias*, Rio, 190[illegible].

NO LAGO DE GENESARETH

Homem de pouca fé, porque duvidaste?
Math., XIV, v. 31

— « Náo da Fé! porque, em ti, tornas o incenso em
(fumo?
Porque, de um porto bom, para outro porto zarpas?
Nou da Esperança! em ti, já os sonhos não resumo:
Teu porto se antolhou de abrólhos e de escarpas!

Desarvorada Náo da Caridade! as harpas
Do teu velame já se não ouvem, presumo,
Pois as cordas subtis aos vendavaes esfarpas
E lá segues tambem sem velas e sem rumo! » —

E a humanidade toda, entre queixas e maguas,
Entre as furias do mar e a cólera celeste,
Fére e apúa dos bons a alma em ardentes fraguas.

Mas Christo surge e diz por entre as ondas: « Este
Manto de que me dispo e estendo sobre as aguas,
E' uma náo que resume as tres náos que perdeste!..

Antonio PERES JUNIOR

Natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido em julho de 1867. Jornalista em sua terra natal.

POEMA INTIMO

Se a vejo rir, — a concha carminada
De sua bocca abrindo airosamente,
Em plenilunio fulge de repente
Dos céos a curva azul, estrellejada.

E julgo ouvir distante uma ballada,
Uns longes de ternura... E pelo ambiente
Canta, exulta o luar phosphorescente...
Vibra, resoa uma harpa enamorada...

E beijo-lhe as mãos leves e pequenas,
Mais leves do que as azas das phalenas ;
— E, como á noite o dia, em purpurina

Flamma, succede ; fulgido e brilhante,
Assim tambem eu vejo, faiscante,
A aurora em sua bocca pequenina !...

SILVIO Tibiriçá DE ALMEIDA

Nascido em Pouso Alegre, Minas, a 28 de agosto de 1867. Bacharel em direito pela Faculdade de S. Paulo, abraçou o magisterio. Lente de literatura no Gymnasio Paulista e director do Instituto « Silvio de Almeida ». Casado com a poetisa Presciliana Duarte.

Biblio. — *Ephemeras*, S. Paulo,

DEFRONTE DE UM TEMPLO

Esgues-te em vão no seio da cidade
Oh ! velho templo de soturno aspeito !
Por ti passou, em coleras desfeito,
O sopro aterrador da tempestade !

Abandonado ao pó da soledade,
Já não recebes religioso preito,
Já te não vive agora mais sujeito
O espirito viril da mocidade !

Debalde apontas para o céo aberto...
Tristonho, mudo, sepulchral, deserto
Ao derradeiro dia te encaminhas,

Ao dobre derradeiro te adiantas...
Hão de, porém, chorar-te as almas santas
E o coração das frageis andorinhas !

José Joaquim de MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Nascido no Recife a 4 de setembro do 1867. Ex-director geral da Instrucção Publica no Districto Federal. Politico militante. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de José Bonifacio, o moço. Critico e jornalista.

BIBLIOG. — *Canções da Decadencia, Remorso : Peccados; Poesias*, ed. definitiva, 1904.

ILLUSÕES

Velas fugindo pelo mar em fóra...
Velas... pontos — depois... depois, vasia
A curva azul do mar, onde, sonora,
Canta do vento a triste psalmodia...

Partem pandas e brancas... Vem a aurora
E vem a noite após, muda e sombria...
E, si em porto distante a frota ancora,
E' p'ra partir de novo em outro dia...

Assim as Illusões. Chegam, garbosas,
Palpitam sonhos, desabrocham rosas,
Na esteira azul das peregrinas frotas...

Chegam... Ancoram n'alma um só momento :
Logo, as velas abrindo, amplas, ao vento,
Fogem p'ra longes solidões remotas...

BERNARDINO Antonio DO AMARAL

Nasceu na cidade da Estancia, Sergipe, a 9 de outubro de 1867. Agrimensor, engenheiro militar e cirurgião dentista pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Tem varias producções esparsas.

SONETO

Na densa matta do sertão do norte,
Junto ao ribeiro o bello ipé cresceu,
Tornou-se erecto, sobranceiro e forte,
Depois curvou-se — seu vigor perdeu! –

Louco quem busca sophismar a sorte,
Fugir da sina, do destino seu!
Do berço á tumba, no fatal transporte,
Tudo que existe, que surgiu, nasceu:

A planta, o homem, a fallaz grandeza,
Prendas, encantos, traços de belleza,
Tudo a velhice fatalmente trunca!

Some-se o riso, se anniquila o gosto,
Dobra-se a espinha, se enruguece o rosto...
Só o coração não envelhece nunca!

JOÃO DE DEUS DO REGO

Nasceu em Caxias, Maranhão, a 22 de novembro de 1867. Jornalista no Pará, em cuja capital falleceu a 30 de junho de 1902.

BIBLIOG. — *Primeiras Rimas*, Belém do Pará, 1888; *Ultimas Rimas*, Belém do Pará, [illegible], publicação posthuma

SONHO INFANTIL

Ella dormia brincando
Co'a trancinha perfumosa,
Tinha a face côr de rosa,
Um calor ameno e brando

A velha se approximando
Da nívea cama formosa,
Perguntou-lhe carinhosa :
— Estavas, filha, sonhando ?

— Mãe ! (disse a casta menina,
Envolta a fronte divina
Na luz do materno olhar.)

— Eu vi o papá risonho,
Inda agora no meu sonho,
Lá dos céos a me chamar !

José RODRIGUES DE CARVALHO

Nasceu no povoado de Alagoinha, comarca de Guarabira, Parahyba, a 18 de dezembro de 1867. Bacharel em direito. Vive do commercio e magisterio na cidade de Fortaleza, Ceará.

Bibliog. — *[illegible]*, poemeto, [illegible]. *[illegible]*, versos esparsos, [illegible]. *[illegible]*

SEIOS

Quando a seiva da carne perfumosa
Protubera-se em conchas offegantes,
Os seios da mulher são como errantes
Aves do céo com bicos côr de rosa.

Pomos com fibra de setim, inconhos,
São, quando a virgem, na cerulea estancia,
Rompe o casulo lyrial da infancia
P'ra ser a Chloris de um pomar de sonhos.

Mas, quando, oh, nume das paixões, os mundos,
Aos olhos frageis do mortal, desvendas,
Cheios de amor, de seducção fecundos...

Elles, qual fructo tentador das lendas,
São dous abysmos santamente fundos,
Dous assassinos no grilhão das rendas !

EUCLYDES DA CUNHA

Nasceu a 20 de janeiro de 1868, no municipio de Cantagallo, Rio de Janeiro. Bacharel em mathematica e sciencias physicas e naturaes pela Escola Superior de Guerra. Abandonou a vida militar e entregou-se á engenharia civil e ao magisterio. Lente de logica do Collegio Pedro II. Falleceu, assassinado, na cidade do Rio de Janeiro, a 15 de agosto de 1909.

Historiador. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Castro Alves.

A FLOR DO CARCERE

Nascera ali — no limo viridente
Dos muros da prisão, — como uma esmola
Da natureza a um coração que estiola —
Aquella flôr immaculada e olente...

E *elle* que fôra um bruto, e é vil descrente
Quanta vez, n'uma prece ungido, colla
O labio secco na humida corolla
Daquella flôr alvissima e silente !...

E — elle — que soffre e para a dôr existe
Quantas vezes no peito o pranto estanca !...
Quantas vezes na veia a febre acalma,

Fitando aquella flôr tão — pura e triste !...
— Aquella estrella perfumada e branca
Que scintilla na noite de sua alma...

NESTOR VICTOR dos Santos

Natural da cidade de Paranaguá, Paraná, nascido a 12 de abril de 1868. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro. Critico e poeta.

BIBLIOG. — *Transfigurações*, Rio [illegible]

AS IDIOTAS

Fronte estreita, enrugada, pequenina...
— Que afflicção em nossa alma ella desperta !
Sem queixo, quasi, mão pequena e fina,
Uns labios de papel, a bocca aberta !

Que paz sinistra de região deserta
N'aquelle ser de tão estranha sina !
Ella vagueia a vista á tôa e incerta,
Rindo do que nem vê nem imagina !

Mama-lhe ao seio uma creança. Nota
Quem lhe vê a figura compungente
Que é, por certo, tambem uma idiota.

Olham-se as duas d'aqui a pouco, e, como
Querendo ironisar-se mutuamente,
Uma ri, outra ri, fazem-se um momo !

HEITOR GUIMARÃES

Natural de Sarandy, municipio de Juiz de Fora, Minas, onde reside. Fundador do « Jornal do Commercio » da mesma cidade. Nasceu a 6 de junho de 1868. Poeta e prosador.

BIBLIOG. — *Versos e reversos*, Juiz de Fora, [illegible].

ESTRELLA D'ALVA

Já do céo as estrellas vão fugindo ;
Vae uma, depois outra e outra embora...
Dançaram toda a noite. O céo é lindo.
Houve orgia de luz. Dormem agora.

No salão do horizonte, azul, infindo,
Vão se apagando as luzes ; vem a Aurora,
Descerra-lhe a cortina, entra sorrindo...
Apenas uma estrella inda demora.

Na mocidade a vida é noite bella,
Lindo horizonte que de amor se estrélla,
De onde a Crença não sae ás vezes salva.

Fugis, estrellas ? que me importa, em summa,
Si das mais bellas me ficou inda uma :
— A minha amada, a meiga estrella d'alva ?

ANTONIO SALLES

Nasceu na villa de Paracurú, Ceará, a 13 de junho de 1868. Funccionario do Thesouro Federal. Poeta, jornalista e prosador.

BIBLIOG. — *Trovas do Norte.* Poesias, ed. definitiva, 1902.

PESCA DA PEROLA

O coração é concha bipartida :
Nós guardamos no peito uma metade,
E a outra — quem o sabe ? — anda perdida
Entre as vagas do mar da humanidade.

Do escaphandro de illusões vestida
Rindo, mergulha a affoita mocidade,
Buscando um ser que lhe complete a vida,
Que lhe povôe do peito a soledade.

Encontra algum essa affeição sonhada
E á tona sobe erguendo a nacarada
Valva que guarda a perola do amor...

Outro, porém, debalde as aguas sonda,
Desce, a rolar, afflicto, de onda em onda...
E não mais torna o audaz mergulhador !

ARTHUR Augusto BAHIA da Cunha

Poeta alagoano, nascido a 27 de julho de 1868. Jornalista na cidade do Recife, Pernambuco.

TENEBRÆ

(A UM CEGO DE NASCENÇA)

Por toda a parte é sempre a mesma treva...
Desponte a luz, em purpuras, no oriente,
Ou no occaso se esbata lentamente,
Jámais a luz teu coração enleva !

Quer seja escuro o céo, quer esplendente,
De balde ao céo o teu olhar se eleva :
Em cima, em baixo, atraz de ti, em frente,
Por toda a parte é sempre a mesma treva !...

Que desgraçado e estupido contraste !
— Surgindo á luz da vida naufragaste
Da escuridão no pelago sem fundo !

Ai ! — o destino te jogando a esmo
No mundo, te deixou fóra do mundo,
Encarcerado dentro de ti mesmo !

JOAQUIM Martins FONTES da Silva

Nascido no municipio de Socorro, Sergipe, em 1868. Formado em direito, abraçou a principio a magistratura, preferindo depois a advocacia em Tiété, S. Paulo.

SONETO

Bem como o viajor, que busca o termo
Da sua penosissima jornada,
Por um caminho longo, triste e ermo,

— Nós gastamos a vida, percorrendo,
Só de espinhos e dores, uma estrada,
Cujo termo é a morte. E, perecendo,

O homem, esse animal que pensa e chora,
Porventura terá, depois de morto,
O que teve na vida — fel e horto —
Ou viverá dos risos d'uma aurora ?...

Não sei... pouco me importa. Mas tambem,
— Ou seja a alma immortal ou a materia —
Morrer é libertar-se da miseria.
Acceita o meu adeus... fizeste bem !

João DUNSHEE DE ABRANCHES Moura

Nascido a 2 de setembro de 1868 na cidade de S. Luiz, Maranhão. Jornalista. Deputado federal por seu Estado.

A PECCADORA

Ajoelhada a vi junto á tristonha nave
Da velha cathedral orando sobre a cruz.
Era inda moça e bella, e os seios semi-nús
Tremiam sob o crepe em morbidez suave.

Deante dessa mulher não ha hoje quem crave
Um olhar puro e bom. Belleza extincta á luz
Do sentimento, ali, ás plantas de Jesus,
De um poema de amor talvez guardasse a chave.

A prece terminou... e a loira peccadora,
Tremula, palpitante e triste, levantou-se
E do confessionario aos pés ajoelhou-se...

Aquelle collo nú tornava-a tentadora...
E eu vi o confessor, tão meigo e tão curvado,
Falar como Jesus e olhar como o peccado.

ANTONIO THOMAZ

Nasceu na cidade de Acarahú a 14 de setembro de 1868. Vigario da sua citade natal, Estado do Ceará. Tem innumeras producções esparsas.

CONTRASTE

Quando partimos, no vigor dos annos,
Da vida pela estrada florescente,
As Esperanças vão comnosco á frente
E vão ficando atraz os Desenganos.

Rindo e cantando, céleres e ufanos,
Vamos marchando descuidosamente...
Eis que chega a velhice de repente,
Desfazendo illusões, matando enganos.

Então nós enxergamos claramente,
Quanto a existencia é rapida e fallaz
E vemos que succede exactamente

O contrario dos tempos de rapaz :
— Os Desenganos vão comnosco á frente
E as Esperanças vão ficando atraz !

José EUSTACHIO DE AZEVEDO

Nasceu em Belém, Pará, a 20 de setembro de 1868. Poeta, romancista e jornalista. Membro da Academia Pernambucana de Letras. Usa do pseudonymo : Jacques Rolla.

BIBLIOG. — *Orchideas*, [illegible]; *Nevoeiros*, [illegible]. *Brasil*, poemeto, 1900. *Anthologia Amazonica*, 1904

SÓS !...

Nós dois sómente, ninguem mais ! relendo
Nossas cartas de amor immaculado...
Longe do mundo, num *chalet* doirado,
Nós dois sómente e Deus do céo nos vendo...

Sós ! e mais tarde um anjo a nosso lado,
— Fructo de nosso amor — tambem vivendo...
Nós a embalal-o quando o sol morrendo
Fosse — e a vel-o dormir acalentado...

Aconchegar-te ao peito meu, contar-te
O que o verso não diz, anjo ! Adorar-te
Haurindo o olôr que teu cabello encerra...

— É tudo quanto aspiro nesta vida !
É a minha esperança estremecida...
— A que me faz viver inda na terra !

MAX FLEIUSS

Natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido a 2 de outubro de 1868. Bacharel em sciencias sociaes. Funccionario postal. Secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

BERÇOS E TUMULOS

Ao despontar das alvas matutinas,
Quando o sol de remotos horisontes
Desce, tingindo os pincaros dos montes
Das côres da alvorada, purpurinas ;

Quando, ao vel-o, das candidas boninas
Vão-se abrindo as corollas delicadas
E as frescas rosas tremem orvalhadas
Nas hastes frageis, humidas, franzinas ;

Quando tudo sorri, tudo se enflora
Cheio de sonhos ao romper da aurora,
Cheio de prantos ao cahir dos dias,

Penso nas loiras, candidas crianças
Que despertam repletas de esperanças,
Que fenecem repletas de agonias !...

Antonio Francisco da SILVA MARQUES

Nascido a 19 de outubro de 1868 em S. Antonio de Capivary, Rio de Janeiro. Advogado, jornalista e professor na cidade do Rio de Janeiro.

A MORTE DE BRANCA

Quando Branca partiu como se o dia
Tambem partisse, estupefacto, mudo,
Vi tudo escuro, tudo escuro, tudo !
Repleto o mundo de melancholia...

A mão da morte bruscamente fria
Arrebatou-me nesse fraco escudo
Tudo que é bello imaginar-se, tudo
Que de mais santo sobre a terra havia.

Choram de dor as pallidas estrellas
Porque de Branca evaporou-se a imagem
Talvez sonhada á semelhança dellas ;

E eu maldigo a mão de Deus tyranna
Que arremessou de subito á voragem
A mais perfeita creatura humana.

PEDRO Carlos da Silva RABELLO

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, a 19 de outubro de 1868 e fallecido na mesma cidade. Funccionario publico. Membro da Academia Brasileira, onde occupou a cadeira de Pardal Mallet.

Biblio[illegible] *Opera lyrica*, 1894. [illegible]

MORTE DE HALZA

Fóra ha um brusco rumôr. Ergo-me e digo :
— « Benedicta Halza que ao meu encontro accóde ! »
Abro. Ninguem. — « Que é que este ruido póde
Motivar ? » — penso, em tenebras, commigo.

E de subito, o tremulo postigo
Uma pancada, rapido, saccode...
— « Quem é — pergunto — que em tal noite póde
Vir, com ar inimigo, a um lar amigo ? »

Abro. Ninguem. Deserta a rua, fóra...
Dorme a casa entre as arvores. Distante,
Morre uma estrella solitaria e fria...

Ah ! que o não possa eu ver senão agora !
Naquelle lugubre e fatal instante
Halza, distante, pallida, morria !...

MARIO PEDERNEIRAS

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 2 *de novembro de* 1868. *Redactor de debates no Senado Federal. Fallecido em* 1915, *no Rio de Janeiro.*

BIBLIOG. — *Agonia*, poema, 1900; *Rondas Nocturnas*, 1903; *Historia do meu casal*, 1906; *Ao léo do sonho e á mercê da vida*, 1912.

CAMINHOS DA VIDA

« Assim... Ambos assim, no mesmo passo,
Iremos percorrendo a mesma estrada ;
Tu — no meu braço tremulo amparada,
Eu — amparado no teu lindo braço.

Ligados neste arrimo, embora escasso,
Venceremos as urzes da jornada...
E tu — te sentirás menos cançada,
E eu — menos sentirei o meu cançaço.

E assim ligados pelos bens supremos,
Que para mim o teu carinho trouxe,
Placidamente pela Vida iremos,

Calcando maguas, afastando espinhos,
Como si a escarpa desta vida fosse
O mais suave de todos os caminhos. »

Francisco Antonio Vieira CALDAS JUNIOR

Nasceu a 13 de dezembro de 1868 em Sergipe. Jornalista em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, onde dirige o « Correio do Povo ».

PELOS BABADOS

Quando te conheci — facto recente —
Inda não eras moça : o teu vestido
Não ia além do cano reluzente
Do fino borzeguim, alto e brunido.

Affagavas ainda, ingenuamente,
As illusões de um sonho mal fruido,
Como quem vaga nostalgia sente
De outro viver, mais leve e irreflectido.

Nesse tempo, feliz, porque é passado,
Num doce olhar amigo e descuidado,
Eu te fitava o rosto encantador.

E mal pensava que o vestido ousado,
Quanto mais abaixasse o seu babado,
Mais faria subir o meu amor.

Luiz Gastão d'ESCRAGNOLLE DORIA

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 31 de janeiro de 1869. Bacharel em direito e lente de Historia Universal no Collegio Pedro II. Jornalista, prosador e poeta.

NOITE DE BATALHA

Tanta gente morreu, mas de que vale,
Na peleja das tropas carniçadas ?
Ha sob corpos ás pilhas quem exhale
O ai das boccas convulsas e cerradas ;

Mas ha quem para sempre ali se cale.
A' dor humana alheias, socegadas,
Descem sombras da tarde ao meigo valle
Em finas, doces tintas esfumadas.

Lindo, sobre sangueira de tal monta,
No céo o plenilunio d'ouro aponta
— Vigilia funeral da vã batalha —

Derrama-se o luar pela paizagem
E os linhos da celeste, branda imagem,
Aos cadaveres servem de mortalha...

JOAQUIM DE CASTRO

Nasceu a 23 de março de 18[illegible] em Iguape, S. Paulo. Official do Exercito.

BIBLIOG. — *Ro[illegible]eas Lacteas* [illegible], *Stellario de lagrimas.*

PRO FINIS!

Vês essas nuvens como pandas vellas
Que pelo azul do espaço vão ligeiras?
Assim tambem das vidas mais fagueiras
Fogem depressa as illusões mais bellas!

Pensas talvez que as timidas gazellas,
Pelo infinito errando forasteiras,
Livres estão das furias traiçoeiras
Das ululantes rabidas procellas?!

Essas que vão pelo cariz iriadas,
Desfeitas voltarão de onde se alaram,
Em brando orvalho ou chuvas transformadas!

Como das meigas illusões da vida,
Tornam tambem aos corações que amaram,
As urzes da saudade dolorida!

ADHERBAL DE CARVALHO

Nascido em Nictheroy, Rio de Janeiro, a 3 de maio de 1869. *Bacharel em direito pela Faculdade do Recife, advoga na cidade do Rio de Janeiro.*

BIBLIOG. — *Ephemera*, [illegible] ed.; *Versos de um dilettante.*

PEZAMES A UMA MÃE

Senhora, não choreis o vosso filho morto.
Elle se foi rizonho ás altivas regiões,
Unir aos cherubins, para pedir conforto
A vossa grande dôr, em célicas canções !

Não mais tenhaes, senhora, o vosso olhar absorto,
Como quem nada crê das vossas orações !
Jezus quando rezou tristemente no Hôrto,
Pediu, ao Pae, com fé, bondade aos corações !

Sei que elle vos deixou uma saudade immensa,
E que, de soffrer tanto, adquiristes a doença
Que a mania vos deu de o mundo desprezar !

Senhora, a vosso filho offendeis, com certeza,
Porquanto elle ao bom Deus, pede termo á tristeza
Do vosso coração, cançado de chorar !

JULIO David PERNETTA

Natural de Curityba, Paraná, nascido em 1869. Funccionario publico em seu Estado. Um dos fundadores do « Cenaculo de Curityba », na capital do seu Estado.

SONETO

Quando passaste, santa, em teu caixão,
Quando passaste em teu caixão de pinho,
Minha alma te seguiu, cheia de uncção,
Pelas areias brancas do caminho.

Morta !... Perdida !... Para sempre morta !
Nunca mais te hei de ver, santa, ao meu lado.
Sonho, Illusão — que valem, que me importa,
Se entre os homens eu sou tão desgraçado ?

Não mais o teu carinho, o teu sorriso,
Que era o céo da minha alma, o paraiso
Dos meus sonhos de gloria e de ventura :

Nada mais !... Sou um reprobo da sorte ...
O teu sorriso me roubou a Morte,
Negou-me o teu carinho a Desventura.

ARTHUR LOBO

Nascido a 8 de setembro de 1869 em Coração de Jesus, districto de Montes Claros, Minas, e fallecido a 25 de setembro de 1901. *Foi professor e jornalista.*

RIMA INEFFAVEL

Para engastar na extranha contextura,
Eximia e bella, de uma estrophe rara,
Pedi ao mar a perola mais pura
E ao céo a estrella mais formosa e clara.

Gottas que o orvalho esparze na espessura,
Prismas que a côr abraza e a luz aclara,
Astros que andaes na illuminada altura,
Gemmas que esconde a natureza avara.

Em vão colhi para encravar no engaste
Em que da rima a perola floresce
Da filigrana sobre a debil haste ;

Pois, do universo na riqueza opima,
Rima não vi que comparar pudesse
Da tua voz á incomparavel rima.

ALARICO Herculano de Sampaio RIBEIRO

Nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a 7 de outubro de 1869, e fallecido em 1905. Jornalista.

Bibliog. O...

A UMA PECCADORA

Esses, mulher, que vês ao teu mais leve aceno,
De joelhos ao chão curvarem a cerviz,
Como um rafeiro bom que se sente feliz
Lambendo á sua dona as mãos, meigo e sereno...

Esses, que na ebriez dos sentidos, servis
Te compram mal o goso entre ficticio e ameno,
Vasando no teu sangue o rabido veneno
Que a carne te corrompe... Esses — são todos vis !

Esses, infeliz mulher, entre as mulheres !
Se num triste hospital acaso a sós morreres,
Talvez lamentar-te-ão numa noite de orgia.

Mas, que importa tambem ? Se te resta o coveiro
Que então te lançará ao leito derradeiro,
Como quem já tem ganho o pão para esse dia !

Alberto FIGUEIREDO PIMENTEL

Nascido na cidade de Macahé, Rio de Janeiro, a 11 *de outubro de* 1869. *Redactor da « Gazeta de Noticias », na cidade do Rio de Janeiro. Poeta e romancista. Fallecido em fevereiro de* 1914.

BIBLIOG. — *O L[illegible]* [illegible]

DESANIMO

Já nada tenho do que outr'ora tive,
E noutros tempos muita coisa eu tinha :
Minh'A'ma, agora, em desespero, vive,
Vivendo sem viver, triste e sósinha.

Muito sorri e muita dor contive,
Para que o Mundo vil não visse a minha
Grande e profunda Magua. E assim estive,
A viver uma vida bem mesquinha.

Tudo perdi. Na noite do Passado,
Apagou-se o fanal que me guiava,
No Céo do meu viver a fulgurar.

Agora, velho, tropego, cançado,
Espero, mas em vão, que d'Alma escrava,
Venha a Morte os grilhões despedaçar.

FRANCISCO GASPAR

Poeta paulista. Usa o pseudonymo de José Velho. Nascido na cidade de Jacarehy a 20 de outubro de 1869. Funccionario na Prefeitura Municipal de São Paulo. Poeta e jornalista.

Bibliog. — *Nympheas* [illegible]

MENINA E MOÇA

Por sob o seu vest do rendilhado,
Leves se escondem timidos, medrosos,
Uns pésinhos gentis e pressurosos,
Num mimoso pantufo assetinado.

A's vezes, se movendo em descuidosos
Gestos, o mimo mostra, delicado :
Segue-o então o meu olhar parado,
Immerso em vagos sonhos deleitosos.

Hoje é moça de grave compostura,
Arrasta a setinosa veste escura
Numa doce volupia, alegre e franca.

De balde lhe procuro o pé faceiro,
Que me é vedado pelo nevoeiro
Das finas rendas de uma saia branca.

JOÃO LYCIO DE CARVALHO

Nasceu em Curityba a 13 de novembro de 1869, e falleceu a 13 de janeiro de 1893. Abraçou a carreira militar.

DALILA

No dia da part'da, flor mimosa,
Tu me disseste : — « Adeus, eu volto um dia
A encher-te a vida de perfume e rosa,
A embriagar-te em ondas de harmonia. »

E partiste !... e partiste !... A graciosa
Quadra de amor na magua se esvaía...
Em minha alma saudade dolorosa
Teu nome a cada instante repetia !...

Quando voltaste, — tremulo, arquejante,
Julguei-me venturoso em ter-te amado ;
Venturoso... julguei-te inda constante...

Mas... ah ! ao te falar, extasiado
Recordando as delicias do passado...
Vi no teu labio os beijos de outro amante.

BELMIRO BRAGA

Nasceu a 7 de janeiro de 1870, em Vargem Grande de Juiz de Fóra, Minas. Até aos 33 annos foi negociante e actualmente tabellião em Juiz de Fóra. Poeta e comediographo. Membro da Academia Mineira de Letras.

Bibliog. — [illegible]

OLHANDO O RIO

Nas noites claras de luar, costumo
Ir das aguas ouvir o vão lamento ;
E, após o ouvil-as, cauteloso e attento
Que o rio tambem soffre, eis que presumo.

Nesse que leva tortuoso rumo,
Que fado triste e por demais cruento :
Vae deslisando agora doce e lento
E agora desce encachoeirado e a prumo.

O dorso aqui lhe encrespa leve brisa,
Ali o deslisar calhão lhe véda ;
Além, de novo, sem fragor, deslisa...

E's como o rio, coração tristonho :
Si elle vive a chorar de quéda em quéda,
Vives tu a gemer de sonho em sonho.

FRANCISCA IZIDORA Gonçalves da Rocha

Nasceu a 24 de janeiro de 1870, em Pernambuco. Professora na cidade de Victoria, no seu Estado natal.

HEART STRINGS

Oh ! meus sonhos de amor ! grata miragem
Como o alegre cantar dos passarinhos...
Calmai minh'alma triste de carinhos...
Trazei-me, eu quero, a suspirada imagem !

Estrellas que brilhaes pela folhagem
Do junco, em que o loxia tece os ninhos
A' luz dos pyrilampos, como arminhos,
Presos n'argilla de um regato á margem...

Estrellas, que brilhaes na immensidade
Como olhares de Deus á natureza,
Dai-me um raio de luz á mocidade !

Como a roza, que leva a correnteza
Boia meu peito em ondas de saudade...
Enluta-me o viver mortal tristeza !

GERVASIO FIORAVANTI Pires Ferreira

Poeta pernambucano. Lente da Faculdade de Direito do Recife. Nasceu a 13 de fevereiro de 1870.

A TI

Tú, que me lês, demora o olhar, querida,
Nesta sombria folha amargurada.
Traçou-a a mão de te acenar cansada
Ditou-a um'alma já de ti vencida.

O Sonho, o Orgulho, a Gloria appetecida
Aos outros guiam na serena estrada,
Mas, eu fiz só de ti, oh ! doce amada,
A gloria, o orgulho e o sonho desta vida.

Se acaso tú suspeitas desta chamma
Que eu escondo de ti, mas que tão cheio
O coração me tem, que se derrama,

Tú, bella flôr, por quem eu choro e anceio,
Vê se descobres de minh'alma o drama,
Rasga esta folha e esconde-a no teu seio.

Luiz da FRANÇA FERREIRA

Nasceu em 24 de fevereiro de 1870, em Pernambuco. Formado em direito e redactor do « Diario de Pernambuco », Recife.

O CEGO

— Luz !... E existe a luz ? Sinto sómente
Que ando pregado a um feretro de chumbo,
E pouco a pouco dentro em mim succumbo,
Vivo entre os mortos morto ainda vivente !

A fórma, é isto de que as mãos incumbo
Ver, que não vejo, e o espirito presente ?
Se odeio e amo, — exalto-me e retumbo...
A côr será o som terno ou fremente ?

Não sei ; vivendo apenas dentro em mim,
Soffro o maior de todos os degrêdos,
Dôr sem conforto, mal que não tem fim.

Coveiro que a cavar jámais se acalma,
Tenho os olhos nas pontas de meus dêdos,
E os dêdos são os olhos de minh'alma !

Joaquim **OSORIO DUQUE ESTRADA**

Natural do Estado do Rio de Janeiro e nascido a 29 de abril de 1870. Jornalista e critico literario d' «O Imparcial» na Capital Federal.

[illegible]

A MORTA

Cheguei-me ao pé do leito, em prantos, e ella,
Como uma flor já pallida e esvahida,
Volveu-me o olhar onde brilhava aquella
Ancia que traz a dor da despedida.

Busquei n'um beijo inda infiltrar-lhe a vida ;
Mas o pallor cobriu-lhe a face bella,
E a fronte, emfim, dobrou desfallecida,
Como um languido lyrio de capella...

Desde então paira a sombra desse leito
Na minh'alma, onde a noite eterna esconde
Meu louco ideal n'um tumulo desfeito.

E onde paira a minh'alma, em trevas ? Onde ?
Foi com ella, pois bato hoje no peito
E o coração tambem não me responde !

OSCAR Nogueira da GAMA

Nasceu em Juiz de Fóra, Minas, a 22 de maio de 1870 *e ahi falleceu a 24 de abril de* 1900. *Jornalista.*

BIBLIOG. — *Luares*, Juiz de Fora, 1902.

MEMENTO

Morreu. Fechou-se a palpebra nevada ;
Essa que, doce e luminosa Arcturo,
Irradiava atravéz do teu futuro,
Como a estrella dos magos adorada.

Morreu. D'ella nem sombra mais, mais nada !
Nada mais d'esse olhar sereno e puro
Que, aqui no fundo da existencia, escuro,
Deslumbrou-te, ó minh'alma extasiada !

Beije-lhe a campa almo luar de prata...
E beije-a e occulte-lhe esta dôr pungente,
Esta que emfim me delicia e mata ;

Esta... O' saudade, doce irmã do pranto !
Dizem que punges deliciosamente,
Mas eu não cria que pungisses tanto !

JOAQUIM da Cunha BELMONTE

Natural do Maranhão, nascido a 18 de junho de 1870, e fallecido na cidade de S. Luiz a 14 de junho de 1898. Bacharel em direito, abraçou a advocacia.

IDEAL

Branca, ideal, angelica, franzina,
Meiga e gentil, celeste e vaporosa,
Ella semelha as petalas da rosa,
Rorejada das gottas da neblina.

Parece um lirio á hora da matina,
A balouçar-se na haste melindrosa,
Ou, quando a tarde morre languorosa,
A violeta azul e pequenina.

Tem no olhar a luz que se irradia
Dos olhos de uma esplendida judia,
Que ao lembrar-se da patria chora e canta...

E, quando os labios a sorrir descerra,
E' mais um anjo do céo do que da terra,
« Não parece mulher, parece santa. »

AUGUTO SÁ

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1870. Dedicou-se á carreira das armas, deixando o serviço do Exercito no posto de capitão. Poeta e jornalista.

SONETO

Na sala, um Christo lacrimoso estava
Que te assistia, silenciosamente,
De olhos baixados, fronte grave e cava
Como a evitar-me ao seu olhar clemente

Um cheiro a flores que se sempre sente
Nessas vigilias, modorral, pairava
Voluptuoso, pelo torvo ambiente
Em todos pondo uma dormencia ignava...

Cirios... Soluços... E uma voz mais triste,
Tal como nunca em tua vida ouviste,
Vem lamentar-te. E' tua mãe que chora.

E vão levar-te... E o teu caixão se fecha :
— Faz-se-me nalma pavorosa brécha
E eis que te levam por minh'alma a fóra !

ANTONIO Francisco Leal LOBO

Nascido em S. Luiz, Maranhão, a 4 de julho de 1870. Director da Bibliotheca Publica de sua terra natal. Poeta, romancista e jornalista. Tem innumeras poesias avulsas.

DOLOROSA

Eu amo essa tristeza dolorida
Que se lê no teu rosto amargurado,
O' minha triste jurity ferida,
O' meu virgineo sonho abençoado.

Guardas talvez no peito apunhalado
Por essa dor que te consome a vida,
A saudade pungente de um passado,
De uma illusão talvez emmurchecida...

Ah ! eu quizera, devotado e ardente,
Unir-te ao peito meu, depois, contente,
Morrer fitando o teu divino rosto...

Se assim pudesse, ó meu choroso lyrio,
Banir-te dalma esse cruel martyrio,
Dalma arrancar-te esse mortal desgosto !

Antonio PINHEIRO DE CAMPOS

Nasceu em Prados, municipio de Oliveira, Minas, a 11 de julho de 1870. Agrimensor em São João d'El-Rey, no mesmo Estado.

RERUM INSCITIA

Muita vez, no silencio almo e profundo
De augustas solidões, hei perguntado
A ti, meu Deus, (já de soffrer cançado)
Porque existo, que vim fazer no mundo ? !

Pois da existencia neste abysmo fundo,
De soffrimento e enganos povoado,
Não geme, a cada instante, um desgraçado ?
Em ancias, não se extorce o moribundo ?

Almejo o Bem, um Bem supremo, estavel
— E eis que á materia esta alma tenho presa.
Amo a verdade — e no erro eis que persisto.

Si a condição tão triste e miseravel
Vive sujeita sempre a natureza,
Então, meu Deus, porque motivo existo ? !...

João Antonio AZEVEDO CRUZ

Natural do municipio de Campos, Estado do Rio de Janeiro. Foi Chefe de Policia do seu Estado. Bacharel em direito. Nasceu a 22 de julho de 1870. Fallecido

OLHOS QUE NÃO VEEM

Teu desdenhoso olhar de Deusa desterrada
Da olympica mansão das almas soberanas,
É a muralha em que esbarra a alcatéa esfaimada
Das humanas paixões, das miserias humanas.

Na diluencia subtil de uma chuva doirada,
Serenamente escorre atravéz das pestanas
E, interdicto ás visões e ás miragens profanas,
Olha, e é de balde que olha ; esse olhar não vê nada.

Passas... Soffrego, logo, inquieto, logo, ancioso,
Procuro o teu olhar, busco a tua pupilla,
— Como o nauta a um pharol sobre o mar tenebroso;

E em vão no eterno cháos a ave do olhar mergulho !
Sómente uma ou outra vez, na retina tranquilla,
Passa um clarão fugaz de desprezo e de orgulho.

HENRIQUE CANCIO

Mineiro, nascido em 1870 na cidade de Peçanha. Jornalista na capital da Bahia.

CANON

De onde vens? de que terra extranha? de onde?
(Conta!
Vens de uma terra má, vens dos confins extremos
Da eterna Dor, e vens, superior á affronta
Dos máos, superior á grita dos blasphemos.

Sobranceira a escarceos, Trireme, lesta e prompta,
O sonho, o Ideal e a fé conduzem-te, aureos remos!
E vens, toda esplendor, como um sol que desponta,
Vens dentro do halo em luz dos triumphos supremos.

Para onde vaes? não sei. Em meio do caminho,
Alta, intangivel fecha ouvidos á lisonja!
Reprime a Carne! foge á insidia do carinho!

Sê de uma castidade inquebrantavel, de aço!
Tranca-te dentro da Arte, excelsa e doce Monja!
E então tu subirás como um astro no espaço.

THEODOMIRO CRUZ

Nascido em Sabará, Minas, em agosto de 1870. Usa o pseudonymo Raul Moreno

SYMPHONIA EXTRANHA

Para, de chofre, a limpida harmonia
Dos passaros e as aves, na floresta,
Escutam a mais grata symphonia
Que aos seus ouvidos corre, manifesta.

Sorri o bosque em fremitos de festa,
Ao som daquelle harpejo que inebria ;
E aves, e aurora e flores — tudo presta
Ouvido ás mesmas notas que eu ouvia.

— « Que consonancia é esta assim sonora,
Interrogam-me flor, aves e aurora,
Que ao nosso ouvido traz tanta meiguice ? »

— E eu como se gozasse egregia graça :
A musica que ao nosso ouvido passa
É o nome d'Ella que Ella propria disse.

EGAS MUNIZ Barreto de Aragão

Natural da Bahia, nasceu a 4 de setembro de 1870. Usa do pseudonymo — Pethion de Villar. Dedica-se ao magisterio na capital do seu Estado. Poeta e prosador.

O ULTIMO PAGÉ

Cheio de angustia e de rancor, calado,
Solemne e só, de fronte carrancuda,
Morre o velho Pagé, crucificado
Na sua dor tragicamente muda.

Vê-se-lhe aos pés disperso e profanado
O trophéo dos avós : a flecha aguda,
O terrivel tacape ensanguentado
Que outr'ora erguia aquella mão sanhuda.

Vencida a sua raça tão valente,
Errante, perseguida cruelmente,
Ao estertor das mattas derrubadas !

« Tupan mentiu ! » e erguendo as mãos sagradas,
Dobra o joelho e a calva sobranceira
Para beijar a terra brasileira.

PLINIO BORGÉCO

Natural da cidade do Rio de Janeiro e nascido em 1871. Jornalista.

SEMPRE ASSIM

Sabei : Tudo na Vida é um album novo, apenas :
Esta pagina serve agora, encanta, agrada...
Detemos n'ella o olhar. Depois é pouco, é nada !
Queremos muito mais, vamos para outras scenas...

Temos o Bello, o Bom, — arminhos, açucenas, —
E achamos pouco ! E, assim, como a poeira em [revoada
Loucos, sem um ideal, vamos em trapalhada,
Folha a folha, virando em vagas cantilenas...

— Estremecemos ! Branca ou preta, eis uma folha :
Ahi paramos, d'alma e coração na vista !
E em tréva, ou em luz de mais, proseguirmos na [escolha ?

Choramos, rimos... Nada ! E enfermos, então, vamos
Procurando fugir do mal que nos contrista...
E da Vida, no branco ou preto, emfim, ficamos !

José SEVERIANO DE REZENDE

Cursou durante dois annos a Academia de Direito de S. Paulo. Seguiu depois a carreira ecclesiastica, ordenando-se em 1898 no Seminario de Marianna, Minas, sua terra natal. Nasceu a 27 de janeiro de 1871, na cidade de Marianna, Minas.

AS CARAVELAS

Domine, salva nos, perimus...

A onda que invade a terra e a inunda, eu brado: [Espera !
E ao tufão que esbraveja e cresce ao longe : Attende!
E o oceano, a escabujar, contra mim vocifera
E o aquilão contra mim, turbido, se desprende.

Em vão ! Lá vai singrando a impavida galera...
O timoneiro está livido como um duende...
Mas Christovão Colombo, erguendo a Cruz, impera
Ao vento, que obtempera, ao mar, que emfim com- [prehende.

Sem trombas e escarcéos, como sonhar bonanças ?
Como aspirar ao céo azul, ás brizas mansas,
E aos louros, sem luctar, e á gloria, sem vencer ?

... Salvai-nos, ó Senhor ! que vamos perecer,
Vós com um só gesto enfreiais os ventos e as pro- [cellas,
Oh ! guiai no pego immenso as nossas caravelas !

LEOPOLDO Augusto de SOUZA

Nascido a 4 de fevereiro de 1871, em S. Luiz do Maranhão, e fallecido a 23 de junho de 1897. Funccionario postal no Pará. Poeta e jornalista.

BIBLIOG. — *Sombras*, [illegible]

A AMAZONA

Junto a um negro corcel eil-a fitando
Um velho pagem que, medroso, a encara ;
E, n'um impeto, o junco levantando,
Zurze do pagem fortemente a cara !

Não se movera o velho ; o olhar baixando
Toda a raiva e vergonha disfarçara,
Emquanto ella não viu solta, rolando
Ir sobre a areia a sua liga clara.

Depois agita a cabelleira altiva,
Salta no dorso do ginete bravo
E, rindo, a espora sobre as ancas criva...

Vendo-a sumir-se pela estrada á fóra,
O velho pagem, namorado escravo,
Apanha a liga, beija-a... beija-a... e chora !

Adolpho EMMANUEL GUIMARÃES de Azevedo

Nascido a 12 de fevereiro de 1871 e fallecido a 6 de fevereiro de 1907 na cidade do Rio de Janeiro. Diplomado em direito. Poeta e romancista.

SONETO

Onde mais levarei meus passos vacillantes
Como os passos de um velho, ao descambar da vida!
Nenhum pharol me guia, e porto algum convida
Minha náo desmastrada ! Oh náo sem navegantes !

Passaram sobre ti os ventos sibillantes
E nas vagas de morte a maruja rendida
Cahiu, e tu ficaste erma, desguarnecida
De tudo o que fazia o teu rigor de dantes.

Vestida tu então de arrojo e d'energia,
Desfloravas o mar ignoto do futuro,
O norte demandando, o norte amigo e puro.

A estrella mergulhou na treva, e te perdeste,
Oh náo de minha vida ! Oh náo hoje erradia !
Salva-me do naufragio, ó minha Mãe celeste !

Francisco de Paula MONTEIRO DE BARROS

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 12 de fevereiro de 1871. Bacharel em direito por S. Paulo, seguiu a advocacia na cidade do Rio de Janeiro.

O RIO

Sobre o leito cavado a indomita corrente
Do rio vae passando, ora entre mattas, ora
Pela vasta extensão de uma planicie afóra,
No trilho irregular do andar de uma serpente.

A's vezes, numa curva, aperta febrilmente
Uma montanha... e vae ; tudo que viu outr'ora
Jámais póde rever... diverso é o quadro agora
Bem como em todo o curso é sempre differente...

Sobre a planicie azul, ás vezes, da ventura,
Outras vezes da dor por entre a sombra escura,
Cada dia a entrever paizagens desiguaes,

Torrente de paixões — a vida vae passando,
E as illusões tambem que vão após ficando,
Nunca mais ha de ver !... Nunca mais !... Nunca mais !

Ignacio XAVIER DE CARVALHO

Nasceu em S. Luiz do Maranhão a 26 de agosto de 1871.
Bacharel em direito e professor do Lyceu Maranhense.

BIBLIOG. — *Fructos Selvagens e Missas Negras.*

SOBRE UM LEQUE

Que exigente tu és ! Ha muitos dias
Pedes-me a rir, com petulancia e graça,
Que nas varetas tremulas e esguias
Do teu leque andaluz — um verso eu faça,

Hoje, em resposta, flôr, como quem traça,
Como quem prega, brancas e erradias,
Duas azas n'um sonho que esvoaça,
— Beijo do leque as plumas alvadias.

E devolvo-t'o após... Aves errantes,
Dentro delle meus beijos hesitantes
Correm todos a ti, formosa louca !

Flores do amor, antes que o tempo as seque,
Ou que as vejas morrendo sobre o leque,
— Ah ! recolhe-as, por Deus, dentro da bocca.

Alberto **CORRÊA LEITE**

Nasceu na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, a 4 de setembro de 1871 e falleceu a 2 de fevereiro de 1898, no mesmo Estado, onde se dedicara á vida commercial.

BIBLIOG. — Sarça

VOZ DOLENTE

Mente-me o coração ; mente meu labio,
Ao desferir a nota do prazer,
Pois o que sinto e penso apenas sabe-o
O Ser Supremo que me deu o ser.

Ah ! foi bem cedo que o lethal resabio
Do pessimismo vim a conhecer,
Pois hoje um homem só se torna sabio
Na tenebrosa escola do soffrer.

Ave impellida pela tempestade,
Vae minh'alma gemendo de saudade,
Por este mundo frio e desolado ;

E vae com ella a multidão fremente
Dos desenganos tristes do passado,
Dos desesperos mudos do presente.

BENJAMIN CONSTANT Filho

Nascido a 19 de novembro de 1871 na cidade do Rio de Janeiro e fallecido a 11 de setembro de 1901.

ESBOÇO

Esvoaça em seus labios de coral
Um sorriso mimoso e feiticeiro...
Nos olhos tem o brilho de crystal
Da estrella da manhã... Ar prazenteiro,

Gesto meigo, voz doce... Mas que val'
O retrato pintar-lhe todo inteiro,
Se, por melhor que fosse, dera mal
Uma idéa do typo verdadeiro ?...

A medida do verso 'inda é morosa
Para marcar, em rhythmal compasso,
A cadencia ligeira e graciosa

De seu aereo, de seu leve passo...
Não ! Não posso pintal-a... E' vaporosa
Como um perfume que se esvae no espaço !...

EMILIANO PERNETTA

Natural do Estado do Paraná. Formado em direito pela Academia de S. Paulo

BIBLIOG. — *Musicas*, S. Paulo, 1888; *Illusão*, Curityba, 1911.

SONETO

De resto, quanto a mim, a mais doce chimera
E' sempre essa illusão de uma nova paizagem
E por isso tambem, por isso quem me déra
Que a minha vida fosse uma grande viagem.

Quem me déra poder, á tarde, quando a aragem
Sopra rispida, entrar na primeira galéra
E errando sobre o mar, ó rude marinhagem,
No outono, estar aqui, e ali, na primavéra !

Quando o encanto, porém, sorri, quando me vejo,
Ora num coração, ora noutro que esteve
A palpitar por mim de orgulho e de desejo,

Ah quando vibro assim ! E' melhor na verdade,
Que eu andasse no mar, numa trireme leve,
De prazer em prazer, de cidade em cidade...

EUCLIDES BANDEIRA

Nascido no Estado do Paraná. Jornalista na capital de seu Estado natal.

Bibliog. — *Velhas paginas.*

ESTIAGEM

Ellas vão se agrupando, as maguas ; afinal
Cheia de tedio e fel, de punhaladas cheia
A alma não se contém, não póde ! O temporal
Da atrabilis ribomba e se desencadeia...

Tudo a rugir — paixões, odios, fereza, o mal —
Se encapella, arrebenta, espuma, se incendeia !
— Doenças do coração sem catre no hospital
Nem biblicos vergeis em esquecida aldeia,

Oh ! como sois fataes quando espargis a rodos
Tristeza, decepções, revoltas, desalento
E esta aversão feroz cingindo a tudo e todos !

Olhae : escombros só ! Soturna alma de monge !
Passastes, mas, presago, o ouvido escuta attento
O novo temporal que se prepara ao longe !

IBRANTINA CARDONA

Poetisa rio-grandense do Sul. Nasceu na cidade de Porto Alegre e reside em S. Paulo.

BIBLIOG. — *Plectros*, S. Paulo.

AVE MARIA

Tarde de Agosto. Ao longe, o horizonte esmorece
Na agonia do sol ; e sobre a terra ungida
De tristeza se estende o crepusculo. Desce
Silente a noite ; cessa o bulicio da vida.

Num morbido langor, toda a terra abatida
Parece meditar ; aos poucos, se entristece
A humanidade. Paira em tudo a indefinida
Mudez, e, em mysticismo envolta, sóbe a prece.

Das nuvens atravéz, a lua religiosa
Espia... Ha pelo espaço angustias de noivado...
Ha saudades de amante ausente e lacrimosa...

E o Angelus austero echoa, compassado
Como um dobre de morte ; echoa... e, suspirosa,
Minh'alma se ajoelha ante o altar do passado...

PEDRO VELHO

Natural do Estado do Rio Grande do Sul.

BIBLIOG. — Occasos, Porto Alegre, [illegible]

CORAÇÃO QUE MORRE

Debruçada no vaso, a flôr explende ;
Entristece depois ; depois definha.
E o perfume dulcissimo que tinha,
Ah ! como rescendia, não rescende.

De subito, a corolla rubra pende.
Morreu. O seu soffrer, quem adivinha ?
E as pet'las que o seu calice continha
O vento leve, ao perpassar, desprende.

Assim, o coração da creatura
Humana explende : — é o tempo da Ventura,
Que tão depressa nesta Vida corre !

Depois, cobre-o a sombra da tristeza.
E da flôr tendo a mesma natureza,
— Ahi o coração definha e morre.

José de FREITAS GUIMARÃES

Natural da cidade de Santos, S. Paulo, Magistrado em seu Estado. Da Academia Paulista de Letras.

BIBLIOG. — *Estrophes*, [illegible]; *Musa Nova*, 1900-1902; *Fuga das Horas*, S. Paulo, 1911.

VIUVO

Andava triste e só, com a cabeça curvada,
Sem fé, olhando o chão, célere e curto o passo ;
Si acaso olhava alguem, esse olhar era escasso :
Logo os olhos baixava á terra renegada.

Vivia a conversar com a sombra projectada
A' sua frente, ao lado, atraz de si : no espaço
Azul jámais fitou o olhar tristonho e baço ;
Jámais se incommodou com o rir da garotada.

De quando em quando, entanto, o brilho de um sorriso
Enfeitava-lhe a bocca, illuminava o rosto
E logo se escondia, entre discreto e franco...

Nesse instante, talvez, do passado indeciso,
O vulto da mulher, como a luz de um sol posto,
Surgisse a lhe acenar, feliz, com um lenço branco !

JOÀO MONTEIRO Valle Machado

Natural do Estado do Rio Grande do Sul onde reside.

A LAGRIMA

A lagrima dorida, a lagrima mais pura,
Não é a que nos brota aos estos da saudade ;
Nem a que chora alguem no lucto da orphandade,
Prostrado sobre o chão de humilde sepultura.

Nem é de certo, não, a que, na noite escura
Do triste condemnado o rosto seu invade ;
— Do triste que respira e vê a eternidade
A lhe acenar da mão do algoz, cruenta e dura.

A lagrima pungente, a gota immaculada,
Que torna ao coração, embora após chorada,
Que vive, eterna, ali, deixando-o sem conforto ;

— Dessas nenhuma é ! Que a lagrima divina,
Que não secca jámais, que brilha na retina,
— E' a que chora a mãe ao ver o filho morto !

Ezequiel LINS WANDERLEY

Natural do Rio Grande do Norte. Jornalista.

AO CAHIR DA TARDE

Eil-a scismando de uma praia á beira,
Do mar ouvindo o colossal gemido ;
Emquanto a brisa a perpassar ligeira
Beija-lhe as fimbrias do gentil vestido.

E assim contempla o marulhar das vagas
Por onde um barco sossobrára um dia,
Levando um vate p'ra longinquas plagas
Que só por ella de paixão morria.

Fez de sua alma a eternal guarida
Onde se aninham, tristemente bellas,
Maguas, suspiros, esperança e vida.

Dos astros tem o divinal fulgor ;
Em cada olhar — um rutilar de estrellas,
Em cada riso — um ideal de amor.

ANTONIO BRAGA

Natural do Estado do Paraná. Magistrado estadual, jurista e poeta.

ALMA DESERTA

Treva sombria — onde tacteia a traça
Das ambições de um sonho irrealisado,
Eis a Noite em que vivo amortalhado,
Preso em garras de amor que despedaça.

Marcando o tempo tropego, que passa
Sobre mim, pela Dor encarcerado,
Pulsa em meu peito o coração magoado
Como o pendulo enorme da Desgraça.

Si clamo e grito, a gargalhada estoura...
A vida é lama ; e, em lodo, não redoura
O sol que uma alma feminina encerra.

Das Illusões, em febre, eu bato á porta ;
E o Céo se fecha e brada : — « Ha muito é morta
A pureza do Affecto sobre a Terra ».

Manuel Azevedo da SILVEIRA NETTO

Nasceu na cidade de Morrétes, Paraná, em 1872. Funccionario federal na capital do seu Estado. Poeta e prosador.

Bibliog. — [illegible] *Elegia a Antonio Nobre.*

A FILHINHA MORTA

Morreste... e em ti levou-me a sepultura
Do maior sonho o eterno reverbero,
Porque não ha, nem mesmo na loucura,
Quem te possa querer mais do que eu quero.

Morreste... e emquanto a morte transfigura
Em pás de terra o affecto mais sincero !
Ha no meu verso, feito de amargura,
Um funeral de pranto e desespero.

Fiz da minha alma, que a saudade estilha,
Nesta sagrada e torva penitencia,
Camara ardente do teu nome, Filha ;

Mas, Desespero, a lagrima não cessa...
Jorre-me o pranto na maior demencia,
Que a dor calada mata mais depressa !

MARIO DE ALENCAR

Natural da cidade do Rio de Janeiro e nascido em 1872. Bibliothecario da Camara dos Deputados. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Joaquim Serra.

BIBLIOG. — *Versos*, Rio, [illegible]; *O que tinha de ser*, Rio 1912.

SONETO

Não chegarei talvez ao termo do caminho.
O desanimo atarda o meu tremulo passo.
Outros foram além ; venceram pedra e espinho ;
E eu só fiquei atraz vencido de cansaço.

Já não me guia o céo ; quero voltar, refaço
As jornadas, e em toda a parte é o descaminho.
Assim a ave que errou longe, longe no espaço,
Não sabe mais voltar á terra do seu ninho.

Bate as azas, retorna, avança, volta, afflicta,
E aspira o ar buscando os perfumes da terra,
E não sentindo mais, na amplidão infinita,

Nada que a leve ao ninho, exhausta, desvairada,
Descae o vôo ao mar e sobre as ondas erra
Das ondas ao vai-vem, sem esperar mais nada.

JULIO Mario SALUSSE

Nasceu na cidade de Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, a 30 de março de 1872. Bacharel em direito, advoga na cidade do Rio de Janeiro.

BIBLIOG. — Nevroses, [illegible] Rio

O CYSNE

A vida, manso lago azul algumas
Vezes, algumas vezes mar fremente,
Tem sido para nós, constantemente,
Um lago azul sem ondas, nem espumas.

Sobre elle, quando, desfazendo as brumas
Matinaes, rompe o sol vermelho e quente,
Nós dois vagamos indolentemente,
Como dois cysnes de alvacentas plumas.

Um dia um cysne morrerá por certo ;
Quando chegar esse momento incerto,
No lago, onde talvez a agua se tisne,

Que o cysne vivo, cheio de saudade,
Nunca mais cante, nem sósinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cysne.

Joaquim José de FARIA NEVES Sobrinho

Nascido no Recife a 2 de abril de 1872, Estado de Pernambuco. Bacharel em direito e politico militante. Prosador e poeta.

BIBLIOG. — *Chimeras*, Rio ; *Poesias*, Rio

A UM FATUO

Fatuo, deixas que o orgulho, o fofo e estulto
Orgulho, nescio te encha com fartura ;
Julgas que, humildes pela curvatura,
Rendem-te os homens supplices um culto.

Mas olha : aquelle, aquella bocca impura
Das outras boccas se destaca e o insulto
Cospe-te ás faces... Ris ?... Talvez inculto,
Vil invejoso o que de ti murmura...

Que valem, dizes, labios maldizentes ?
Pódem reptis que á lama se incorporam
Morder estrellas com seus máos venenos ?...

Sei que és estrella e acima de serpentes
Vives ; mas olha : — os astros que alto moram
São justamente os que se veem pequenos.

GUSTAVO SANTIAGO

Natural da cidade do Rio de Janeiro, onde reside, é nascido a 8 de abril de 1872. Bacharel em direito e advogado na Capital Federal.

Bibl[illegible] [illegible] Rio [illegible]. *Saudades*, poema, Coimbra, [illegible]. *O [illegible] do Luar*, Rio [illegible]

BIRDS IN THE NIGHT

Ouço-as á noite, tremulo — erradias,
— Passaros negros ! lucida Saudade ! —
O silencio da Altura que as invade,
Suavissimo — serenas Harmonias !

Citharas, que, atravéz da Immensidade,
O lento resurgir de Épocas frias
Vão embalando, brandas e macias,
Em accordes de amor e piedade...

Ouço-as, Almas da Sombra ! velludosas,
Como do Sonho ás portas luminosas
A esta Saudade que me faz cantar...

Ouço-as, á noite, cantam ! indiziveis,
Myteriosos sons intraduziveis !
Metamorphoses brancas do Luar !

SEVERINO BARBOZA da Silva

Nascido na cidade de Bom-Jardim, Pernambuco, a 22 de maio de 1872 e fallecido no mesmo Estado a 19 de maio de 1898. Bacharel em direito.

A BEIRA-MAR

Crepusculava. Ia surgindo a lua
Como um barco singrando espaço em fóra,
E lá no berço em que se embala a aurora,
Venus brilhava, casta e semi-nua.

Visão, nympha talvez, eil-a que agora,
A minha amada, vem ; e, qual fluctúa
Por sobre a vaga a celere falúa,
Subtil desliza... canta, e o mar se enflora.

Se enflora e no ar ha sandalos olentes,
E o corpo seu de nimbos esplendentes
Cerca o luar que immaculo se alteia.

E o bravo oceano, rabido e estuoso,
Torna-se ouvindo-a, calmo e affectuoso,
Como se ouvisse o canto da sereia...

ARTHUR ANDRADE

Nascido na cidade de Itapira, São Paulo, a 5 de junho de 1872 e fallecido a 25 de abril de 1902 na capital do seu Estado. Professor e jornalista.

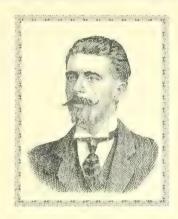
Bibliographia. — *Livro de minha morte*, publicação posthuma.

SIMILE

Preso na jaula eril, nostalgico e imponente,
O leão, captivo, habita. E' o mesmo erguido vulto
Do senhor dos sertões. E' o mesmo o olhar candente,
Apezar de viver num carcere sepulto.

Rei debalde não era ! Uma vez, levemente,
O insultaram. Soberbo, em resposta ao insulto,
Desajoujado á fauce o verbo omnipotente,
Partiu grades, matou, gloriosamente exulto !

Tambem no coração, preso á jaula da idéa,
Tenho um monstro revél, monstro de garras de aço,
Um tigre mais feroz que o tigre de Neméia.

E' o ciume. Um nada, um gesto, um teu olhar a esmo
Fal-o urrar como a féra em seu captivo paço ;
Mas não mata ninguem : crava a garra em mim
[mesmo.

Antonio Vieira de Araujo MACHADO SOBRINHO

Nascido no municipio de Vassouras, Rio de Janeiro, a 17 de junho de 1872. Jornalista e professor na cidade de Juiz de Fóra, Minas. Membro e secretario da Academia Mineira de Letras.

BIBLIOG. — *Primeiros versos. Epithalamio. [illegible]. Maria Candida; Poemas e Sonetos.*

NO CAMPO SANTO

Eis aqui : — Um monticulo de terra ;
Uma cruz de madeira mal segura
E algumas flores sobre a cobertura
Da fria tumba que um thesouro encerra !

O tumulo infantil, na orla da serra,
Foram abrir em rampa agreste e dura,
Exposto ao frio, á chuva que o perfura,
E ao sol que do alto em fogo se descerra !

Ai ! como assombra a idéa em que reflicto —
Vendo-a sem ar, mas viva ! e sem, no entanto,
Poder rasgar o tumulo maldito.

E a este louco pensar, a voz levanto :
— Terra ! attende ao terror de um pae afflicto- -
Por piedade, não a comprimas tanto !

MANUEL VIOTTI

Poeta mineiro nascido em julho de 1872. Formado em direito, exerce ha muitos annos, em S. Paulo, o cargo de chefe de secção da secretaria da Policia.

BIBLIOG. — *Floraes.*

AS DUAS MÃES

Cruzaram-se, na egreja, os dois cortejos :
Tristonho, um leva a enterro uma creança.
Seguindo-o, a mãe já velha, em vãos arquejos,
Açama a dôr da ultima esperança.

Após, um baptisado : entre bafejos,
Papêa o infante uma palavra mansa ;
A mãe abre-lhe o peito em longes pejos
E, orgulhosa, no filho, o olhar descança.

Feito o baptismo, a extrema-uncção findava,
E as duas mães encontram-se no templo
Trocando um breve olhar de dôr velado.

Mas vendo o enterro, a que era mãe chorava
(Só no templo de Deus ha deste exemplo)
E a chorosa sorria ao baptisado.

ALPHONSUS Henriques GUIMARÃES

Natural de Ouro Preto, Minas, e nascido a 24 de julho de 1872. Juiz municipal em Marianna, no seu Estado natal. Jornalista e poeta.

BIBLIOG. — *Dona Mystica: Septenario das Dores de Nossa Senhora; Kiriale; Pastoral aos crentes do amor e aos Illudidos; Escada de Jacob*

SONETO

O mysterio immortal das olheiras de opala,
Onde vagueia a dor de seus olhos prohibidos,
Manda que venham terra e céo para adoral-a...
Morre no seu olhar a vida dos sentidos.

Mesmo calada, quem a vê julga escutal-a,
Pois canta o seu olhar pelos nossos ouvidos.
De que estrella lhe desce a voz ? Quando se cala,
Que rumor de orações nos olhos doloridos !

Não existe cá em baixo uma expressão humana
Capaz de definir-lhe o grande olhar tristonho ;
E quem a vê, ou sonha uma estatua romana

Marmoreamente branca, immaculada e fria,
Ou tem, por entre o nimbo estrellado do sonho,
A aurea Revelação de outra Virgem Maria.

Carlos MAGALHÃES DE AZEREDO

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, a 7 de setembro de 1872. Formado em direito, abraçou a diplomacia. Membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira de Gonçalves de Magalhães.

Bibliog[illegible] — *Procellarias*, Porto [illegible]; *Balladas e phantasias*; *Horas sagradas*, Rio [illegible]; *O poema da paz*, Rio, [illegible]; *Odes e Elegias*, Roma, 1904; *O hymno da partida*, Roma, [illegible]; *Canção de Mignon* de Goethe (trad.), Roma [illegible]

ANANKE

Pois que, perdido aos ventos do destino,
Foi-se-lhe o amor, da vida luz e norte
Que mais lhe resta ser, emquanto a morte
O não soccorre ?... Ou monge, ou libertino.

Monge — levando o celestial ensino
Dos gentios á barbara cohorte,
E castigando a carne, austero e forte,
Escravo e martyr de um ardor divino ?...

Não ; covarde e sem brio, elle á virtude
Foge, e a carne á volupia não arranca
Para entregal-a á penitencia rude.

Eis por que, nas mãos tremulas e frias,
Em vez da Cruz sangrenta e da Hostia branca,
Ergue a taça espumante das orgias...

ALUIZIO PORTO

Poeta maranhense nascido a 20 *de setembro de* 1872 *e fallecido a* 31 *de janeiro de* 1893 *na cidade do Rio de Janeiro.*

ARREPENDIDA

Eu te chamei num verso — *estrella da alvorada,*
Da esthetica na febre, artista e sonhador ;
E tu balbuciaste em certo máo humor :
« Não quero ser estrella, a estrella é desolada. »

N'um doce madrigal, n'um cantico de amor,
Eu te chamei tambem — *camelia descorada,*
Bem juntinho de mim, vivendo descuidada.
E achaste o verso lindo, e foste aquella flor...

Havia um certo chic, um quê de donairoso,
Romantico, ideal, poetico, formoso,
Em ser aquella flor pallidamente bella...

Mas hoje que tu vês que vou scindir os mares,
Que vae seguir-me a estrella errante pelos ares,
Tu te arrependes, flor... e queres ser estrella !

ARTHUR GOULART

Nascido na capital do Estado de São Paulo a 2 de outubro de 1872, e fallecido na mesma cidade em 1910. Professor publico. Prosador e poeta.

Bibliog. — [illegible] São Paulo, [illegible]

CEDRO ANTIGO

No lanceolado pico da montanha
Onde a neblina o labaro desfralda,
Pompeia um cedro de figura extranha,
De frondes sobre um throno de esmeralda.

Com os longos braços rigidos apanha
E em flócos lança a prónuba grinalda
Das lacteas nuvens que a alvorada banha
De opala, e o sol, com ascuas de oiro, escalda.

E' o pouso da aguia. Zomba da procella
E do alfange do raio flammejante
Que o coração dos timidos congela,

Quêda-se firme como um rei dos montes...
Perto, embalando o impavido gigante,
Rola o cordão das lagrimas das fontes.

CANDIDO Luiz Maria DE OLIVEIRA FILHO

Nasceu na cidade do Curvello, Estado de Minas, a 14 de outubro de 1872. E' advogado nos auditorios da cidade do Rio de Janeiro, lente da Faculdade de Direito e autor de varias obras juridicas.

DE VOLTA

E foi aqui, meu Deus, nesta cidade,
No regaço amoroso e verdejante
Destas montanhas, que eu a mocidade
Passei... Era feliz e a cada instante,

Meu olhar, de esperança radiante,
Buscava o lindo azul com anciedade.
Eu não amava então, e lá distante,
Pensava ser do céo a extremidade..

Meu mundo era isto aqui... — De volta agora
Estou, e em minha dor, a sós, nesta hora,
Evitando do azul ver o infinito,

Lamento ser tão grande este maldito
Mundo... — Si não o fosse, neste dia,
Não estarias tão longe assim, Maria...

AMELIA ALVES

Nascida na cidade do Rio de Janeiro a 17 de outubro de 1872.

O HOMEM

Sublime creação do Omnipotente
Que nos fascina, nos seduz e prende !
No peito as lavas da paixão accende
Teu olhar fulgurante e attrahente !

A natureza deu-te tudo quanto
E' bello ; deu ao teu olhar o encanto
A magia cruel de captivar !
Tudo aprendeste, que a Natura ensina ;

Mas nunca aprenderás a lei divina
Do amor : tu morres sem saber amar !
E' que a propria Natura, fascinada,

E orgulhosa da tua perfeição,
Ficou a contemplar-te extasiada,
E esqueceu-se de dar-te um coração !

FLORIANO Corrêa DE BRITTO

Pernambucano, nascido a 24 de outubro de 1872. Professor do Collegio Pedro II e jornalista. Politico militante. Deputado Federal.

Bibliog. — *Culturas*, Rio, 1908

LACRIMÆ

De repente sentiu, qual si tivesse n'alma
Um chrysol em que a dor se fundisse em doçura,
Que do seu desvario e da propria tortura
Nascia um bem estar de conforto e de calma.

Chorava !... E, quando viu a lagrima na palma
Da mão, olhou o céo : Em toda a curvatura
Só brilhava o azul... Donde vinha a frescura,
Que elle tem dentro em si, que o anima e o ensalma ?

De si mesmo ? Elle, então, que fizera da magua
Estas gottas de pranto, essas perolas de agua
Que lhe haviam curado as afflicções insanas ;

Não teria o poder de crear outro mundo ?...
E na Terra caiu, como um germen fecundo,
A semente fatal das lagrimas humanas.

FRANCISCO SERRA

Natural do Estado do Maranhão, onde foi o primeiro presidente da « Officina dos Novos ». Fallecido em 1912. Poeta, jornalista e comediographo.

[illegible]

MORRE !

De que vale a mais um gesto, uma hora, um gemido,
Se tu sentes o sangue apodrecer nas veias
E vês em cada face o desconforto, o olvido,
E a fria pallidez das mortas luas cheias ?

De que te vale a mais um desejo emprehendido,
Se as tuas illusões foram frageis cadeias
E tua alma hospedou toda a ascua e, confundido,
Ao proprio coração por não amar guerreias ?

A morte emfim te espreita e á materia resvala !
As palpebras abrir tentas dos olhos cegos
E sempre a novo esforço a convulsão te abala !

Ao peito cruza as mãos ! Ao peccado recorre !
E, sereno, ao desprezo immutavel dos pegos,
Altivo á dor do verso e ao desespero : Morre !

Antonio MENDES MARTINS

Nasceu na cidade do Recife, Pernambuco, e ahi abraçou a vida commercial.

BIBLIOG. — *Calvario*, 1908 ; *As duas lagrimas*, *Venedo*, 1911

O OLHAR

Pelo olhar eu conheço o que padece,
O que a magua sem trégua dilacera.
O que a vida detesta e se aborrece,
Da vida, embora, em plena primavera.

O que anda pelo mundo da chimera,
E o sol da crença, do infinito, aquece.
O que não cança de esperar e, á espera,
Do desalento a noite não conhece.

Olhos — alguem já disse — espelhos d'alma !...
Pelo olhar eu conheço os que têm calma,
E os que immergem da vida no escarcéo.

Os venturosos vão olhando a esmo,
O indifferente, esse olha p'ra si mesmo,
E os desgraçados... olham para o céo.

Arthur NUNES DA SILVA

Natural da cidade do Rio de Janeiro, onde se dedica á advocacia.

Bibliog. — [illegible], 1904; *Sonhar* [illegible], 1900; *Treves*, 1910

A ENCRUZILHADA

Quando era em pleno azul a aurora da existencia,
Sempre eu passava alli naquella encruzilhada :
Na ida como a flexa em fogo, envenenada,
Na volta como um ser de estupida apparencia

Daquelle bello tempo ó que reminiscencia
Eu tenho ainda agora em pranto mergulhada !
Depois eu nunca mais passei naquella estrada...
— Perdera o meu amor de todo a sua essencia...

O tempo decorreu... e, por acaso, um dia
Fui visitar saudoso a encruzilhada e vi-a
Abandonada ao matto e sem poesia e luz ;

Não existia mais vestigio de caminho ;
Sómente onde crescera uma arvore de espinho,
Vi um monte de terra em fórma de uma cruz...

ABDON DE MACEDO

Natural do Rio Grande do Norte, nascido em Assú.

VEM !

Vem derramar, ó Santa, ó Déa appetecida,
Uma gota de amor no peito meu vasio ;
Já tenho a alma fria — Agora já não rio,
E o teu amor aquece, e o teu amor dá vida.

Lazaro resuscitou á voz doce e sentida
Do bondoso Jesus — do tumulo sombrio ;
Assim como Jesus, o teu amor, Querida
Fará resuscitar meu coração já frio.

Dá-me o goso sem fim do teu amor que alenta,
A dulcida esperança, o magico sorriso,
E cessará da vida a horrida tormenta...

Christo tornava em mel a gotta de vinagre...
— Transforma o meu inferno em doce Paraizo,
Opera este milagre... opera este milagre.

AMADEU AMARAL

Natural do Estado de S. Paulo.

Bibliog. — [illegible], S. Paulo, [illegible] S. Paulo, [illegible]

SONHO DE AMOR

Tudo isto ha de passar, de certo, muito em breve...
Branca névoa subtil, ir-se-á quando o sol nasça ;
Branco sonho de amor, passará, como passa
Pelas ondas em furia uma garça de neve.

Passará dentro em pouco, imitando a fumaça
Que se evola e se esváe nas curvas que descreve.
Fumaça de illusão, força é que o vento a leve,
Força é que o vento a leve e disperse e desfaça.

Que importa ! Uma illusão que nos alegra e afaga
Ha de ser sempre assim, no mar bravo da vida,
Como a espuma que fulge e morre sobre a vaga.

Esta me ha de fugir, esta que hoje me inflamma !
E antes vel-a fugir como ũa luz perdida
Que possuil-a na mão como um pouco de lama...

ELVIRA GAMA

Natural da cidade do Rio de Janeiro.

AGONIA

A morte é um fim !... A's vezes a ventura,
Outras vezes a dor leva comsigo !
Tem amplo o seio, e nelle encontra abrigo
Desgraçada ou feliz a creatura !...

Se a vida fosse eterna, que tortura
Seria meu viver, quando maldigo,
Dia por dia, o amor, esse inimigo
Que trava como o fel e tem doçura !

Quem sente um coração, quem sente o córte
Sangrento e gangrenado que o ciume
Deixa no coração, sem dar-lhe a morte,

E' que póde julgar, pelos tormentos,
Que a vida assim vivida mal resume
A minha eterna dor... meus desalentos !...

JULIA CORTINES Laxe

Natural do Estado do Rio de Janeiro.

Bibliog. — *Ver[illegible]*, Rio, [illegible]4. *Fragmentos* — *Vibrações*, Rio

O LAGO

Um pouco d'agua só, e, ao fundo, areia ou lama,
Um pouco d'agua em que, no entanto, se retracta
O passaro que o vôo aos ares arrebata,
E o rubro e infindo céo do crepusculo em chamma.

Agua que se transmuda em reluzente prata,
Quando do bosque em flor, que as brisas embalsama,
A lua, como uma aurea e finissima trama,
Pelos hombros da Noite a sua luz desata.

Poeta, como esse lago adormecido e mudo
Onde não ha, sequer, um fremito de vida,
Onde tudo é illusorio e passageiro é tudo,

Existem, sobre um fundo, ou de lama ou de areia,
Almas em que tu vês apenas reflectida
A tua alma, onde o sonho astros de oiro semeia.

ZEFERINO BRASIL

Natural da Cachoeira, Rio Grande do Sul. Funccionario publico em Porto Alegre, naquelle Estado. Jornalista e poeta. Da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

BIBLIOG. — *Traços cor de rosa*, Rio Grande, 1893; *Alegres e sombrias*; *Nova Musa*, 1909; *Na Torre de Marfim*, Porto Alegre, 1910.

SONETO

Mãe-Natureza, grande e poderosa,
Tu que a existencia fazes e a desfazes ;
Que dás vida á materia e vida aos gazes ;
Que és boa e má ; que és treva e luz radiosa ;

Porque me não fizeste, ó Mãe Piedosa,
Da mesma argilla de que tudo fazes,
Em vez do homem, que preso á angustia trazes,
Um cedro altivo da floresta umbrosa ?

Homem, materia vil, a morte um dia
Virá, cedo talvez, e, desgraçado,
Ao nada voltarei da terra fria,

E, cedro, eu morto inda seria, emtanto,
Talvez um berço, um leito de noivado,
Ou quem sabe si a imagem de algum santo !...

PAULO Gonçalves DE ARRUDA

Nascido na cidade do Recife, Pernambuco, a 5 de janeiro de 1873, e fallecido a 8 de maio de 1900. Cursou a Academia de Direito até o 2º anno e dedicou-se tambem ao commercio. Jornalista e poeta.

[illegible]

DESESPERO

Basta, Senhor! O barbaro castigo
Que me infliges, não é castigo, é morte;
Não parece de um Deus clemente e forte
Mas de um mortal e acerrimo inimigo!

Vês? arquejo de dor, arquejo e sigo
Sem conforto, sem fé, triste e sem norte;
Sem como tu, achar um braço amigo
Que essa cruz ao Calvario me transporte!

Basta! Ao menos suavisa a angustia intensa
Que eu levo a errar por essa estrada immensa
No desespero eterno de um precito;

Que não me arranque mais tão cruelmente
Pedaços da alma o latego candente
D'esse amor infernal, atroz, maldito!

MANUEL AARÃO de Oliveira Campos

Natural de Pernambuco, nascido a 11 de janeiro de 1873. Jornalista, poeta e romancista.

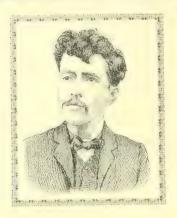
BIBLIOG. — *Intimos*, Recife [illegible]

NINHO ABANDONADO

Foi aqui — bem me lembro ! — o meu supremo
Me abre de par em par a visão da memoria ; [anceio
Cada pedra que eu piso, a mim conta esta historia
Cujas paginas abro e tremulo releio.

Ao traiçoeiro arfar do seu formoso seio,
Aqui dormi sereno, aqui sonhei a gloria
— Noiva de um dia só, noiva linda e illusoria —
De amal-a sem ter ciume, amal-a sem receio.

Mas eu tenho o deserto aos pés agora... E a magua
Crava-me a garra ao peito — o ponteagudo espinho,
Como vaga espumante a chicotear a fragua.

E na curva saudosa e longa do caminho,
No infinito silencio e os olhos rasos d'agua,
Fico, triste, guardando o abandonado ninho.

Ernesto **PAULA SANTOS**

Nasceu no Recife, Pernambuco, a 22 de fevereiro de 1873. Jornalista na sua cidade natal.

Bibliog. — *Chistes*, 1[illegible], Natal. *Poemas de Amor*

SONHO BOHEMIO

Entre pezares e alegrias passo
D'esta existencia na afanosa lida...
E os dias fogem-me encurtando a vida
E a vida foge no horizonte escasso.

Luto : e se ás vezes verga-me o cansaço,
Desperta ao longe uma illusão querida,
Crença que nasce, crença já perdida
No itinerario que a mim mesmo traço.

Mas quando á noite, em solidão bemdicta,
Da fantasia procurando o amparo,
Meu coração em extasis palpita,

Eu sonho um mundo precioso e raro,
Por entre uns beijos de mulher bonita
E o fumo branco de um charuto caro...

JAYME GUIMARÃES

Nascido a 9 de março de 1873 na cidade do Rio de Janeiro, onde é funccionario publico.

BIBLIOG. — *De Amor*, Rio ; *Segunda Messe*, Rio, [illegible]

DE VOLTA

Fomos... E quem nos visse pensaria :
— Que almas felizes ! que casal ditoso !
— Como elle vae a estremecer de goso !
— E ella, como é formosa ! que alegria !

Voltei sósinho e ao meu passar ouvia :
— Que olhar maguado !... Como vae choroso !
E uma voz que sangrou meu peito ancioso :
— Louco daquelle que no Amor confia !

Phalena ! á luz de um riso eis-te perdido !
Foste cheio de Fé, voltas descrido,
E o desengano teu caminho junca...

— Has de esquecel-a, ouvi dizer ao lado...
Meu coração responde estrangulado :
— Odial-a, sim, mas esquecel-a, nunca !

THEODORO RIBEIRO JUNIOR

Nasceu em Caxias, Maranhão, a 21 de março de 1873.
Prosador, jornalista em Minas.

REFLEXÕES

Se Deus, que é justo, deu eguaes segredos
A' rosa, ao lirio candido, ás boninas ;
A' toda flor, quer nasça nos rochedos,
Quer nasça fresca e bella nas campinas...

Se Deus, que é sabio, deu eguaes segredos
A's grandes, tanto como ás pequeninas
Folhas das plantas, desde os arvoredos
Até ás parasitas mais franzinas...

Então, porque é que só a sensitiva
Tem essa força de sentir tão viva,
Que nem podemos lhe tocar sequer ?...

Deus, que a perola fez dentro da ostra,
Na humilde sensitiva é que Deus mostra
A virgindade exacta da Mulher !

SABINO ROMARIZ

Nascido na cidade de Penedo, Alagoas, a 25 de março de 1873. Professor.

BIBLIOG. — *Magdalena*, poema, Rio, [illegible]

ESTAÇÕES

Na infancia, a brisa nos acaricia
A loura fronte e o Sonho prolifera
Canções doiradas ao nascer do dia !
A juventude é irmã da Primavera...

Depois torna-se a vida mais sombria...
Vem a lagrima e nubla-se a razão...
E a adolescencia, egual á cotovia,
Desmaia ao sol ardente do Verão...

Mas a arvore do amor toda se enflora,
O coração palpita mais agora,
Quando o Outono dá lirios de marfim !

Depois, depois, o sangue nos resfria,
O corpo verga e o craneo alveja um dia,
Pois a velhice é como o Inverno emfim !

THEODORO RODRIGUES

Nasceu a 16 *de junho de* 1873, *na cidade da Vigia, Pará. Poeta, jornalista e educador.*

Bibliog. — *Canções do Norte*, Manaos [illegible].

RAPSODIA DAS ONDAS

De pé, fitando o mar sobre a rocha escarpada,
A mão leve e subtil a doce lyra erguida,
Canta um sonho de amor, o mysterio do Nada
— O tumulo fatal dos encantos da Vida —

E canta. O vento impelle a vaga encapelada
Que se estorce feroz, convulsa, enraivecida.
Que diz aquella voz que tanto ao mar agrada ?
Talvez chore de alguem a longinqua partida.

Na immensa vastidão do mar que ulula e grita
Nada seus olhos veem que ao coração lhe traga
Um consolo siquer á duvida infinita.

E canta e aquella voz é pungente e presaga,
E o mar, cedendo á dor que á pedra o precipita,
Lhe vem lavar os pés com as lagrimas da vaga.

ANNIBAL THEOPHILO da Silva

Nasceu a 21 de julho de 1873 na Fortaleza de Humaytá, Paraguay, fazendo seu pae, official brasileiro, parte do Exercito ahi em operações de guerra. Morreu, assassinado, no Rio de Janeiro, a 19 de junho de 1915.

BIBLIOG. — *Rimas*, 1912

A ESPERANÇA

« Suave expressão que todo o aroma encerras !
Mago effluvio que emanas do Perfeito !
Promissora attracção de estranhas terras !
Força do coração em cada peito !

Que seria do mundo pelas guerras
Da vida — eterno temporal desfeito —
Sem ti, confiança que o pesar desterras,
Visão de paz na dor do ultimo leito ?

Bemdita sejas tu, cheia de graça,
Pelo divino bem com que me acalmas
Esta grande e recondita tristeza,

Esperança, ventura da desgraça,
Trecho puro de céo sorrindo ás almas
Na floresta de angustias da Incerteza ! »

LUIZ SOUTO

Natural da cidade de Natal, Rio Grande do Norte, nascido a 30 de julho de 1873. Official do Exercito.

•

NA HORA EXTREMA

Olhos ao Céo, anjo da Dor perfeito !...
Eu vejo-a sempre em extasis, rezando,
Que mais parece a virgem santa quando
Jesus morreu, sublime, satisfeito !

Dentre as alvas cortinas do seu leito
Por onde a luz da Fé vae se escoando,
Eu ouço em ancias de soffrer, arfando,
Aquelle outr'ora fervoroso peito !

Quanto a Morte transtorna a creatura !
Como é terrivel esta noite densa
Onde jaz sepultada tanta Magua !

Quem ao fitar tamanha desventura,
Não compartilha com essa Dor immensa,
Não sente os olhos arrasados d'agua !

DEMOSTHENES OLINDA Almeida Cavalcanti

Pernambucano. Nascido a 20 de setembro de 1873. Bacharelou-se em direito no Recife e seguiu a magistratura em Minas, onde falleceu na cidade de Queluz a 15 de agosto de 1900.

BIBLIOG. — *Ortivos*, Recife

NOIVA MYSTICA

Pelas sarças de luz da immensa altura
Passas, de estrellas fulgidas cercada,
Noiva, cantando psalmos de ventura
Pelos labios de rosa da alvorada.

Assim vejo-te em sonhos. Doce e pura
Vejo-te agora do luar banhada,
Cheia de graça, ungida de ternura,
Para os meus olhos, candida, voltada.

Custe-me a Dor, quero viver te amando !
E, si um dia baixares sobre a terra,
Role aos teus pés meu coração cantando,

Role e morra sereno, altivo e forte
Como quem morre, impavido, na guerra
Sorrindo para a Gloria e para a Morte !

ANTONIO DE GODOY Moreira e Costa

Nascido em Pindamonhangaba, S. Paulo, a 23 de setembro de 1873. Formado em direito. Fallecido a 30 de abril de 1905. Escriptor de ficção, poeta e jornalista.

DA « ROMARIA »

Soror Thereza, a immaculada ovelha,
Na espiritual viuvez do soffrimento,
Transfigurada pela Dor que engelha,
Vale a Jesus na cella de um convento.

Noiva, talvez.... Percebe-se a scentelha
Do extincto Amor no seu olhar poento...
Diante da imagem de Jesus se ajoelha
Para a Jesus pedir maior tormento !

Olhos de uma extra-humana claridade,
Nimbados pelo Poente da Saudade,
No refugio claustral das Agonias...

As outras freiras ao cilicio expostas
Vêm-na passar, á noite, de mãos postas,
Somnambulando pelas arcarias...

MANUEL PENNA

Nasceu em Sabará, Minas, a 20 de dezembro de 1873. Jornalista em sua cidade natal.

NODOAS DO SOL

As nodoas que no sol a gente nota
Dizem que são janellas de outro mundo,
Em cujo seio um sabio mui profundo,
Que delle examinou a gemma immota,

Diz — que póde haver vida lá no fundo,
Haver humanidade, gente ignota,
Que siga uma outra crença, uma outra rota,
E seja emfim um orbe bem fecundo.

Como o sol, ó mulher, é bem provavel
Que, apezar desse olhar abrazador,
Tenhas um coração muito habitavel.

E por isso eu insisto no labor,
E conservo a esperança inabalavel
De encontrar em teu peito doce amor !

João PEREIRA BARRETO

Nascido a 13 de janeiro de 1874, na cidade de Estancia, Sergipe. Ex-redactor de debates na Camara Federal. Jornalista e poeta.

Bibliog. — *Selvas e* [illegible], Lisboa, [illegible].

QUADROS

A merencoria luz, cheia de suavidade
Do sol, quando em crepusculo agonisa no oceano,
A baça luz do luar, á doce claridade
Dos astros, a tristeza abre no peito humano.

A phantasia vôa, o pensamento insano
Mergulha em cheio além, na etherea immensidade
Do sonho e esflora, então, roxa, no peito humano,
Roxa como a tristeza ou mais roxa a saudade.

Depois, do interno abysmo a noite fria e densa
Desdobra lentamente o luctuoso manto
Sobre os sonhos do amor, sobre os sonhos da crença.

Emquanto tudo assim se esvae em sombra, em-
[quanto
Se envolve o coração nessa mortalha immensa
— Funde na alma a saudade e se degela em pranto !

HENRIQUE CASTRICIANO de Souza

Nasceu no Rio Grande do Norte a 15 de março de 1874. Bacharel em direito e jornalista.

BIBLIOG. — *Vibrações*, Rio Grande do Norte, [illegible]; *Ruinas*; *Mãe*.

MONOLOGO DE UM BISTURI

« Primeiro o coração. Rasguemol-o. Supponho
Que esta mulher amou : tudo está indicando
Que morreu por alguem este ser miserando,
Mixto de Treva e Sol, de Maldade e de Sonho

Isso não me commove : adiante ! Risonho
Fere, nevado gume ! e ferindo e cortando,
Aço, mostra que tudo é lama e nada, quando
Sobre os homens desaba o Destino medonho...

Fere este braço grego ! E as pomas cor de neve !
E as linhas senhoris que a penna não descreve !
E as delicadas mãos que o pó vae dissolver !

Mas poupa o ventre nu, onde um feto gerou-se :
Porque has de macular o somno casto e doce
Desse verme feliz que morreu sem nascer ? »

JOSÉ da Silva LIMA

Nasceu no Rio Grande do Norte a 19 de março de 1874. Formado em direito pela Faculdade do Recife. Poeta, jornalista e orador. Funccionario da Fazenda do Estado de Pernambuco.

MIRAGEM

« Para Essa que, cercando de caricias
seu affecto, deixa enganar-se, crendo
que engana a minha dor Suprema. »

Vieste a rir... tua alma vinha cheia
De uma alegria satisfeita e pura...
E visitando o pouso da ternura
Nem reparaste na desdita alheia !

Viste o jardim em flores e verdura
Onde sereno teu carinho anceia...
O teu cuidado em cada flor vagueia
E em cada ramo a tua mão se apura...

Olhaste em frente os lances da paysagem
E, como em busca da Saudosa imagem,
Triste choraste n'um fugaz momento !...

E foi então que eu vi dentro em noss'alma
A nossa dor como parece calma
Como parece doce este tormento !

Antonio dos REIS CARVALHO

Usa do pseudonymo — Oscar d'Alva. Nasceu em S. Luiz do Maranhão a 10 *de abril de* 1874. *Funccionario publico na cidade do Rio de Janeiro. Prosador, poeta e jornalista.*

BIBLIOG. — *Preludios*, Rio, 1903 ; *Caratunas*, Rio, 1904

O MAIS INFELIZ

— « Perdi meu filho ! » — Exclama desolado
Um triste pai — « E a esposa encantadora
A morte me roubou ! » — Desesperado
Um viuvo se lamenta e a dôr deplora.

« E eu mãi não tenho mais ! » — Abandonado
Brada um filho, e soluça e geme e chora...
E assim os tres, sentados lado a lado,
Soffrem da magua a carga esmagadora.

Mas nenhum como o orphão se maldiz,
Nenhum a dor com tanta angustia exprime :
E' que outro filho ao pai fará feliz ;

E' que outra esposa ao viuvo alegrará,
E o que perdeu da mãi o amor sublime
Jámais o mesmo amor encontrará.

MANUEL Justiniano QUINTÃO

Nasceu no municipio de Valença, Rio de Janeiro, a 28 de maio de 1874. Jornalista.

DESPRENDIMENTO

Não me seduzem glorias nem riquezas,
Nem gozos, que, por bellos, são mundanos,
Pois sei que de as perder as incertezas
São do espirito aculeos deshumanos !

Prefiro ao ledo engano os desenganos,
Folgar da vida ás rudes asperezas,
Viver em calma os passageiros annos,
Não sonhar com phantasticas grandezas.

Tenho por bem que se a ventura existe
Por mais que de a não ter o mal contriste,
De um mal maior por tel-a não soffremos,

Pois que de um bem o golpe neste mundo,
N'alma nos fere tanto mais profundo
Quanto maior é o bem que então perdemos !

RAUL Paranhos PEDERNEIRAS

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 15 de agosto de 1874. Lente da Faculdade de Direito desta cidade. Poeta, jornalista, caricaturista e escriptor theatral.

BIBLIOG. — *Com licença*, Rio, [illegible]. *Versos*, Rio, 1900

PHARMACOPÉA

Ella reside em frente á minha casa,
Tem loja de pharmacia e drogaria,
E as receitas de amor nunca me avia,
Pois remedio não dá ao peito em braza...

Consólo esta paixão que a vida arraza
Fitando a pharmaceutica Luzia
A vender xaropada á freguezia,
Que nunca em procural-a perde vaza ;

Quando seus olhos languidos avisto
Fico em pyramidal desnorteamento,
Da nostalgia chego ao perystilo !

Si ella não der remedio a tudo isto,
Si accaso *der em droga* o casamento,
Vou ter na morte um *balsamo tranquillo.*

ORLANDO TEIXEIRA

Nascido a 27 de agosto de 1874, *em S. João da Bôa Vista, S. Paulo, e fallecido a 25 de fevereiro de* 1902.

Bibliog. — *Magnificat*, Rio, 1901

HORAS MORTAS

Oiço uma extranha voz, lá fóra... Engano, certo,
Quem, numa noite assim, andará pela rua ?
Cada vez mais extranha escuto-a... Já mais perto,
Nitida agora, na minha alma se insinúa...

Houve alguem que, ao morrer, me deixou num
[deserto.
Falar-me-á esse alguem ?... Essa voz será sua ?...
Tu, que o meu coração deixaste em chaga aberto,
Vem de ti essa voz que sobre mim actúa ?...

E a voz que escuto, a voz permanece calada ;
Abro a porta a pensar como Poe : — Talvez seja
Alguem... Fria e cortante, entra o quarto a rajada.

Lembro-a ainda outra vez. Fóra, o silencio adeja,
E lá fóra, até lá, na larga noite, anciada,
Esta grande saudade intermina boceja.

FRANCISCA JULIA da Silva

Natural do Estado de São Paulo, nascida a 31 de agosto de 1874.

BIBLIOG. — *Marmores, Sphinges.*

OS ARGONAUTAS

Mar fóra, eil-os que vão, cheios de ardor insano.
Os astros e o luar — amigas sentinellas,
Lançam bençãos de cima ás largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Eil-os que vão buscar n'outras paragens bellas
Infindos cabedaes de algum thesouro arcano...
E o vento austral que passa, em coleras, ufano,
Faz palpitar o bojo ás retesadas velas.

Novos céos querem ver, mirificas bellezas ;
Querem tambem possuir thesouros e riquezas,
Como essas naus, que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas suppostas...
E, olhos fitos no vacuo, imploram de mãos postas,
A aurea benção dos céos e a protecção dos astros.

ARMINDO RANGEL

Nascido na cidade do Passo de Camaragibe, Alagoas, a 9 de setembro de 1874. Engenheiro pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, exerce o cargo de engenheiro chefe de circumscripção da Directoria de Obras do Districto Federal.

Bibliog. — *Livro de [illegible]*, Rio, [illegible]

SCENA INTIMA

Um quadro simples, suggestivo e lindo :
Da luz do gaz aos reverberos de ouro,
Uma formosa e doce mãi, sorrindo,
Nina nos braços um bambino louro...

Lê-se do seu olhar no gozo infindo
Caricias de um affecto immorredouro,
Olhar que nos parece repetindo :
« E' meu filho, meu sangue, meu thesouro ! »

Abrindo mansamente o reposteiro,
Entra no quarto um bello cavalheiro,
De semblante gentil e fronte ousada ;

E, cheio de um prazer quasi divino,
Beija na face o filho pequenino,
Beija na bocca a linda esposa amada !...

Augusto Alvaro de CARVALHO ARANHA

Nasceu na cidade de Aracajú, Sergipe, a 15 de setembro de 1874. Bacharel em direito, seguiu a carreira da magistratura. Prosador e poeta.

FLUXO E REFLUXO

Doe-me a cabeça e á minha bocca explode
O sarcasmo febril, e o sangue gira
Como um rio veloz. Ode por ode,
E carme a carme, escuto a minha lyra.

Eterno mar, o espirito sacode
Uma idéa, outra idéa, e, ora, delira
E ora, porque, em seus cingulos, não póde
Tudo prender, em trémulos, suspira.

Rugem na vaga as coleras do oceano,
Saem das ondas doloridas notas
E, então, a espuma é o pensamento humano ;

Palpita, aqui ; desfaz-se, além, em maguas,
E nós passamos, — miseras gaivotas, —
Mas, ai ! não cessa o soluçar das aguas !...

José JOVINO MARQUES Junior

Nascido em Tacaratú, Pernambuco, a 23 de setembro de 1874. Official do Exercito.

AS JOIAS DE CORNELIA

Foi num lauto festim na decantada Roma :
— No marmoreo salão de excelsa architectura
Mulheres divinaes, modelo de esculptura,
Fulgem. Paira no ambiente um voluptuoso aroma.

Quando á porta, serena e altivamente, assoma
Da legendaria Mãe dos Gracchos a figura,
Sem outra joia além da propria formosura,
Todos fitam-n'a — E' bella, e o Bello a todos doma !

— « Tendes joias ? Mostrai » — diz-lhe uma altiva
[dama
Com supremo desdem. Cornelia os filhos chama
E tendo os dois heroes parados junto a si,

De mesquinhas paixões, mas não de orgulho isenta,
Por entre applausos mil á dama os apresenta
Com soberba expressão, dizendo : — « Eil-as aqui ! »

EMILIO KEMP

Natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido a 9 de outubro de 1874. Jornalista.

SONETO

Vão-se os dias passando e cada dia
Que chega traz comsigo as mesmas côres
Desta perenne e atroz melancolia,
Que me prende n'um circulo de horrores !

Si desta Dôr que tanto me crucia,
Busco esquecer-me procurando amores,
Nelles sómente encontro... Que ironia !
Novos motivos para novas dôres !...

E assim vivendo eu vou como um precito
Que por estradas lugubres caminha,
Rasgando os pés em pontas de granito.

Que importa a mim que a luz do sol se ria,
Se é tão profunda esta tristeza minha,
Que já nem sei se fui alegre um dia !

HERMÉTO LIMA

Bacharel em sciencias juridias e sociaes. Exerce o cargo de Chefe de uma das secções do Gabinete de Identificação da Capital Federal. Nasceu no Pará a 2 de fevereiro de 1875.

Bibl. [illegible] *F[illegible]* Rio, [illegible]

SONETO

Essa que passa por ahi, senhores,
De olhos castanhos e fidalgo pórte,
É a princeza ideal de meus amores
E a mais franzina perola do Norte.

Contam que numa noite de esplendores
A essa que esmaga o coração mais forte,
Hymnos cantaram e jogaram flores
As estrellas, em magico transporte.

Acreditaes talvez ser phantasia ;
Entanto eu sei de mais... Em certo dia
Quando Ella entrou na festival Capella

Eu vi a Virgem mergulhada em pranto
E o Christo de marfim fital-a tanto
Como se fosse apaixonado della !

ODILON NESTOR de Barros Ribeiro

Nasceu a 26 de fevereiro de 1875 *na Parahyba e formou-se em direito no Recife em* 1894.

Bibliog — *Juvenilia*, Pernambuco, 1900.

O BOI

Amo-te, oh ! boi piedoso ! Um sentimento
De vigor e de paz tu me forneces,
Grave e solemne, como um monumento,
Olhando os campos de doiradas messes.

Preso á canga, não soltas um lamento,
Mas ao homem na lida favoreces.
Elle fala e te punge, e tu com o lento
Volver dos olhos mansos lhe obedeces.

Nessa larga narina, humida e escura,
Bafeja o teu espirito, e ridente,
Como um hymno, o mugido no ar se perde.

E em teu olhar de limpida doçura,
Calmo, se espelha magestosamente,
Dos verdes campos o silenció verde

GONÇALO JACOME

Nasceu em Pernambuco a 27 de fevereiro de 1875. Funccionario publico na cidade do Rio de Janeiro.

BIBLIOG. — *Felix Culpa*, Rio, [illegible]

TRISTEZA ORIGINAL

Poz-te o Senhor na fronte a meia lua
Dos laureis da victoria e do talento,
E para maior gloria e valimento
Encheu de graça e luz a fórma tua.

Deu-te um verbo sagrado onde fluctua,
Só para o nosso pasmo e abatimento,
A palavra tão branda como o vento
Quando em torno ás roseiras se insinua.

Entretanto, mulher, insatisfeita,
Tu trazes sempre lagrimas nos olhos
E um ramo de cypreste á mão direita.

Symbolisas a dor por toda a parte,
Sentindo já os tragicos abrolhos
Dos que vêm para a vida e para a arte.

José da Silva BOMFIM SOBRINHO

Nasceu na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, a 19 *de março de* 1875, *e falleceu no Belém do Pará num hospital, na manhã de 22 de junho de* 1900. *Poeta e jornalista.*

BIBLIOG. — *Musa Triste*, versos; *Grinaldas*, balladilhas ineditas.

NOIVADO FUNEBRE

Negra tristeza meu semblante encova,
O' noiva amada, lirio meu fanado!
Porque não vamos na mudez da cova
Em cirios celebrar nosso noivado?

Nos sete palmos d'esse leito amado,
Ao frio bom de uma volupia nova,
Ha de embalar o nosso amor gelado
O coveiro a cantar maguada trova.

E os nossos corpos, gelidos, inermes,
Em demorados e famintos beijos,
Serão depois roidos pelos vermes...

E do leito final que nos encerra,
Em plantas brotarão nossos desejos,
E o nosso amor, em flores, sobre a terra.

JARBAS LORETTI da Silva e Lima

Nascido a 24 de março de 1875 na cidade de Nictheroy, Estado do Rio de Janeiro. Bacharel em direito.

BIBLIOG. — A *M[illegible]*, poemeto, Rio, [illegible]

SONETO

Bem ; tudo acabou. E' mais um morto
Dos que me foram caros. Enterrei-o.
Triste, longe da Patria, no meu seio
Cresce cada vez mais o desconforto.

Si elle vivesse, me seria um esteio
Contra as rudezas do meu Mar sem porto...
Porque morreu, qual flor azul de um horto,
Para a Morte caminho, sem receio.

Hoje — alimenta as flores, como, outr'ora
Me suspendia as azas da esperança,
Num esplendor de despontar de aurora !

Hoje — a cinco mil leguas de seu tio —
Na mais formosa Terra elle descança,
Como a concha no Mar, profundo e frio.

JULIO DE FREITAS Junior

Natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido a 14 *de maio de* 1875, *e fallecido na mesma cidade a* 10 *de junho de* 1909. *Chefe do Almoxarifado Municipal do Districto Federal. Poeta, escriptor theatral e jornalista.*

BIBLIOG. — *Emer[illegible]*, Rio, 18[illegible], *Mult[illegible]*, Rio, 1901

ETERNO CULTO

Entrou no cemiterio. O sol, tranquillamente,
Ia tombando além, por traz da serrania ;
E tudo respirava a lugubre harmonia
De um socego mortal, e tetrico, e dolente.

Entrou no cemiterio e, vagarosamente,
Caminhou a chorar. Ao longe apparecia
Uma pequena cruz, envolta na sombria
E saudosa mudez pathetica do ambiente.

Eu seguia de perto o vulto fugitivo,
E um coveiro, que ali me vira pensativo,
Acercou-se de mim, falou-me do mysterio :

— E' sempre assim, senhor ; é sempre assim, coi-
Desde que lhe morreu o noivo, a desgraçada [tada !
Nunca mais, nunca mais sahiu do cemiterio.

JOSEPHINO da Silva MORAES

Nasceu a 15 de maio de 1875 em Uruguayana, Rio Grande do Sul. Funccionario publico.

PYRILAMPOS

Como elles surgem, doidos adejando
Sem rumo certo pela noite em fóra,
Brilhando agora aqui, além agora,
Num perpassar subtil, sereno e brando ;

Como elles vão a treva pontilhando
De triste luz que brilha e sem demora
Foge e volta de novo, e se avigora
Vai fugindo outra vez e vai voltando... ;

Assim tambem nas noites do passado
Dos que em luctas de amor só têm levado
Dos desenganos a funerea palma

Vão surgindo e brilhando e vão morrendo
E fugindo, e voltando e fenecendo
As illusões — os pyrilampos da alma !

BASILIO DE MAGALHÃES

Nasceu em São João d'El-Rey, Minas, a 14 *de junho de* 1875. *Lente de Historia do Brasil no Gymnasio de Campinas, S. Paulo. Poeta, prosador e jornalista.*

BIBLIOG. — *Iris*, [illegible]. *Folhas ao Vento*

A UMA SYRIA

Pallida flor da redolente Syria,
Que venturoso acaso ou meigo nume
Me trouxe de tão longe o teu perfume,
Teu doce rosto de belleza empirea?

Deponho a lyra em teu regaço... Inspire-a
O fulgor desse olhar, que bem resume
Da resplendencia astral o intenso lume,
Brilhando em curvas de caçoula tyria!

Pois que vieste do rubido Levante
Encher-me a vida deste amor vibrante,
Destes loucos, indomitos desejos,

O' flor da Syria que a minha alma encanta,
Quero cingir-te a alvissima garganta
Com um rutilante cingulo de beijos!

MAURICIO JUBIM

Nascido a 19 de junho de 1875 na cidade do Rio de Janeiro, onde é professor do Instituto Profissional Feminino. Artista pintor.

OLHOS

De tons de luz de Lua sonho um rio,
Por fundas furnas infernaes passando ;
— Léthes que o amor de Orpheu cantou chorando,
Sob os lyrios de um céo sereno e frio.

Rio de queixas de Amor e murmurio...
— Sonho Ophelia que morta vai boiando...
Rosas, ouro, em aureola, a agua iriando
Em torno á face de pallor sombrio,

De cabellos de luz que a envolve e entrança.
Olhos que dão Amor, Fé e Esperança,
A' quem sómente a Morte tem na vida.

Do sonho a extranha Escada, a alma sonhando
Sobe e fica acima, alto, além, pairando,
Dos Sete Palmos da fatal Descida !

ULYSSES Teixeira da Silva SARMENTO

Natural do Estado do Espirito Santo, nascido a 30 de junho de 1875. Abraçou a vida militar, sendo official do Exercito.

LENDA ARABE

Conta uma lenda arabe que certo
Dia, em que duas feras ululantes,
Na solidão mais funda do deserto,
Travavam-se na lucta, horripilantes —

Um viajor que caminhava incerto,
Por incerto caminho, soluçantes
Notas soltou de um calamo, cantantes,
Que dos tigres chegavam muito perto.

Subito pára a encarniçada lucta.
De cada fera o ouvido attento escuta,
Livre do horror, das afflicções austeras...

E' que a Arte purissima e divina,
Tem tal poder e acção, que até domina,
O coração dos brutos e das feras !...

IGNACIO de Viveiros RAPOSO

Nasceu na cidade de Alcantara, Estado do Maranhão, a 16 de julho de 1875. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro, pertence á redacção do « Jornal do Brazil ».

BIBLIOG. — *Protophonia*, 1901; *Cantico*, Rio, 1910.

PAQUITA E COTINHA

Eu tive uma irmãsinha, a que morreu creança,
Mais loira e mais gentil que as loiras alvoradas ;
Nos olhos infantis a luz serena e mansa
Tinha o brilho ideal das brancas madrugadas.

E morreu a sorrir. Na loisa em que descança
Vão gemer, á tardinha, as rôlas concentradas...
Viveu como o brilhar da estrella da esperança ;
Morreu como o rubor das rosas perfumadas.

Foi-se, alada, a primeira e resta-me a segunda,
Alegre rapariga, olympica, jocunda,
Como os sonhos do amor e os risos da bonança.

Qual será mais feliz ? Não sei como o decida...
Si a virgem donairosa a despertar na vida,
Si o loiro cherubim que adormeceu creança.

CARLOS DIAS FERNANDES

Nascido a 20 de setembro de 1875 no Estado do Pará, onde é jornalista.

O CÉO

Etherico docél sobre os mundos arqueado,
Abobada abysmal, nirvanico regaço
Do ser ou do não ser ; bárathro constellado ;
Berço aéreo dos sóes, atomico mormaço

Das espheras de luz ! Todo meu ser, escasso
Do cosmico esplendor nos orbes derramado,
Penetra-se de vós, gira no fundo espaço,
Onde tudo trazeis num vinculo irmanado.

A mesma eterna lei que os atomos congrega,
E que as massas astraes no páramo equilibra,
Sinto-a no sangue vil, que os meus tecidos rega.

E' a vossa emanação que por tudo se libra,
Esparzindo o fulgor dessa harmonia cega,
Que, em rutilas canções, pelo meu estro vibra.

PEDRO de Oliveira VAZ

Nasceu a 25 de [illegible] de 1875 na cidade de S. João Marcos, Estado do Rio de Janeiro. Tem muitas producções esparsas.

NOX

Quando, toda pureza, eu sabia encontral-a
A' minha espera e n'uma elevação radiante,
Licito me era vel-a e sentil-a e beijal-a
Na religiosa paz da noite soluçante.

O galope estugava ao meu ginete : Avante !
Eia, corre ! — A distancia é preciso encontral-a :
Antes que aponte o sol flammivomo e brilhante
Eu quero vel-a e ouvir-lhe a musica da fala.

E emquanto o meu corsel transpunha, a toda brida,
A montanha, o vallado, o corrego, a campina,
Soltas crinas, a voar, na indomita corrida,

Eu sentia oh ! impressão phantastica, divina !
A illusão de uma eterna e rapida fugida
Galopada atravéz da noite e da neblina !

José Getulio da FROTA PESSÔA

Cearense, nasceu a 2 de novembro de 1875 na cidade de Sobral. Bacharelou-se em direito na cidade do Rio de Janeiro, onde é funccionario municipal na Directoria da Instrucção Publica. Poeta e jornalista.

BIBLIOG. — *Psalmos*, sonetos, Rio, [illegible]

ROUXINOL

Passas cantando, rouxinol de tranças,
Essa eterna alegria gargalhando...
Canta ! Tempo virá, que só lembranças
Do passado feliz irás cantando.

Esses que vivem maguas soluçando,
E que nunca cantaram de esperanças,
Esses talvez que se aborreçam, quando
Passas cantando, rouxinol de tranças.

Mas eu, que tive os risos da ventura.
E cantei as cantigas que a ternura
Costuma pôr na bocca das creanças...

Quero-te bem por toda essa alegria,
Que, com teus risos cheios de harmonia,
Passas cantando, rouxinol d'e tranças.

DEODATO da Silva MAIA

Nascido na cidade de Maroim, Sergipe, a 29 de novembro de 1875. Bacharel em direito, advoga na cidade do Rio de Janeiro.

ENFERMO

Ardo com febre e tenho os olhos baços,
Dóe-me a cabeça e dóe-me o corpo inteiro...
Tudo que vejo é sombra !... Nos Espaços
Sinistro mocho solta um canto aceiro !

Ah ! quem me estende os carinhosos braços
Quando eu dormir o Somno Derradeiro !
Que a tua mão pequena apague os traços
Que a Morte imprime ao rosto, Amôr Primeiro !

Noiva que vejo em sonhos e delirios,
Noiva serás agora dos martyrios
No grande Val de Lagrimas da Vida !

Tão longe estás de mim ! Vem... vem... desejo,
Antes que a Morte chegue, dar-te um beijo
— O extremo beijo d'esta despedida.

VITAL do Espirito Santo FONTENELLE

Nascido a 17 de dezembro de 1875, em S. Domingos, Rio de Janeiro, e fallecido a 22 de junho de 1908. Era funccionario do Ministerio do Exterior.

BIBLIOG. — *Satellites*, Rio, [illegible]

MÃE SUBLIME

O filho quando lhe nascera, lindo,
Labios de rosa, meiga voz vibrando,
Rebento lyrial, de um gesto brando,
Lyrio de sonho illuminado abrindo ;

Da terna e santa mãe n'um pranto infindo
A voz se ouvira então, represa, quando
Logo depois, os olhos lacrimando,
Os do filho tambem foram sentindo...

— Por que, infante meu, cego vieste
Assim ? E logo á pobre mãe algente
Fugira a voz, de espaço a espaço, cava.

E vi-os outra tarde em que o sueste
Vento soprava ; a sós, limpidamente
Vi-os : elle a fitava, ella cantava !

SEBASTIÃO DE CAMPOS

Natural do Estado de S. Paulo

[illegible] S. Paulo [illegible]

PEDRA QUE CHORA

Deslisa, gotta a gotta, o pranto acrisolado
Da negra penedia — ingente maravilha !
E lá... na escuridão do abysmo, arremessado,
Em rapido clarão sinistramente brilha !

— Phenomeno assombroso, extranho, sublimado !
Minh'alma, como tu, que acerbas dores trilha,
Nasceu na rocha negra e dura do mau fado,
De pranto se alimenta e é só do pranto — filha !

Meu seio foi outr'ora a rocha de granito,
Que o sol vinha encender do mais feroz instincto,
Que o sol vinha açoitar com latego maldicto...

Humideceu-me o peito um veio côr da aurora...
— Nas fibras da minh'alma, a deslisar, eu sinto
Um pranto, que parece o que o rochedo chora !...

BAPTISTA CEPELLOS

Poeta paulista. Bacharel em direito. Morreu desastradamento no Rio de Janeiro, em 1915, *attribuindo-se ao suicidio a causa do desastre. Seu corpo foi encontrado, completamente deformado, entre pedras, ao pé de uma rocha, na rua Pedro Americo.*

BIBLIOG. [illegible] *Bandeirante*, 2.ª ed. [illegible]

A UM CORAÇÃO MAGOADO

Eu pensava que amar fosse tecer um ninho
E forral-o de paina, em macios enleios ;
E, junto da mulher, como de um passarinho,
Sentir no coração deliciosos gorgeios...

Eu pensava que o amor fosse por um caminho,
Em que, num sonho azul, voassem os devaneios,
De prazer em prazer, de carinho em carinho,
Levando um riso á bocca e uma aurora nos seios...

Eu pensava que amor fosse a eterna criança,
Que, mostrando no olhar uma chamma impolluta,
Perseguisse, debalde, uma eterna esperança...

Mas hoje sei que o amor, escravo do desejo,
Nasce e vive na dôr, na incerteza e na lucta,
Desde o primeiro olhar ao derradeiro beijo !

Joaquim Luiz MENDES DE AGUIAR

Nasceu em 1875, em S. Salvador da Bahia, fazendo os cursos completos de humanidades, philosophia, theologia e direito canonico no Seminario Archiepiscopal daquella cidade. Exerceu o cargo de promotor publico, em Sergipe.

Em 1906, veio para a Capital Federal, dedicando-se ao magisterio da latinidade.

Em 1909, concorreu á cadeira de latim, então vaga, do Gymnasio Nacional, e, a despeito de ter sido classificado em primeiro logar, foi a cadeira dada ao seu contendor.

HARMONIA LAPIDUM

Em meio ao cyprestal de um valle somnolento,
Elevam-se as mansões de funebre cidade ;
Psalmôa o pederna, batido pelo vento,
No seio a resguardar o pó da humanidade.

Jazidas, mausoléos, palacios da vaidade
Fallaz do humano ser, consonam o tormento
Funereo, sepulchral, no algebrico lamento,
No pranto hieroglyphal, marmoreo da saudade.

Costuma decantar os psalmos dos hymnarios,
Que a Parca bosquejou, em lentas melodias,
A lagea tumular dos atrios mortuarios.

E pasma o viador ao threno de agonias,
Que entoam perennaes os blocos legendarios,
Subindo ao bojo astral da pedra as harmonias.

LEOPOLDO BRIGIDO

Cearense, nascido em 1876. Funccionario do Thesouro Nacional.

A ARANHA D'OURO

Borda, calada, a leve aranha d'ouro.
Lenta, distende aureos, sedosos fios,
Cruzando-os sob os raios fugidios
D'este sol vesperal pallido e louro.

Qual joia de fantastico thesouro
Adeja, incauto, em vôos erradios,
— No ar trementes os pés frageis, esguios —
Vivo, rútilo, múrmuro bezouro

Fascina-o logo a luminosa trama
E breve cae, prendendo-lhe as antenas
A aranha d'ouro que o seduz e espera...

E morre... como o inconsciente que ama,
Vendo tremeluzir no espaço apenas
A teia d'ouro e seda da chimera.

ANTONIO FELIX de Mello

Nascido em 1876 e fallecido na cidade de Nictheroy, Rio de Janeiro, a 7 de maio de 1902.

A MINHA MULHER

Anjo bom do meu lar !... Estrella luminosa
Que despontaste um dia em meio ao meu caminho
Possa eu sempre fruir esse meigo carinho,
Da tua alma gentil benefica, affectuosa.

A ti que és boa e casta e santa e carinhosa,
Offerto os versos meus ; são passaros sem ninho ;
Dá-lhes, tu, o agasalho immaculo, do linho
Simples, fresco e aromal, da tua alma bondosa.

Que a luz do teu olhar, tão suave e tão pura
A existencia me guie e caridosamente,
Leve-me pela mão atravez da ventura.

Nunca me falte, nunca, o teu olhar dilecto,
Essa meiga affeição, o teu amor ardente !...
... Que seria de mim longe do teu affecto ?

AUREA PIRES da Gama

Nascida em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, a 2 de fevereiro de 1876. Professora na cidade do Rio de Janeiro. Escriptora e poetisa desde tenra edade. Casou em novembro de 1912 com o Dr. A. C. Chichorro da Gama.

BIBLIOG. — [illegible] *Indiana*, poemeto, 1902; *Pela* [illegible]

LIBERTA

Não volto mais ! Irei por este mundo escuro
Em busca de outro olhar, de outra affeição mais [nobre !
Adeus ! Levo sómente a lyra e a cruz de pobre,
Mas Deus me ajudará na estrada do futuro.

Levante-se minh'alma e rútila desdobre
As azas da esperança ! Eu parto... eu me aventuro
No vasto mar da vida. A estrella que procuro
Verei brilhar um dia, embora além sossobre !

E si o lyrio impolluto e branco de meus sonhos
Fanar-se no embryão e a morte compassiva
Finalmente acabar meus dias enfadonhos ;

Tu não finjas a dôr de uma alma sensitiva,
Não ! Respeita a mudez dos tumulos tristonhos...
Ai ! Não finjas á morta o que finjiste á viva !

Miguel DALTRO SANTOS

Nasceu na Parahyba do Sul, Rio de Janeiro, a 26 de fevereiro de 1876. Bacharel em direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, e professor do Collegio Militar. Prosador, poeta e historiador.

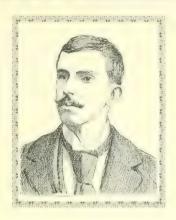
Bibliog. — [illegible]

MATER

[prece
Quem tem Mãe deve ter, como um crente, uma
Dentro do coração, prompta a desabrochar,
Onde da gratidão, que a alma rejuvenesce,
Haja todo o fulgor das caricias sem par.

Vós, que a tendes, irmãos, vós, que a podeis beijar,
Entornae-lhe no seio o affecto que enternece,
Que, por mais que lhe deis, nunca lhe haveis de dar,
Grande, perfeito e puro, o amor que ella merece.

Filhos, que o coração, por servil-a e adoral-a,
Refloris junto ao bem, longe do escuro pó,
Presos de vossa Mãe á alma branca e singela :

Todo o amor que lhe dáes nem de leve se eguala
A' suprema expressão de uma lagrima só
E ao supremo esplendor de um só dos beijos della !

Manuel da Rosa GARCIA JUNIOR

Nasceu a 5 de março de 1876 na cidade de Valença, Rio de Janeiro. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro. Poeta e prosador. Fallecido a 5 de janeiro de 1912.

BIBLIOG. — *Espumas*, Rio.

AO SATANAZ

Oh ! velho Satanaz impudico e pedante,
Que a rir nervosamente andas do Pai Eterno,
Pelo olympo, no mundo, e pelo teu inferno
Maltrapilho e cobarde, imprevidente e errante :

Tu não és, Asmodeu, matreiro e tão superno,
Como nos diz o mundo em medo fulminante, [çante,
— Mas és um pobre *clown*, um *clown* demais far-
Estupido e papalvo. Eu não sei como o averno

Queres que se conserve ! Ha quantos sec'los, quan-
Trabalhas, Belzebut, p'ra derribar os santos [tos !
Para lançar por terra o nosso Pai Bemdito ? !

Tu és um molleirão coberto de mazelas...
Um arlequim bestial contador de rodelas,
Que sonda allucinado as portas do Infinito !

ANTONIO AUSTREGESILO Rodrigues Lima

Nascido em Pernambuco a 21 de abril de 1876. Medico clinico e lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Membro da Academia Brasileira de Letras, onde occupa a cadeira de Heraclyto Graça.

ADEUS !

Eu parto, Don' Hermosa ! Pelo céo
Ha presagios de dor e d'amarguras ;
Parece terminarem taes venturas
Do santo amor que ha no peito meu.

A languida Tristeza o espesso véo
Baixa por sobre mim todo negruras,
Sinto o vazio d'alvas sepulturas
Quando soluço o doce nome teu !

Eu parto, ó minha Santa ! A nostalgia
Fere a minh'alma e mata a phantasia
Amortalhando-as n'um silencio fundo...

A noite baixa triste, constellada,
Eu beijo o teu retrato, ó minh'Amada,
N'um soluçar intermino, profundo !

ARNALDO DAMASCENO Vieira

Natural da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, nasceu a 22 de abril de 1876. Official do Exercito. Prosador e poeta.

BIBLIOG. — *Constellações*, Rio, [illegible]; *Balladas e Poemas*, Bahia, 1911.

JESUS

Muito soffreste, ó meigo Nazareno,
Entre as sombras do Golgotha sombrio !
Rolaram por teu rosto eril, sereno,
Grossas bagas de pranto, fio a fio...

Sentiste o vento uivar rouquenho threno
Pelos teus membros rigidos de frio,
E a Dor morder-te enraivecida em pleno
Coração com furor atroz, bravio !

Muito soffreste ! Emtanto, esse tormento
Angustioso, febril, hediondo, lento,
Eu supportára de expressão serena,

Si, como a ti, no derradeiro instante,
Junto a mim soluçasse palpitante
A minha idolatrada Magdalena !

ALFREDO BRITTO

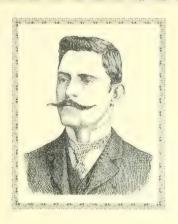
Nasceu a 2 de maio de 1870 na cidade de S. Luiz, Maranhão. Funccionario publico na cidade do Rio de Janeiro.

ALMA ENFERMA

... Sim. Quanta magua encerra a dura vida?
A eterna dor. E, sempre, o que nos resta?
A cicatriz fatal de uma ferida,
Como um estigma de illusão funesta...

Viver e amar é o lemma. E o sol, se em festa,
Fulgura dentro d'alma, e o amor, guarida
Tem no peito que geme, é preferida
A morte. E o sopro negro a vida cresta.

E se estiola a flor. A existencia passa
Como um sonho ligeiro. A fronte inunda
Nos mares do prazer de uma onda escassa

Aquelle que viveu. Gosos pequenos
Morrem depressa. Resta, moribunda,
Uma alma enferma a um coração de menos!...

Francisco Augusto **MONTEIRO DE BARROS**

Nascido a 14 de julho de 1876 na cidade do Rio de Janeiro. Doutor em medicina e pharmaceutico pela Faculdade do Rio de Janeiro.

SUPPLICA

Na kermesse em beneficio de um
hospital em construcção.

A dôr, o pranto, a lagrima sentida
Em breve habitarão esta morada,
Melodia tristissima vibrada
Nos corações dos martyres da vida.

Ali... um velho tremulo na lida
Prostrado ; n'outro leito uma alvorada,
Uma creança pallida, agitada,
Gemendo por molestia atroz ferida.

E mais além... um joven alquebrado,
De olhar amortecido ; conturbado
Por tanta dôr, por tanta enfermidade...

Oh ! tende compaixão, sustae o pranto
Dos infelizes que, soffrendo tanto,
Estão vos implorando a caridade !

NARCISO da Costa ARAUJO

Natural do Estado do Espirito Santo e nascido a 5 de agosto de 1876. Bacharel em direito.

SAUDADE ESTERIL

A saudade commum, essa consiste
Em nos rememorar cada momento
Um quer que seja, cujo afastamento
Pungindo-nos o peito, o torna triste.

Outra saudade todavia existe
Que nos agita : vem do firmamento
Nos clarões do luar, e o pensamento,
Por mais firme e tenaz, lhe não resiste.

E' a saudade de ignotas primaveras.
E' a saudade de quadras increadas,
E' a saudade de coisas nunca tidas,

E' a saudade infecunda das espheras,
Onde os astros rolaram, conglobadas,
Desde as fundas edades escondidas.

ANNIBAL AMORIM

Nasceu na villa de Coração de Maria, Bahia, a 17 de agosto de 1876. Abraçou a carreira das armas. Além dos cursos militares, tem ainda o diploma de engenheiro civil. Poeta, escriptor e jornalista.

BIBLIOG. — *Pompas*, 1902. *Novilunio*, 1904.

SUBINDO O AMAZONAS

Na espantosa evulsão das suas aguas, desce,
Em procura do mar, este outro mar, levando
Os grossos troncos nús das arvores, boiando
Na corrente brutal, que se atropela e cresce.

E d'agua, ante a invasão, toda a flora estremece,
Ruge o rio eversor, o gado morre, olhando
Em torno a enchente. E além, com ruido, a quando
Na riba um tecto rue, outro desapparece. [e quando

E a tarde do equador, mudamente tranquilla,
Olha as aguas ; tambem as vê, grande e fecundo,
O sol, e, á noite, o luar, que sobre ellas scintilla.

E em tumulto a rolar, no seu leito profundo,
O Amazonas lá vae, com humus, grés e argilla,
Assentando, tenaz, o alicerce de um mundo.

AUTA DE SOUZA

Poetisa rio-grandense do Norte, nascida a 12 de setembro de 1876 e fallecida em Natal a 7 de fevereiro de 1901.

BIBLIOG. — *Horto*, 2ª ed., Paris, 1910.

AO PÉ DO TUMULO

(AOS MEUS)

Eis o descanço eterno... o doce abrigo
Das almas tristes e despedaçadas ;
Eis o repouso, emfim... e o somno amigo
Já vem cerrar-me as palpebras cançadas.

Amarguras da terra ! eu me desligo
Para sempre de vós... Almas amadas
Que soluçaes por mim, eu vos bemdigo,
O' almas de minh'alma abençoadas !

Quando eu daqui me for, anjos da guarda,
Quando vier a morte que não tarda
Roubar-me a vida para nunca mais,

Em pranto escrevam sobre a minha lousa :
« Longe da magua, emfim, no Céo repousa
Quem soffreu muito e quem amou demais. »

LUIZ GUIMARAES FILHO

Nascido a 3 de outubro de 1876. Formado em philosophia na Universidade de Coimbra. Primeiro secretario de legação. Jornalista, prosador e poeta.

BIBLIOG. — *Versos intimos*, 1894; *Livro de minh'alma*, 1895; *Idyllios chinezes*, [illegible]; *A aranha e a mosca*, [illegible]; *Ave Maria*, 1900; *Uma pagina de Quo Vadis*; *Pedras Preciosas*.

SONETO

Doce enferma que tanto tens soffrido,
E que tão duras penas tens provado,
Ergue os olhos a Deus e o teu cuidado
Deixa morrer num intimo gemido...

O teu olhar é triste e consumido,
E o teu rosto é de lagrimas banhado...
Não vês no mundo amor mais desgraçado,
Não vês amor, por isso, mais sentido !

Chora em silencio as dores que tiveres :
O coração de todas as mulheres
Entre martyrios é que aprende a amar...

Por isso eu gosto, ó meu thesouro lindo,
Dessas serenas lagrimas cahindo
Como perolas soltas de um collar...

Antonio FREIRE DE VASCONCELLOS

Nasceu a 10 de outubro de 1876 na cidade do Sobral, Ceará. Official do Exercito.

BIBLIO. — *Torre*

TORRE DE CORAL

Um velho marinheiro assim contou-me a lenda
Da Torre de Coral, a extranha maravilha :
« Nasceu dentro do mar. Formosa, alta, estupenda,
Domina céos e terra a extraordinaria ilha !

De irados furacões não tem quem a defenda,
E ella o não quer tambem : dos furacões é filha !
Escurece ao rugir da tempestade horrenda,
Mas no outro dia, ao sol, a velha Torre brilha !

Agua do céo, do mar... a agua tudo avassalla !
A Torre vai cahir. Regouga em cima della
Cyclopico trovão, regouga... e o raio estala !

Raivoso ruge tredo, e passa o temporal...
E a Torre surge então maravilhosa e bella ! »
E' igual ao meu amor a Torre de Coral.

Francisco BRANT HORTA

Nasceu na cidade de Juiz de Fóra, Minas em 1877. Jornalista e poeta.

Bibliog. — *Lyras Carmen*, [illegible]; *Harpa Eolia*, 1912

SERENATA

Flautas, violões e bandolins na rua
Trillam dolente solfa, em serenata...
E, tremulo no espaço, o luar fluctua,
Banhando a terra em vibrações de prata.

E ante a serena pallidez da lua
E a musica divina que arrebata,
Não ha quem, a sonhar, não sinta e frua
Uma doce emoção, ignota e grata.

Tambem meu coração agora vibra
Tange ao luar da tristeza, fibra a fibra,
De uma rude saudade a etherea corda...

E quando a flauta expede a nota extrema,
De minha vida o turbido poema,
Em harpejos de angustia elle recorda.

Manuel MEDEIROS LIMA

Nasceu em Belém, Pará, a 14 de fevereiro de 1877. Jornalista na sua cidade natal.

BIBLIOG. — *Saudades*, poemeto

NOCTURNO

Noite amiga, sonnambula silente,
Muito te quero, muito te desejo,
Quando á hora do *Angelus* te vejo
Baixando á terra vagarosamente.

E se mais negra vens e tão somente,
Se não trazes dos astros o cortejo,
Deusa das trevas, mais e mais almejo
Fazer-te minha eterna confidente.

Ao falar-te da dôr que me repisa,
Do desespero que me tantalisa
E géra o pasmo que me petrifica,

Negra te quero como o meu desgosto,
Para que o mundo me não veja o rosto
Se nelle a magua revelada fica.

GEORGINA TEIXEIRA

Nascida a 17 de maio de 1877, na cidade do Rio de Janeiro, onde reside.

Poetisa, tem varias producções esparsas.

CORAÇÀO

> Soffra o coração embora!
> Soffra! Mas viva!
> RAYMUNDO CORRÊA.

Fera não ha por mais cruel que seja
Que o não sinta bater dentro do peito ;
E se raivoso, indomito braveja,
Pulsa tambem em calma, satisfeito...

Ha momentos que á dôr freme e lateja,
E esteja embora um coração affeito
A' dôr, e affeito ao soffrimento esteja,
Mais que a ventura é o padecer acceito !

Se atroz rancor, emtanto, o dilacera,
Elle, peior que um coração de fera,
Ruge iracundo e brame exasperado !...

Só quem não ama, emfim, é que não sente
Quanto é que soffre resolutamente
O coração no peito encarcerado !!...

LUIZ PISTARINI

Nascido a 25 de [illegible] de 1877 na cidade de Rezende. Rio de Janeiro.

BIBLIOG. — *[illegible]*, Rezende, 1900 — *[illegible]*.

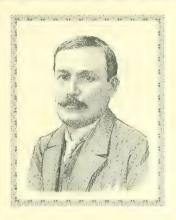
A' MINHA MÃE

> « Pensava em ti nas horas de tristeza
> Quando estes versos pallidos compuz... »
>
> VARELLA.

Morta Sublime ! Oh, minha Santa Morta !
Ha quanto tempo já que te pranteio !
Que o teu carinho me não mais conforta,
Nem mais me abrigas no teu casto seio !

Ah ! lembro-me ainda bem ! — segundo creio,
— Pequenino, — eu brincava ao pé da porta ;
E, ao ver-te no caixão de flores cheio...
Mãe ! nem sonhava que estivesses morta !

Mas um dia passou... um mez... um anno...
E dois... e tres... e mais... e, oh desengano !
Nunca mais me beijou teu labio amigo !

Não te vi nunca mais ! E, da orphandade,
Clamo, agora, nas trevas, com saudade :
— Mãe ! porque foi que não morri comtigo ?...

MIGUEL MELLO

Nascido em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul a 24 de dezembro de 1877. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro e funccionario da Biblioteca Nacional. Prosador e poeta.

BIBLIOG. — *Canticos*, R. J., [illegible]

ONDE?

Não sei que aspiração indefinida
Para mundos ideaes que desconheço,
Me obriga sempre a olhar com desapreço
Todas as cousas de que é feita a vida !

Filha do tedio, uma ancia mal sentida
Me impelle o coração neste arremesso
Para graças eternas que appeteço
E cuja essencia me é desconhecida.

Cançada de lutar, minha alma aspira
Ao gozo de uma paz onde, despindo
Das mundanas paixões a vã mentira,

Se possa amar déveras sem receio,
Se satisfaça emfim o anhelo infindo
De que nos vive o coração tão cheio !

Julio HENSLER DE FREITAS

Natural do Estado de S. Paulo, nascido em janeiro de 1878, e fallecido em 1907.

Bibliog. — *Inspirações e Cantos religiosos.*

TRISTE FALTA

Não se póde negar. Possues a formosura
Innata. A tua pelle é fina, de um setim
Sublime, e vê-se ahi a decantada alvura
De um calix de açucena, ou pet'las de um jasmim.

O teu cabello louro, esparso com fartura
E' lindo. A voz, parece a voz de um cherubim
Tão doce a tens. Admiro a elegante cintura
E a pontinha ideal de um pé chinez emfim.

Emtanto, ao contemplar-te, eu sinto que me assalta
Uma tristeza immensa ; oh ! sim, porque te falta
(Ha muito o adivinhei) — sem que te possa dar

Um peito que compr'henda um outro peito amante,
Uma alma que console uma alma semelhante
Um coração que saiba um coração amar !

LAFAYETTE Caetano da SILVA

Nascido no Estado do Rio de Janeiro a 31 de dezembro de 1877. Funccionario postal no Districto Federal.

OPHELIA

A selva um dia ella transpoz, cantando
Toda a historia infeliz que a enlouquecia ;
Aos hombros solta, como um sol brilhando,
A cabelleira de ouro lhe cahia.

Vinha assustada e pallida. Trazia
O olhar em fogo. Proximo, passando
Entre a sombra das arvores, corria
Um veio d'agua, n'um murmurio brando.

Era de amor a tremula cantiga
Que dos labios de Ophelia livre corta
O seio amigo da floresta amiga.

Mas a voz extinguiu-se, de repente,
E achou-se então a pobre louca morta
Boiando sobre as aguas da córrente.

SATURNINO DE MEIRELLES

Nascido na cidade do Rio de Janeiro a 2 de fevereiro de 1878 e na mesma cidade fallecido em 13 de abril de 1906

Bibliog. — *Astro Morto* — Rio, [illegible]

VIDA OBSCURA

Como um lyrio que nasce e que fenece
Por entre as rochas de uma gruta escura,
Tu foste assim do berço á sepultura
Com um sorriso de anjo que adormece.

Não se ouviu de teus labios uma prece
Que deixasse do mundo uma censura,
Foste mesmo uma rosa de ternura
Que por entre os espinhos estremece.

Levaste assim comtigo o teu segredo,
Como se fosse uma harpa não tocada
Ou uma flor nascida n'um degredo.

Foste só uma pallida esperança,
Uma saudade nunca desvendada,
Um sonho muito vago de creança.

JAYME LESSA

Nascido a 22 de março de 1878 em Mar de Hespanha, Minas. Bacharel em direito e advogado na cidade do Rio de Janeiro.

CABELLOS BRANCOS

Eu preciso crear cabellos brancos,
Romper com as illusões, descrer de tudo...
Falar ao verso, o mais valente escudo,
Que me tomaram na batalha os flancos !

Terçando as armas fui vencido aos trancos,
Exilado do Amor... do Amor sanhudo !
Não precisa viver — quem vive mudo,
Quem vive mudo — sem cabellos brancos.

Parti. E a vela sacudindo os mastros :
— Não ha, meu Deus, quem tenha amado tanto !
Responde Christo pela voz dos astros :

Amei Magdalena, percorrendo escombros,
E ao vel-a triste, no Calvario em pranto,
Cabellos brancos... carreguei nos hombros.

ALVARO BOMILCAR da Cunha

Nascido na cidade do Crato, Ceará, a 14 de Abril de 1878. Bacharel em direito e funccionario do Thesouro Nacional.

BIBLIOG. — *Poema sentidos.*

A BIBLIA VERDE...

Vive feliz, e morre como um santo
O camponio, o caipira, o sertanejo,
Que, á distancia, talvez, de um logarejo,
Habita, em paz, bucolico recanto ;

Pois, quando a noite estende o negro manto,
Dorme, sem Ambição e sem Desejo ;
E quando o sol desprende o loiro beijo,
De manhã, se levanta sem quebranto.

Feliz, porque nasceu de pais obscuros,
E ha de morrer na rustica pureza,
— Na boa fé dos sentimentos puros ;

Sem sciencia, nem livros em que estude,
Só sabe ler, conforme a natureza,
— A « biblia verde » da existencia rude.

Manuel Ferreira SIMÕES AYRES

Nascido a 23 de abril de 1878, em Minas Geraes. Funccionario publico.

VERSOS NO VERSO DE UM RETRATO

O' dell'arida vita unico fior
LEOPARDI.

Quando mais tarde os olhos teus baixares
Sobre este pobre busto de mendigo,
Lembra-te, então, dos planos salutares
De quem foi sempre o teu melhor amigo.

Recorda-te de mim, dos meus cantares,
Tambem das maguas que soffri comtigo ;
Depois de tanto e tanto imaginares,
Deita-te, dorme e sonharás commigo.

Verás no quadro que ao teu sonho encerra
Um reverbero desta triste alminha,
Illuminando-o como o sol á terra.

E' bem possivel que em teu peito então.
Aborrecida de viver sósinha
Sintas por mim pulsar o coração.

LUIZ EDMUNDO da Costa

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 26 de junho de 1878.

Bibliog. — *Poesias*, [illegible] Rio

SONETO

Ha uma lagrima, sempre, attenta em nossos olhos :
Branca, redonda, clara, adamantina, pura
E assim como no mar os traiçoeiros escolhos
Ella, escondida, a flor das palpebras procura

E ahi fica parada, os intimos refolhos
Da nossa alma reflecte e quando uma ventura
Em riso nos entreabre os labios com doçura
Ella, a lagrima, fica a nos tremer dos olhos...

Tu que és moça e que ris e não sabes da magoa
Do mundo, tem cuidado, olha esta gotta d'agua
Se não queres da vida achar-te entre os abrolhos.

Ri, mas ri de vagar que a lagrima traiçoeira
Talvez por te ver rir assim, dessa maneira
Trema e caia afinal um dia dos teus olhos !

JOSÉ NOGUEIRA

Natural de Guaratinguetá, S. Paulo, nascido a 7 de julho de 1878. Jornalista.

SER VELHO

Ser velho é ter no peito já apagado
O fogo crepitante das paixões,
E' ter neve nos frios corações,
E' viver de lembranças do passado !

Sem o pranto que foge em borbotões
Depois de ter a vida atravessado,
Sem os sonhos de amor acrisolado
E sem a magua atroz das illusões !

Ter a cabeça envolta em fina prata,
Sem ferir-se jámais nesses espinhos
Que encontra o joven na vereda ingrata.

Eu quizera ser velho — ter carinhos
E ouvir sempre a celeste serenata
Dos risos e das falas dos netinhos !

DILERMANDO Martins da Costa CRUZ

Nasceu a 15 de setembro de 1878 na cidade de Leopoldina, Minas. Jornalista em Juiz de Fóra, no mesmo Estado.

BIBLIOG. — *Primeiras Rimas*, Ouro Preto, [illegible]; *Diaphanas*: Bello Horizonte, [illegible]; *[illegible]*, Paris, [illegible].

O HOMICIDA

Eil-o tristonho, pallido e desfeito,
Na mudez de seu carcere sombrio,
Onde de entrar, o sol não tem direito,
Onde reside eternamente o frio.

No entretanto, talvez dentro do peito
Deste infeliz, entregue a atroz delirio,
Pulse de pae um coração perfeito,
Pulse de filho um coração de brio.

Passa o vulgo grosseiro, indifferente
A' dor do desgraçado delinquente,
Que não falla, não chora e soffre tanto.

Não mais nutre, sequer, uma esperança,
E, como de chorar tambem se cansa,
Elle cansado, não mais verte o pranto.

AUGUSTO Lins da ROCHA e Silva

Nasceu a 24 de setembro de 1878 na cidade de Olinda, Pernambuco. Auxiliar do commercio na capital do seu Estado.

O ROCHEDO

Eil-o plantado ali, á margem do oceano
Das vagas supportando o aremesso impetuoso ;
Immutavel, altivo e mudo e soberano
Erguendo para o céo o vulto magestoso.

Se o mar entra a rugir, colerico, tyranno
Rojando-se-lhe aos pés, intrepido, raivoso,
Nessa mudez sem fim resiste ao mar insano
E ao vendaval feroz, terrivel e monstruoso.

Depois de embates mil o athletico gigante
Recebe em pleno dorso as auras da bonança
E a luz do sol radiante e cheio de esplendor...

E, como esse rochedo, eu sinto a cada instante,
Uma illusão que foge, um vendaval que avança
E' ás vezes, o sorrir de um sonho enganador...

NOEL DE CARVALHO

Nasceu em Rezende, Rio de Janeiro, a 16 de dezembro de 1878.

SYSTEMA PLANETARIO

O Coração é como a Terra impura ;
Gyra sobre si mesmo impetuoso...
Se agora é dia claro e luminoso,
Logo depois é noite, e noite escura.

O Amor é o Sol. De sua immensa altura,
Elle illumina o Coração ditoso.
Mas logo o Céu se torna tenebroso,
E vem a noite — a dôr, a desventura...

Os Sonhos são Estrellas scintillantes...
E como a Lua, pallida e sentida,
A Terra envolve em luzes fluctuantes,

A Saudade, essa Lua indefinida,
Projecta sobre a noite dos amantes,
A sua branca luz entristecida...

EDMUNDO ESTEVES

Nascido a 3 de fevereiro de 1879 na cidade da Estancia, Sergipe. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro.

O BARCO

Na vastidão profunda, immensa, do oceano,
Um barco agonisava, envolto na procella,
Perdido, sem ter mastro, errante, já sem vela,
Na convulsão cruel de um pelejar insano.

Fez toda a marujada esforço sobrehumano
Para salvar do abysmo a triste caravella,
Sem ver no Céu bondoso o brilho de uma estrella
Que á furia désse fim daquelle horrendo damno.

Depois tudo quedou... e ali na soledade,
Agora só se escuta o som da ventania,
Acompanhando a vóz da negra tempestade,

E então, do salso mar, na evolução sombria
Dos fundos vagalhões, por toda a immensidade,
Estrugiu doloroso um grito de agonia.

FRANCISCO Cavalcanti MANGABEIRA

Nascido na capital da Bahia a 8 de fevereiro de 1879 e fallecido a bordo do vapor « S. Salvador », entre o Pará e Maranhão, a 27 de janeiro de 1904, sendo o seu corpo inhumado na capital deste ultimo Estado. Era medico, formado na Bahia em 1900. Poeta e jornalista.

Bibliog. — *Hostiario*; *Tragedia da guerra de Canudos*, poema; *Hymno Acreano*; *Ultimas poesias*, obra posthuma, Bahia, 1906.

SUPPLICIO ETERNO

Não devo amal-a, e amo-a com loucura.
Quero esquecel-a, e trago-a na lembrança...
Ai, quem me livra deste mal sem cura,
A que o destino tragico me lança !

Uma nuvem de tedio e de amargura
Cobre-me a loira estrella da esperança...
Tudo cança por fim na vida escura,
Só este amor infindo é que não cança !

Se os olhos cerro, vejo-a nos meus sonhos...
Se á noite accórdo, sinto que enlouqueço,
De uma angustia nos vortices medonhos.

E esta morte, em que vivo, jámais finda,
Pois, quanto mais procuro ver se a esqueço,
Sinto que a adoro muito mais ainda !

FRANKLIN de Almeida MAGALHÀES

Poeta mineiro, nascido a 22 de fevereiro de 1879 na cidade de São João d'El-Rey.

BIBLIOG. — *Plenilunio*, Poesias, Rio, 1911.

SONETO

Lyrio de amor, aberto entre os espinhos
Da minha vida ! Astro em minha alma aberto !
Suavizando o rigor dos meus caminhos,
Clareando a escuridão do meu deserto,

Tu floresceste os areaes maninhos
Por onde eu ia, a sós, o passo incerto,
E onde oiço agora a voz dos passarinhos,
Sob um céu, todo de ouro e azul coberto.

A's noites tempestuosas de minha alma.
Bem hajas sempre tu, que, emfim trouxeste,
Plenilunio de amor, a paz e a calma,

E de flôres cobriste o chão que piso :
— Tu que á minha alma, o teu olhar me déste,
E ao meu olhar me déste o teu sórriso.

SABINO MAGALHÃES

Natural do Estado da Parahyba, onde nasceu a 30 de março de 1879. *Official do Exercito.*

[illegible]

UNICA ESPERANÇA

Sol dos meus dias, unica esperança
Que alimentava est'alma de poeta,
Se alegre canto muita vez, secreta
Da dor eu trago a rigida provança !

Se atravessaste no meu peito a lança
Do teu voraz desprezo, ó flor dilecta,
— Agora vivo como um triste asceta
Sem ter do mundo e do prazer lembrança,

Nada mais vejo, pois que tudo é trevoa :
— Eu vivo envolto numa escura nevoa,
E, amargo, o pranto nos meus olhos dança...

Se me fugiste, do pesar me achego...
Foi-se comtigo todo o meu socego,
Sol dos meus dias, unica esperança !

EDUARDO Daniel de Figueredo PINTO

Nasceu na Parahyba do Norte a 16 de junho de 1879.
Formado em direito e advogado no seu Estado.

AUREA

Princeza ! os olhos teus são dois diamantes raros
Ou dois astros do Céo brilhando em noite escura,
Emquanto que tu'alma é feita de ternura
E a mesma côr possue dos marmores de Páros !...

Tens labios de romã — duplos judeus avaros —
Guardam em tua bocca — auroreal clausura —
Dois rosarios gentis de perolas, da alvura
Das espumas do mar — esses teus dentes claros —

Si falas junto a mim, si ao lado meu suspiras,
A tua voz parece um harmonioso côro
De bandolins do Céo e de encantadas lyras...

E, uma vez que, só tú, imperas no meu peito :
Hei de cingir-te á fronte uma corôa de ouro
Deste mesmo metal de que o teu nome é feito !...

THIAGO GUIMARÃES

Nascido na cidade de Valença, Estado do Rio de Janeiro, a 25 de julho de 1879. Dedicou-se ao commercio na cidade do Rio de Janeiro, passando depois a exercer o magisterio, o jornalismo e a advocacia.

Prosador e poeta.

DOR SILENTE

A cúpola do Céo, azul e pura,
A tachas d'oiro, pregueada, — em cima ;
E em baixo, — o Mar cantando em tersa rima,
A eterna e immensa magua que o tortura.

Além... ao longe... em torno, a messe opima
De uma olente grinalda de verdura,
E, da areia esbatendo-se na alvura,
Da Lua, a luz que ás vagas beija e anima !

Da noite, a briza e o halito fremente
Roram no espaço perfumado e quente
Os querulos effluvios da poesia !

Em tudo — a Natureza engalanada !...
Só minh' alma ao Nirvana accorrentada,
Pungindo á dor de te não ver — Maria !

José FELIX Alves PACHECO

Natural de Therezina, Piauhy, nascido a 2 de agosto de 1879. Redactor do « Jornal do Commercio » da cidade do Rio de Janeiro e deputado federal por seu Estado natal. Jornalista, poeta e prosador. Membro da Academia Brasileira onde occupa a cadeira de Gregorio de Mattos, na vaga de Araripe Junior.

ESTRANHAS LAGRIMAS

Lagrimas... Noutras épocas, verti-as.
Não tinha o olhar enxuto, como agora.
— Alma, dizia então commigo, chora,
Que assim minorarás as Agonias ! —

Ah ! quantas vezes, pelas faces frias,
Umas, outras após, a toda hora,
Gotta a gotta rolando, ellas, outr'ora,
Marcaram Noites e marcaram Dias !

Vinham do Oceano d'alma immenso e fundo,
De espuma ás ondas salpicando o flanco,
Numa fremencia amargurada e louca.

Nos olhos hoje as Lagrimas estanco...
Rolam, porém, sem que as descubra o Mundo,
Sob a fórma de Risos, pela bocca !

J. MENDES DE OLIVEIRA

Nasceu em Pouso Alegre, Minas, a 21 de agosto de 1879. Jornalista.

PARADOXAL

Viver morrendo, por ter vida e morte
No teu perfil, que me dá morte e vida,
É com certeza, ó minha flor querida,
Porque sou fraco e ao mesmo tempo forte.

Vejo a minh'alma triumphar da sorte,
Sentindo-a logo sem acção, vencida ;
Contemplo a noite e a solidão dorida,
Mas volto a ver o teu garboso porte.

E nesta lucta que eu estou luctando,
No paradoxo de morrer vivendo,
Tu me dás vida e tu me estás matando.

E, pouco a pouco, assim vae decrescendo
A minha crença e o amor vae augmentando
Em torno á idéa de viver morrendo.

Manuel ARISTHEO Goulart DE ANDRADE

Nascido na cidade de Maceió, Alagoas a 3 de setembro de 1879 e fallecido a 8 de julho de 1905. Formou-se em direito na Faculdade do Recife.

Bibliog. — [illegible]

SONETO

Tem-te ahi, negro mar de lagrimas amargas,
Desesperança, oh ! mãe dos naufragos da vida,
Destende sem temor as tuas azas largas
Sobre esta alma sem fé, tão mal comprehendida !

Já não posso lutar ; succumbi ás descargas
De raivoso Aquilão ; como uma nau perdida,
Alijo de meu bordo as mais preciosas cargas :
— O riso, o sonho, o amor, a delicia da vida !

Alegria, outro rumo ! Esperança, outro norte !
Que a bussola endoideça, e outro paiz aponte
— A paragem glacial e lugubre da morte !

Coragem ! Nem sequer se contraia um só musculo :
Quero ver apontar, no sombrio horizonte,
O tristonho lilaz do ultimo crepusculo...

THOMAZ POMPEU Lopes Ferreira

Nasceu na cidade de Fortaleza, Ceará, a 16 de novembro de 1879. Bacharel em direito. Abraçou a carreira diplomatica. Poeta, prosador e jornalista.

Bibliog. — *Sertão*, Rio, 1900.

SONETO

— Sabes dos astros a perfeita origem ?
Muito embora nos diga o Livro-Santo
Que elles palpitam no azulado manto
Antes do homem nascer, si não te affligem

Razões que as tuas crenças não dirigem,
Da vera fonte eu te direi o encanto :
Jehovah dormia, feito o mundo ; emtanto,
Do pensamento a vivida vertigem

Sonhava em mundo mais perfeito e lindo...
Eva então lhe fallou : « Senhor, meu Deus,
Que quer dizer o amor ? » Jehovah sorrindo,

Não soube responder, e com cautelas
Desfolhou no no azul claro dos céos
A reticencia branca das estrellas.

CARLINDO LELLIS

Nasceu em Minas a 24 de novembro de 1879. Pharmaceutico e lente do Gymnasio de Ouro Preto, naquelle Estado. Jornalista.

BIBLIOG. — *Brumas e Sol*, Ouro-Preto ; *Intermezzo*, trad

PSALMO

Alma feita p'ra o bem e ao bem votada,
Bemdita sejas ! e por onde fores,
Onde poisarem os teus pés a estrada,
Seja forrada de um tapiz de flores !

Pelos da vida, pavidos negrores
Ande o teu vulto de rainha e fada
Dentro de um circulo de resplendores
E halos nimbando-te essa fronte amada !

Oh ! não se extinga nunca esta serena
E doce calma desta luz tão pura
Que o teu olhar ao meu olhar envia !

Ella ha de — eu sei — por entre a minha pena,
Como um sant'elmo numa noite escura,
Guiar-me ás terras da Ventura um dia !

FRANCISCO TEIXEIRA

Natural de Santa Luzia do Rio das Velhas, Minas Geraes. Nascido a 30 de novembro de 1879. Advogado licenciado na sua cidade natal.

AO MUNDO

Mar que leva a embates o naufrago da vida,
Austero em cada phase, terrivel, medonho ;
Algoz que nos renova uma dôr já soffrida,
Na lucta pela vida ou no acordar d'um sonho ;

Monstro que se faz deus, na dura e fementida
Sentença contra o justo, o meigo, o só, tristonho
Mestre da sã doutrina a quem bocca fingida
Vendeu aos Phariseus n'um osculo risonho...

Assim é de Illusões o mundo em que vivemos.
Cada magua que passa, outra magua prediz,
A reviver na alma a angustia que soffremos.

A aurora d'um sorriso é o prologo da dôr.
N'um dia de Illusões, n'um dia mais feliz,
Morre-nos a Esperança, — Epilogo do Amor.

CARLOS Alberto de Sá MAGALHÃES

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, a 7 de dezembro de 1879.

Prosador, poeta e jornalista.

BIBLIOG. — *Livro do Passado; [illegible] do meu casal; Dispersas Poesias.*

CONVITE

Vem, sem demora, ver estes pombinhos
Que se beijam tão ternos, venturosos,
Deixando muito tempo os seus biquinhos
Collados em transportes amorosos ;

Vem mirar — como fazem seus carinhos :
Ora arrulando em cantos maviosos,
Ora as azas batendo para os ninhos
— Ninhos plenos de odor, ninhos ditosos. —

E já que tu sentiste quanto é bella
Essa scena que vimos, dando ensejo
De imital-a-por dentro da janella...

Resta apenas dizer-te, ó minha flor
Que collemos os labios, n'um só beijo,
Fingindo de pombinhos, meu amor !

THEOTIMO RIBEIRO

Nasceu em 18 de dezembro de 1870 na cidade de Maragogipe, no Estado da Bahia. Abraçou a carreira das armas e é hoje official do Exercito. Jornalista e poeta.

Bibliographia — *Flosculos*

O RIO

Quando parti do lar abençoado,
Conduzindo illusões, de parceria ;
Em zigs-zags, rapido, corria
De minha infancia, o companheiro amado ;

E, contemplando seu affeiçoado,
O grande rio, em lagrimas, dizia :
Ao regressares, de melancolia,
Encontrarás meu peito anniquilado.

Atravessei por este mundo, errando
Em novas patrias como um miserando
Que céo extranho e piedoso cobre ;

Desanimado volto ao lar amigo,
Sem mais uma illusão ; do rio antigo,
De agua um filete, gemedor e pobre.

JONAS DA SILVA

Natural do Estado do Piauhy.

CORAÇÃO

Meu coração é um velho alpendre em cuja
Sombra se escuta pela noite morta
O som de um passo e o gonzo de uma porta
Que a humidade dos tempos enferruja.

Quem vae passando pela estrada torta
Que leva ao alpendre, dessa estrada fuja !
Lá só se encontra a funebre coruja
E a Dor, que a prece ao caminhante exhorta.

Se um dia, abrindo o casarão sombrio,
Um abrigo buscasses contra o frio
E entrasses, doce creatura langue,

Fugirias tremente, vendo a um lado
A crença morta, o Sonho estrangulado
E o cadaver do amor banhado em sangue !

POSSIDONIO MACHADO

Nasceu na cidade de Cachoeira, Rio Grande do Sul. Jornalista na cidade de Porto Alegre. Falleceu no Rio de Janeiro, victima de uma queda, quando se recolhendo á casa n'ũa madrugada, atravessava, de bonde, o viaducto do Engenho Novo. Usava do pseudonymo-Marcello Gama.

Bibliog. — Via Sacra, Porto Alegre [illegible]

COM O SOL

— « Anda depressa, ó Sol, que estás parado !
Que fazes tu ahi, Sol imprudente ? »
Este maldicto Sol, ultimamente,
Tem-se tornado o meu maior cuidado !

Essa que eu amo, móra num sobrado,
E o Sol, que a quer tambem, para-se em frente ;
E até que o Sol se cance, e emfim, se ausente,
A janella é deserta, e eu, desolado.

— « Sol, vae-te embora ! » E, quando o Sol vae indo,
E Ella apparece, eu desespéro, e grito,
Por ver a noite, que já vem caindo :

— « Sol, pára um pouco !... » E o Sol, sem me escutar,
Se esconde, emquanto eu lhe supplico, afflicto :
— « Sol ! por favor, ó Sol ! vae devagar !... »

ARISTEO SEIXAS

Natural da cidade de Rezende, Rio de Janeiro. Jornalista em S. Paulo.

Biblio[illegible] — *Notas de* [illegible] S. Paulo [illegible]

AO PARTIR

Foste... e comtigo a ultima esperança
Que me restava na sombria vida.
Foste... e ao partires (que fatal partida !)
Foi-se-me a gloria, que eras tu, creança,

Partiste ! e de chamar-te não se cança
Minh'alma louca, pelo amor perdida...
Por ti sómente a lagrima sentida
Hoje deslisa crystallina e mansa.

Partiste — o sol já me não brilha agora !
Partiste — já não mais avisto a aurora !
E foste — e foi-se de illusões o bando !

E choro e muito ! e quem chorar não ha de ?
A lagrima mitiga uma saudade :
— Mitigo esta saudade assim chorando.

ALFREDO DE SOUZA

Natural da cidade do Rio de Janeiro. Fallecido. Foi funccionario publico na sua cidade natal. Jornalista e poeta.

BIBLIOG. — *Versos.*

MISERRIMA

Triste ella vive, triste e abandonada :
Aquelle, a quem votara estranho affecto,
Certa noite a illudira, e sob um tecto
Alheio, abandonou-a deshonrada.

Uma vez o encontrou por sobre a estrada
Nojento, roto, embriagado, abjecto ;
Apiedou-se d'aquelle immundo aspecto
E o conduziu p'ra casa contristada.

Convulsa, ao vel-o, uma criança bella
Chorou com medo : era o filhinho d'ella
E d'este homem, que entrara titubante...

Tomou-a ao collo n'um abraço estreito...
Bateu-lhe o coração dentro do peito,
Como as azas de um corvo agonisante !

BOLIVAR BASTOS

Nasceu em Valença, Estado do Rio de Janeiro, em 1880. E' formado em pharmacia e exerce o cargo de chimico do Laboratorio Nacional de Analyses do Rio de Janeiro.

BIBLIOG. — *Perfil de Lis. e Delence*

IGNOTA

O' tu, a quem eu amo, e que não sei quem é,
Que vives em meu Sonho e vives em minh'alma,
Cujo meigo sorrir a minha dor acalma
Como um balsamo ideal, consolador, de fé ;

Tu que vives de certo entre os anjos, e ao pé,
Do solio magestoso onde o Senhor a palma
Da Bemaventurança distribue, e a calma
Aos que foram, cá-abaixo, escorchados até ;

Nesta crise de fel, tormentosa e sombria,
Neste instante solenne em que a razão dir-se-ia
Afundar-se no pégo e succumbir tambem,

Estende sobre mim o teu olhar bemdicto,
Ampara em teu regaço o misero precito,
Que não tem outro Céo, que não tem outro Bem ..

EDUARDO Pedro NAZARENO de Souza

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1880. Exerce o magisterio particular e é funccionario do Ministerio da Fazenda.

[illegible] *Horizonte*, Rio

VERDADE AMARGA

Como de volta dum longinquo exodo,
No meio do tropel da vida, ha dias
Em que á lembrança nos regressa, a rodo,
A revoada das velhas fantasias.

Então, em vez de fel, de magua e lodo,
De serenas saudades fugidias,
O coração da gente enche-se todo,
Enche-se todo de melancolias.

Do fundo da memoria refluindo,
As horas do passado, entre o queixume
Das horas do presente, vão surgindo.

E em meio a tanto ardor, tanta canceira,
Vemos que só num instante se resume
Toda a ventura duma vida inteira.

JULIO DE SUCKOW

Nasceu a 9 de abril de 1880, na fazenda de Sans-Souci, municipio de Leopoldina, Minas. Jornalista e professor em seu Estado natal.

O INSONDAVEL

Ha no aroma da flôr e no clarão dos astros,
Um mysterio qualquer que ao proprio Deus abysma;
Da lagrima atravéz, se avista um santo prisma
Que fulge qual santelmo em pincaros de mastros ;

Ha do pária no olhar, que anda implorando a rastros
Um pão, até lhe vir da Morte o cataclysma,
Mysterio que supera aquelle em que Deus scisma
Que ha no aroma da flôr e no clarão dos astros ;

No sorriso infantil percebe-se um mysterio
Que é infenso ao coração e que é vedado ao verso,
Emanado talvez de algum paramo ethereo ;

Paira em tudo afinal um mysterioso anceio ;
E o mysterio maior que existe no Universo
E' o mysterio fatal que tens dentro do seio !

LUIZ CARLOS da Fonseca

Nasceu a 10 de abril de 1880, na cidade do Rio de Janeiro. Engenheiro formado pela Escola Polytechnica da sua cidade natal, e sub-inspector do trafego da E. de F. Central do Brasil.

A PEDRA

Na estupida expressão da fria indifferença,
Escondendo talvez um riso de sarcasmo,
Não tem physionomia, em somnolento espasmo,
Revelando a attitude immovel de quem pensa.

Affronta os temporaes, nos pincaros suspensa ;
E a mesma face mostra ao mais violento orgasmo
Que a materia vital produza : o enthusiasmo.
Tem sempre a compuncção de uma lethal descrença.

Pelos homens pisada e escarnecida, exposta
Nas ruas da cidade a todo o desabrigo,
Ella soffre sem dar, sequer, uma resposta.

Morre um homem, porém ; o mal se lhe compensa :
— E' de vel-a cobrindo extatica o jazigo,
Na estupida expressão da fria indifferença !

CASIMIRO CUNHA

Nascido na cidade de Vassouras, Rio de Janeiro, a 15 de abril de 1880. Cegou aos 14 annos de idade

BIBLIOG. — *Violetas. Ephemeros. Perispiritos*

NO EXILIO

Depois que só, no exilio, me deixaste,
Lesto evadiu-se o derradeiro sonho,
Que preso havia do meu céo no engaste,
E é morta a crença num porvir risonho.

As horas passam lentas, em contraste
Com as do passado alegres, e eu supponho
Ver fugir mais e mais do meu tristonho
Ser, o teu ser, depois que me deixaste.

E quando a tarde expira, e o firmamento
Toma da noite a dubia claridade,
Desata-se-me a flor do sentimento...

E a magua surge... e da alma o céo me invade,
Azas abrindo, tremulas, ao vento,
A gemedora pomba da Saudade.

ELYSIO DE CARVALHO

Natural da cidade de Penedo, Alagoas, nascido a 29 de maio de 1880. *Escriptor e jornalista. Ex-director do Gabinete de Identificação e de Estatistica na cidade do Rio de Janeiro.*

SONETO

Quando, ao romper do Dia, o Sol irradiante,
Atravez do arrebol de côres purpurinas,
Dispara sobre o Mar mil settas argentinas,
Feitas de fogo, e luz, e de ouro deslumbrante:

Eu gosto de vagar a sós pelas campinas,
Onde se escuta o canto alegre, inebriante
Dos passaros, saudando a Manhã triumphante,
Num immenso choral de vozes crystallinas.

Gosto de contemplar, do pequenino outeiro,
O limpido regato, a múrmura corrente,
Descrevendo irrequieta o percurso ligeiro...

E ouvir o sabiá canoro, confidente,
Falando ao Céo do Amor universal, primeiro,
Emboscado no arbusto agreste e irridente.

JOSÉ Cyrillo das CHAGAS

Natural da cidade de Cachoeira, Estado da Bahia e nascido a 7 de julho de 1880. Diplomado em contabilidade e escripturação mercantil, é guarda-livros na capital de seu Estado.

BIBLIOG. — *[illegible]*, Bahia, [illegible]; *Caminho do Ceo*, poema, Bahia, [illegible]

PAGÃO

Sublime perfeição de modelada estatua
Por um grego esculptor em marmore custoso,
E's a deusa immortal da volupia e do goso,
Sem vislumbre sequer de pretenciosa ou fatua !

Sadia carnação, num impeto, arrebato-a
Ao lendario paiz do sonho voluptuoso
E, num lubrico beijo insano e capitoso,
Mato-a de ardente amor e de ventura mato-a !...

Excelsa humana fórma, a idéa concretiza
Do bello tentador que gera mil desejos
E abre chaga de amor que nunca cicatriza !

Deusa !... Deusa eternal que á volupia soccorre,
E onde estúa a volupia, a palpitar em beijos,
Estuando, ancêa e grita e em desespero morre !...

ERICO SOUTO

Nascido a 5 de agosto de 1880, na cidade de Assú, Rio Grande do Norte. Advogado residente na cidade do Rio de Janeiro.

RESPOSTA

No quente fluido que se evola, Filha,
Da tua carne rosea e perfumada,
Eu sinto a essencia pura da baunilha,
Pelas virgens alcovas derramada.

E como é doce o fluido da escumilha
Da carne santamente avigorada,
Fluido subtil que se alimenta e brilha
Na epiderme da Fórma assetinada !

Ao sentir esse morno e delicado
Perfume, no teu seio alimentado,
Seio fecundo em que a Volupia medra,

Medito, penso e digo simplesmente :
Quem tem assim um corpo tão ardente,
Não póde ter o coração de pedra !

ASTERIO Barbosa DE CAMPOS

Nasceu a 10 de agosto de 1880 na cidade de Amargosa, Bahia. Membro da Academia Bahiana de Letras.

VERSOS A UM CACHIMBO

Argilla, barro, pó, ou calcareo, que importa
A transubstanciação com que o Homem te apruma !
Accêso, esse teu fumo o fino pranto exhorta
Ao proprio Homem que um dia argamassou-te, e
[fuma.
As contorsões da Magua, a gelidez, que corta,
Da steppe da Saudade, espancas uma a uma.
A escada de Jacob, na espiral, abre a porta
Ao Céo, flammante de oiro e lhamada de espuma.

— Lendas orientaes... balladas romanescas...
As aguas do Pei-Ho impellindo a galera...
Heraldicos rubis de estemmas principescas...

Eu tudo sonho e vejo e quero, quando chrismas
Meu pranto... quando eu fumo, ó fulgida Chiméra,
O teu longo cachimbo... o cachimbo das Scismas !...

ARTHUR DE CASTRO

Natural de São Paulo e nasceu a 8 de setembro de 1880. Jornalista, residente em Campinas, no mesmo Estado.

PRIMEIRO FRUTO

De manso Ella desperta e o leito cor de arminho
Envolvendo no olhar de maternal doçura,
Contempla o alvo filho entre os lençóes de linho,
Mais alvo que os lençóes de immaculada alvura.

E, meiga a contemplar o tepido filhinho,
Seu casto olhar azul em lagrimas fulgura :
— E' que nem sempre o pranto é do soffrer mes-
[quinho...
— Que a lagrima é tambem a imagem da Ventura.

Depois nos braços seus tomando-o, febrilmente,
A fronte delle encosta á sua fronte bella,
Aos labios delle colla os labios seus, ridente...

E assim, em doce amplexo, em meio sonho, — Ella
De novo os olhos cerra... e terna... e vagamente
O filho adormecido, entre acordada, véla.

MATHEUS Rodrigues DE ALBUQUERQUE

Nasceu na cidade de Porto Calvo, Estado de Alagoas, a 21 de setembro de 1880. Reside no Rio de Janeiro, onde é funccionario do Ministerio das Relações Exteriores. Poeta e prosador.

BIBLIOG. — *Visionario*

AS MONTANHAS

Subo, como um pagão — a alma de artista accesa
Da luz na embriaguez que em torrentes se espalha —
As montanhas : e a vista offusca-me a grandeza
D'esta gloria, e não ha gloria que tanto valha !

Verão. Fulge, abrazada, a amplissima turqueza
D'este céo tropical que os sonhos agazalha.
Verão. Fuzila o sol. Por toda a natureza
Arde a orgia do fogo em rutila batalha.

Orgulhoso e feliz, o olhar preso na altura,
Quente o sangue de febre, a mais ardente e pura,
Como quem ascendeu da vida á alta montanha ;

Tendo-te ao lado meu, sem magua e sem receio,
Teu amor para mim é como um rio cheio,
Onde todo o meu ser livremente se banha.

Eliezer LEAL DE SOUZA

Nascido na cidade de Sant' Anna do Livramento, Rio Grande do Sul, a 24 de setembro de 1880. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro.

OLHOS TRISTES

(A UMA INGLEZA)

Dos teus olhos azues a serena tristeza,
— Tristeza que suavisa o olhar dos exilados —
Lembra, n'uma região erma do polo — a frieza
E a immota placidez de dois lagos gelados.

Suggerem-me o esplendor de mundos encantados
Esses olhos azues, onde a lagrima accesa
Resplandece, aureolando em clarões desolados,
Do teu rosto de estatua a marmorea belleza.

Lagos espirituaes onde a espuma não rola,
Espelhos reflectindo almas de sonhos mortos,
Lavados de um luar de inverno, que os desola !...

O' dona de olhos taes, rasgados em velludo,
Que procuras no céo, que os trazes sempre absortos,
Vitreos, fitando o azul esplendoroso e mudo ? !

Antonio Joaquim PEREIRA DA SILVA

Nasceu na capital do Estado da Parahyba, a 9 de novembro de 1880. *Bacharel em direito e jornalista na cidade do Rio de Janeiro.*

IDYLIO DE SPHINGES

Horas, mais horas, sós, emmudecidos,
Nos contemplamos eu e a Natureza ;
Eu — no burel sombrio da Tristeza
Que é o luto fechado dos vencidos ;

Ella — nos vagos, incomprehendidos
Silencios insondaveis da Grandeza ;
Eu — conjecturando ; Ella — sorpreza
Da Dôr emocional dos meus sentidos.

Eu — como um sêr que alguma culpa expia,
— Um sêr que em transes mudos agonia
Para attingir um fim que não attinge ;

Ella — como a coisa unica, absoluta
Que me vê, que me ouve e que me escuta ;
Uma Esphinge deante de outra Esphinge...

OSCAR LOPES

Natural do Estado do Pará. Formado em direito e funccionario publico na cidade do Rio de Janeiro. Poeta e jornalista.

[illegible]

DEPOIS DA BATALHA

Dorme e sonha, depois da batalha perdida...
Longe da Patria, de onde, em um febril momento,
Partira, a desejar perder por ella a vida,
Dorme, prostrado, o heróe, num grande abatimento.

Dorme e sonha. Em redor, sob a treva extendida,
As sentinellas vão, vêm e vão, passo lento,
Emquanto a noite má continúa, comprida,
Impassibilisando o vasto acampamento.

E o vencido, afinal, longe dos inimigos,
Dorme, em busca de paz. Porém se os olhos cerra,
Após a lucta, após da derrota os castigos,

Não logra descançar, porque o seu sonho encerra
Ora a transposição dos asperos perigos,
Ora o rouco rodar das carretas de guerra.

HENRIQUE RABELLO

Nasceu na cidade de Paranaguá, Paraná. Poeta e jornalista na cidade do Rio de Janeiro.

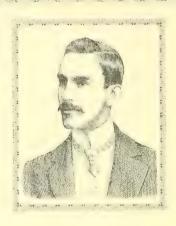
Bibliog. — Nervosos, Rio, [illegible]

NA ROTA

Era á tardinha, eu meditava, e Ella,
Filha d'uns pobres, velhos pescadores,
A' porta da cabana junto ás flores,
Cozia o panno da latina véla,

Gemia o vento ; a bôa Graziella
Fitando as ondas cheia de temores :
— Não affrontes o mar, quando te fôres,
E olhava o mar irado, da janella.

Subi, levando as rêdes á canôa,
Ella saltando em cima d'uns escolhos,
Soltára o cabo que prendia a prôa.

Meu coração deixei naquellas plagas,
Mas o santélmo dos seus negros olhos
Vejo acceso no anil das crespas vagas.

NORALDINO LIMA

Natural do Estado de Minas, onde reside.

BIBLIOG. — *[illegible]*, Juiz de Fora, [illegible]; *Meridionae*, Juiz de Fora, [illegible].

CEGO

— Vêde-o : é cego. Empunhando uma guitarra,
No rosto impressa a lividez da fome,
Caminha... Aqui, tropeça ; adiante, esbarra
E cae... Torna a cantar : a voz lhe some,

A's vezes, como um ai ! depois — fanfarra
Estranha — vem febril, sem que se dome !
Atiram-lhe um vintem ; ancioso, o agarra,
E canta, e chora, e vae, sem luz, sem nome...

Pára. Repete o canto. E o povo, attento,
Sente, através do magico instrumento,
O coração do cego estremecer.

Em sua pobre, misera espelunca,
— Nem pão, nem ar, nem esse sol que nunca
O desgraçado viu, nem ha de ver !...

ANTONIO VIANNA

Natural do Estado da Bahia. Poeta e jornalista na Capital do seu Estado.

SÓ

Floreas campinas pontilhadas de ouro
Pelas flavas corollas de helianthos,
Que fecundaes ao sol, como um thesouro
De fabulosos, rútilos encantos ;

Aves, que andaes em singulosos cantos,
Gemendo amores, pelo azul em côro :
Que é feito della, a causa de meus prantos,
A que me prende ao seu cabello louro ?...

Fugiu, tremente, de meus olhos, quando
Fugira toda a calidez do estio
E o inverno vinha os ramos desfolhando.

Enche-se tudo do explendor de outr'ora...
Somente eu trago o coração vasio,
Deserto della, que se foi embora !...

GUSTAVO de Paula TEIXEIRA

Nasceu na cidade de S. Pedro, Estado de S. Paulo. Funccionario publico na sua cidade natal. Jornalista e poeta.

Bibliog. — *Ementario*, S. Paulo, [illegible]

AGONIA DA ARVORE

Vae-se uma folha e exhalas um lamento,
Extranhas cousas no sussurro dizes !
Desde que começou teu soffrimento
Fogem de ti os passaros felizes.

Tu que luctavas com o tufão violento,
Empedrada nas solidas raizes,
Agora pendes, quasi morta, ao vento,
Toda cheia de roxas cicatrizes.

Não te lastimes, arvore sem flores,
Erguendo ao céo, em vez da fronde linda,
Os braços, nos extremos estertores !

Já não tens sombra para os namorados,
Mas os teus galhos servirão ainda
Para aquecer, no inverno, os desgraçados.

José Maria GOULART DE ANDRADE

Nascido no Estado de Alagoas a 6 de abril de 1881.
Poeta e jornalista na cidade do Rio de Janeiro.

BIBLIOG. — *Poesias*, Rio, 1907; *Idem*, 2ª série, 1911.

A' UMA PECCADORA

Fez Caim o mais vil dos attentados :
Deus, por castigo, ennegreceu-lhe a face
De tal maneira que, por onde andasse,
Tivesse os passos logo assignalados...

Creio que Deus tambem te castigasse,
Pois os olhos possues de roxo orlados,
Como indelevel marca dos peccados
De tua carne em flor, quente e vivace.

Passas em bacchanaes noites inteiras...
Peccas... e a mancha roxa das olheiras
Mostra o delicto, bella criminosa !

Ha, porém, nisso um facto extraordinario :
Ficou feio Caim ; tu, ao contrario,
— Tanto mais peccas, quanto mais formosa !

ARTHUR LEITE

Nasceu na cidade de Caxias, Maranhão, a 5 de agosto de 1881. *Funccionario publico federal, professor e jornalista.*

BIBLIOG. — *Sonatas*, Rio, [illegible]

VERSOS AO MAR

Ululas, palpitando, e as fauces estupendas
Dilatas, a chorar, sinistramente afflicto
E avanças contra a mole estavel de granito,
Que te reparte o dorso em lacrimosas fendas.

Espumas, arquejante, e em convulsões horrendas
Recuas, contemplando o plácido infinito,
Emquanto se retrata o teu medonho grito
Nos rochedos, além, das sombras e legendas...

E assim, ó velho mar das pérolas sonoras,
Bramindo e regougando, infrene, tu palmilhas
A senda perennal das rutilas auroras...

Da areia no sendal teus alvejantes rastros
De lagrimas, fervendo, accendem maravilhas,
Quando curvas o dorso a praguejar os astros...

Custodio CARLOS DE ARAUJO

Nasceu no Rio Grande do Sul a 18 de setembro de 1881. Abraçou a carreira militar.

AUSENTE

(Á ROSITA)

Aquelle adeus, aquelle adeus, querida,
Dito com tanta dor e sentimento,
Tem sido sempre o meu maior tormento
E da minh'alma a mais atroz ferida.

Maguou-me tanto aquella despedida,
Que ao recordal-a assim, cada momento,
Neste retiro e neste isolamento,
Maguas e dores torna-se-me a vida.

Longe de ti, soffrendo da saudade
O venenoso e torturante espinho,
Collado ao peito em negra crueldade ;

Pobre de affecto e pobre de carinho,
Sou qual uma ave, em meio da orphandade,
A quem o vento arrebatasse o ninho.

CARLOS Fernandes GÓES

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 10 *de outubro de* 1881. *Formado em direito e lente do Gymnasio Mineiro em Bello Horizonte. Membro da Academia Mineira de Letras e do Instituto Historico Mineiro. Poeta e prosador.*

BIBLIOG. — *Crotalos*, Rio [illegible] *Cithara* [illegible] *Espelho*...

UM LOUCO

Lia-se a historia de um padecimento
No seu olhar incerto, allucinado...
Traço por traço, incognito tormento
Tinha-lhe o rosto aos poucos macerado...

Tarde, da noite ao frigido relento,
Dobrava as ruas tacito, isolado,
Nos céos disperso o olhar frouxo e nublado,
Versos á lua soletrando e ao vento !

Dizem que amou... Detesta a companhia
Onde a mulher o vulto airoso apruma
N'uma attitude ás praxes acurvada...

Quando escancella a bocca alvar e fria,
Parece que uma lagrima reçuma
A convulsão da estulta gargalhada !

EDWIGES DE SÁ PEREIRA

Poetisa pernambucana, nascida a 25 de outubro de 1881 na cidade de Barreiros.

MAGUAS

Mas oh! que mata a vida a fogo lento
A dor que fica e que se diz — Saudade!
BULHÃO PATO.

Qual dos dois corações mais se atormenta
Nas agruras crueis da despedida ?
O que fica ? O que parte ? Qual sustenta
Mais sereno essa dor que fere a vida ?

Em qual d'elles mais larga se aviventa
A magua ? Em qual dos dois a aza dorida
Da desdita se espalha ? Quem lamenta
Mais sincero o desgosto da partida ?

E' quem parte e distrahe os pensamentos,
Vendo ricos palacios, monumentos,
Novos mares gigantes, novos céos,

Ou quem fica, e traz sempre na memoria
Nitidamente impressa a triste historia
D'essas tres breves syllabas —'*Adeus ?*

Bemfica NAZARETH MENEZES

Nasceu em Diamantina, Minas, a 13 de janeiro de 1882. Bacharel em direito e jornalista na cidade do Rio de Janeiro. Prosador, poeta e critico.

BIBLIOG. — *Lyra Brejeira*, com o pseudonymo de Nestor Mendes; *Vigilias*.

SUPPLICA

Trago ainda nos labios o teu beijo
Rapido, ás pressas, com ternura dado ;
E percorre-me os nervos um desejo
De duplical-o, mesmo assim roubado.

Tremias, casta flor, de susto e pejo
Ao ver teu labio pelos meus tocado...
Com que volupia agora inda o revejo
Sequioso emfim por ser por mim beijado...

Dá que me seja dado, ó minha Santa,
Com a loucura deste amor faminto,
Sorver a vida que em teus labios canta ;

Dá-me os teus beijos mais ! Que esta alma louca
Quer sepultar-se, com a paixão que sinto,
No tumulo aromal de tua bocca !...

HORACIO GUIMARÃES

Nascido a 1 de março de 1882 e natural da cidade do Rio de Janeiro. Filho de Luiz Guimarães Junior. Guarda-Marinha, falleceu a 21 de janeiro de 1906 na catastrophe do couraçado «Aquidaban», na bahia de Jacuecanga.

EM FRENTE AO TEU RETRATO

Quando te fito, amada creatura,
Sinto a saudade de um amor sonhado..
Ah ! quanto custa supportar calado
A dor de tua ausencia, que perdura !

Olhas-me assim com toda essa ternura,
E eu não posso, siquer, ver-te ao meu lado.
Pobre de mim ! que vivo torturado
Com este amor capaz de uma loucura !

Faze um milagre, ó Deus Omnipotente !
Tu que tambem amaste, ardentemente,
O coração da Virgem, casto e santo :

— Acalma o peito que essa dor estala !
Transforma este cartão, triste, sem fala...
Naquelle original que eu amo tanto !

JULIO PRESTES

Nasceu em Itapetininga, S. Paulo, a 15 de março de 1882. Bacharel em direito pela Faculdade de sua terra natal. Jornalista.

SONETO

O' ventura, onde estás ? Felicidade,
Tu tambem já baixaste á sepultura,
Deixando-me os abysmos da saudade
E a desventura em troca da ventura !

O quanto fui feliz na doce edade
Da manhã do viver, serena e pura,
Sou infeliz na minha mocidade...
Foi-se a ventura e veio a desventura.

Ergo os olhos aos céos e clamo e grito
Contra os males terrenos e as terrenas
Desventuras e dores de um proscripto.

E as nuvens que no céo passam serenas,
E os astros — fogos fatuos do infinito —
Vão sorrindo dos males e das penas !

SOLFIERI Cavalcanti DE ALBUQUERQUE

Nascido na cidade do Recife, Estado de Pernambuco, a 4 de abril de 1882. Escrivão no fôro da cidade do Rio de Janeiro. Bacharel em direito.

FINIS CULPÆ

« Mors ultima linea rerum est. »
HORACIO.

Ah! quem foi que morreu, que o sino tanto chora,
Gemendo pelo espaço o pranto da agonia?
Que profundo pesar nesse Mysterio mora,
Derramando-me n'Alma o luar da nostalgia?

Talvez um coração de creança ainda na aurora,
Talvez um coração de noiva em claro dia,
Talvez um coração senil na exicia hora,
Talvez um coração devasso em plena orgia.

Ah! mas fosse qual fosse a existencia colhida,
Fosse á creança, á noiva, ao misero roubada,
Foi um tumulo aberto — aberta uma ferida...

E é no teu seio, ó Terra, em communhão com a poeira,
Que nós vamos deixar a ultima risada,
Na tragica expressão da tabida caveira.

GALDINO DE CASTRO

Nascido a 18 de abril de 1882, na Bahia. Doutor em medicina pela Faculdade daquella cidade. Poeta e jornalista.

BIBLIOG. — *Laus Perenni. Partilhões.*

NEL MEZZO DEL CAMIN

Tu és a fonte, limpida e azulada,
O ribeirão da graça, e da ternura,
Que, garça branca, e em triste revoada,
Esta minh'alma, soffrega, procura.

Venho eu, de longe, atravessando a estrada
Da Vida, para mim, toda seccura,
Eis que te encontro, ó fonte abençoada,
Que como um beijo, um cantico murmura.

Recordo um cearense retirante...
Trago em febre a garganta, em febre a lingua,
Que teu nome bemdiz, doce e radiante ;

Nessa desolação e nessa magua,
Nunca me deixes tu morrer á mingua,
Nunca me faltes tu a gotta d'agua.

MARIO GUARANÁ

Nasceu em Aracajú, Sergipe, a 22 de maio de 1882. Funccionario da Alfandega da cidade do Rio de Janeiro. Jornalista.

ESPERANÇA

No berço ainda, subito, appareces
Alva, de longas palpebras maguadas,
E, ao de leve, beijando-nos, pareces
A nossa mãe de tranças aloiradas...

E desde então jámais desappareces :
Quer nas horas de tedio desoladas,
Quer nas horas de paschoas e de preces,
Surges-nos sempre, em todas as estradas...

E segues-nos assim a vida inteira,
E, muita vez, és tu, no fim dos annos,
Nossa unica e piedosa companheira...

E, na hora extrema da final partida,
E's tu que ainda oppões aos desenganos,
Essa illusão de Ser além da vida !...

JOSÉ OITICICA

Nasceu a 22 de julho de 1882 na cidade de Oliveira Minas. Formado em direito na cidade do Rio de Janeiro, onde cursa tambem a Faculdade de Medicina. Dedicou-se ao magisterio. Prosador e poeta.

Bibliog. — *Sonetos*, Rio, [illegible]. Ode ao Sol

A FATALIDADE

Querer ser bom, querer ser santo, querer tudo
Quanto possa expandir o Bem e obstar-se ao Mal
E' sentir, dentro em nós, um monstro abstracto e [mudo
Que da acção nobre faz uma acção immoral ! ! !

O' irreductivel Carne ! O' lei que embalde estudo
Na complexa intuição da Gnose espiritual,
Porque nos pões no instincto o aguilhão ponteagudo,
Si a alma tem de evolver como evolve o cristal ?

Homem ! Si vem comtigo uma sina nefasta,
Em vão lutas assim por subir e crescer...
Do caminho do Bem a mão negra te afasta.

Pois, máo grado a consciencia e a pressão do dever,
O amor te atrai, a dor te impelle, o odio te arrasta
A seres o homem máo que não querias ser !

NAPOLES E ALVIM

Natural do Estado de S. Paulo, onde reside.

BIBLIOG. — *Relevos*, S. Paulo, 1911

ANGELUS

A voz do sino eleva-se magoada,
Vibrando pela tarde lentamente ;
E, sobre o roseo engaste do occidente,
Surge Venus, serena e desmaiada.

Outros astros despontam na elevada
Abobada do céo azul, silente ;
E a noite desce vagarosamente,
Desenrolando a faixa annuveada...

Sobre a longinqua e plumbea cordilheira,
Vai-se extinguir, a custo, vacillante,
Do sol, que tomba, a chamma derradeira...

E pela noite merencoria existe
Sómente, a voz dorida e soluçante
Do sino — a murmurar pausado e triste.

VICENTE MELILLO

Natural do Estado de S. Paulo e nascido na cidade de Campinas em 1883.

LAGRIMAS E RISOS

Na febre intermittente e negra da desgraça,
E' tudo para nós na terra hypocrisia,
E o céo quando sorri parece uma ironia,
Mofando ao nosso mal, mofando á nossa raça.

Si o nosso coração sorvendo vai na taça
O nectar do soffrer, o fél duma agonia,
Um riso de desdem parece que radia
Em toda a natureza, em tudo quanto passa !

E a sós soffrendo a dôr, amarga e crua e ingente,
Os olhos suspirando um pranto dolorido,
A gente por ser forte e hypocrita tambem,

Sorri a gargalhada estupida e fremente
De quem só sabe rir um riso não mentido,
De quem quer esconder no mal a luz do Bem.

THEODORO D'ALBUQUERQUE

Natural do Estado da Parahyba do Norte, onde nasceu em 1883. Abraçou a vida militar. Poeta e jornalista, dirige a revista « Ordem e Progresso ».

BIBLIOG. — *Fluxo e refluxo*

QUEIXAS DE UM VELHO

Eis-me chegado da existencia ao termo,
Cançado, exhausto, tremulo, sósinho ;
Abandonado, sceptico, estafermo,
Sangrando os pés em lancinante espinho.

Um velho é como desolado enfermo
Que descortina a morte no caminho ;
Ao seu peito tristonho como um ermo
Não chega nunca a esmola de um carinho.

O desengano é a derradeira estancia...
Ah ! meus irmãos, como é saudosa a infancia,
Em que não vimos da miseria o lôdo !

Da vida, emfim, ao derradeiro porto,
O coração chega deserto e morto,
Morto e morrendo sem morrer de todo !

LUCIANO GUALBERTO

Natural do municipio de Petropolis, Rio de Janeiro, nascido em 1883.

MEMENTO HOMO...

Homem, que vales tu ? Um punhado de terra
Gosando de uma fórma estolida e ficticia !
Porque este orgulho, quando a lagrima impropicia,
O Sant'Elmo da dor   no teu coração erra ?

A duvida e a esperança, em porfiada guerra,
Dão-te um pouco de magua e um pouco de delicia :
Si esperas, na tu'alma espalha-se a caricia ;
Si temes, o pesar teu ser inteiro aterra.

A duvida é constante, e segue-te o caminho,
Ao passo que a esperança é mais rigida e forte,
Mas pouco te acompanha o espirito mesquinho !

Si a primeira te alenta, a segunda anniquila ;
E nesse labutar um dia chega a morte
E o pó torna a ser pó e a argilla torna á argilla !

Antonio PAULINO DE ALMEIDA

Nascido na cidade de Cananéa, S. Paulo, a 15 de fevereiro de 1883. Formado em [illegible]

BIBLIOG. — *[illegible]*, poema, [illegible]; *Iremas de Oiro*, sonetos, [illegible]; *Pa[illegible]ada*, [illegible]

GONDOLEIROS DO AMOR

Gondoleiros do amor, que nessa rosea edade
Partis, cantarolando á branca luz do luar,
Tenho pena de vós, que, em plena mocidade,
Ides no mar-da-vida as maguas procurar.

Tambem eu fui contente... e agora, com saudade,
Relembro esse bom tempo, em que deixei meu lar...
Sim, eu fui como vós, cantando, em liberdade,
Desconhecendo o mundo, o vasto lupanar.

Era moço ao partir, mas entretanto, agora,
Como um velho regresso e a soluçar maldigo
Essa manhã maldicta, essa manhã de outr'ora.

As andorinhas vão-se, ai ! vem chegando o outomno
E eu volto soluçando, em busca de um abrigo,
Onde possa dormir meu derraderio somno !

Francisco de **PAULA ACHILLES**

Nasceu a [illegible] em Lad[illegible] Matto Grosso Secretario da Capitania do Porto, na cidade de Fortaleza, Ceará.

[illegible] — *[illegible] minha esposa; Torre de Babe[illegible]*

O RELOGIO

Quantas vezes te vejo, ó pendula sentida,
Rodando n'esse ardil d'um circulo vicioso ;
Supponho que assim seja, indomito e enganoso,
O circulo que envolve a incerteza da vida.

Penso que assim tambem, rolando combalida,
Transmuda-se a existencia em vacuo tenebroso ;
Por certo tu serás o genio sentencioso
Que vejo e que sustenha á crença envelhecida.

Ati eu me comparo, ó relogio antiquado,
Oscillando ao-vae-vem do balanço em que moras,
Em surdina marcando o compasso maguado ;

Existe, dentro em mim, outro velho ponteiro,
Que atravessa commigo o deserto das horas,
Sem saber onde fica o instante derradeiro...

THEMUDO LESSA

Nasceu a 20 de maio de 1883 na cidade do Recife, Pernambuco. Cursou a Faculdade de Direito até o 3º anno. Funccionario do Ministerio da Fazenda.

Bibliog. — *Holocausto*, Rio, 1904.

MONOLOGO DO COVEIRO

Dolorosa missão ! — Atirar á galera
Do Supremo Despreso, ao abandono eterno,
Uma loura creança, em cuja vida o Inverno
Chega, quando surgia a rosea Primavera !

Dolorosa missão ! — Dar a uma panthera
— Uma cova profunda — a virgem que o falerno
Da Morte bebe a rir e, no sonho mais terno,
E' roubada ao Amor, á Ventura, á Chimera !

Que tristeza me punge ! Esta sinistra enxada
Cada vez para mim se torna mais pesada !
Já nem sei desde quando este supplicio dura.

Apenas um prazer me cabe todo dia :
— Cada vez que revolvo a terra humida e fria,
Penso que vou abrir a minha sepultura !

EUGENIO de SÁ PEREIRA

Nasceu a 31 de maio de 1883, na cidade de Barreiros, Pernambuco. Bacharel em direito e auditor de guerra na cidade do Rio de Janeiro.

Bibliog. — *Poesias*, Recife, 1907, 2.ª ed.

TREM NOCTURNO

Rompendo a treva espessa do caminho,
Numa carreira audaz, vertiginosa,
Segue, accordando o passaro no ninho,
Do grande invento a machina assombrosa.

Chispas vôam do boeiro, em torvelinho,
Queimando as folhas da floresta umbrosa...
E, assim correndo, num furor damninho,
Range no trilho as rodas, barulhosa.

Corre, treme, convulsa, alto silvando...
— Alma indefesa, que no mundo trilhas,
Pela noite da vida o Ideal buscando,

E's como um trem nocturno em lucta insana :
Mas quantas vezes, louca, descarrilhas,
No grande abysmo da Descrença Humana !

Alvaro de Sá CASTRO MENEZES

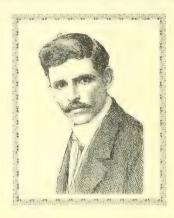
Nascido a 3 de junho de 188[illegible] no Estado do Rio de Janeiro. Bacharel em direito e jornalista na cidade do Rio de Janeiro.

OS LOTOS DO NILO

Grandes lotos azues !... Pela enchente ululante
Levados a fluctuar, sobre as aguas do Nilo...
Do rythmo embalador desse somno tranquillo,
Vão, talvez, accordar no pelago bramante...

No Egypto, sob um céo de amethysta e beryllo,
Desabrocham fitando o páramo radiante...
Vem a cheia, a rugir... Lá se perde, distante,
Da sombra dos juncaes o protector asylo...

Quando fico a scismar nos meus sonhos de gloria,
O symbolo mais fiel que me acode á memoria
E' o mysterioso fim dessas flores do Egypto...

Na torrente fatal das ancias e das maguas,
Como os lotos azues levados sobre as aguas
Hão de, talvez, morrer no seio do infinito !...

AGRIPPINO DA SILVA

Nascido na cidade do Recife, Pernambuco, a 16 *de agosto de* 1883. *Abraçou a carreira do commercio.*

Bibl[illegible] — *Br[illegible]*, Recife [illegible], [illegible].

EXISTENCIA POSTERA

Carne — vitalizada argilla, essencia
Constitutiva da Belleza humana, —
A' Morte, que te esvoeja em torno, insana
Ha de ceder a tua omnipotencia !...

Has de ceder, submissa, na diluencia
Que os corpos antagonicos germana,
A' lei do Transformismo, soberana,
A's inconcussas maximas da Sciencia.

Inherentes ao pó desse profundo
Leito final sem pompas e fulgores,
Terás os teus corpusculos inermes...

Mas, resurgindo desse pó fecundo,
Palpitarás no coração das flôres,
Palpitarás no coração dos vermes.

Antonio BRUNO BARBOZA

Nascido em Pacoty, Estado do Ceará, a 6 de outubro de 1883.

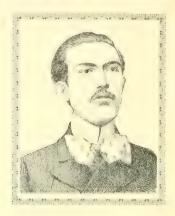
Bibliog. — *Mocidade*, Rio

ANCIA INFINITA

Alma ! sóbe, desvenda, alcança outras planuras,
Quebra o grilhão fatal, quebra a maldita algema
Que te prende no chão e vôa nas alturas
Embora o sol desmaie, embora a nuvem trema.

Povôa a solidão das noites mais escuras...
Tira da luz a crença, esta verdade extrema
Que te falta e si um Deus é o que, ardente, procuras,
Faze um Deus que comtigo as dores sinta e gema.

Mas que vejo ? Voaste, azas abertas, frio
O ar, a nuvem que passa e foge, a immensidade
Viste e viste sem luz o espaço, ermo e vazio.

Baldado é teu esforço, inutil é teu grito :
E's pequena de mais, mesquinha humanidade,
E esmaga-te a cabeça o peso do infinito.

ANICETO DE MEDEIROS Corrêa

Nasceu na cidade de Macahé, Rio de Janeiro, a 21 *de novembro de* 1883. *Formado em direito.*

CONTRASTE

Mors omnia solvit.

Ser forte e não ser forte, — o imperecivel thema :
Uns arrastam a cruz pela vida sorrindo,
Outros, além da cruz, têm por norma e por lemma
Andar sempre a soffrer e não andar fingindo.

E essa opulenta dor que vivemos sentindo
Para o monge é ventura e enfronha a luz de um
[poema !
E outros gargalham d'ella e d'ella andam fugindo,
Embora tendo aos pés a mais pesada algema.

Terra voltada ao céo e céo voltado á terra,
Dor a sorrir do riso e o riso a rir da sorte
E' o estigma mendaz que este universo encerra !

Mas um momento chega em que elles nivelados,
Tombam na fria argilla e os porticos da Morte,
Pelos braços do Nada, entram de braços dados !

DARIO CESARIO da Costa

Nascido na cidade do Rio Preto, Minas, a 5 de janeiro de 1884. *Funccionario publico na cidade do Rio de Janeiro. Prosador e poeta.*

MÃE

Asylo ideal do amor que nunca nos illude,
O coração de mãe é o Evangelho divino,
Perpetuamente aberto em toda a plenitude,
Distribuindo do Bem o mais completo ensino !

Basta para da Vida encher a vacuitude
Esse accendrado amor immenso e peregrino
Que, por livrar do mal o nosso peito rude,
Tem forças para oppôr ás forças do Destino !

Todo carinho extremo — uma prece murmura,
Si, sorrindo, nos vê nas horas de ventura,
Si, gemendo, nos vê nos transes da desdita...

Mais fundas do que nós, as nossas dores sente,
Segue-nos, desvelado, a toda a parte, e, ardente,
Mesmo depois da morte, inda por nós palpita.

ANDRELINO ASSIS

Nasceu no Estado de Minas a 10 de fevereiro de 1884 Doutor em direito pela Faculdade de S. Paulo, ahi abraçou a advocacia.

NA MONTANHA DA VIDA

Esperança, eu bem sei que tu és um veneno,
Um veneno subtil, que, penetrando n'alma,
Nos faz obedecer ao teu menor aceno,
De sonho para sonho a palmilhar, sem calma...

E's um opio fatal, que toda a dor acalma,
Nos obrigando a ver, num aspero terreno,
Onde não ha sequer a sombra de uma palma,
As formosas visões fantasticas do Rheno !

Entretanto, embriagar-me inteiramente quero,
Com teu opio mortal, com teu veneno austero,
Para envolto viver no esmeraldino véo.

E hei de viver assim nessa Illusão estranha,
Como quem vai subindo uma enorme montanha
Suppondo que no cume ha de encontrar o Céo !

Antonio Bernardino dos SANTOS NETTO

Nascido a 28 de fevereiro de 1884 no Estado da Parahyba. Advogado e jornalista na capital do seu Estado.

BIBLIOG. — *Versos do Coração*, 1901.

PELO TEU AFFECTO

Em turbilhões e lagrimas banhado,
Pelas da vida luridas estradas,
Parti, como essas almas torturadas,
Bemdizendo este amor que é o meu peccado.

Quem viveu pelas noites acordado,
No silencio das turvas madrugadas,
E' que sentiu, como eu, as lanceoladas
Magoas e o coração lanceolado.

De ti me veio a lagrima primeira,
O meu primeiro e limpido sorriso,
O sonho, a vida e a crença derradeira.

Que me arrebatem vagalhões da morte,
Mas, para não te amar, fôra preciso
Alma não ter, nem ser humano e forte.

AUGUSTO de Carvalho Rodrigues DOS ANJOS

Natural do Estado da Parahyba, nascido no « Engenho Pau d'Arco » aos 30 de Abril de 1884. Bacharel em direito pela Faculdade do Recife. Professor supplementar de Geographia no Collegio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro. Fallecido em Novembro de 1914.

B[illegible] R[illegible].

O MORCÊGO

Meia noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus ! E este morcêgo ! E, agora, vêde :
Na bruta ardencia organica da sêde,
Morde-me a guéla igneo e escaldante môlho.

« Vou mandar levantar outra parêde... »
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o tecto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rêde !

Pégo de um páo. Esforços faço. Chego
A tocal-o. Minh'alma se concentra,
Que ventre produziu tão feio parto ? !

A Consciencia Humana é este morcêgo !
Por mais que a gente faça, á noite, elle entra
Imperceptivelmente em nosso quarto !

Antonio Augusto GONÇALVES PASSOS

Nasceu a 11 de maio de 1884 no Estado da Bahia, no municipio do Capim Grosso. Jornalista em Pernambuco.

Bibliog. — *Clarellinas*

NO MEU NATALICIO

Um anno mais... Um anno mais de dores
Sobre os hombros meus pesa. Neste dia
Devo vestir-me em luctuosas côres
— Irmãs da noite e da melancholia.

Porque da sorte os luridos horrores
Se enveredaram todos na sombria
Estancia atroz das maguas, dissabores,
— Formando em meu viver uma elegia

Vinte e quatro epitaphios negros, tristes,
Já escrevi no teu passado austéro,
O' vida minha que em soffrer consistes !

E assim prosigo num caminho escuro,
Sempre... Sempre a encontrar o que não quero,
Porém nunca encontrando o que procuro.

José **ATALYBA SANTOS**

Nasceu em Marianna, Minas, a 2 de julho de 1884. Typographo na sua cidade natal. Jornalista.

CYSNES

No murmuroso rio transparente
Aquaticos palmipedes deslisam
Por sobre as aguas, que, serenos, frisam
Juntos, em bando harmonioso e albente.

Não sei se são as aves, se a corrente
Que amorosos queixumes eternizam,
Só sei que aves e rio divinizam
Sons de longinquos ais, longinquamente.

E escutando a scismar a voz das aguas,
Vão-se accordando no meu peito as maguas
Que adormecera momentaneo estio...

E de lagrimas geme, e se desata,
Em minha alma, tristissima cascata,
Como os cysnes de neve ou como o rio.

ALVARO SILVA

Nasceu em Aracajú, Estado de Sergipe, a 6 de setembro de 1884. Ahi fez o curso de preparatorios e redigiu, por algum tempo, «O Vespertino», bi-semanario litterario e noticioso, tendo collaborado em varios jornaes de sua época. Formou-se em direito em 1911 e é advogado na Capital Federal. Tem varias producções esparsas.

ESTRANHO SENTIR

Sombra que surge como uma alvorada
— A magua —, muita vez um riso gera...
E o riso que se afaga á dôr que impera
Leva uns tons de alegria angustiada !

Estranha luta em que a alma concentrada,
Como a sonhar, aguarda... E a longa espera
Que a martyrisa, que a envilece, opéra
O anceio da victoria desejada...

E eu renego o sonhar, renego a vida
Que a duvida corroendo-os, mina, exhaure
A seiva da ventura presentida !

Mas, porque soffro, bem espero ainda
Que, na paz, a alegria me restaure
Todo o poder da tua graça infinda..

ABILIO Vieira BARRETO

Natural da cidade de Diamantina, Minas, e nascido a 22 de [illegible] de 18[illegible]. [illegible] da imprensa em seu Estado natal. Membro do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes.

[illegible]

SONETO

A extensa e verde campina
Ora isolada e silente,
E' tão alegre á matina
Como triste ao sol no poente

Sob este cedro virente
Que ao forte vento se inclina,
Um grande boi mansamente
Baloiça a cauda e rumina.

Zinem cigarras. No espaço
Rebrilha o sol como de aço
Redonda peça polida.

Somnolento, o olhar parado,
Dorme o boi no descampado,
Qual um corpo já sem vida.

Joaquim **ARAUJO FILHO**

Natural do Estado do Rio Grande do Norte, nasceu a 4 de dezembro de 1884. Abraçou a carreira do commercio. E' guarda livros.

Bibliog. — *Livro d' E[illegible]*, [illegible] — Recife. *Horas Visionarias*, no prelo.

AD CŒLUM

Quando, da terra para o céo, partiste,
No céo, suppondo achar mais doce ninho,
Teu coração, pesar de me ver triste,
Não se apiedou de me deixar sósinho !

Era mister subir ao céo !... Subiste
Por um de rosas flórido caminho...
Antes, porém, saudosa esta alma viste
Qual hoje, a vejo, orphã do teu carinho !

Não tiveste siquer um lenitivo
A mim que se ainda vivo é porque vivo
Cheio do teu amor que é meu trophéo...

— Abre as portas do Templo que te encerra
Sei que sentes saudades pela terra
Como eu sinto saudades pelo céo !

Manuel TAPAJÓS GOMES

Paraense, nasceu na cidade de Belém, a 25 de dezembro de 1884. Formado em direito pela Faculdade de S. Paulo e advogado nessa cidade.

Bi[illegible] — *Alvará d[illegible] Pará*

MONOLOGO DE UM MENDIGO

Esfarrapada a roupa, em busca de guarida,
Cheio de soffrimento e cheio de cansaço,
Ha dez annos que vou pela estrada da vida,
A esmolar pela chuva e a implorar no mormaço !

« A cada passo encontro a indifferença erguida,
Almas sem sentimento encontro a cada passo,
A caridade tem a mascara fingida
Do sorriso que esconde o soffrer de um palhaço !

« Todos fogem de mim ! a falsidade vibra
Em tudo ! No homem, a corroel-o fibra a fibra,
A hypocrisia cruel serenamente medra !

« E eu me ponho a scismar no meu terror profundo :
— Deus ! para supportar as miserias do mundo,
Por que me não fizeste o coração de pedra ?...

THEOPHILO Rodrigues DE ALBUQUERQUE

Nasceu na cidade de Porto Calvo, Alagoas, a 4 de fevereiro de 1885. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro.

Bibliog. — *Legendas Contemporaneas*

SOLIDÃO

Ao olhar, a inquerir, nada no espaço avulta.
Ao ouvido, a escutar, nada chega ou responde.
Como que em frente a mim tudo o que ha se sepulta,
Como que aos olhos meus tudo foge e se esconde.

Na treva e na mudez vida inteira se occulta.
Não perpassa um clarão, não balouça uma fronde.
No entretanto, em meu ser, meu espirito exulta,
Sem que indague a mudez e sem que a treva sonde.

Cerca-me a solidão. Mas se a pensar me ponho,
N'alma escuto um rumor que não é de tormento,
Que não vem do prazer, nem são echos de sonho.

E' que nunca está só nem jámais vive a esmo,
Quem se deixa levar, na aza do pensamento,
E se olha a si proprio e se escuta a si mesmo.

JONATHAS SERRANO

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 8 de maio de 1885. Alumno laureado da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, onde se bacharelou em 1909. Professor de historia, francez e philosophia no Collegio Paula Freitas. Jornalista e director da « Revista Social », que se publica em sua cidade natal. Prosador e poeta.

[illegible], Rio [illegible]

RESIGNAÇÃO

Nova e terrivel dôr junte-se agora
A's outras dores que contem meu peito.
Esta, como as primeiras, calmo acceito :
A idéa do soffrer não me apavora.

Que venham novas maguas... A despeito
Dellas, forte e tranquilla a alma não chora.
E meu semblante se conserve, embora
Muito eu padeça, sempre satisfeito.

Despojado daquillo que conforta,
Fugindo gosos que, por nobre, engeita,
Sem ninguem perceber o atroz tormento,

Pode sangrar o coração... Que importa ?
A alma que no combate, á dor affeita,
Chega a encontrar prazer no soffrimento.

AFFONSO COSTA

Nasceu a 2 de agosto de 1885 em Palmeirinhas de Jacuhype, municipio de Jacobina, Bahia. Funccionario publico.

REVENDO O PASSADO

Venho de ver ainda estes meus lares...
Velhas, em ruina, as paredes antigas
Nem guardam mais lembranças das cantigas
Que me embalaram em noites de luares.

São medonhos phantasmas seculares
— Almas negras de insomnias, inimigas, —
Dia e noite velando, sem fadigas,
A dôr dos que se foram a outros ares.

Quanta cousa me lembram estas parêdes !...
E aqui mesmo inda vejo, sob as rêdes
Do São-Caetano, os traços de uma cruz...

Por esta é que eu jurara firmemente
Dar-te, Belwiss, um dia, a transcendente
Hostia branca do Amor que nos seduz.

JOSÉ CHAVES

Nasceu no Belém do Pará a 21 de agosto de 1885. Poeta e jornalista na sua cidade natal.

[illegible]

DO « ANIMA MEA »

Não te posso esquecer, nunca. Distante
Mesmo de teu olhar ardente e puro,
Eu te vejo a fulgir, no meu futuro,
Como estrella de brilho coruscante.

Toda a minha tortura lancinante
E as desventuras do caminho escuro,
Tu, meu bello Idéal, meu palinuro,
Vaes a extinguir com teu sorrir constante.

E's para mim a Eterna Ambicionada,
E encantadora Terra Promettida,
Cheia de amor e sonhos e desejos...

Ver-te é ter a alma para o azul voltada,
Na ancia de uma ventura indefinida :
— A conquista suprema de teus beijos !...

Antonio da COSTA E SILVA

Nasceu na cidade de Amarante, Piauhy, a 23 de novembro de 1885. Cursou a Faculdade de Direito do Recife até o 3º anno, abraçando depois a carreira de Fazenda. Poeta e jornalista.

Bibliog. — *Sangue*, 1908, Recife. *F[illegible] dos Olhos*. *Poema da Natureza*.

O ENGENHO DE MADEIRA

Na remançosa paz da rústica fazenda,
A'luz quente do sol e á fria luz do luar,
Vive, como a expiar uma culpa tremenda,
O engenho de madeira a gemer e a chorar.

Ringe e range, rouquenha, a rigida moenda,
E ringindo e rangendo, a canna a triturar,
Parece que tem alma, adivinha e desvenda
A ruina, a dôr, o mal que vai, talvez, causar.

Movida pelos bois tardos e somnolentos,
Geme, como a exprimir, em doridos lamentos,
Que as desgraças por vir sabe todas de cór.

Ai ! dos teus tristes ais ! ai ! moenda arrependida !
— Alcool ! para esquecer os tormentos da vida
E cavar, sabe Deus ! um tormento maior !

GAMALIEL MENDONÇA

Natural de Sergipe, nascido em dezembro de 1885.

[illegible] — *Vigilias*, Bahia, 1911; *[illegible]*, Rio de Janeiro 191[illegible]

VERACIDADE

Jámais me hei de esquecer do dia em que disseste :
« Não consigo arrancar de seus labios um riso !
« Em vão tento fazel-o ! » — E em vão tu o fizeste,
Porquanto eu me não ri, tornando-me conciso.

Eu supponho, porém, que tu assim quizeste
Sondar-me o coração ! E, por isto, preciso
De te dizer agora o que não suppuzeste
Quando tentaste, em vão, extorquir-me um sorriso.

Depois que me falaste, ó virgem seductora,
Eu quiz dissimular d'esta alma peccadora
O extasis de amor, pois junto a mim te via !

Pelo que não sorri ; porém te affirmo agora
Que n'aquella feliz e tão propicia hora,
No recesso do peito, o coração sorria !

THOMAZ Franciscō Madureira PARÁ

Nasceu em Belém, Pará, a 21 de dezembro de 1885. Bacharelou-se em direito na cidade do Rio de Janeiro, onde se dedica ao magisterio. Tem varias producções esparsas.

DE RETORNO

Emfim, pomba d'amor, nos teus meus olhos ponho...
De retorno a este lar de nobre estylo antigo,
Vens piedosa tambem, para soffrer commigo,
Toda a magua que sinto em meu fado tristonho.

Certo, o teu coração, a que o silencio imponho,
E' como um cirio a arder na paz d'um santo abrigo...
Ha n'elle mais perdão que no mundo castigo,
Para os que não são bons, para os que não têm sonho.

E, agora que estou só, sem ter guia e sem norte,
Desces talvez do céo como a Virgem das Dores,
Para salvar quem vae em caminho da morte...

E ao ver que sobre mim os teus olhos descanças,
Lembro, com que tristeza, um lago-azul e flores...
E o cadaver do amor por sobre as aguas mansas.

ROSALIA SANDOVAL

Poetisa, natural do Estado de Alagoas.

Bibl[illegible] [illegible] Maceió 1904

INCOGNITO MAL

Desconhecido Mal, que vais minando
Meu organismo fragil... Derruindo
As esperanças que me vêm mentindo
E meu corpo do esquife approximando...

Mais um dia que val? Que val o bando
De chymeras, se todas vão partindo?
Si afinal nos não fica um sonho lindo
De tantos sonhos que nos vêm cantando?!...

Corróe esta materia sem valia,
— Prisão grosseira, obra de fancaria —
Onde vive a gemer um'ave exul!

Desconhecido Mal, rompe a cadeia!
Deixa voar minh'alma — ave que anceia
Soltar as azas no infinito azul!

PAULO BRANDÃO

Natural do Estado de Minas, onde reside.

Bibliog. — *Poentes d'Hiverno*, Ouro Preto, [illegible]

A CONCHA

(HEREDIA)

Quem saberá o tempo e os mares que as correntes,
As ondas, as marés, ó concha nacarada,
Fizeram-te rolar sósinha e abandonada
Na escura profundez das aguas transparentes ?...

Na areia, sob o céo, longe do oceano, sentes
Hoje a saudade cruel da vida antepassada...
Mas tua esp'rança é vã !... Longa e desesperada
Em ti soluça a voz das vagas inclementes...

Minh'alma se tornou uma prisão sonora :
E como em ti suspira e eternamente chora
A grande voz do mar, num quérulo clamor,

Assim do coração onde Ella sempre existe,
Surdo, insensivel, lento, amargurado e triste,
Sóbe um longo marulho, um intimo rumor...

HUMBERTO DE CAMPOS

Poeta maranhense, nascido em 1886. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro, é um dos redactores do «Imparcial».

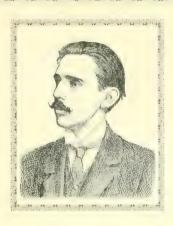
[illegible] — *Poesia* [illegible]

O INVERNO CEARENSE

A mão gelada, o gesto frio, o olhar nevoento,
Vem das bandas do Mar, das terras de que é dono,
Tapa os olhos do Sol, prende as azas do Vento,
E ergue no alto sertão, sobre as nuvens, seu throno.

Ouvindo a sua voz de alto e rispido entono,
Toda a Serra, a tremer, veste o burel cinzento.
E o aureo Estio, a seguir as pégadas do Outomno,
Pendura o sceptro real á aza do Sol friorento.

A Terra é toda riso ante o Esposo que a anima :
As folhas, nos sertões, pelos galhos arruma,
Põe tapetes no campo, e abre flôres por cima.

E a pedir, para vêl-o, olhos d'agua ás entranhas,
Dá-lhe, a rir, feito flôr, dá-lhe, a orar, feito bruma,
Os beijos da Planicie e o incenso das Montanhas...

ARMANDO Rodrigues GONÇALVES

Nascido em S. Gonçalo, Rio de Janeiro, a 2 de maio de 1886. Diplomado pela Escola Normal da cidade de Nictheroy, no mesmo Estado, é hoje o secretario da referida Escola. Formado em direito. Poeta e jornalista.

BIBLIOG. — *Lyra Azul. Marmores partidos.*

O SER POETA

O ser poeta é cantar, verso por verso,
Esse poema de amor e de ventura !...
E' sorrir quando um mal, forte, disperso...
Algo traduz de perfida amargura !

O ser poeta é viver, num sonho immerso,
Cantarolando, alegre, a vida impura...
E' soffrer quando o Mundo fôr perverso,
Nessa perversidade que perdura !

Tudo o que o vate canta é sublimado :
— Desperta, alegre, uma alma entristecida !
— Revive, triste, um sonho idolatrado !

O ser poeta é chorar, sorrindo a sorte...
O ser poeta é morrer, cantando a vida !
O ser poeta é viver, cantando a morte !

MARIANO Barbosa de LEMOS

Natural do Estado de [illegible] [illegible] nascido a [illegible] de [illegible] de [illegible] Formado em Pharmacia pela Academia do Recife e ali é jornalista.

[illegible]

ANTE VITAM

Quem da existencia o fel provar não ha-de ?
E os pés sangrar nas urzes dos caminhos !..
Ah ! quem da infancia não terá saudade !
A saudade dos noivos... dos velhinhos...

E feliz quem não é, na flor da idade
Rodeiral de sonhares e carinhos !...
Em que o amor tem a estranha suavidade,
Da musica chromatica dos ninhos !

A vida é accesa luta... luta insana !
Da qual depende toda sorte humana :
O Bem, o Mal que o mundo afora corre !

Feliz quem vence todos os barrancos...
E quem morre antes dos cabellos brancos,
Sem presentir e sem saber que morre !

Augusto **MAGALHÃES BRAGA**

Nascido a 13 de maio de 1886, na cidade do Rio de Janeiro. Poeta e jornalista.

OS POMBOS

Meu coração é um berço. Se o rasgassem,
Nelle veriam tres pombos que fallam.
Fallam, mas um soluça, e os tres embalam
O berço e os sonhos que no berço nascem.

Dous são brancos. Si os tres sempre cantassem,
Que festa ! mas si horrores me apunhalam,
Dous desses pombos para os céos abalam,
Como si o berço pelos céos trocassem.

Esperança é o primeiro. Não resiste
Como o segundo, Amor. O outro é o puro,
Saudade, um pombo negro, um pombo triste.

Ai de mim quando a treva o berço junca !
Os pombos brancos fogem, fica o escuro,
O que soluça não me deixa nunca.

Antonio **BASTIN GAMA**

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 9 de junho de 1880.

O PRANTO DO CYPRESTE

O noivo lhe morrera. O cemiterio
Tornou-se a sua funebre pousada :
Todas as noites, sobre a campa amada,
No pranto procurava refrigerio.

Seu vulto tinha um que de mago e ethereo,
No silencio da tetrica morada,
Do marmore na alvura immaculada,
Da lua ao pallido clarão sidereo.

E junto a si, se erguia o mudo e triste
Cypreste — testemunha que lhe assiste
E conta mais que o secular carvalho.

E quando a desgraçada soluçava,
O cypreste feral tambem chorava
Lagrimas puras do mais puro orvalho !

Manuel TEIXEIRA DE SALLES

Nasceu em Santa Luzia do Rio das Neves, Minas, a 20 *de junho de* 1886.

O MAR

No eterno soluçar nostalgico do mar
Eu penso toda a dôr da terra concentrada
Naquelle grande abysmo, a bocca escancarada,
Num convulsivo choro e ardente praguejar.

Cava a enxada o chão bruto ; a matta secular
Vemos, em pouco tempo, em campo transformada ;
Tomba um cedro gigante, e a terra, inanimada,
Contricta soffre a dôr por não poder fallar.

Por isso é que do oceano immenso e nebuloso,
— Incansavel abysmo indomito e arrojado
Quando a procella o agita e o põe tumultuoso,

Parte o eterno lamento, ao manso céo, voltado,
Num soluçar incommodo, um soluçar que aterra,
Num gemido cruel da dôr que soffre a terra.

José Lopes PEREIRA DE CARVALHO

Natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido a 1 de agosto de 1880. Bacharel em direito e funccionario publico, servindo no Ministerio da Guerra. Jornalista, poeta e prosador.

BIBLIOG. — *Matutinas*, Rio.

A PECCADORA

Eu não desdenho da mulher perdida,
Essa infeliz e misera creatura,
Que tem no olhar a imagem da amargura
E no seu peito a dôr fortalecida.

Como as outras tambem ella foi pura,
Teve aurora de risos, foi querida ;
Si agora a orgia lhe consome a vida,
E' victima da negra desventura.

E no seu coração, hoje vendido,
Já o amor teve um culto desmedido,
Doce e sublime, bello e immaculado

Eu não desdenho da mulher perdida,
Porque na sua carne pervertida
Relembro tristemente o seu passado.

MARIO Romulo LINHARES

Nascido a 19 de agosto de 1886, na cidade de Fortaleza, Ceará. Abraçou a carreira de Fazenda.

BIBLIOG. — *Obras poeticas, Flores.*

NO BANHO

Manhã de Abril. O bosque em flor rescende. Em
[cada
Gotta de orvalho inflamma a alvorada uma estrella.
Olga sae para o banho e, em febre, a passarada
Gorgeia ao ver passar o claro vulto della.

Chega ao lago (e a agua a estuar como que, anciosa,
[a anhela
Despe-se e ostenta ao sol a riqueza encantada
Que seu corpo aromal hellenica cinzela :
— Braços, pernas, quadris, carne eburnea e rosada.

Volúpicos, sensuaes, os rijos e empinados
Seios, como um casal de pombos assustados,
Tremem, saltam febris ao clarão matutino.

Olga ! Pudesse eu ser as aguas desse lago,
Para, ardente, envolver no mais bemdito afago,
A maravilha ideal de teu corpo divino !

MARIO ACCIOLY de Almeida

Natural da cidade de Alagoinhas, Estado da Bahia, e nascido a 8 de setembro de 1886. Pharmaceutico residente na cidade do Rio de Janeiro. Poeta e jornalista.

[illegible]

CHRISTO E A ADULTERA

Num enorme rumor o povo irado segue
Uma mulher que foge aos ditos offensivos ;
Demonstra cada olhar raivoso que a persegue
A sentença de morte escripta em traços vivos.

E cobrindo-a de insulto a multidão prosegue,
Nos seus instinctos vis, perversos e aggressivos ;
E a misera, fugindo aos phariseus, consegue
Junto aos pés de Jesus reter os vingativos.

Condemnae ! diz a turba emquanto a furia medra,
E' adultera, Senhor ! « Moysés tem ordenado
Que sempre nós a taes corressemos á pedra » ;

Mas, Christo, levantando a nivea mão, responde :
« Quem de entre vós julgar-se isento do peccado
Lance a primeira pedra. » A multidão se esconde !

Manuel da SILVA LOBATO

Nasceu no Recife, Pernambuco, a 10 *de setembro de* 1886. *Guarda-livros na sua cidade natal.*

BIBLIOG. — *Lyra Selvagem*

A VOLUPIA DA VAGA

Fôra uma simples onda — agua em flôr, que se
[ensaia,
Nova, errante, — a tremer por sobre o glauco
[oceano.
Era-lhe a espuma, no ar, todo o seu pranto insano,
O beijo equóreo e bom do vento, — a alma da praia.

Um dia, ao sol, um buzio, a inflammar-se, desmaia,
Vendo-a ; busca entender-lhe o mais abstruso
[arcano...
Eil-a, agora, a prender-se ao buzio, inflado, ufano,
Como sob o poder de um deus de estranha laia !...

E ella — a onda — simples agua em flôr, avolu-
Agitou-se, sensual, como inquieta sereia [mando,
Ao voluptuoso olhar de aureos tritões em bando.

A agua vae, a agua volta ; eleva o dorso lindo :
E vem crescendo, e vem cantando, e vem caindo
Sobre o retorso buzio encravado na areia.

RAUL MONTEIRO

Natural de Pernambuco, nascido em Goyana a 9 de novembro de 1886. Guarda-livros na cidade do Recife. Tem varias producções esparsas.

TORTURA DE UM VERME

Nesta insatisfação da alma que tudo anceia,
Neste sonho, que é mais um supplicio superno,
Vivo ; prende-me, — e é em vão meu clamor sempi-
[terno —
A' contingencia humana invisivel cadeia...

A alma, tenho-a em revolta, em desespero eterno,
Da calma exul, ao riso estranha, ao goso alheia ;
Vendo-a, desvendareis, na ancia atroz que a far-
[peia,
Todo o quadro espectral das torturas do Inferno.

Rude e austera, a Razão brada e a Vontade nuta
E vacilla e esmorece... e eu me entrego vencido
A' torpeza fatal dos instinctos em lucta.

E' que — poeta, se almejo alcançar as ethereas
Purezas, — homem sou e me lanço perdido
Ao torvo tremedal de todas as miserias !

PELAGIO VALENTIM do Nascimento Varella

Nascido em 1886. Formou-se em direito na cidade do Rio em 1907, e ahi exerce a profissão de advogado.
Prosador e poeta.

ALICE

Pomba meiga, anjo meu idolatrado,
És a divina essencia transcendente,
Que, no calix de um lyrio sorridente,
Do Paraizo, Deus, ha derramado !

De um profundo scismar subtil banhado,
Teu doce olhar, sereno e transparente,
O brilho tem da estrella que, silente
Percorre o ethereo espaço illuminado !

Bocca que os Magnos Deuses decantaram...
Quanta loucura, quanto desatino,
Encerram, d'ella, os nobres esplendores !

E, quantos, quantos corações rolaram
Por terra, sob o doce e crystallino
Fulgor desses teus olhos scismadores !

José AMERICO DE ALMEIDA

Nasceu na Parahyba do Norte em 1887. Abraçou a principio a vida ecclesiastica, abandonando-a depois para cursar a Academia Juridica do Recife, onde se bacharelou. E' procurador geral do Estado, no seu Estado natal.

ANGUIS

No charco, entre os juncaes, atra a cobra e maldicta,
Ha muito tempo, jaz da fome inquieta, escrava,
No charco, onde ha ascos ruins dos miasmas ruins de
Onde a torpe legião dos bichos d'agua grita. [fava,

Espreita. E a ultriz serpente a fome irrita, irrita !
Espreita. Até que, emfim, os verdes dentes crava
No sapo incauto, e em sangue o dorso liso láva
E o sangue do batracchio escorre, em rubra fita.

O instincto do animal nunca resiste á gula :
Da serpente voraz a ancia voraz é tanta,
Que a presa, a um tempo, attrae, morde, lambe,
[estrangula !

E, emquanto o escuro ophidio, aos giros, arfa o papo,
Grita-lhe o sapo vil nas roscas da garganta :
Assim, a cobra coaxa, em tudo como um sapo.

LUIZ Gondim LEITAO

Nascido a 25 de janeiro de 1887, em Nictheroy, Rio de Janeiro. Funccionario da Prefeitura Municipal de sua terra natal.

SUPREMO BRINDE

Si o coração, nossa maior riqueza,
Fosse joia ou penhor, fosse adereço
Que ornasse o collo de gentil princeza,
Como brilhante ou perola de preço ;

Si a palpitar pudessemos, travesso
Pol-o nas mãos ou pol-o sobre a meza,
Como brinde aos teus annos, com apreço
Hoje o meu te daria com certeza.

Porém como arrancal-o não podemos
Do carcere do peito aonde o contemos,
Não t'o posso offertar ; mas te prometto

Dar como brinde e singular presente
Todo esse amor e tudo que elle sente,
Palpitando febril neste soneto.

MANUEL Pereira DINIZ

Natural do Estado da Parahyba, nascido a 12 de fevereiro de 1887. Formado em direito pela Faculdade do Recife.

Editou. — *Raios e Trevas*, Recife, 1911; *Vagas partidas*

NEM SEI !

Glaura me estima com ardor sublime
E eu amo-a tanto a parecer loucura ;
Hilda, porém, meu coração opprime
Sob o palor de sua formosura.

Amo a primeira, como não se exprime,
A segunda com a alma em tal ternura... ;
Desprezar uma fôra desventura,
Amar a ambas, hediondo crime...

Neste dilemma, ás vezes, abysmado,
Digo, julgando o peito estilhaçado
E a alma e o peito, uns grandes estilhaços... ;

Quasi nem sei... (o mal é tão profundo !)
Como é que ha gente, viva, neste mundo,
Com o coração partido em dois pedaços !

HEITOR LIMA

Nasceu na cidade de S. Paulo de Muriahé, Minas, a 28 de março de 1887. Formado em direito na cidade do Rio de Janeiro e ahi advogado.

CREPUSCULO

O que torna mais triste o céo sangrento
Ao pôr-do-sol, são as partidas, são
Os adeuses dos passaros ao vento
Das azas na fugaz palpitação.

Quanta vez, no mais célere ou mais lento
Revoar de aves que vêm e aves que vão,
Tocam-se duas azas um momento
E afastam-se em contraria direcção...

Tambem os nossos corações um dia
Se encontraram. No occaso rubro ardia
O incendio dos amores immortaes.

E — azas que passam, a hora do sol poente
Um no outro elles roçaram levemente
Para não se encontrarem nunca mais.

LUIZ FRANCO

Nascido em Maceió, Estado de Alagoas, a 7 de agosto de 1887. Formado em direito na cidade do Rio de Janeiro, onde advoga.

QUEIMADA

Rompe o fogo atravéz da espessa ramaria
Impetuoso e feroz. Tudo envolve a fumaça
E a chamma, a se estender pela selva sombria,
Como serpe infernal, devastadora passa.

Dos ermos barrocaes, onde o incendio esfuzia,
Sae um surdo estridor, como horrivel ameaça
E, quasi a se extinguir, na suprema agonia,
Um tronco secular tomba e se despedaça.

Quanta desolação ao longo dos caminhos !
De quando em quando um galho altivo se esborôa,
Deixando pelo solo as folhagens e os ninhos.

Infinito pavor toda a matta percorre,
Emquanto extranha voz pelas furnas entôa
Um *requiem* doloroso á floresta que morre.

José Maria da COSTA REGO JUNIOR

Poeta pernambucano, nascido em setembro de 1887. Guarda-livros na capital de seu Estado.

BIBLIOG. — *Mariposas*

BANHO DAS ESTRELLAS

O occaso é um riacho de oiro a deslisar dormente...
Seis horas — dia e noite — aerea metamorphose !
As estrellas, buscando um noivo que as despóse,
Descem núas, sorrindo, á supposta corrente...

E' diario esse baptismo ; é diaria essa apotheose !
Mal o dia adormece, ellas vem novamente
Banhar-se no Jordão polychromo do poente,
Imitando o rumor de um véo que se descóse...

Depois, pingando luz, sobem todas esparsas...
— Pirylampos do céo, borboletas da altura —
Opalinas, iriaes, roseas, verdes ou garças...

Sobem, nimbando o espaço, arcano por arcano,
E vemol-as pompeando em delirios de alvura
Como a nevoa do Polo e as espumas do oceano.

CASSIANO Carlos DE ALBUQUERQUE

Nasceu na cidade de Porto Calvo, Alagoas, a 22 de dezembro de 1887. Jornalista em Maceió, onde tambem é funccionario na Repartição dos Telegraphos.

INTIMO

Vendo-a rezar ao pé da sepultura
De minha Mãe, minha immortal saudade,
Não sei dizer a mystica ternura
Que meu peito de noivo e filho invade.

Sae-lhe a prece do labio e o céo procura,
Repassada de angelica bondade.
Carinho assim, affecto assim, doçura...
Mãe, com egual amor pagar quem ha de ?

Se pudesses volver á terra, um dia,
Onde o teu vulto santamente brilha
Nos exemplos de amor que nos deixaste ;

Teu coração de mãe rebentaria,
Em ternuras e affagos para a filha,
Que na terra não viste nem beijaste !

LEONOR POSADA

Nascida na cidade de Cantagallo, Rio de Janeiro, a 5 de fevereiro de 1888. Professora municipal na cidade do Rio de Janeiro.

INSOMNE

Não consigo dormir. A janella escancáro
E me ponho a scismar, olhos fitos na altura...
A noite é fria e linda, e sôlta, ao desamparo,
Desce a neblina, em véos, em meio da negrura...

De manso, brinca o luar na rigida textura
Das arvores. — E' todo o céo de arminho raro !
E a lua, a me fitar, purissima de alvura,
Abre por sobre mim o olhar gelado e claro...

Nem a vejo, porém : a agonia me invade...
E, a sós, em horas taes, entrego-me á saudade
Desse sonho que busco e desse amor ausente...

E me deixo levar, num pranto que consola,
A avivar e a sentir, emquanto a noite róla,
Todo o bem que se foi e todo o mal presente...

ADELMAR TAVARES

[illegible] da [illegible] R[illegible], Pernambuco, e nascido a [illegible] de [illegible] de 18[illegible]. Bacharel em direito e promotor publico na cidade do Rio de Janeiro.

[illegible]

MÃE-THEREZA

Morava neste sitio abandonado,
Perto de minha casa, *Mãe-Thereza.*
No seu rostinho velho e descarnado
Havia uns traços de immortal belleza.

Moça — trouxera o bairro enamorado,
Trovadores chamaram-n'a — princeza !
Não bebeu nunca o vinho do peccado,
Nem n'alma trouxe uma paixão accesa.

Dá que eu possa beijar-te as mãos piedosas;
Por esta vida muito padeceste,
Deitando bençams e plantando rosas...

Tu que a bondade dos archanjos tinhas,
Levas na morte esse fulgor celeste
Das que se partem virgens e velhinhas.

CICERO de Oliveiro MENDES

Nasceu a 3 de março de 1888 na cidade de Valença, Bahia. Diplomado em odontologia pela Faculdade de Medicina, bacharel em sciencias e letras, poeta, chronista e membro da Academia Bahiana de Letras.

LENDA AO LUAR

Este coqueiro encarquilhado e esguio
Que os teus olhos vislumbram sobre a areia
Da praia, ao sol exposto e exposto ao frio,
Como um phantasma que o luar prateia,

Já foi senhor do coqueiral, no estio,
Quando em tardes de sol, noivos da aldeia
Vinham gosar-lhe a sombra e o murmurio
Do mar azul que ahi perto corcoveia...

A velhice tornou-lhe a sorte escura :
Nem mais um gaturamo hoje o procura,
E elle definha, exul, o inverno inteiro...

— Não vês ? Faz pena olhal-o de tardinha...
E, ó tu que tens orgulho de rainha,
Pensa bem nessa historia do coqueiro...

José DOMINGUES DE ALMEIDA

Formado em Direito. Nasceu na Matta de S. João, Bahia, a 2 de julho de 1888.

Livros: [illegible]

ENXADA

Plantações ! Plantações ! Do valle á serra,
Arde a lavoura em ancias previdentes...
E, ancia de fecundar ! a enxada enterra
Beijos da luz do Sol, osculos quentes...

Semente de aço fecundando a terra...
Enxada — mão dos pobres indigentes
Que á compaixão terrena se descerra,
Em supplicas fecundas de sementes.

Descanças do labor de todo o dia,
Mal surge a Lua — enxada que nos planta
Na alma recordações e nostalgia...

Teu som, no entanto, inda aos ouvidos canta
Dos que almejam, penando, a paz sombria
Dos Sete Palmos da Morada Santa.

LEONETE Fernanda DE OLIVEIRA

Nascida no Maranhão a 14 de julho de 1888. Auxiliar do director da Bibliotheca Publica do seu Estado.

Bibliog. — *Flocos*, Maranhão, 1910; *Miragens*

A LOUCA

... E ella ria e chorava, a pobre louca, e ria
Apertando, com furia, em seus braços mirrados,
O filhinho faminto, os olhos desvairados,
Num abraço fatal como a propria agonia...

E ella, a doida, cantava e a cantar não ouvia
Do filho os tristes ais, de fome, angustiados,
E aperta-o mais e mais contra os seios fanados,
E elle frio e gelado em seus braços morria !

Num olhar onde o amor inda solta lampejos,
Olha a criança, a sorrir, enche de doidos beijos
O seu rosto já frio e os seus olhos já baços.

E inconsciente a esperar que elle acorde, baixinho
Vai cantando a canção de amizade e carinho,
O cadaver do filho embalando nos braços !

SERAPHIM FRANÇA

Nasceu em Curityba, Paraná, a 17 de agosto de 1888. Formado em direito. Escriptor theatral, romancista e poeta.

Bibl[illegible] ... *Terra de P*[illegible]

CORVO

Vede-o, — era um ponto negro a se perder no espaço!
Cresceu. Ficou maior e mais distincto, embora
Vague inda, lá, a tarjar o alvacento regaço
Das nuvens, que, em contraste, o seu negror descora.

Cresceu mais. Pouco a pouco aviva-se-lhe o traço :
Aza concava e torta, a cauda em leme... Agora
Que esplendida espiral, — desliza sem cansaço !
Vem ali. Eil-o aqui ! Vai poisar sem demora...

Poisa. De um negro fusco e sujo, — que ave feia !
Grasna, — é lugubre, lembra a aza negra do tedio.
Mas eis que a terra o enoja, e elle afflicto se alteia.

Vibra as azas com ancia, enrija os nervos de aço,
E vai-se, e voa mais, e está tão alto, vede-o :
Feliz ! E' um ponto negro a se perder no espaço !

HERMES FONTES

Nascido na Villa do Boquim, Sergipe, a 28 de agosto de 1888. Formado em direito na cidade do Rio de Janeiro, onde é jornalista e funccionario publico.

Bibliog. — *Apotheoses*, Rio, 1908; *Genese*, Rio, 1913; *Cyclo da Perfeição*, Rio, 1914.

A AGONIA DA VELA

— Hastil branco a florir em luz e flamma ; esguio
Lirio secco, que o vento anniquilar promette,
Ha uma véla a esvair-se... E isto, deve-o ao pavio,
— Eixo e alma do seu corpo alvo de espermacete.

Desde acceso o pavio, eil-a que se derrete ;
Chamma — parece ter arrepios de frio...
Dir-se-ia uma creatura, alanceada das sete
Dores da Virgem-Mãe, lacrimejando, a fio...

E' um ser animico esse objecto inanimado :
Arde o pavio, e, entanto, o que se esvae é a cêra...
— Soffre a alma e o corpo é que se faz debilitado...

E' uma agonia humana... Um suor febril escorre.
E — tal o humano ser desmaiara e morrera,
A véla tremeluz... Vai desmaiando... Morre.

ALCIDES Pinto BRANDÃO

Nascido no Estado do Rio Grande do Sul em 1888 e fallecido a 6 de outubro de 1907.

NO AZUL

Aquella estrella — o nosso idyllio — aquella
Estrella meiga, esplendorosa e pura,
Não mostra a mesma luz serena e bella,
Chora e suspira na celeste altura...

Ponho os meus olhos tristemente nella
E interrogo qual seja a desventura,
Que martyrisa o coração daquella
Estrella meiga, esplendorosa e pura.

Talvez seja porque, quando eu partia
A minha Amada promettido havia,
Como eu tambem, — fital-a com ternura.

Certo esqueceu-se do que disse outr'ora...
Por isso a estrella, assim, suspira e chora,
Chora e suspira na celeste altura !...

ALCIDES Dias CARNEIRO

Nasceu em 1 de novembro de 1888, no Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espirito Santo. Pharmaceutico diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Poeta e jornalista.

AGONIAS DO CEREBRO

No fundo de minh'alma a dor avulta,
Num desespero, atroz, cruento e forte ;
E mesmo assim iniquamente a sorte,
Rispida sempre, rabida me insulta.

E essa dor, que no peito trago occulta,
Ha de levar-me certamente á morte,
Porque não tenho já quem me conforte,
Na amargura que aos poucos me sepulta.

A' clausura da dor acorrentada
Tenho minh'alma, triste, abandonada,
Aos infortunios desta amarga vida.

Mas... hei de mesmo assim inda descrente,
Vendo a tumba sorrir-me horrivelmente,
Esperar minha paz que foi perdida.

EURYCLES Felix DE MATTOS

Nasceu em 6 de novembro de 1888, na cidade de S. Salvador, Bahia. Fez o curso do Instituto Normal na sua cidade natal, diplomando-se em 1905. Jornalista na cidade do Rio de Janeiro.

DESESPERANÇA

Desesperanças ! Pôr-de-sol da vida
De quem as deve á sorte ou a um castigo !
Ultimo Adeus... eterna Despedida...
Saudosos ares do meu lar antigo.

Castellos que sonhei... Amortecida
Edade em que do Sonho fui mendigo...
Desesperanças !... Vaga e dolorida
Canção de quem pernoita ao desabrigo !

Não ter meus olhos minha Mãe olhando
Postas as mãos, Jesus ! Jesus ! rezando
Por essa vida, pela minha sorte...

Desesperanças ! Pôr-de-sol ! Hynverno !
Vinte e dois annos idos neste Inferno !
Minha Vida... meu Sonho... minha Morte !...

CARLOS BETTENCOURT

Natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido a 12 de dezembro de 1888. Jornalista e poeta.

OLHOS

Olhos ternos, sombrios e maguados
Onde vive a tristeza noite e dia,
Chorais, e com razão, a nostalgia,
A saudade de ausentes namorados.

Quando vos vejo para o céo voltados,
Perto da magua, longe da alegria,
Sinto os meus olhos tristes, mareados,
Subirem ao ermo da melancolia.

Olhos, vós sois uma canção do poente !
Viveis ardendo em mim como dois cirios,
Na escura cathedral da minha mente.

Olhos castanhos, de existencia em flor !
Eu vos daria a vida entre delirios,
Para vos ver chorando a minha dor.

AFFONSO LOPES DE ALMEIDA

Nascido a 21 de dezembro de 1888 na cidade do Rio de Janeiro. Filho do poeta Filinto de Almeida e da escriptora brasileira Julia Lopes.

A ALMA DA TEMPESTADE

Filho, marido, pae, — toda a trindade
Do seu amor — o Mar poude perdel-os...
Noite de vendaval. Escuridade,
Relampagos, trovões, atros novellos

De nuvens, fragor de ondas, atropelos
De ventos... E ella olhava a immensidade,
Enxarcadas as roupas e os cabellos,
Em pé, na praia, hirta na tempestade...

E inda hoje ella uiva as maldições e as pragas,
Louca, genio de um odio ingenuo e máo,
No concerto dos ventos e das vagas.

Misturam-se-lhe os lugubres lamentos,
Na noite negra, ao troar dos raios, ao
Quebrar das ondas, ao gemer dos ventos!

ALVARO MOREIRA

Natural do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, e nascido em 1888. Bacharel em direito.

Jornalista e advogado na cidade do Rio de Janeiro.

EXTREMOS

No reino espiritual, longinquo, da Alegria,
Meu coração, tu foste um palacio encantado,
Branquinho de luar e pelo sol doirado,
Onde morava, o Sonho e mais a Phantasia...

Que ditoso casal ! tão feliz e invejado,
Certamente na Terra outro par não havia...
Pastores de illusões, andavam, noite e dia,
Por campinas azues, pastorando o seu gado...

Mas o Sonho morreu !... (Do céo tombava chuva...
Eram prantos do céo...) E a Phantasia, então,
Ficou desamparada, e tristonha, e viuva..

Do palacio de outr'ora, alevantado, forte,
Um pardieiro estás ! Meu pobre coração,
Ha de, breve, arrazar-te o vendaval da Morte !...

RENATO LACERDA

Nasceu no Rio dos Indios, municipio do Rio Bonito, Estado do Rio, a 28 de fevereiro de 1889. Abraçou a vida commercial na cidade do Rio de Janeiro.

[illegible]

DESGRAÇA

Eu já pude viver muito contente,
Sem dores, sem tormentos, sem pezares,
Mas vi-te um dia. E, desgraçadamente,
Fiquei logo, por ti, bebendo os ares.

Emtanto em paga desse amor ingente
Tu me desprezas... Por me desprezares
Tenho soffrido, como pouca gente,
Mil torturas sem par e mil azares.

Apezar dos pezares, inda espero
Que um dia acceitarás o amor sincero
Do teu tristonho e desgraçado poeta.

E se esse nosso amor toma incremento,
Se tudo isso termina em casamento...
Minha desgraça fica então completa.

THOMÉ Torres da Silva REIS

Nasceu a 4 de março de 1889 na cidade do Rio de Janeiro. Formado em direito e funccionario publico.

BIBLIOG. — *Solidão*, Rio, 1911.

O CYSNE

Na suave placidez de um azulado lago
Boia, tristonhamente, um velho cysne branco ;
O seu languido olhar, amortecido e vago,
Revela algum desgosto ou mesmo algum derranco...

A sua companheira antiga, o seu affago
De outr'ora, succumbira ao derradeiro arranco
De um mal de que enfermara !... E assim, desfeito o
Do coração, jámais sentiu um riso franco... [orago

A'noite, ao reflectir-se a lua sobre as aguas,
Quem por ahi passar, ha de ver, na quietude
Do lago, um vulto branco, attonito de magoas...

E' o cysne !... E entoando uma ária em accordes que
[sabe,
As noites passa em claro, em mystica attitude,
Procurando esquecer a dor que em si mal cabe...

OLEGARIO MARIANO Carneiro da Cunha

Nascido a 24 de março de 1889 na cidade do Recife, Pernambuco. Jornalista e poeta.

PAGÃO

As vezes sinto horror da maneira caprina
Com que, em louca afflicção, voluptuoso te espio,
Desejada que tens a figura franzina
De um crysanthemo muito branco e muito esguio.

Ao meu olfacto chega o perfume doentio
Do teu corpo, na sua indolencia felina...
Cantas e a tua voz, com a surdina do rio,
Lembra a flauta de Pan, de surdina em surdina.

Fauno, os olhos boiando em volupias bizarras!
Quem me dera que tu viesses, torcicolosa,
Minha fronte adornar de crótons e de parras,

E na calma do bosque onde o Desejo medra,
Unisse para sempre, insaciada e nervosa,
Os teus labios de sangue aos meus labios de pedra.

JORGE JOBIM

Nascido a 23 de abril de 1889 no Estado do Rio Grande do Sul. Formado em direito, advoga na cidade do Rio de Janeiro.

BIBLIOG. — *Poesia.*

A' MINHA MÃE

Infante, imaginei ver-te velhinha,
E eu, homem feito, a te amparar na idade ;
A mão tremula e murcha, presa á minha
Mão farta e cheia de virilidade.

Mas quem do Fado as voltas adivinha ?
Seus mil arcanos perscrutar quem ha de ?
Foi-se-me o sonho que comtigo vinha
Encher-me as horas de felicidade.

Sei, porém, que se o páramo estrellado,
Com a bem aventurança e a luz que encerra,
Desertar, afinal, te fosse dado,

Trocarias do céo a pompa e o brilho
Pela miseria e escuridão da terra,
Para, na terra ainda abraçar teu filho !...

FRANCISCO Heraclito Ferreira LEITE

Natural da cidade de Curityba, Estado do Paraná, e nascido a 8 de outubro de 1886. Funccionario publico na sua cidade natal.

Esboços — *Horas* — Curityba, [illegible]

A CEGONHA

Curva, no espelho azul de immoto lago,
Passa a vida a scismar hirta cegonha,
Cumprindo os dias de um destino asiago,
Numa quietude tetrica e enfadonha.

Talvez ouvindo a voz de algum orago,
Queda-se ali. E embevecida sonha...
Encolhida de frio, sem um afago,
Vendo-se n'agua muito mais tristonha.

Já veio assim ao mundo, pensativa ;
Do mais vago rumor agil se esquiva ;
E soffre muda o seu voraz tormento.

Triste cegonha, que impiedosa sorte :
Has de sempre scismar. Emquanto a morte
Não te arrancar desse presentimento...

Milton VILLA-NOVA

Natural do Estado do Maranhão, nascido em 1890 *e fallecido na cidade do Rio de Janeiro em* 1911.

MORBIDEZ PASSIONAL

« Meu ser não tem um pállido attractivo
Que prenda ao menos miseros olhares,
Não tenho com que dar impulso vivo
A' inspiração sequer de alguns cantares...

Aquella creança cheia de scismares,
N'um tremular de voz todo emotivo,
Como quem sente a setta dos pezares
Inteiro o coração sangrar-lhe em crivo,

Travéz as faces lividas, exangues,
Fazendo-nos sentir, a sua magua
Nos revelou, banhando os olhos langues

Podesse o peito meu abrir e visse
A dor que me causou, a grande fragoa,
Talvez pezar de mim ella sentisse!...

JORGE ANGELY

Nasceu na cidade de Nictheroy, Rio de Janeiro, a 18 de março de [illegible]. Abraçou a carreira commercial na cidade do Rio de Janeiro. Autor theatral. Usa do pseudonymo [illegible].

RAJADAS

Desaba sobre a terra a ventania !
Vai arrancando troncos seculares,
Que torce, curva e leva pelos ares,
Sinistra, uivando pela serrania !

A passarada foge em gritaria,
A voar, luctando contra o vento, aos pares !
E o vento ruje, a destelhar solares,
Em cada peito pondo uma agonia !

Assim tambem nas almas ha rajadas,
A devastar dos corações risonhos
Esperanças fagueiras e doiradas...

Derruindo mil castellos n'um momento,
Arrancando illusões, varrendo sonhos !...
— Rajadas de odio, amor e desalento !

ALCIDES FREITAS

Nascido na cidade de Therezina, Piauhy, a 4 de junho de 1890. Formado em medicina.

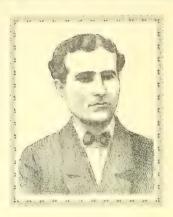
BIBLIOG. — *Alexandrinos* de collaboração com seu irmão Lucídio Freitas; *Nocturnos*.

O BAMBÚ

Exposto ao dia, á noite, á beira da lagôa,
Onde se miram, rindo, as boninas do prado,
Vive um velho bambú, velho, curvo e delgado,
A escutar a canção que o triste vento entôa...

Jámais os leves pés de um trovador alado,
Destes que pela matta andam cantando atôa,
Pousaram-lhe num ramo ! Apenas o povôa,
Alta noite, agourento, um corujão rajado...

E vive — archaico monge a gemer solitario —
A sua dôr sem fim, o seu viver mortuario,
Tristonho, a reflectir no fundo azul das aguas...

Como o bambú da matta, exposto ao sol e ao vento,
Do deserto sem fim do meu padecimento,
Triste, nos olhos teus reflicto as minhas maguas !

MARIO Freire GAMEIRO

Nascido a 31 de março de 1891 no Estado do Ceará. Bacharel em direito, advoga na cidade do Rio de Janeiro. Poeta e jornalista.

RELICARIO

As reliquias de amor guardadas nas gavetas
São o livro melhor dos livros do passado!
Abro-o de vez em quando... e choro amargurado
Ante a pagina exul de algumas tranças pretas.

E raminhos em flor... e esmaecidas violetas
São lembranças, talvez, são um canto magoado
Da floração de outr'ora em jarro delicado,
Rescendendo, ao luar, no balcão das Julietas.

Um queixume [illegible]
Cada objecto nos fala... e chora... e nos persuade
Que a gaveta é um exilio... e que alma tem... palpita!

Perlustro o livro. Morre o sol. Com anciedade
O indice busco, e, emquanto em mim a dor se agita,
Na pagina final ha uma inscripção: *Saudade!*

RAUL Campello MACHADO da Silva

Natural do Estado da Parahyba, nascido a 7 de abril de 1891. *Academico de direito.*

BIBLIOG. — *Crystaes e Bronzes*

NA PRAIA

Só do acerbo pungir desta saudade cheio,
Sem ti, sem teu sorriso ameno, de luar,
Sinto uma ancia infinita, um infinito anceio,
Um desejo incontido e amargo de chorar !

E na febre de vêr-te e apertar-te ao meu seio,
Muitas vezes até me surges ao olhar,
Como Venus surgiu, toda nua, no meio,
Das espumas em flor da agua verde do mar !

Bem vês ! Não posso mais ! Esta ausencia me cansa !
E' minh'alma a chorar quem de joelhos t'o diz !
Vem ! não tardes em vir ! apressa o passo, avança,

Vem povoar com teu riso os meus dias desertos
E deixar-me sonhar um momento, feliz,
Na alva cruz de marfim dos teus braços abertos !

JACKSON DE FIGUEIREDO

Nascido em Sergipe em outubro de 1891. Formado em direito. Jornalista. Revisor de debates no Senado Federal.

[illegible] Bahia, [illegible]

LAMINA VELHA

E brilha á luz do Sol como um sol enfrentando
Outro sol que não teme, esta lamina de aço...
Seu bellico fulgor, como um raio cortando
A abobada do céo, fére de brilho o espaço !...

Achei-a só ahi, neste canto execrando,
Onde o pó lhe roubou o brilho, passo a passo...
Limpei-a e suspendi e nos ares brilhando,
Como que delirou de um funesto raivaço !

Foste forte e cruel, mas és inerme e fria,
Desde quando tombou do soberano heróe,
O braço de titan famoso que te erguia !...

Triste lembras agora os que ao nada mandaste
E reparas então quanto a saudade dóe,
Chorando aquella mão que nunca mais achaste !

FRANKLIN Teixeira de SALLES

Nascido em Santa Luzia do Rio das Velhas, Minas, a 9 de dezembro de 1891.

Bibliog. — *Musmeas*

CEDRO

Eu o vi, muita vez, farfante, descuidado,
Enchendo de alegria a múrmura floresta :
E dando á solidão o aroma de uma festa
E o gaudio salutar de um mystico noivado.

Eil-o tombado e morto !... Agora quem empresta
A' floresta enluctada o seu cantar maguado ?...
Eis o Vate da Matta em taboas transformado,
Punido a nunca mais cantarolar á sésta.

E alguem o considera eterna Alma Penada,
Servindo de portão a uns restos de morada,
Nos gonzos a ranger em horas de pavor.

Ai de quem vive exul e chora com saudade...
Como o Cedro tristonho em sua soledade,
As fibras estalando a soluçar de dor !

CLODOMIR SILVA

Nasceu em Aracajú, Sergipe, a 20 de fevereiro de 1892. Tem o curso gymnasial. Jornalista e funccionario publico. Redigiu «O Necydalus», orgão dos estudantes do Atheneu Sergipense, e posteriormente, serviu como redactor do «Correio de Aracajú» e d' «O Estado de Sergipe», orgão official do Governo do Estado, E' irmão do Dr. Alvaro Silva. Tem innumeras producções esparsas.

SAUDADE

Saudade ! E's o remorso algente, és a vingança
Duns dias de conforto ameno e carinhoso,
O triste funeral da salutar bonança,
Que em dia mais feliz nos deu pequeno goso ;

E's a fronde estival de verde portentoso,
Cuja sombra feraz nos abrigou creança
E onde suspira, á tarde, o sabiá choroso
Inspirado, talvez, n'alguma olente trança.

Fazes a evocação da reflorida estrada
Por onde se entrevia, alegre e fulgurante,
A miragem fugaz da terra desejada.

E's afinal, Saudade, um raio de luar
Cahindo silencioso e brando e inebriante
Nas ruinas do goso, ao longe a branquejar !

CLOVIS DE HOLLANDA

Nascido no municipio da Victoria, Alagoas, em 1892. Formado em direito no Recife.

BIBLIOG. — *Cruz*

PEDRA

No topo da montanha, altiva, indifferente,
A Pedra ergue-se muda, immovel como a Esphinge.
Nem a chuva descendo e nem o sol cadente
O seu corpo de ferro, agigantado, attinge.

Alma estoica de asceta ! O grande amor não cinge
Seu coração viril... seu coração não sente !...
E não chora, e não grita, e não canta... e não finge
Ser feliz, nem soffrer... E' mudo eternamente.

Pedra ! pudesse eu ter essa quietude eterna,
Possuir a alma sem fé... dormir numa caverna,
Longe do mundo atroz, sem vêr, sem crêr, sem rir !

Ah ! pudesse eu possuir o coração de Phedra !...
Ser vil, ser máo, ser cruel, ser rocha bruta ou pedra...
Não sorrir ! não chorar ! não cantar ! não sentir !

RONALD DE CARVALHO

Nascido a 16 de maio de 1893, na cidade do Rio de Janeiro. Formado em direito.

A JARRA

A filigrana eril que se contorce em curva
Ao derredor do vaso, é um velho sonho extincto
De exotica feitura ; a idade não lhe turva
Os contornos sensuaes das linhas de Corintho.

A porcelana entreabre em flor e se recurva
Aos bordos. Cachos de uva afivelam num cinto
As bacchantes e, em torno, a olhar, assoma turva
A face de Oberon, como um chacal faminto.

Além, dorme desnuda, os seios flavos, lassa,
Nos espasmos do gôso, a Volupia ; ao seu lado
Desmancha-se na poeira o crystal de uma taça.

Andam faunos bailando ao som de rude frauta,
Emquanto, num remanso, entre o bosque deitado,
Espreita, alegre, Pan uma naiade incauta.

TASSO DA SILVEIRA

Nasceu a 11 de março de 1894 na cidade de Curityba, Paraná. Academico de direito na cidade do Rio de Janeiro.

REI DESTHRONADO

Houve um tempo em que o mar, grandioso e sobe-
[rano,
Sobre o mundo imperou. Nem vallado, nem serra,
Nem animal, nem flor ; por toda parte o insano
E tragico fragor que o seu rugido encerra.

Mas a lucta interior, a incandescente guerra,
Convulsionando o globo — insondavel arcano ! —
Numa gloria immortal fez resurgir a terra,
Grandiosa, a dominar a vastidão do oceano...

Hoje procura o mar, bramindo ancioso e tredo,
Conquistal-a outra vez ; contra a terra se lança,
Mas a terra lhe oppõe o orgulho do rochedo.

E, em vagalhões, o oceano, agitado e profundo,
Ruge de odio a lembrar, num clamor de vingança,
O aureo tempo em que foi dominádor do mundo !...

LUCIDIO FREITAS

Nascido na cidade de Therezina, Piauhy, a 5 de abril de 1894. Formado em direito.

[illegible] — [illegible] com seu irmão [illegible] Freitas [illegible]

LYRIO BRANCO

Branca flor, alva flor, flor de neve e de arminho,
De pistillos de nervo e de alma velludosa ;
Flor de aroma subtil, de essencia capitosa,
Que tenta como o amor e embriaga como o vinho !

Lyrios... neves em flor ensombrando o caminho
Da vida — estrada real, escampa e mysteriosa !
Flor de aroma subtil, de essencia capitosa,
Que tenta como o amor e embriaga como o vinho...

Para suprema dor desta alma dolorida,
Sempre affeita ao pezar, á desgraça, ao martyrio,
— Ave implume chorando as saudades de um ninho ;

Existe uma outra flor anemica e sem vida,
— Flor humana que tem apparencia do lyrio,
Branca flor, alva flor, flor de neve e de arminho...

INDICE

1623-1800

ÍNDICE

1801-1830

1831-1840

INDICE

1841-1850

1851-1855

INDICE

1856-1860

INDICE

1861-1865

INDICE

1866-1870

INDICE

ÍNDICE

1871-1875

INDICE

INDICE

1876-1880

INDICE

INDICE

1881-1885

INDICE

1886-1890

INDICE

1891-1894